



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tatiana Pereira Queiroz

## CONHECE-TE A TI MESMO

A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS SOBRE A IMAGEM DE UM CURSO  
DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Belo Horizonte

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tatiana Pereira Queiroz

**CONHECE-TE A TI MESMO:**  
**A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS SOBRE A IMAGEM DE UM CURSO  
DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação da Escola de Ciência da  
Informação da Universidade Federal de Minas Gerais  
para obtenção do grau de Doutor em Ciência da  
Informação.

Área de concentração: Produção, Organização e  
Utilização da Informação

Linha de pesquisa: Gestão da Informação e do  
Conhecimento

Orientador: Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Belo Horizonte

2019

Q3c	<p>Queiroz, Tatiana Pereira.</p> <p>Conhece-te a ti mesmo [recurso eletrônico] : a percepção dos egressos sobre a imagem de um curso de graduação em Biblioteconomia / Tatiana Pereira Queiroz. – 2019. 1 recurso online (285 f. : il., graf., tab.) : pdf.</p> <p>Orientador: Cláudio Paixão Anastácio de Paula Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Referências: f. 234-244. Apêndices: f. 245-276. Anexos: f. 277-285. Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.</p> <p>1. Ciência da informação – Teses. 2. Representações sociais – Teses. 3. Biblioteconomia – Ensino – Avaliação. I. Título. II. Paula, Cláudio Paixão Anastácio de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 02:378</p>
-----	---



UFMG

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Ciência da Informação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

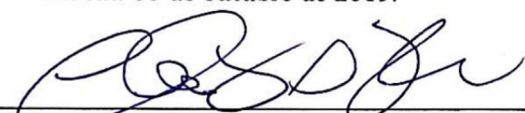
"CONHECE-TE A TI MESMO: A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS SOBRE A IMAGEM DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA"

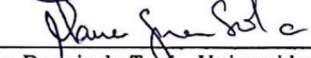
Tatiana Pereira Queiroz

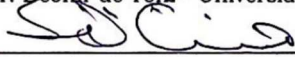
Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**doutora em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Gestão da Informação e do Conhecimento**".

Tese aprovada em: 08 de outubro de 2019.

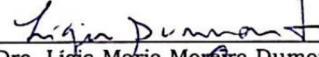
Por:

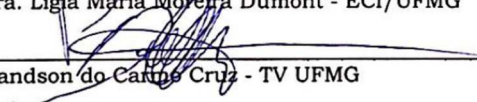
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula - ECI/UFMG (Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Deonir de Tóth - Universidade de Caxias do Sul - por videoconferência

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino - UFMG/FAE

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marta Lígia Pomim Valentim - UNESP

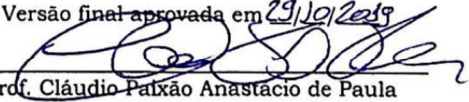
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont - ECI/UFMG

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Ruleandson do Carmo Cruz - TV UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Maria Guilmar da Cunha Frota  
Coordenadora

Versão final aprovada em 29/10/2019

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Cláudio Paixão Anastácio de Paula  
Orientador



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Ciência da Informação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**


ATA DA DEFESA DE TESE DE **TATIANA PEREIRA QUEIROZ**, matrícula: 2016662462


Às 15:00 horas do dia 08 de outubro de 2019, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 03/09/2019, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Conhece-te a ti mesmo: a percepção dos egressos sobre a imagem de um curso de graduação em biblioteconomia**, requisito final para obtenção do Grau de DOUTORA em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula - Orientador	APROVADA
Prof. Dr. Deonir de Toni	APROVADA
Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino	APROVADA
Profa. Dra. Marta Lígia Pomim Valentim	APROVADA
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont	APROVADA
Dr. Ruleandson do Carmo Cruz	APROVADA

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

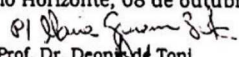
O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

  
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula  
(ECI/UFMG)

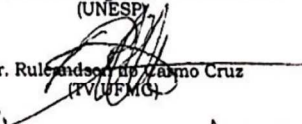
  
Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino  
(UFMG/FAE)

  
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont  
(ECI/UFMG)

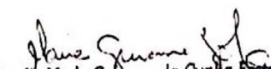
Belo Horizonte, 08 de outubro de 2019.

  
Prof. Dr. Deonir de Toni  
(UCS) - por videoconferência

  
Profa. Dra. Marta Lígia Pomim Valentim  
(UNESP)

  
Dr. Ruleandson do Carmo Cruz  
(TV/UFMG)

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

  
Profa. Maria Gulquer da Cunha Prota  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação

Para os meus: Vera, Vicente e Carlos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à UFMG, esta instituição maravilhosa. Encontro-me aqui desde 1998, quando ingressei como aluna na graduação em História. Em 2004, tornei-me servidora técnica. Foram muitas alegrias, percalços, aprendizados, realizações, encontros e desencontros. A UFMG foi o ambiente que me instigou a querer aprender mais e a ser mais crítica e autocrítica.

Neste árduo percurso da pesquisa científica, mais uma vez, tive o melhor parceiro possível: Cláudio Paixão! Como eu disse no Mestrado, Cláudio foi meu mentor incansável, sempre disposto, paciente, amigo, terapeuta. E, o mais importante, sempre me incentivou a ir além e deu-me asas para voar! Muito obrigada por sua generosidade, Cláudio!

Nesta caminhada, tive a experiência incrível de trabalhar com o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), do qual faço parte. Na fase empírica da pesquisa, tive a colaboração dos incríveis estudantes de Biblioteconomia Alan, Débora, Fernanda, Jose e Priscila. A vocês, o meu “muito obrigada”! E, ainda, orquestrando este grupo, juntamente com o Cláudio, a colaboração da minha amiga Lili Pawlowski foi fundamental para a consecução do meu objetivo. Portanto, também lhe agradeço muito, Lili!

Aos egressos participantes da pesquisa, aqui representados por Emanuelle, Camila e Fernando, que se dispuseram a responder, com muito interesse, aos grandes instrumentos da investigação (entrevista e questionário). Sem vocês este trabalho não seria possível!

Aos meus colegas da UFMG, na pessoa do Ruleandson, grande companheiro de *Whatsapp* nas madrugadas viradas em virtude do trabalho, e aos meus colegas do grupo de pesquisa sobre egressos do IEAT, os quais me deram muitos subsídios para pensar a temática.

Às minhas colegas da COPI/UFMG, que sempre me apoiaram durante a realização do meu estudo, bem como aos professores do PPGCI, em especial a Lígia Dumont, pela atenção e pela gentileza com que sempre me recebeu, e à equipe técnica do PPGCI, tão importante para o alcance do objetivo, em se tratando dos meandros administrativos.

Aos meus pais, Vera e Vicente, e ao Carlos, meu companheiro, pelo apoio incondicional e pela compreensão nos momentos de estresse; aos meus irmãos e sobrinhos, cuja companhia me faz feliz; e aos meus amigos, sempre compreensivos quanto às minhas ausências.

Por fim, a Deus e a seus propósitos.



“Conhecimento não é aquilo que você sabe, mas o que você faz com aquilo que você sabe.”

Aldous Huxley

## RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a elucidar as representações sociais decorrentes do curso de graduação em Biblioteconomia promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, instituição pública de ensino superior, na percepção de seus egressos. O trabalho consiste em duas etapas, que se articulam sob o marco teórico das Representações Sociais; e a revisão de literatura, do ponto de vista da tradição dos estudos acerca da educação bibliotecária e dessa profissão. Primeiramente, identificou-se a imagem do referido curso, com base em seus atributos, e verificou-se a satisfação percebida por seus egressos quanto a esses atributos. Como resultado desta etapa, apresentou-se, graficamente, a configuração dessa imagem e, a partir disso, formularam-se algumas questões pertinentes às representações dos egressos sobre o curso. Optou-se por utilizar o Método de Configuração de Imagem, já estabelecido e validado na área da Administração, que utiliza como técnica de coleta de dados tanto entrevistas individuais quanto questionários. Foram identificados 49 atributos na imagem deste curso, categorizados como: racionais, afetivos, visionários, emocionais e simbólicos. A Imagem Central do curso ficou composta majoritariamente por elementos racionais e de caráter mais positivo. Contudo, nas outras regiões da imagem configuram-se elementos de teor negativo que, em muitos aspectos, reiteram as representações e os estereótipos do curso vistos na literatura da área, como o desconhecimento e a desvalorização da profissão. A segunda etapa da investigação consistiu em problematizar a imagem identificada na primeira etapa da pesquisa com a opinião dos egressos sobre o curso enquanto estudantes e o percurso profissional trilhado por eles após a conclusão da graduação. Aqui, também se utilizou das entrevistas e dos questionários da etapa anterior. Foram percebidas algumas temáticas que permeiam a área, como: dificuldade de a formação bibliotecária acompanhar as mudanças ocorridas, em virtude dos avanços tecnológicos; baixa autoestima do egresso ao perceber que a sociedade e o mercado de trabalho não o reconhecem nem o valorizam; e tendências de mercado futuro que ainda não se concretizaram, uma vez que os mercados tradicionais (bibliotecas universitárias e escolares) ainda continuam como o grande campo de atuação profissional do bibliotecário. Em vista dos achados desta pesquisa, espera-se que os dados possam contribuir para a gestão universitária, no sentido de empreender o aprimoramento curricular do curso, a fim de propiciar um diálogo mais efetivo entre a esfera profissional e a acadêmica.

**Palavras-chave:** Imagem do curso de Biblioteconomia. Acompanhamento de egressos. Teoria das Representações Sociais. Método de Configuração de Imagem.

## ABSTRACT

This study is dedicated to elucidate the social representations consequential to the Library and Information Science graduation course promoted by the Federal University of Minas Gerais, a public institution of higher education, from the point of view of its alumni. This academic work consists in two different stages, which are articulated under the theoretical background of the Social Representations; and a literature review, from the perspective of the tradition of studies regarding the education for librarians and the profession itself. Firstly, it was identified the reputation of the above-mentioned course, based on its attributes, and it was verified the fulfillment of the alumni considering the same attributes. As a result of the first stage, it was presented graphically the configuration of this reputation and, from that point, some relevant questions were raised about the representations of the alumni about the course. The Method of Image Configuration was chosen, due to its credibility in the Business Administration area. This method is used to collect data through interviews and questionnaires. There were identified 49 reputation attributes for the Library and Information Science graduation course, categorized as rational, affective, visionary, emotional and symbolic. The Central Image of the course was mainly composed by rational elements with a positive character. However, in other parts of the image there were negative elements that, in many aspects, reinforce the representations and stereotypes found in literature, such as unfamiliarity and depreciation of the profession. The second stage consisted in questioning the reputation identified in the first stage of the study with the alumni's opinions about the course while they were still studying and their professional journey after completing the course. In this part, it was also important to analyze the interviews and questionnaires from the previews stage. It was possible to notice some common issues that pervades the area, for instance the difficulties of the professional to keep track of the technologic innovations; low self-esteem of alumni who realize that society and the job market do not appreciate and recognize the profession; and future business trends that have not been implemented yet, since the conventional market (college and school libraries) is still the main form of employment in the field. Considering what was observed in this study, it is expected that the data can contribute to the higher education management, aiming to improve the course's curriculum with the purpose of opening the conversation between the professional and academic fields.

**Keywords:** Image of the Library graduation course. Monitoring graduates. Theory of Social Representations. Method of Image Configuration.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Profissionais da informação na CBO2002.....	40
Figura 2 – Capa da revista <i>The Nation</i> , com a representação da bibliotecária Alison Macrina.....	65
Figura 3 – Imagem recuperada em pesquisa na Internet por Walter e Baptista (2007).....	69
Figura 4 – Srta. Doroteia Roz, a bibliotecária mal-humorada.....	74
Figura 5 – Bibliotecária idosa de óculos e coque.....	74
Figura 6 – Desenho de bibliotecária pedindo silêncio.....	75
Figura 7 – Bibliotecária com Enciclopédia sendo comparada ao “googlar pré-histórico”.....	75
Figura 8 – Imagem da bibliotecária abençoada.....	76
Figura 9 – Imagem social e autoimagem dos bibliotecários.....	76
Figura 10 – Entrevista estruturada para a etapa de Configuração de Conteúdo da imagem.....	105
Figura 11 – Áreas de proximidade dos atributos com seu termo indutor.....	110
Figura 12 – Modelo de questionário para etapa Configuração de Agrupamentos.....	114
Figura 13 – Modelo de Gráfico de Configuração da Imagem (GCI).....	116
Figura 14 – Modelo de legenda para o Gráfico de Configuração da Imagem.....	117
Figura 15 – Modelo de Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem.....	118
Figura 17 – Sinalizadores dos atributos.....	131
Figura 21 – Meme do Biblio o quê?.....	167
Figura 22 – Meme da bibliotecária mal-humorada.....	168

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos respondentes da entrevista estruturada por sexo (Q2) .....	123
Gráfico 2 – Distribuição de formados no curso de Biblioteconomia de 1972 a 2018 por sexo.....	123
Gráfico 3 – Distribuição dos respondentes da entrevista segundo o ano de conclusão do curso de Biblioteconomia (Q8).....	124
Gráfico 4 – Distribuição dos respondentes da entrevista segundo a idade (Q1) .....	125
Gráfico 5 – Distribuição dos atributos entre as categorias .....	130
Gráfico 6 – Nível de Pós-graduação realizada ou em andamento (Q.11).....	136
Gráfico 7 – Recebimento de bolsa vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (Q.9).....	138
Gráfico 8 – Cruzamento entre a variável etnia (Q.5) e a variável cota (Q.8) .....	139
Gráfico 9 – Cruzamento entre a variável renda familiar bruta (Q.4) e a variável cota (Q.8)	140
Gráfico 10 – Cruzamento entre a variável gênero (Q.2) e a variável pós-graduação (Q.8)	140
Gráfico 11 – Gráfico de Configuração da Imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.....	152
Gráfico 12 – Satisfação com a vinculação do curso com a ideia de "cultura" (Q.6) <i>versus</i> importância da ideia de "cultura" vinculada ao curso (Q.31) .....	161
Gráfico 13 – Satisfação com a parte "técnica" do curso (Q.11) <i>versus</i> importância de o curso contemplar uma parte "técnica" (Q.32) .....	162
Gráfico 14 – Satisfação com a quantidade de "teoria" oferecida durante o curso (Q.29) <i>versus</i> importância de o curso não ser predominantemente "teórico" (Q.33) .	163
Gráfico 15 – Satisfação com o diálogo que o curso estabelece com a "área tecnológica" (Q.33) <i>versus</i> a importância de o curso estabelecer maior "diálogo com a área tecnológica" (Q.34) .....	164
Gráfico 16 – Satisfação com a quantidade de "conteúdo tecnológico" incluído na grade curricular (Q.34) <i>versus</i> importância de o curso ter mais "conteúdo tecnológico" em sua matriz curricular (Q.35) .....	165
Gráfico 17 – Número de entrevistados que realizaram estágio curricular obrigatório pelo tempo de duração (Q.17 e Q.18).....	179
Gráfico 18 – Número de entrevistados que realizaram estágio extracurricular pelo tempo de duração (Q.17 e Q.18).....	180
Gráfico 19 – Motivos apresentados pelos respondentes do questionário para não exercerem atividade remunerada (Q.13).....	202
Gráfico 20 – Número de respondentes que trabalham na área de Biblioteconomia (Q.14)	203
Gráfico 21 – Tipo de organização em que trabalham os egressos respondentes do questionário (Q.15).....	204
Gráfico 22 – Vínculo empregatício atual dos respondentes do questionário eletrônico (Q.16).....	206
Gráfico 23 – Como os respondentes do questionário conseguiram a ocupação profissional atual (Q.17) .....	207
Gráfico 24 – Número de respondentes formalmente empregados na época da conclusão do curso de Biblioteconomia (Q.18) .....	208
Gráfico 25 – Número de respondentes que mantiveram o mesmo emprego desde que se graduaram em Biblioteconomia (Q.19) .....	208

Gráfico 26 – Tempo decorrido após a conclusão do curso para que os respondentes conseguissem colocação profissional (Q.20).....	209
Gráfico 27 – Número de respondentes desempregados ao concluírem o curso de Biblioteconomia que não trabalharam formalmente durante a realização do curso (Q.21) .....	210
Gráfico 28 – Número de respondentes que realizaram estágio extracurricular (Q.22) .....	210
Gráfico 29 – Avaliação dos respondentes quanto ao oferecimento de estágios na área de Biblioteconomia (Q.23).....	211
Gráfico 30 – Cruzamento entre a variável sexo (Q.2) e a variável faixa salarial atual (Q.27).....	216
Gráfico 31 – Cruzamento entre a variável nível de pós-graduação (Q.11) e a variável faixa salarial atual (Q.27) .....	217
Gráfico 32 – Concordância sobre o prestígio social do bibliotecário na opinião dos respondentes (Q.29) .....	220
Gráfico 33 – Concordância sobre o reconhecimento do bibliotecário pelo mercado de trabalho na opinião dos respondentes (Q.30).....	220

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Domínios, habilidades e competências requeridas ao profissional bibliotecário pelo mercado de trabalho .....	45
Quadro 2 – Paralelo entre a pesquisa de Batista (1998) e a de Walter (2008) sobre o perfil de bibliotecários.....	79
Quadro 3 – Dados da pesquisa relatada no artigo de Santos <i>et al.</i> (2016) .....	81
Quadro 4 – Dados da pesquisa relatada na dissertação de Queiroz (2014) .....	83
Quadro 5 – Cronograma das atividades de aplicação do Método de Configuração de Imagem (2018-2019) .....	120
Quadro 6 – Reflexões sobre a imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais segundo a posição relativa de cada atributo.....	154
Quadro 7 – Lista dos entrevistados por faixa salarial e cargo .....	218

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atributos do curso de Biblioteconomia .....	127
Tabela 2 – Atributos da imagem do curso divididos por categoria.....	128
Tabela 3 – Zonas de proximidade dos atributos com o Termo Indutor.....	132
Tabela 4 – Atributos divididos pela zona de proximidade com o Termo Indutor.....	132
Tabela 5 – Médias de satisfação dos atributos do curso.....	141
Tabela 6 – Atributos da imagem do curso em relação às categorias e às médias de satisfação .....	143
Tabela 7 – Atributos da imagem do curso em relação às áreas de proximidade com a Imagem Central.....	145
Tabela 8 – Agrupamentos dos atributos do curso em fatores de satisfação.....	148
Tabela 9 – Teste de associação entre variáveis – qui-quadrado de Pearson.....	160
Tabela 10 – Dados dos respondentes do questionário sobre a área e a profissão .....	212



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	Código de Catalogação Anglo-Americano
AC	Análise de Conteúdo
BRAPCI	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO2002	Classificação Brasileira de Ocupações – 2002
CCJC	Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania
CECOM	Centro de Computação da UFMG
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAES	Conselho Nacional de Educação Superior
CPA	Comissão Própria de Avaliação
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DOTI	Departamento de Organização e Tratamento da Informação
DRCA	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
DTGI	Departamento de Teoria e Gestão da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FUMP	Fundação Mendes Pimentel
GCI	Gráfico de Configuração da Imagem
GEDII	Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEAT	Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares
IES	Instituição de Ensino Superior
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IA	Inteligência Artificial

IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MCI	Método de Configuração de Imagem
MEC	Ministério da Educação
NTIC	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
PDI	Plano de desenvolvimento institucional
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
PROGRAD	Pró-reitoria de Graduação da UFMG
REUNI	Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAEGis	Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem
SIGA	Sistema Integrado de Gestão Acadêmica
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior
SNBE	Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TI	Tecnologia da Informação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
VF	Valor de frequência
VO	Valor de ordem

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
1.1 Problema de pesquisa e objetivos .....	22
1.2 Motivações da pesquisa.....	23
1.3 Estrutura da tese.....	26
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>26</b>
2.1 Breve histórico sobre a formação em Biblioteconomia .....	28
2.1.1 <i>A criação da Escola de Biblioteconomia da UFMG.....</i>	<i>31</i>
2.1.2 <i>Histórico do desenvolvimento curricular da graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.....</i>	<i>32</i>
2.1.3 <i>O atual projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.....</i>	<i>34</i>
2.2 A regulamentação da profissão em Biblioteconomia.....	38
2.2.1 <i>As Diretrizes Curriculares Nacionais em Biblioteconomia.....</i>	<i>42</i>
2.2.2 <i>O que se esperava do bibliotecário do século XXI.....</i>	<i>44</i>
2.2.3 <i>O mercado de trabalho do bibliotecário.....</i>	<i>51</i>
2.2.4 <i>Educação continuada do bibliotecário.....</i>	<i>54</i>
2.2.5 <i>Visibilidade das práticas profissionais dos bibliotecários com o advento da tecnologia.....</i>	<i>59</i>
2.2.6 <i>A imagem social e profissional do bibliotecário – os estereótipos.....</i>	<i>66</i>
2.3 Alguns trabalhos sobre o perfil e a trajetória profissional do bibliotecário.....	78
2.4 As representações sociais .....	84
2.5 Síntese da revisão de literatura e fundamentação teórica.....	90
2.6 Pressupostos da investigação.....	91
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>93</b>
3.1 Sobre o Método de Configuração de Imagem.....	95
3.2 Aplicação do Método de Configuração de Imagem .....	97
3.3 Seleção da amostra para a etapa de Configuração de Conteúdo .....	100
3.4 Instrumento de coleta de dados – entrevista.....	101
3.5 Tratamento dos dados da entrevista.....	106
3.6 Seleção da amostra para a etapa de Configuração de Agrupamentos.....	111
3.7 Instrumento de coleta de dados – questionário.....	113
3.8 Tratamento dos dados do questionário .....	115

3.9	Relatório de resultados .....	116
3.10	Síntese dos procedimentos metodológicos do Método de Configuração de Imagem.....	120
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA ....</b>	<b>122</b>
4.1	Caracterização da amostra de respondentes da entrevista estruturada.....	122
4.2	Identificação dos atributos da imagem do curso.....	126
4.3	Categorização dos atributos da imagem do curso.....	128
4.4	Delimitação da imagem central do curso.....	132
4.5	Preparação do questionário eletrônico.....	134
4.6	Caracterização da amostra de respondentes do questionário eletrônico (survey).....	135
4.7	Revelando a satisfação dos atributos da imagem do curso percebida pelos egressos	141
4.8	Identificação dos atributos inter-relacionados da imagem do curso.....	148
4.9	Visualização gráfica dos atributos da imagem por meio do Gráfico de Configuração da Imagem.....	151
4.10	Apontamentos para a gestão da imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais .....	153
4.11	Considerações sobre a imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.....	165
4.12	A trajetória profissional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.....	178
4.12.1	<i>Caracterização profissional dos egressos entrevistados enquanto estudantes do curso.....</i>	<i>179</i>
4.12.2	<i>As disciplinas do curso de Biblioteconomia na opinião dos egressos entrevistados.....</i>	<i>184</i>
4.12.3	<i>Demais apreciações dos egressos entrevistados sobre o curso de Biblioteconomia.....</i>	<i>195</i>
4.12.4	<i>Caracterização profissional dos egressos respondentes do questionário eletrônico .....</i>	<i>201</i>
4.12.5	<i>Percepções em geral sobre a área da Biblioteconomia e a profissão.....</i>	<i>211</i>
4.12.6	<i>Síntese do perfil profissional dos respondentes do questionário eletrônico.....</i>	<i>224</i>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>225</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>234</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>245</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>277</b>

## APRESENTAÇÃO

Nestes tempos digitais, costuma-se indagar: Qual será o futuro do trabalho? E o trabalho do futuro?

Em palestra ministrada em maio de 2019, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Professor Virgílio Almeida suscitou várias temáticas que, em certa medida, manifestam a preocupação que motivou este trabalho de pesquisa. De início, questionou: “Que futuro a sociedade deseja em tempos em que os algoritmos controlam a vida social?”. Nesse cenário, as tecnologias são absorvidas muito rapidamente e as mudanças promovidas pelos avanços tecnológicos, em especial pela Inteligência Artificial (IA), são muito rápidas e as respostas dos governos demasiadamente lentas. As funções menos especializadas e menos qualificadas tendem a decrescer. Embora novas ocupações possam ser criadas, aquelas que recebem melhores remunerações, possivelmente, exigirão níveis mais altos de educação. Assim, pondera o Professor Virgílio, sem uma atuação dos governos no sentido de atenuarem essas questões, a IA poderá exacerbar ainda mais as desigualdades sociais em países periféricos, como o Brasil.

Em tal contexto, as universidades assumem o papel essencial de preparar a força de trabalho do e para o futuro. Nesse sentido, sobressaem questões fundamentais: “Quais habilidades são necessárias para o mercado de trabalho do futuro?” e principalmente, “Quais mudanças educacionais são imperativas para se acompanhar essas mudanças?”.

Essa foi a conjuntura que originou este trabalho, que se preocupou com uma formação superior contundentemente afetada pelos avanços tecnológicos: a Biblioteconomia. Pode-se dizer que este trabalho compactua com a preocupação demonstrada em vários estudos da literatura da área sobre a formação e a profissão do bibliotecário. Contudo, nesta pesquisa o foco foi as representações dos egressos em relação ao curso de Biblioteconomia em que se graduaram – no caso, o curso da UFMG. Paralelamente a essa questão, a opinião sobre o curso e a trajetória profissional após a formação também foram assuntos importantes investigados para comprovar alguns aspectos dessas representações, bem como para servir de diagnóstico sobre a formação superior e a profissão, obviamente, limitados ao curso em questão.

Em suma, o que se desejou com este estudo foi levantar o debate para, quem sabe, subsidiar as mudanças educacionais que se fazem necessárias para que o curso de Biblioteconomia se prepare para mudanças que não parecem cessar nesse mundo digital e, é claro, sempre pensando em um futuro mais inclusivo e democrático.

## 1. INTRODUÇÃO

São cada vez mais recorrentes nas mídias notícias que abordam os impactos dos avanços tecnológicos na sociedade contemporânea, em especial os da automação e os da Inteligência Artificial, os quais, como muitos acreditam, acabarão substituindo vários dos empregos hoje existentes. O historiador Yuval Noah Harari, em artigo publicado no jornal inglês *The Guardian*<sup>1</sup>, afirma que muitos profissionais não apenas ficarão desempregados como também não serão mais empregáveis.

Uma educação para a vida toda torna-se crucial para a vivência em sociedade. As universidades, enquanto espaços de transmissão do conhecimento científico e de formação dos quadros profissionais do País, precisam estar preparadas para ensinar a seus alunos a capacidade de aprenderem ao longo da vida, propiciando-lhes o desenvolvimento da maturidade, a fim de torná-los protagonistas desse aprendizado, e preparando-os para a prática da cidadania e a experiência da responsabilidade social.

A Universidade, como uma organização social (CHAUI, 2003) plural e complexa, precisa se conhecer e ser autocrítica, para possibilitar o processo de reflexão e, assim, o aperfeiçoamento constante, uma vez que ela é uma

[...] instituição de formação de gerações humanas em uma certa direção civilizatória, que comportaria uma perspectiva sobre o conhecimento – o que se constrói e o que se transmite – como meio para viver melhor num coletivo compartilhado (GATTI, 2006, p. 10).

Torna-se necessário, também, conhecer o que a sociedade espera da Universidade; isto é, acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo atual, favorecendo as diversas vivências e incentivando o aprendizado contínuo, por meio da valorização do retorno do egresso à sua instituição. Nesse sentido, Marcovitch (1998) critica o pensamento equivocado de que a responsabilidade da Universidade se inicia na matrícula do aluno e acaba na entrega de seu diploma, em vez de enxergar a grande oportunidade de entender que o aluno que nela se forma é seu principal meio para colaborar para a transformação social.

---

<sup>1</sup> HARARI, Yuval Noah. **The meaning of life in a world without work**. The Guardian, 8 maio 2017. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/08/virtual-reality-religion-robots-sapiens-book>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Acompanhar a trajetória do egresso após sua formação torna-se fundamental para a conexão das instituições com o mundo do trabalho, na medida em que os egressos retornam à universidade com insumos e necessidades do mercado, para auxiliar a melhoria dos currículos dos cursos. Segundo Meira e Kurcgant (2009, p. 482):

O egresso enfrenta em seu cotidiano de trabalho situações complexas, que o leva a confrontar as competências desenvolvidas, durante o curso, com as requeridas no exercício profissional. Pode, a partir daí, avaliar a adequação da estrutura pedagógica do curso que foi vivenciado, bem como os aspectos intervenientes no processo de formação acadêmica.

Renato Janine Ribeiro (2003) pondera que é inadequado prever o sucesso de qualquer profissão ao longo de uma vida ou, mesmo, ao longo do tempo de uma formação. O mais sensato, a seu ver, seria formar pessoas para a mudança, para o enfrentamento das dificuldades, para a evolução, para transitar entre as áreas do conhecimento, para desaprender aquilo que não mais interessa e para acreditar em suas competências adquiridas. As universidades se equivocam ao transmitir a seu aluno a impressão de que determinado curso de graduação garante a segurança no mercado de trabalho, justamente em um âmbito da vida em que tudo é incerto e fluido. Para o autor, dever-se-ia privilegiar mais a formação intelectual abrangente do que a simples transmissão de conteúdo, com vias de formação dos quadros profissionais. Contudo, a pesquisa na Academia cresce bastante quando recebe impactos externos, e estes vêm também por meio dos vínculos com os egressos que retroalimentam suas instituições. Então, conhecer seus egressos e obter as opiniões deles sobre a formação recebida são fatores fundamentais para o desenvolvimento dessas instituições.

Conhecer as percepções dos egressos sobre a formação recebida na graduação ou na pós-graduação pode ajudar a identificar as possibilidades de inserção desses egressos no mercado de trabalho, além de contribuir para a reflexão a respeito da adequação das matrizes curriculares dos cursos ofertados pelas Instituições de Ensino Superior (IES).

Compreender a pertinência da formação recebida pelo egresso, tendo em vista os setores de atuação e as funções que desempenham, permite verificar o ajustamento das competências, habilidades e formações específicas oferecidas, na perspectiva da inserção profissional. Perceber as características da formação ofertada e as demandas apresentadas aos profissionais pela sociedade e pelo mercado de trabalho pode contribuir de modo mais eficiente para a atualização dos objetivos e da estrutura da formação oferecida pela IES.

Torna-se de suma importância conhecer tanto o que se oferece na IES – isto é, a formação disponibilizada –, quanto seu resultado, seu produto, ou seja, o egresso do curso.

Avaliar a qualidade dos cursos ofertados pelas IES e conhecer a trajetória de seus ex-alunos ao ingressarem no mundo do trabalho possibilitam a essas instituições um “olhar para dentro”, um autoconhecimento, para que elas possam compreender o verdadeiro impacto de sua missão institucional na vida em sociedade.

Pretende-se com este trabalho conhecer o que os egressos de uma IES pública pensam a respeito do curso em que se graduaram. Para isso, buscou-se compreender as representações sociais desses egressos quanto a sua formação no ensino superior, mediante a análise da imagem de seu curso de graduação. Optou-se como objeto empírico desta pesquisa o curso de Biblioteconomia da UFMG. De outro lado, esta pesquisa também deseja entender a dinâmica profissional da formação em Biblioteconomia, investigando a trajetória profissional desses egressos do curso no mercado de trabalho. Para a consecução desses propósitos, utilizou-se um método desenvolvido para a configuração de imagens, conhecido como “Método de Configuração de Imagem” (MCI), baseado na Teoria das Representações Sociais, com o intuito de compreender as representações do curso de Biblioteconomia da UFMG, na percepção de seus egressos.

## 1.1 Problema de pesquisa e objetivos

Considerando que a repercussão da formação em um curso de graduação e a consequente inserção no mercado de trabalho dos graduados oriundos desse curso têm um impacto natural em qualquer tentativa que se possa estabelecer para sua análise, a proposta desta pesquisa preocupou-se em desvelar as representações sociais dos egressos de um curso de graduação, por meio da identificação da imagem desse curso, utilizando-se para isso o Método de Configuração de Imagem.

Nesse contexto, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: **Como se configura a imagem, por meio das representações sociais, de um curso de graduação em Biblioteconomia, a partir das percepções dos egressos?** Como já mencionado, o curso da UFMG foi o escolhido para ser investigado. A justificativa para tal escolha encontra-se mais à frente.

Para se alcançar o objetivo geral da pesquisa que consistiu em explicitar a configuração da imagem de um curso de graduação em Biblioteconomia, com base nas percepções dos egressos, constituíram-se como objetivos específicos da investigação:



- a) Identificar os principais atributos que permeiam as representações sociais dos egressos acerca da imagem do curso de Biblioteconomia.
- b) Indicar as posições relativas dos atributos em relação ao curso de Biblioteconomia.
- c) Mensurar a satisfação percebida pelos egressos no que tange aos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia.
- d) Demonstrar a distância relativa entre os atributos da imagem, visando descrever aspectos da imagem percebida do curso de Biblioteconomia.
- e) Verificar a relação entre a imagem que os egressos possuem do curso com relação ao percurso profissional e às percepções, opiniões e expectativas que apresentavam sobre o curso de Biblioteconomia.

## 1.2 Motivações da pesquisa

- ***Continuidade de uma agenda de pesquisa***

A temática “Estudos sobre egressos da UFMG” faz parte da realidade profissional da autora deste trabalho, que coordena há alguns anos o programa de egressos da UFMG, intitulado “Sempre UFMG”, objeto empírico da dissertação desta mesma autora. Muitas das questões suscitadas na pesquisa ora apresentada foram construídas levando-se em conta as conclusões desse trabalho, defendido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), em agosto de 2014 (QUEIROZ, 2014), em que se analisou o relacionamento – tema pouco considerado pelas universidades brasileiras – entre a UFMG e seus egressos, por meio da informação. Logo, trata-se da continuidade de uma agenda de pesquisa que se iniciou em 2012, no Mestrado.

Alguns dados obtidos na dissertação ratificaram a percepção da ausência de informações sobre a vida profissional do egresso após sua formação, o que impacta a gestão universitária, comprometendo a apreciação da efetividade da formação oferecida pela IES. Isto é, a Universidade não tem conhecimento da repercussão da formação de seu egresso na sociedade.

Algumas das informações obtidas nessa pesquisa de 2014, que alcançou participação de egressos de quase todos os cursos da UFMG, foram bastante instigantes. Ao serem questionados se a formação acarretou prestígio social à carreira e se estudar na UFMG foi

um diferencial na vida profissional, para 82% estudar na Instituição acarretou prestígio social e para 91%, prestígio profissional. Causou surpresa o fato de apenas 36% terem afirmado que a UFMG realmente se preocupa com o desenvolvimento profissional de seus estudantes. Embora tal achado evidencie claramente a força da marca dessa Universidade na formação de seu egresso, revela também uma lacuna em relação à formação e ao preparo profissional dos estudantes em face da prática – isto é, diante do mercado de trabalho. As necessidades informacionais dos egressos também elucidaram o desejo que eles têm de manter a conexão com sua IES, tanto que 93% declararam que gostariam de estar a par das principais atividades e acontecimentos da UFMG e 82% que desejavam obter desconto nos cursos de especialização e extensão da Universidade, o que demonstra o nítido interesse em continuar seus estudos na Instituição. O fato de 73% dos egressos estarem trabalhando na área em que se graduaram na UFMG também foi outro ponto que sobressaiu à época da realização dessa pesquisa.

Nesse trabalho de 2014, percebeu-se que, ao atribuir importância aos egressos, uma instituição favoreceria um comportamento mais ativo por parte destes, sendo que eles poderiam vir a se sentir mais inclinados a colaborar com o desenvolvimento de sua instituição. Uma IES forte e consolidada se refletiria diretamente nos currículos dos profissionais por ela formados, ao mesmo tempo em que profissionais formados sob a égide dessa instituição fortalecida estariam muito mais aptos e predispostos a colaborar no aperfeiçoamento dessa instituição, gerando um círculo virtuoso e com grande potencial para ambos os envolvidos. Portanto, empreender esforços para se acompanhar seus egressos torna-se bastante salutar às IES, sejam públicas ou privadas.

- ***A temática dos egressos do ponto de vista institucional***

Em 2017, um movimento começou a despontar na UFMG para reunir pesquisadores de diversas unidades acadêmicas interessados em estudar a temática dos egressos da Instituição, tanto da graduação quanto da pós-graduação, em assuntos como: “Abordagens interdisciplinar e transdisciplinar dos cursos impactando o desenvolvimento do mercado de trabalho de nível superior”; “Diretrizes para a melhoria do ensino na UFMG”; “A problemática dos egressos no contexto dos novos cursos criados em virtude do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e das Ações Afirmativas”; “Tendências de formação visando o mercado futuro”; “Políticas da universidade de promoção de emprego e de desenvolvimento profissional dos egressos”; e “Monitoramento do assunto no âmbito da UFMG, de modo a atender a Lei do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)”, entre outros. Em junho de 2019, esse movimento se

consolidou, por meio da formação oficial de um grupo de pesquisa do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG), nomeado “Por onde anda você? Estudos transdisciplinares de egressos da UFMG”.

Não se pode deixar de mencionar que o processo de avaliação institucional das IES requerido pelo SINAES, ainda que forçosamente, foi um elemento importante para desencadear a discussão sobre a temática nas instituições. O SINAES começou a considerar, em 2014, o egresso nessa etapa avaliativa, uma vez que no eixo de “Políticas Acadêmicas” encontra-se o indicador “Política institucional de acompanhamento dos egressos”.

- ***A temática dos egressos do ponto de vista da Ciência da Informação***

Esta pesquisa, no que diz respeito às contribuições para a área da Ciência da Informação (CI), justifica-se por favorecer um melhor entendimento sobre a evolução do mercado de trabalho dos profissionais da informação, em especial dos bibliotecários, e a formação acadêmica e técnica necessária à atuação profissional na contemporaneidade.

Especificamente sobre o curso de Biblioteconomia, deve-se afirmar que não se tratou de uma escolha aleatória. Além do fato de esta pesquisa ser realizada no âmbito da Escola de Ciência de Informação (ECI) da UFMG, as mudanças que a profissão e, conseqüentemente, o curso vêm atravessando desde fins de século passado fundamentam a necessidade de dedicar um olhar mais aprofundado à questão. Na literatura nacional, que será discutida na seção posterior, existem vários trabalhos acerca dessa temática, sobretudo aqueles que dissertam sobre o perfil dos bibliotecários, os estereótipos da profissão perante a sociedade brasileira, seu reconhecimento social e profissional, as mudanças no mercado profissional e a formação bibliotecária no que tange à preparação para o mercado de trabalho e à inserção profissional (BAPTISTA, 1998; VALENTIM, 2000 e 2002; SOUZA, 2003b; BAPTISTA; MUELLER, 2005; MORIGI; SILVA, 2005; WALTER; BAPTISTA, 2007; SOUZA, 2007; WALTER, 2008; WALTER; BAPTISTA, 2008; ALMEIDA; BAPTISTA, 2009; SILVA; GOMES, 2010; e SANTOS *et al.*, 2016, entre outros). Logo, esta pesquisa insere-se nessa linha de estudos, porém, agora, com a utilização de um método inédito aos trabalhos da área.

- ***A utilização de um novo método na área da Ciência da Informação***

Neste trabalho, utilizou-se um método desenvolvido no âmbito das pesquisas das áreas da Administração e do Marketing. Considerou-se, portanto, a introdução desse método na área da Ciência da Informação como a possibilidade de um novo caminho em que se pudesse oferecer uma análise mais abrangente da relação entre os egressos e o curso de

Biblioteconomia. Isto é, ao se compreender as vicissitudes dessa relação, seria mais plausível se pensar em alternativas para o aperfeiçoamento do curso em termos tanto acadêmicos quanto de relacionamento com o alunado.

Uma vez que não foram encontrados trabalhos que utilizaram o MCI em pesquisas na área da Ciência da Informação, considera-se que a aplicação desse método no contexto de serviços na referida área é relevante, pois traz informações significativas para uma reflexão do ponto de vista acadêmico e para um esboço de diálogo entre a Academia e o mercado de trabalho. Embora a aplicação do MCI já tenha sido realizada no setor de serviços educacionais, como a análise da satisfação de estudantes com cursos superiores (DE TONI *et al.*, 2006) e a identificação da imagem de uma escola de Administração de uma IES pública (STEPPACHER, 2012), entende-se que esta pesquisa pode contribuir com questões relativas ao processo de aplicação do método.

### **1.3 Estrutura da tese**

No que diz respeito a sua estrutura, esta pesquisa encontra-se dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo aborda a temática, a contextualização, os objetivos e a justificativa. O segundo capítulo apresenta uma breve revisão histórica da evolução do curso de Biblioteconomia, discorre sobre certos temas problematizados na literatura da área e referencia teorias que fundamentaram as análises. O terceiro capítulo descreve o percurso metodológico, dissecando o método que foi utilizado (MCI), e aponta a amostra selecionada, as técnicas de coleta de dados utilizadas e os processos de tratamento dos dados. O quarto capítulo apresenta e analisa os dados coletados, cotejando-os com alguns tópicos da revisão de literatura. O quinto capítulo formula as considerações finais sobre o trabalho, incluindo, com base nos achados da pesquisa, sugestões a serem revisitadas em estudos posteriores e limitações encontradas na investigação. Em seguida, citam-se as referências bibliográficas, bem como os apêndices e anexos pertinentes à pesquisa.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fundamentação teórico-conceitual que sustenta esta pesquisa privilegiou, para a revisão de literatura, temas relacionados ao curso de Biblioteconomia, como: “Formação acadêmica do bibliotecário”, “Campo de atuação profissional” e “Representações da profissão”. Isso para explicitar a evolução do curso e, conseqüentemente, da área de atuação

profissional em Biblioteconomia, contrapondo-se aos dados coletados na pesquisa empírica deste trabalho.

A escolha do método aplicado para se configurar a imagem do curso de Biblioteconomia, o MCI, demandou a necessidade de assimilar alguns conceitos advindos da Psicologia Social – Teoria das Representações Sociais e Teoria do Núcleo Central –, para elucidar a operação do referido método e a análise da relação entre, de um lado, a imagem do curso e, de outro, o percurso profissional e as percepções, opiniões e expectativas dos egressos. Nas seções seguintes, estes assuntos serão tratados, de modo a nortear a discussão ao longo do trabalho e servir de embasamento para a pesquisa empírica.

Algumas definições conceituais devem ser explicitadas, para o melhor entendimento do texto ao leitor:

- a) **Egresso:** todo estudante que tenha integralizado os créditos e concluído os requisitos obrigatórios em dado curso de uma instituição de ensino, estando habilitado para receber o certificado do curso. Não se trata, portanto, daquele que abandonou a instituição ou dela foi expulso (COELHO, 2009). Para fins deste trabalho, a expressão *egresso* poderá também ser substituída pela expressão *ex-aluno*.
- b) **Mundo do trabalho:** para além da função laboral no sentido do mero exercício profissional, contempla o conjunto das atividades materiais e produtivas, mais aquelas associadas aos processos sociais inerentes à realização do trabalho em relação ao meio ambiente em que ocorrem as atividades, às prescrições e normas que regulam tais atividades e aos produtos, discursos, técnicas e tecnologias por meio dos quais o ser humano e as sociedades se desenvolvem, relacionam-se e transformam-se historicamente. Enfim, “é um microcosmo da sociedade que, embora tenha especificidade, é capaz de revelá-la” (FIGARO, 2008, p. 92).
- c) **Mercado de trabalho:** usualmente, é utilizado para explicar a procura e a oferta das atividades remuneradas envolvendo os setores público e privado, de um lado, e as pessoas, de outro. Está inserido no mundo do trabalho.
- d) **Bibliotecário:** bacharel em Biblioteconomia, cuja profissão foi criada por lei. Por vezes, neste trabalho, o bibliotecário será identificado também com a

terminologia *profissional da informação*. Na seção sobre a regulamentação da profissão, estes conceitos são mais bem detalhados.

## 2.1 Breve histórico sobre a formação em Biblioteconomia

A formação dos bibliotecários, assim como a dos arquivistas, tanto nos Estados Unidos quanto nos países da Europa, iniciou-se pela prática cotidiana das pessoas que trabalhavam nas instituições direcionadas à salvaguarda de seu patrimônio histórico e documental, sobressaindo as bibliotecas e os arquivos nacionais como os principais formadores desses profissionais (SILVA; RIBEIRO, 2008).

As informações sobre o primeiro bibliotecário em terras brasileiras datam de 1604, referindo-se ao jesuíta português Antônio Gonçalves, na biblioteca do Colégio da Bahia (FONSECA, 1979). Segundo Almeida e Baptista (2013) entre o período colonial e o início do século XX, já no período republicano, não existiram cursos de formação de bibliotecários no País. O primeiro curso de Biblioteconomia criado foi apenas em 1911, na Biblioteca Nacional (BN), no Rio de Janeiro.

Conforme Silva e Ribeiro (2008), na maioria dos países a formação de arquivistas e de bibliotecários foi institucionalizada de modo tardio nas universidades. Contudo, não deixou de ser promovida por outros tipos de instituições, como as associações e as escolas profissionais. Desde os primórdios do século XX, a formação prática para atuação profissional orientada aos bibliotecários começou a ser promovida especialmente pelas associações. Apenas na década de 1940 é que o ensino universitário para a formação de bibliotecário começou a ser institucionalizado nos Estados Unidos e nos países da Europa (SILVA; RIBEIRO, 2008).

No Brasil, seguindo essa tendência mundial, criou-se em 1911 o primeiro curso de Biblioteconomia, na Biblioteca Nacional. Curiosamente, iniciou suas atividades apenas em 1915, devido à desistência dos inscritos (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013; RUSSO, 1966; CASTRO, 2000).

Influenciado pelo modelo da *École de Chartes* – escola francesa de característica humanística e que habilitava para o exercício profissional de arquivistas-paleógrafos e bibliotecários –, o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional funcionou até 1923. Sua suspensão ocorreu em virtude do Decreto 15.596, de 2 de agosto de 1922, que criou o Museu

Histórico Nacional e, por conseguinte, o *Curso Técnico*, voltado aos profissionais que trabalhavam no Museu Histórico Nacional, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional. Como essas mudanças propostas pelo Decreto de 1922 não se concretizaram, o curso de Biblioteconomia da BN foi restabelecido, por meio do Decreto 20.673, de 17 de novembro de 1931 (CASTRO, 2000; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Em São Paulo, no *Mackenzie College*, direcionado aos funcionários da biblioteca, professores e bibliotecários de outras instituições, foi criado o “Curso Elementar de Biblioteconomia”, com forte influência da *Columbia University*, dos Estados Unidos (CASTRO, 2000).

Em 1936, o curso do *Mackenzie College* encerrou suas atividades, em virtude da criação do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, o qual foi interrompido em 1939, pelo cancelamento da subvenção por parte da Prefeitura. Todavia, o então criador do curso, Rubens Borba de Moraes, conseguiu instaurá-lo, em maio de 1940, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (RUSSO, 1966; CASTRO, 2000; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Na década de 1940, novos cursos foram implantados, na Bahia, São Paulo e Campinas, entre 1942 e 1945 (SOUZA, 2003a). Em 1950, foram abertos cursos de Biblioteconomia em Minas Gerais, Paraná, Amazônia e Pernambuco (ALMEIDA, 2012).

Interessante ressaltar a diferença de abordagem entre a escola criada no Rio de Janeiro e a em São Paulo. A primeira, influenciada pela *École de Chartes*, caracterizava-se pelos fundamentos humanísticos; a última era de base essencialmente tecnicista.

Em 1944, diante da forte influência norte-americana no Brasil e das exigências do mercado de trabalho, a Biblioteca Nacional, sem deixar de lado seus princípios humanísticos, introduziu disciplinas técnicas em seu currículo, como, Catalogação, Classificação, Bibliografia e Referência (CASTRO, 2000; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Na década de 1960, deu-se início a um período de padronização dos currículos e, posteriormente, de autonomia curricular, em decorrência das Diretrizes Curriculares.

A partir da criação do primeiro Currículo Mínimo, de 1962, passou-se a implementar a padronização das disciplinas de Biblioteconomia ministradas nas escolas, o que foi impulsionada pela obrigatoriedade de os diplomas desse curso serem registrados na Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Composto por dois grupos de conteúdo, um cultural e humanístico e outro de assuntos técnicos, esse primeiro modelo de currículo mínimo não foi muito bem recebido por muitas escolas, que consideravam demasiadas as matérias de cunho cultural (RUSSO, 1966), além de a proposta inicial desse currículo, a princípio elaborada por um grupo de professores da área, ter sido alterada pelo Conselho Federal de Educação (CFE), aspecto que, segundo Almeida (2012), pode ter gerado a insatisfação das escolas e de seus docentes.

Muitas dessas escolas não ofertaram apenas as disciplinas obrigatórias. As culturais, consideradas excessivas e muito genéricas, acabaram decepcionando a intenção da formação humanística, uma vez que promoviam um conhecimento com pouca profundidade (MUELLER, 1988; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Em 1982, o CFE, a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) e um grupo composto por professores de diversos cursos de Biblioteconomia formularam o segundo Currículo Mínimo do curso, dividido em três grupos de conteúdo: de fundamentação geral, instrumentais e de formação profissional. Apesar de prever a inclusão de novas disciplinas, muitas permaneceram, motivo que pode ter ensejado a insatisfação por parte das escolas (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

A década de 1990 abriu a possibilidade de autonomia acadêmica, com a promulgação da Lei 9.394/1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). De pronto, aliviou a insatisfação dos professores de Biblioteconomia, gerada pela padronização do currículo mínimo, com grande número de disciplinas que, em determinados momentos, eram muito técnicas ou muito humanísticas (RUSSO, 1966; MACEDO, 1963; SOUZA, 1990; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013). A LDB foi um importante avanço no que tange à flexibilização curricular, uma vez que garantia às próprias escolas a possibilidade de fixar os currículos e programas dos cursos, desde que respeitadas as diretrizes gerais. Explicam Almeida e Baptista (2013, p. 8):

As Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para o ensino de Biblioteconomia foram estabelecidas em 2001 por meio do Parecer CNE/CES 492/2001 do Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação. Esse documento definiu o perfil dos formandos da área, enumerou as competências e habilidades necessárias ao egresso direcionando o conteúdo curricular. O Parecer estabeleceu a importância de estágios, atividades complementares, avaliação institucional e da estrutura do curso.

Ressaltava-se a preocupação da interação do estudante com o mercado de trabalho, por meio dos estágios e atividades complementares. Essas diretrizes permitiram que cada



IES estabelecesse seu tipo de conexão aluno-mercado, além de determinar que, como objetivo dessa interação, o egresso necessitasse obter competências informacionais e individuais (ALMEIDA, 2012; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Ocorreu então, uma mudança de olhar, agora positiva, por parte dos professores da área, comparando-se o Currículo Mínimo com as Diretrizes Curriculares, uma vez que estas possibilitaram maior autonomia e flexibilidade no que tange ao atendimento das especificidades regionais e das demandas sociais pertinentes a cada região do País (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

### *2.1.1 A criação da Escola de Biblioteconomia da UFMG*

Conforme consta no site da ECI<sup>2</sup>, em 25 de março de 1950 foi fundado o curso de Biblioteconomia de Belo Horizonte que tinha a duração de um ano e destinava-se a professoras primárias, por meio de convênio entre a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais e o Instituto Nacional do Livro (ORTEGA, 2013). O curso foi incorporado à UFMG em 1963, sob o nome de Curso de Biblioteconomia de Minas Gerais, como curso vinculado ao Departamento Cultural da Reitoria da Universidade. Em 1966, este mesmo curso, ao adquirir o status de unidade acadêmica, originou a Escola de Biblioteconomia.

Uma atividade a ser ressaltada nessa trajetória inicial foi a criação da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG cujo primeiro número foi publicado em 1972, tornando-se a segunda revista da área no País:

Até então, havia a revista Ciência da Informação, do IBICT, que teve início neste mesmo ano. Em seguida, surgiram as seguintes revistas: Revista de Biblioteconomia de Brasília (ABDF, 1973); Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (FEBAB, 1973), como sucessora do FEBAB: Boletim Informativo (1960); e Biblos – Revista do Departamento de Biblioteconomia e História (FURG, 1979) (SOUZA, F., 2009, p. 118<sup>3</sup>). Em 1996, a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG passou a denominar-se Perspectivas em Ciência da Informação, como se mantém até hoje (ORTEGA, 2013, p. 190).

---

<sup>2</sup>Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/a-eci/conheca-a-eci>.

<sup>3</sup> SOUZA, F. das Chagas de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

Segundo Ortega (2013), quanto aos arranjos departamentais, houve várias configurações. A atual foi implantada na década de 1990, oriunda dos antigos departamentos de Biblioteconomia e de Bibliografia e Documentação, ambos criados em 1973. O primeiro era focado no trabalho em bibliotecas, seus acervos e públicos locais, enquanto o segundo concentrava-se nas disciplinas direcionadas à formação cultural geral, ao trato com documentos, à elaboração de produtos, independente da instituição biblioteca e de seu acervo local, à automação e aos processos de recuperação da informação. As outras disciplinas, como Estágio Obrigatório, Seminário para Elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e Estudos dos Problemas Brasileiros I e II, eram de responsabilidade compartilhada entre os dois departamentos. Na atual configuração, instituída na década de 1990, os referidos departamentos foram nomeados, respectivamente, de “Departamento de Teoria e Gestão da Informação” (DTGI) e “Departamento de Organização e Tratamento da Informação” (DOTI) (ORTEGA, 2013).

Em 2000, ocorreu a mudança do nome da Escola para a denominação atual, “Escola de Ciência da Informação” (ECI), sob a justificativa de que o nome “Biblioteconomia” não estaria mais apropriado com as atividades então exercidas (ORTEGA, 2013). Em 2009, a ECI passou a abrigar o curso de graduação em Arquivologia (primeiro semestre) e, em 2010, o de Museologia (segundo semestre), ambos no âmbito do REUNI, do Ministério da Educação, ao qual a UFMG já havia aderido em 2007.

Atualmente, a ECI agrega 44 docentes<sup>4</sup>, sendo 28 vinculados ao curso de Biblioteconomia. Destes, 19 são bibliotecários e nove possuem formações diversas, como, Comunicação Social, Psicologia, Ciência da Computação, Serviço Social, História, Engenharia Civil e Ciências Sociais.

### *2.1.2 Histórico do desenvolvimento curricular da graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*

Em se tratando do percurso curricular do curso de graduação em Biblioteconomia, Ortega (2013), embasada nos trabalhos de Cesarino e Vianna (1990)<sup>5</sup>, Cesarino (1973)<sup>6</sup>,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/corpo-docente>>.

<sup>5</sup> CESARINO, M. A. da N.; VIANNA, M. M. O Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. especial, p. 37-67, 1990.

<sup>6</sup> CESARINO, M. A. da N. O ensino de Biblioteconomia: um currículo a ser mudado. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 43-59, 1973.

Assunção e Fiuza (1974)<sup>7</sup> e Abreu e Campello (2000<sup>8</sup>; 2004<sup>9</sup>), realizou uma retrospectiva dessa trajetória.

Em 1950, quando o curso durava apenas um ano, cinco disciplinas eram lecionadas: Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação, História da Literatura e História do Livro e das Bibliotecas. Posteriormente, a disciplina Organização e Administração de Bibliotecas passou a fazer parte da grade curricular. Esse currículo estava em consonância com o primeiro Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia, aprovado em 1962 pelo Conselho Federal de Educação.

Progressivamente, o curso teve sua duração alterada, passando para dois anos em 1953 e três anos em 1957. Entre a década de 1960 e o ano de 1973, os conteúdos considerados técnicos foram sendo ampliados, impactando várias disciplinas de Catalogação, Bibliografia e Documentação. A partir de 1969, com o advento da reforma universitária no Brasil, a UFMG também passou por mudanças, como, configuração dos cursos em semestres e estipulação de pré-requisitos. Em 1974, após considerar a experiência dos anos anteriores, a carga horária dessas disciplinas técnicas do curso de Biblioteconomia foi reduzida, para dar lugar “às atividades-fim das bibliotecas e serviços de informação para uma formação básica” (ORTEGA, 2013, p. 191).

Em 1976, com o intuito de promover “[...] uma formação integrada que oferecesse uma visão política, econômica e social do Brasil contemporâneo” (ORTEGA, 2013, p. 192), o curso integrou-se ao Ciclo Básico de Ciências Sociais, o que se manteve até 2009, quando da criação do atual currículo, que suprimiu as disciplinas do Ciclo Básico.

Em 1985, época em que o curso passou a ter a duração de quatro anos, como ocorre até os dias atuais, foi criada uma versão curricular inspirada no segundo Currículo Mínimo de Biblioteconomia. Ortega (2013, p. 192) relata a aprovação desse currículo:

O anteprojeto, que teve participação intensa dos professores da Escola de Biblioteconomia e foi coordenado por ela, indicava a seguinte estrutura ao curso, posteriormente aprovada: matérias de fundamentação geral, matérias

<sup>7</sup> ASSUNÇÃO, J. B. de; FIUZA, M. M. Reformulação do currículo do Curso da escola de Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 218-233, 1974.

<sup>8</sup> ABREU, V. L. F. G.; CAMPELLO, B. S. Graduação em biblioteconomia: a formação do profissional da informação para o Século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 93-103, 2000.

<sup>9</sup> ABREU, V. L. F. G.; CAMPELLO, B. S. Seminários concentrados: uma forma de flexibilizar o tempo escolar. In: RODRIGUES, M. E. F.; CAMPELLO, B. S. **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**: novas abordagens didático-pedagógicas. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 61-74.

instrumentais e matérias de formação profissional. Além de mudanças substanciais no elenco de disciplinas, a carga didática mínima para a formação do profissional foi ampliada.

Apenas em 1998 foi realizada nova alteração curricular, que conferiu duas ênfases ao curso: Gestão de Coleções e Gestão da Informação. A autora esclarece:

A primeira (Gestão de Coleções) seria voltada à gestão de acervos em qualquer suporte, envolvendo coleta de documentos, organização da informação e serviços aos usuários; a segunda (Gestão da Informação) orientada à prestação de serviços de informação por profissionais autônomos, como as atividades direcionadas ao acesso e uso dos recursos informacionais, em quaisquer formas que se apresentem ou locais em que se encontrem, a depender das demandas (ORTEGA, 2013, p. 192).

Nesse momento, havia o interesse em levar para a graduação a diversificação que já ocorria nos cursos de pós-graduação no que tange à preparação dos indivíduos para a “informação tecnológica, analistas de sistemas de informação, animadores culturais, gerentes de recursos informacionais, administradores de redes e sistemas de informação, entre outros profissionais” (ORTEGA, 2013, p. 192). Nessa versão curricular, algumas disciplinas optativas passaram a ser lecionadas como “Tópicos Especiais”, com o intuito de serem oferecidas de modo mais livre pelos docentes. Os Seminários foram apresentados como opção aos professores para trabalharem disciplinas cujos conteúdos fossem seus temas de pesquisa em desenvolvimento.

Em 1999, o curso de Biblioteconomia também foi oferecido no turno da noite, passando a ser composto por três turmas anuais (manhã, tarde e noite), com 40 alunos em cada uma.

Em 2009, houve a última revisão curricular do curso, que eliminou as disciplinas do Ciclo Básico e as ênfases, ao mesmo tempo em que procurou abranger disciplinas comuns aos recém-criados cursos de Arquivologia e Museologia.

### *2.1.3 O atual projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*

No primeiro semestre de 2009, o projeto pedagógico<sup>10</sup> implantado propunha a reestruturação curricular do “Curso de Bacharelado em Biblioteconomia”, cujo nome viria a ser, a princípio, alterado para “Biblioteconomia e Gestão da Informação”. Embora tal projeto tenha sido aprovado pela Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFMG, por meio da Câmara de Graduação, a alteração do nome não foi apoiada por esta instância, deixando de prevalecer.

Tal projeto, cuja elaboração ocorreu durante as negociações e a consequente adesão da UFMG ao REUNI, foi concebido, de acordo com o texto do documento, no cerne de um projeto pedagógico que abrigaria também a criação dos cursos de Arquivologia e de Museologia, englobando, assim, as três áreas vinculadas ao grupo da Ciência da Informação.<sup>11</sup>

A proposta, além de refletir as normas da UFMG quanto à flexibilização curricular, possibilitava a atualização dos conteúdos curriculares do curso na época, a fim de ajustá-lo às novas tendências profissionais. Esperava-se adequar o curso às novas demandas e contextos de trabalho advindos da denominada “Sociedade da Informação”, que carregava consigo novos conhecimentos e, principalmente, novas tecnologias, que exigiam conhecimento em diferentes métodos de trabalho para lidar com a informação. Conforme foi explicado no projeto:

A profissão de bibliotecário vem sendo repensada na tentativa de atender a novas demandas e novos procedimentos de organização e recuperação de informações. Isso implica no aprendizado de novas metodologias para organização, recuperação e uso da informação, não só nos contextos tradicionais, mas também nos diferentes tipos de bibliotecas e centros de informação contemporâneos (ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, p. 5).

Segundo o projeto, a alteração proposta no nome do curso, que acabou não se concretizando, também se justificava pelas mudanças por que a área vinha atravessando. Além disso, a inserção do termo *informação* no nome do curso possibilitaria mais

---

<sup>10</sup> O projeto pedagógico em questão está no site da ECI, disponível em: <<http://colgradbiblio.eci.ufmg.br/o-curso/projeto-pedagogico-1/view>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

<sup>11</sup> Ressalta-se que na tabela de áreas do conhecimento da CAPES, atualizada em 31/01/2017, dentro da área das Ciências Sociais Aplicadas, a subárea Museologia está separada da subárea Ciência da Informação, que engloba a Biblioteconomia e a Arquivologia. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/pt/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

entendimento quanto à atuação dos profissionais e à atividade de informação em bibliotecas e outros contextos.

Com base nessas discussões que fundamentaram a referida proposta pedagógica, um conjunto de “competências, habilidades e atitudes”, segundo o próprio documento, foi elencado para alicerçar a reformulação curricular do curso:

- a) ter domínio teórico e técnico dos processos de produção, seleção, registro, organização e disseminação da informação em diferentes suportes;
- b) possuir habilidades de comunicação, de pesquisa, de gestão e de promoção de competência informacional do usuário;
- c) conhecer os aspectos culturais, políticos e sociais relativos à informação e ao conhecimento (ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, p. 10).

Ainda de acordo com o projeto, essas competências foram desmembradas em quatro grupos de competências específicas, que se relacionavam às áreas de formação e aos principais eixos estruturantes do curso:

- a) Competências técnico-científicas:
  - entender o usuário (contextualizar, interpretar necessidades informacionais);
  - criar e selecionar informação (gerar, adquirir, analisar, sistematizar, avaliar);
  - organizar e prover acesso à informação (representar, sistematizar, recuperar, armazenar, preservar);
  - disseminar informação (produtos e serviços).
- b) Competências gerenciais:
  - elaborar políticas de informação para sistemas, serviços, unidades / instituições de informação;
  - administrar planos, projetos, equipes, sistemas, serviços, produtos em unidades / instituições de informação.
- c) Competências sociais e políticas:
  - compreender e participar de contextos sociais e políticos;
  - participar, assessorar e intervir na formulação de políticas de informação em contextos específicos e governamentais;
  - atuar de forma coletiva com seus pares no âmbito das instituições sociais, com o objetivo da promoção e defesa da profissão e do meio social.
- d) Competências formativas e atitudes intelectuais:
  - desenvolver atitudes, relacionadas às conjunturas informacional e estrutural, de ética, de espírito investigativo;
  - exercer liderança e promover a comunicação;
  - promover parcerias, auxiliar e tomar decisões e atuar de forma empreendedora (ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, p. 10).

Essas competências, concebidas para alicerçar a proposta pedagógica do curso, contemplavam aquelas de natureza técnica, informacional, gerencial, social e intelectual. Pontua-se isso porque na seção de análise dos dados da pesquisa empírica esse assunto será retomado, uma vez que há um questionamento aos egressos sobre essas competências.

De posse desses conceitos, a estrutura proposta para o curso de Bacharelado em Biblioteconomia, que aboliu as ênfases do currículo anterior, manteve a duração de oito semestres letivos para a integralização curricular padrão, em ambos os turnos, com uma carga horária total de 2.400 horas/aula, podendo ser distribuídas em diferentes atividades geradoras de créditos<sup>12</sup>, como, disciplinas, seminários, participação em eventos e projetos, oficinas, publicações, monografia, visita orientada, iniciação à pesquisa, docência e extensão, estágio curricular e vivência profissional complementar. Como requerido nas diretrizes de flexibilização curricular da UFMG, o projeto pedagógico contemplou também as opções de formação complementar e de formação livre, cujo objetivo era permitir que o aluno fosse igualmente responsável pela construção do seu percurso acadêmico, “conquistando assim não somente uma formação teórico-prática generalizada, mas também aprofundando-se um pouco mais em áreas de seu maior interesse” (ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, p. 12).

O projeto pedagógico, inicialmente, propunha que a estrutura do curso fosse pensada considerando a criação dos cursos de graduação em Arquivologia e Museologia. Assim, foram sugeridos dois troncos de disciplinas, distribuídas nos seis primeiros semestres, que perfaziam 1.650 horas/aula: um comum da Ciência da Informação, com atividades acadêmicas obrigatórias comuns aos três cursos (960 horas/aula); e um de atividades específicas obrigatórias de Biblioteconomia e Gestão da Informação (690 horas/aula), nome até então dado ao curso. Embora houvesse atividades acadêmicas de caráter teórico e de caráter prático em ambos os troncos do curso,

[...] a proposta curricular buscou uma maior integração entre essas duas dimensões da formação acadêmica, optando por um formato em que, dentro de uma mesma disciplina, estivesse prevista uma carga horária teórica e outra prática — em lugar de optar por atividades acadêmicas exclusivamente teóricas e outras exclusivamente práticas (ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, p. 14).

Além das atividades obrigatórias, estavam previstas 510 horas/aula de atividades a serem preenchidas por meio de optativas e/ou de formação complementar (livre ou preestabelecida) ou, ainda, de formação livre. Destaca-se que o projeto previa a possibilidade de o aluno cumprir a carga de 510 horas/aula dentro do próprio curso, que deveria, ainda, oferecer um amplo leque de atividades acadêmicas optativas em ambos os troncos. Completando a carga horária total, foram sugeridas as atividades de Estágio Supervisionado,

---

<sup>12</sup> Conforme Resolução Complementar número 01/98, de 10 de dezembro de 1998, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG (CEPE).

divididas em duas disciplinas, no 7º e no 8º período do curso, ficando a carga horária total com 240 horas/aula.

Em suma, esses foram os conceitos e fundamentos que embasaram o projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia, implantado no primeiro semestre de 2009. Todavia, deve-se esclarecer que algumas das propostas não foram implementadas, como o caso já citado do nome do curso. A opção do tronco comum da Ciência da Informação também não se consolidou totalmente. Atualmente, existem algumas disciplinas na grade curricular comuns aos três cursos – Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia –, porém não totalizam as 960 horas/aulas previstas. Sobre essa questão, o trabalho de Prudencio e Rodrigues (2015), contemplando a comparação entre os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da ECI/UFMG, merece ser destacado. Em suas considerações finais, as autoras concluíram que a UFMG inovou ao criar um núcleo comum de disciplinas que serviriam aos três cursos da ECI e ao possibilitar ao aluno optar pela realização do percurso curricular pela via da formação complementar e da formação livre. Ainda sobre a formação complementar, o percurso curricular atual possibilita a Formação Complementar em Preservação de Bens Culturais e Artes, a Formação Complementar em Psicologia e duas formações complementares abertas. Contudo, segundo informações do Colegiado de Graduação em Biblioteconomia, são pouquíssimos os estudantes que optam por esses percursos acadêmicos. Sobre o Estágio Supervisionado, o que mudou foi que ele se concentrou em apenas um semestre; ou seja, passou a ser oferecido somente no 8º período. Atualmente, para que o aluno complete os requisitos obrigatórios para a integralização dos créditos, exige-se uma carga mínima de 60 horas/aula de formação livre. Segundo informações repassadas pelo Colegiado do curso, um novo projeto pedagógico está sendo concebido para ser remetido à PROGRAD, para apreciação ainda em 2019.

No Anexo A deste trabalho, pode-se consultar a grade curricular atual do curso de Biblioteconomia fornecida pela Seção de Ensino do curso.

## **2.2 A regulamentação da profissão em Biblioteconomia**

A profissão do bibliotecário foi regulamentada ainda da década de 1960, juntamente com o estabelecimento do primeiro Currículo Mínimo do curso, em 1962. A Lei 4.084, de 30 de junho de 1962, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da



República, dispunha sobre a profissão de bibliotecário e regulava seu exercício. Interessante pontuar que ela estabeleceu o direito ao exercício da profissão de bibliotecário apenas aos bacharéis em Biblioteconomia portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior ou aos bibliotecários portadores de diplomas de instituições de ensino estrangeiras com diplomas revalidados no Brasil.

Ainda na década de 1960, o Decreto-Lei 56.725, de 16 de agosto de 1965, regulamentou a Lei de 1962 ao dispor sobre o exercício da profissão de bibliotecário, isto é, a prerrogativa da atividade profissional, a criação do Conselho Federal e Regional de Biblioteconomia para a fiscalização da profissão e o registro profissional, dentre outras providências. Na década de 1980, a Lei 7.504, de 2 de julho de 1986, deu nova redação ao art. 3º da Lei 4.084, de 1962, ao inserir a possibilidade de reconhecimento dos “técnicos de documentação” como bibliotecários. Segundo a Lei 7.504, em seu art. 2º, pessoas que tivessem exercido até 30 de junho de 1962 cargo ou função de técnico de documentação somente poderiam exercer a profissão de bibliotecário se se registrassem no Conselho Regional de Biblioteconomia e pagassem anuidade.

Na década de 1990, promulgou-se a Lei 9.674, de 26 de junho de 1998, que também dispunha sobre o exercício da profissão de bibliotecário, entre outras providências, por exemplo, determinar que o exercício da profissão de bibliotecário era privativo dos portadores de diploma de bacharel em Biblioteconomia, dos portadores de diploma de graduação em Biblioteconomia conferido por instituições estrangeiras de ensino superior e revalidados no Brasil e dos amparados pela Lei 7.504, de 1986. Ainda, estabeleceu, no art. 48, que as pessoas não portadoras de diploma que tenham exercido a atividade até 30 de janeiro de 1987 e que já estivessem devidamente registradas nos quadros dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia estariam habilitadas ao exercício da profissão.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO2002), documento de responsabilidade da Secretaria de Trabalho<sup>13</sup>, que pertence atualmente ao Ministério da Economia, elenca os profissionais da informação sob o código 2612, conforme exibido na Figura 1. Ressalta-se que neste trabalho as denominações citadas na CBO2002 podem ser utilizadas como sinônimos de bibliotecário.

---

<sup>13</sup> Até dezembro de 2018, a CBO2002 era de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), extinto em janeiro de 2019. Atualmente, está inserida nas atribuições da Secretaria de Trabalho.

**Figura 1 – Profissionais da informação na CBO2002**

<b>Títulos</b>
<b>2612-05 - Bibliotecário</b> Biblioteconomista, Bibliógrafo, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação
<b>2612-10 - Documentalista</b> Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação
<b>2612-15 - Analista de informações (pesquisador de informações de rede)</b> Pesquisador de informações de rede
<b>Descrição Sumária</b>
Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Fonte: Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia. Junho de 2019.

Em 24 de maio de 2010, a Lei 12.244 deliberou sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, sendo considerada um importante avanço no campo profissional da área, uma vez que dispunha sobre a exigência de as instituições de ensino, públicas e privadas, de todos os sistemas de ensino, contarem com bibliotecas, em um prazo máximo de dez anos da data da promulgação da lei. Estabelecia para tanto o respeito à profissão de bibliotecário, disciplinada pela Lei 4.084, de 30 de junho de 1962, e pela Lei 9.674, de 25 de junho de 1998. Contudo, em virtude da proximidade do término do prazo para que todas as escolas do Brasil tivessem biblioteca com acervo mínimo de um título para cada aluno matriculado e um bibliotecário por escola, o Projeto de Lei 9484/18<sup>14</sup> foi proposto com intuito de prorrogar esse prazo para 2024. Além disso, esse projeto de lei modifica o conceito de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Atualmente, a Lei 12.244, em seu art. 2º, considera a “biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. O Projeto de Lei 9484/18 propõe um novo conceito, considerando a biblioteca escolar como “equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo”, orientado para disponibilizar e democratizar a informação, promover

<sup>14</sup> Disponível

em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2167716>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

as habilidades e constituir-se como espaço de recursos educativos. Em julho de 2019, esse projeto já estava com o parecer pronto para ser pautado na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) da Câmara dos Deputados.

Diante do que foi observado no percurso da concepção e regulamentação da profissão do bibliotecário no País, percebe-se que sua evolução começou com a criação do primeiro curso de Biblioteconomia, em 1911, passando pela legislação profissional de 1962, assegurando o monopólio dos serviços, e posteriores decreto e leis que a regulamentaram. Depreende-se que profissão é um tipo de ocupação que se distingue por uma atividade especializada no seio da sociedade, exercida por um sujeito que adquiriu o conhecimento específico para desempenhá-la (FRIEDSON, 1998). Algumas profissões requerem do indivíduo curso superior para se habilitar a seu exercício, como é o caso do bibliotecário, desde 1962. Logo, essas profissões sujeitam-se à necessidade de seus membros serem submetidos a estudos universitários. Isso implica que

[...] a universidade, por sua vez, seja capaz de pesquisar os diversos problemas suscitados não apenas pela prática profissional decorrente em sua relação com os usuários dos serviços prestados pelos profissionais que forma assim como seja capaz de pesquisar os modelos e as consequências do trabalho da própria educação que oferece (SOUZA, 2003b, p. 2).

As universidades, como repositórias do conhecimento, agora não mais detentoras do monopólio privilegiado do saber, uma vez que há a concorrência com outras agências especializadas na gestão da atenção do público (BAUMAN, 2008), necessitam de um esforço mais contundente para manter a adequação com a rápida e crescente demanda originada pelo desenvolvimento econômico. Isto é, em geral, o acervo de conhecimento técnico e tecnológico necessário para acompanhar o ritmo requerido pela denominada “Sociedade do Conhecimento” não acompanha o mesmo compasso ocorrido dentro das IES. Assim, em termos educacionais, a formação acadêmica nem sempre segue as necessidades impostas pelo mercado de trabalho (SOUZA, 2003b).

Deve-se ter em mente que a formação dada a um indivíduo – neste caso, a formação universitária de um bibliotecário – pode ser impactada pelo percurso profissional desse sujeito após a diplomação, o que, por conseguinte, impacta também a imagem que esse ex-aluno tem do curso. Logo, é necessária uma análise conjunta entre profissão e formação recebida para verificar se o curso está atendendo às expectativas sociais e às dos próprios profissionais que forma. A literatura nacional veiculada em periódicos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, especialmente da primeira década dos anos 2000, pode ser elucidativa para

traçar um paralelo entre as habilidades e competências profissionais que o bibliotecário deveria possuir e as demandas do mercado de trabalho daquele período, bem como suas expectativas quanto ao futuro da profissão.

Analisar o campo de atuação do bibliotecário e sua profissão acarreta compreender também os caminhos e os percursos do ensino da Biblioteconomia. Uma questão que se deve levar em consideração para se entender a atuação profissional do bibliotecário diz respeito à própria formação educacional oferecida aos estudantes desse curso. Logo, questiona-se: Será que as diretrizes, os conteúdos e as práticas estão adequados àquilo que a sociedade e o mercado de trabalho esperam do bibliotecário? As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) podem ser um caminho para se começar a compreender essa problemática.

### *2.2.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais em Biblioteconomia*

As DCN definiram o perfil dos formados da área de Biblioteconomia e enumeraram as competências e habilidades necessárias ao egresso, direcionando o conteúdo curricular (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013). Conforme consta nesse documento aprovado em 2001, por meio do Parecer CNE/CES 492/2001, do Conselho Nacional de Educação, dos egressos dos cursos de Biblioteconomia se espera:

[...] o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc. (BRASIL, 2001, p. 32).

Ainda nesse contexto, a DCN enumerou as competências e habilidades gerais e específicas necessárias para a atuação profissional do egresso nessa área:

Competências gerais:

Gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e

pareceres; responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

Competências específicas:

Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação (BRASIL, 2001, p. 32-33).

Em relação aos conteúdos curriculares, as DCN para os cursos de Biblioteconomia indicaram conteúdos de formação geral, com a finalidade de propiciar referências externas fundamentais aos campos de conhecimento próprios da Biblioteconomia, e conteúdos de formação específica, vinculados à identidade profissional em questão.

De caráter propedêutico ou não, os conteúdos de formação geral envolvem elementos teóricos e práticos e têm por objetivo o melhor aproveitamento dos conteúdos específicos de cada curso. Os conteúdos específicos ou profissionalizantes, sem prejuízo de ênfases ou aprofundamentos programados pelas IES, têm caráter terminal. Constituem o núcleo básico no qual se inscreve a formação de bibliotecários (BRASIL, 2001, p. 33).

A análise do parecer permite inferir que “a generalidade do discurso oficial das Diretrizes autoriza a escola a fazer o que achar conveniente” (SOUZA, 2003b, p. 13).

Observa-se, no que diz respeito aos conteúdos curriculares, a recomendação do parecer quanto à “adoção de uma perspectiva humanística na formulação dos conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens” (BRASIL, 2001, p. 33).

As DCN, além de terem sido mais bem aceitas no mundo acadêmico, ao proporcionarem maior flexibilidade e autonomia à formação dos currículos, foram objetivas ao indicarem as competências e habilidades que o egresso de Biblioteconomia deveria desenvolver ao longo do curso, facultando às IES o atendimento das demandas regionais (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Souza (2002, p. 10) acredita que, a partir da publicação das DCN, a educação em Biblioteconomia atingiu um novo estágio:

O que se tem, de agora em diante, são orientações globais, a partir das DCN dos Cursos de Biblioteconomia, que envolvem vários componentes que se articulam em projetos educacionais voltados para a formação de Bibliotecários em condições de atender ao desenvolvimento de um país que vê sua economia provocada a se integrar em âmbito mundial numa situação em que a competição está a depender quase que inteiramente da maior capacidade de processar mais eficazmente um volume mais denso e complexo de informações. Nesse sentido, o currículo de cada escola deixa de ser responsabilidade de um terceiro elemento como um Conselho Nacional de Educação ou Ministério de Educação e passa a ser da alçada de cada instituição e, mais particularmente, da responsabilidade social e política da categoria profissional bibliotecária.

É importante ressaltar que esse período de definição das DCN também foi de mudanças e transformações no que tange à tecnologia. Muito se comentava e se esperava do “bibliotecário do século XXI”, ou do “bibliotecário 2.0”. Isto é, havia muita expectativa acerca do profissional que estaria, em um futuro muito próximo, imerso em contextos tecnológicos que transformariam seu cotidiano profissional, exigindo mais conhecimento para lidar com desafios em ambientes virtuais e tecnologias digitais.

### *2.2.2 O que se esperava do bibliotecário do século XXI*

A elaboração e a publicação das DCN para o curso de Biblioteconomia ocorreram em um período histórico (início do terceiro milênio), em que os avanços da tecnologia promoviam uma efervescência na sociedade quanto a sua informatização. As DCN tentavam acompanhar essa tendência, que já vinha sendo evocada na literatura da área, especialmente em periódicos. Esse novo elemento que se apresentava – isto é, o desenvolvimento tecnológico – suscitava discussão acerca das habilidades e competências requeridas do bibliotecário, uma vez que essa nova dimensão da informação oriunda da evolução da tecnologia informacional possibilitaria maior autonomia ao usuário da informação, bem como o conhecimento de outras formas de acesso e disseminação da informação (SOUZA, 2003b).

Souza (2003b) estudou sobre a formação educacional oferecida aos estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina, contrastando-a com as demandas recentes e futuras do mercado de trabalho. Para isso, utilizou o que a literatura veiculada nos periódicos brasileiros de Ciência da Informação e Biblioteconomia no período de 1990 a 1999 indicou como domínios, habilidades e competências desejáveis ao bibliotecário. O autor ainda comparou essas indicações com a oferta de conteúdo e a bibliografia nos cursos de Biblioteconomia

existentes em Santa Catarina, que eram dois à época. A tese defendida pelo autor sustentava que nos cursos de Biblioteconomia estudados existia um baixo potencial de atendimento às demandas de mercado de trabalho recentes e futuras, o que foi comprovado pela literatura investigada, em comparação com os programas de ensino dos dois cursos em questão, cujo programas à época foram elaborados, provavelmente, no marco da reforma curricular da década de 1980. Na varredura realizada nos periódicos da área, 37 artigos foram identificados em relação à discussão das habilidades, domínios e competências requeridas ao profissional bibliotecário pelo mercado de trabalho. Com base nesse material, Souza (2003b) sintetizou em um quadro aquilo que o mercado de trabalho esperava do profissional bibliotecário (QUADRO 1):

**Quadro 1 – Domínios, habilidades e competências requeridas ao profissional bibliotecário pelo mercado de trabalho**

DOMÍNIOS	HABILIDADES	COMPETÊNCIAS
Conhecer e saber utilizar tecnologias de informação	Gerir a informação conforme sua dinâmica de produção	Organizar o conhecimento produzido para propiciar sua disponibilidade e acessibilidade
Ter conhecimento multidisciplinar	Trabalhar em equipe	Propiciar a efetiva comunicação do conhecimento
Ter alta qualificação acadêmica	Manusear a informação	Identificar as necessidades do indivíduo e da sociedade por informação
Ter prontidão para a educação continuada	Criar soluções inovadoras	Facilitar o acesso à informação
Conhecer as razões que determinam as mudanças sociais e profissionais	Aprender com a prática	Cumprir e fazer cumprir normas e determinações
Ter conhecimento de línguas estrangeiras	Adptar-se a novos ambientes de trabalho	Mostrar para a sociedade a relevância das ações e conhecimentos produzidos na área
Ter conhecimento de Informática	Pensar a longo prazo	
Ter conhecimento de Administração	Pensar criticamente	
	Lidar bem com seus clientes e usuários	
	Pensar logicamente	
	Saber ouvir e saber falar	
	Saber agir eticamente	
	Saber agir com profissionalismo	
	Saber liderar equipes de trabalho	

Fonte: SOUZA (2003b, p. 11-12).

Souza (2003b) também comparou as ideias identificadas na literatura estudada com o texto basilar de Valentim (2002) sobre a formação do profissional da informação, considerado um dos principais sobre essa temática após o advento das DCN, o qual fez parte de obra coletiva organizada pela autora.

Valentim (2002), preliminarmente, com base nas DCN de 2001, defendeu em seu texto que era necessário entender tanto o campo de estudo da área, para se discutir a formação profissional, quanto seu objeto, isto é, "a informação registrada, acatadas as respectivas formas de vê-la, processá-la e utilizá-la, consoante diferentes tradições e marcos teóricos e, como disciplinas instituidoras de ambientes de medição entre acervos ('estoques' informacionais) e necessidades do usuário" (VALENTIM, 2002, p. 117).

Valentim (2002, p. 117-118) considerava também a necessidade de flexibilizar as denominações para a formação desse profissional – ou seja, os diferentes nomes dados aos cursos, "quaisquer que sejam as fórmulas plurais – Ciência(s) da informação, Ciências Documentárias, Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento, Gestão da Memória, Gestão do Patrimônio Cultural etc". A autora também afirmava que "falar sobre as competências e habilidades necessárias ao profissional da informação exige uma reflexão sobre as necessidades de cada região do país e sua relação com as demandas sociais existentes". Reforçava que essas reflexões deveriam nortear a elaboração do projeto político-pedagógico dos cursos, considerando o processo de ensino e aprendizagem, bem como a avaliação como elementos fundamentais para a retroalimentação do projeto. Ela ainda evoca a educação continuada como

[...] elemento fundamental para que as competências e habilidades profissionais sejam mantidas, [...] principalmente considerando o número de cursos de pós-graduação e a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, que deverá ser garantida pelas instituições não só pela infraestrutura material e de pessoal, mas sobretudo pela constituição de ambientes que envolvam alunos de graduação, pós-graduandos e profissionais da área num processo de reflexão crítica e troca de experiências, permitindo a interlocução entre a universidade e a sociedade (DIRETRIZES, 2001, apud VALENTIM, 2002, p. 118).

Valentim (2002) assevera que a educação continuada é a base tanto para uma profissão consolidada quanto para um profissional competente, pois é por meio dela que seu *corpus* teórico e prático é construído e, conseqüentemente, aplicado no momento da efetiva atuação profissional.



Valentim (2002) acreditava que os profissionais da informação necessitavam de uma formação que lhes permitisse atender determinada demanda social. Contudo, ela não esperava que apenas a formação fosse capaz de resolver a questão da ocupação dos espaços profissionais pelos trabalhadores da informação. Para tanto, seria necessário que o curso definisse um perfil de profissional, além de promover ações de divulgação do profissional para o mercado de trabalho.

A autora defendia uma atuação profissional pautada na responsabilidade, no uso dos diferentes recursos e instrumentos da profissão e na busca por “melhoria contínua na execução das atividades profissionais, visando resultados com mais qualidade” (VALENTIM, 2002, p. 118). Isso tem a ver com o que ela chamou de “preocupação com a autoimagem” como elemento “fundamental para a imagem do profissional na organização em que está atuando” (VALENTIM, 2002, p. 119). Além disso, os aspectos referentes à atitude e ao comportamento ético desse profissional também diziam respeito a essa atuação responsável, uma vez que:

A atuação do profissional da área da Ciência da Informação deve estar apoiada na ética. O fazer do profissional da área está muito ligado a atitudes e comportamentos éticos, tanto em relação ao usuário, quanto em relação ao próprio fazer informacional, ou seja, desde a prospecção e filtragem de dados e informações, até a disseminação e transferência desses mesmos dados e informações ao público interessado (VALENTIM, 2004, p. 55).

No final de seu preâmbulo sobre as diretrizes para a formação do profissional, Valentim (2002) cita as mudanças ocorridas com os avanços tecnológicos e o advento da globalização como fatores que influenciam a atuação do profissional no mercado de trabalho e os conteúdos dos cursos:

O tripé informação, tecnologias da informação e telecomunicações muda a sociedade, e conseqüentemente, muda suas demandas. Nesse sentido, o profissional da informação deve ter uma postura investigativa e crítica, de modo que possa assumir essas mudanças sociais de forma natural. Por fim, a globalização, fenômeno mundial que afeta profundamente as relações sociais e de trabalho, cria novas situações para os profissionais que atuam com dados, informação e conhecimento (VALENTIM, 2002, p. 119).

Em se tratando do cenário de atuação profissional na área de Ciência da Informação, Valentim (2002) afirmou que naquele período os fatores preponderantes para a inserção no mercado de trabalho eram os seguintes:

- ter experiência profissional (técnica/científica);
- saber utilizar tecnologias de informação;
- ter domínio de pelo menos uma língua estrangeira (inglês);
- ter domínio da Web e de ferramentas para a conectividade (VALENTIM, 2002, p. 121).

Valentim (2002) ainda fez alguns apontamentos sobre a situação vivenciada pelos profissionais da área no início dos anos 2000, por exemplo, a média salarial do profissional, que era de R\$ 2.041,00 na época. Essa informação servirá de comparação com os dados coletados pela investigação empírica deste trabalho.

Com relação às competências e habilidades profissionais, Valentim (2002) cita o 4º *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur*, realizado em Montevideo, em 2000, no qual foram estabelecidas diversas competências para o profissional da informação, distribuídas em quatro categorias:

1) Competências de Comunicação e Expressão

- Formular e gerenciar projetos de informação;
- Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas;
- Capacitar e orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação disponíveis nas unidades de informação;
- Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI), etc.);
- Executar procedimentos automatizados próprios em um entorno informatizado;
- Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação.

2) Competências Técnico-Científicas

- Desenvolver e executar o processamento de documentos em distintos suportes em unidades, sistemas e serviços de informação;
- Selecionar, registrar, armazenar, recuperar e difundir a informação gravada em qualquer meio para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação;
- Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI) etc.);
- Utilizar e disseminar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes;
- Reunir e valorar documentos e proceder o arquivamento;
- Preservar e conservar os materiais armazenados nas unidades de informação;
- Selecionar e avaliar todo tipo de material para as unidades de informação;
- Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais;
- Executar procedimentos automatizados próprios em um entorno informatizado;
- Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação;
- Planejar, constituir e manipular redes globais de informação;

- Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- Realizar pesquisa e estudos sobre desenvolvimento e aplicação de metodologias de elaboração e utilização do conhecimento registrado.
- Assessorar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- Assessorar a avaliação de coleções bibliográfico-documentais;
- Realizar perícias referentes a autenticidade, antiguidade, procedência e estado geral de materiais impressos de valor bibliófilo.

### 3) Competências Gerenciais

- Dirigir, administrar, organizar e coordenar unidades, sistemas e serviços de informação;
- Formular e gerenciar projetos de informação;
- Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas;
- Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais;
- Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI), etc.);
- Assessorar no planejamento de recursos econômico-financeiros e humanos do setor;
- Planejar, coordenar e avaliar a preservação e conservação de acervos documentais;
- Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação;
- Planejar, constituir e manipular redes globais de informação.

### 4) Competências Sociais e Políticas

- Selecionar e avaliar todo tipo de material para as unidades de informação;
- Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais;
- Assessorar e intervir na formulação de políticas de informação;
- Assessorar no planejamento de recursos econômico-financeiros e humanos do setor;
- Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação;
- Promover uma atitude crítica e criativa a respeito das resoluções de problemas e questões de informação;
- Fomentar uma atitude aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral);
- Identificar as novas demandas sociais de informação;
- Contribuir para definir, consolidar e desenvolver o mercado de trabalho da área;
- Atuar coletivamente com seus pares no âmbito das instituições sociais, com o objetivo da promoção e defesa da profissão;
- Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- Assessorar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação” (Programa, 2000, p.7-9, tradução livre apud VALENTIM, 2002, p. 123-125).

Ao se aprofundar na análise das diretrizes e das competências e habilidades profissionais propostas, nota-se um direcionamento para a formação de “um profissional da

informação, com uma formação mais humanista, voltada para as questões sociais” (VALENTIM, 2002, p. 129).

Nesse sentido, Valentim (2002) indica algumas ações<sup>15</sup> fundamentais para o processo de formação do profissional da informação, como:

- a) Capacitar o egresso, numa perspectiva de formação integral, para atuar com competência, de modo a responder às demandas sociais;
- b) Formar alunos com visão científica, ou seja, que compreendam a provisoriedade da verdade científica, portanto críticos, reflexivos, autônomos, éticos, que enfrentem os desafios próprios da área com competência;
- c) Reconhecimento da dimensão social da profissão. Isso significa ser solidário e não apenas competitivo, tal como tem induzido a ideologia hegemônica;
- d) Queremos formar para esta sociedade, em toda a sua complexidade e diversidade;
- e) O profissional da informação, por seu exercício profissional, deverá estar voltado para modificar o meio onde atua, de modo a buscar reduzir as desigualdades sociais;
- f) O aluno deverá compreender a diversidade sociocultural e saber atuar na mesma (VALENTIM, 2002, p. 127).

Valentim (2002) tece algumas considerações<sup>16</sup> sobre as diretrizes formadoras, como: compreensão da sociedade atual; conhecimento da população-alvo do curso; reconhecimento do papel e a relação da universidade-curso com a sociedade e com o mundo do trabalho; e introdução de metodologias que contextualizem a situação atual no que tange à realidade social, política e educacional e a prática pedagógica. A autora ressalta que tudo isso deveria estar explícito no projeto pedagógico do curso.

Na conclusão de seu texto, Valentim (2002) cita Cunha (1998), que assinala uma "supervalorização do que é teórico sobre o que é prático. A prática é vista como uma aplicação da teoria e não como um cenário gerador de teorias" (CUNHA, 1998<sup>17</sup>, p. 31 apud VALENTIM, 2002, p. 130). Por fim, Valentim (2002, p.130) pondera:

Fornecer competências e habilidades profissionais durante a formação profissional, por meio dos conteúdos formadores, é papel da escola. Porém, manter essas competências e habilidades profissionais, após a sua saída da escola, é papel do próprio profissional.

---

<sup>15</sup> A autora diz que as ações foram extraídas da Oficina Regional de Trabalho USP, realizada pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin) e pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras (ForGrad).

<sup>16</sup> Considerações também feitas na Oficina Regional de Trabalho USP.

<sup>17</sup> CUNHA, M. I. da. Aportes teóricos e reflexões da prática: a emergente reconfiguração dos currículos universitários. In: MASETTO, M. (Org.). **Docência na Universidade**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1998. p.27-38 (Coleção Práxis).

Em suma, Valentim (2002) elaborou um documento que, juntamente com as DCN no início dos anos 2000, alicerçou as reflexões sobre a formação de um profissional voltado para uma nova realidade social e profissional, impactada pelos avanços tecnológicos e pela globalização. Tal contexto, portanto, deveria levar em conta as necessidades e as demandas regionais. Para tanto, o curso definiria seu perfil, com seus conteúdos, competências e habilidades voltados para o atendimento a essas demandas. Logo, a formação do profissional da informação deveria ter um viés mais humanista, preocupada com as questões da realidade social, política e educacional.

### *2.2.3 O mercado de trabalho do bibliotecário*

Em 2000, Valentim publicou um artigo em que descreve as possibilidades de atuação dos bibliotecários no mercado de trabalho. No contexto da virada do milênio, vaticinou sobre as mudanças na sociedade (e, por conseguinte, no mundo do trabalho) em decorrência do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Afirmou na época que:

A informação, portanto, como objeto de trabalho e estudo do bibliotecário, tem sido afetada pelas tecnologias de informação, modificando seu formato, seu suporte, seu processamento e disseminação, influenciando na forma de mediação entre o bibliotecário e o usuário/cliente (VALENTIM, 2000, p. 17).

As tecnologias de informação impulsionaram as mudanças na atuação do profissional da área, uma vez que eram consideradas ferramentas essenciais de trabalho, para qualquer tipo de unidade de informação. Logo, possuir o conhecimento nessas tecnologias seria fundamental. Sobre isso, Valentim (2000, p. 20) afirmava que os cursos formadores “devem disponibilizar todo e qualquer tipo de tecnologias ao seu corpo docente e discente, buscando um ensino-aprendizagem que permita ao profissional atuar no mercado de trabalho de forma segura e competente”.

A previsão sobre o impacto das NTIC na atuação do profissional se concretizou e, também, não deixa de ser atual a divisão do mercado de trabalho do profissional bibliotecário feita por Valentim (2000). A autora cita o “mercado informacional tradicional”, que engloba as bibliotecas públicas, universitárias, escolares e especializadas, os centros culturais e os

arquivos; o “mercado informacional – tendências”, que compreende a atuação em centros de informação e documentação em empresas privadas, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais, portais de conteúdo e portais na internet/intranet; e o “mercado informacional existente não ocupado”, integrado por editoras, livrarias, bibliotecas escolares, empresas privadas, provedores de internet, bancos e bases de dados. Deve-se registrar a observação de Valentim (2000, p. 21-22) sobre as bibliotecas escolares: “um imenso mercado de trabalho que se de fato fosse atuante, não haveria profissionais suficientes para atender a demanda nacional”. Talvez por isso elas estivessem também elencadas no grupo do “mercado informacional existente não ocupado”. Ressalta-se que o artigo em questão é anterior à promulgação da Lei 12.244, de 2010, que dispunha sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Valentim (2000, p. 22) posicionou as bibliotecas universitárias como “um mercado consolidado com grande concentração de profissionais”. Mais à frente, nas análises dos dados deste trabalho empírico, estará ratificado que as bibliotecas universitárias e escolares continuam sendo os locais que abrigam a maior parte dos profissionais bibliotecários egressos da UFMG.

Ainda sobre as possibilidades do mercado de trabalho dos profissionais da informação, Baptista e Mueller (2005) afirmaram, tal como Valentim, que os avanços tecnológicos e a informatização promoveram novas formas de trabalho em todas as profissões e que isso abriu um leque de oportunidades aos bibliotecários. Nas palavras das autoras, “parece haver também, entre os bibliotecários, maior consciência de que conhecimentos e habilidades adquiridas no curso de Biblioteconomia são aplicáveis em qualquer contexto onde há estoques de informação” (BAPTISTA; MUELLER, 2005, p. 37). As autoras citaram na época a Internet como área promissora de atuação profissional. Neste caso, a literatura do período relatava que, em geral, as oportunidades estavam relacionadas às tarefas de “planejar, construir e operacionalizar sites e com atividades de busca de informação” (BAPTISTA; MUELLER, 2005, p. 40).

Segundo Baptista e Mueller (2005), o nicho de informação para negócios, especialmente alavancado por organizações que praticavam a inteligência competitiva, era outra tendência. Contudo, observava-se que o bibliotecário nas grandes organizações, citando Davenport (2001)<sup>18</sup>, não participava das equipes de informação, que eram, geralmente, compostas por egressos da computação e da administração. Para as autoras, isso poderia ser uma reação derivada da nomenclatura da profissão que, já à época, não

---

<sup>18</sup> DAVENPORT, Thomas H. Equipe especializada em informação. IN: **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2001, p. 140-172.

compreendia adequadamente os limites do campo de atuação nem mesmo o mercado de trabalho ao qual se destinava. Então, a denominação tradicional – “bibliotecário” – já era, nos primórdios dos anos 2000, considerada por alguns como um fator negativo à profissão. De acordo com as autoras, “a literatura confirma esse ponto, demonstrando que, na visão dos empregadores, a capacidade real do bibliotecário fica prejudicada pela associação com formas e fontes tradicionais de trabalho” (BAPTISTA; MUELLER, 2005, p. 45). De outro lado, Souza (2006) não acreditava que a crise de identidade profissional do bibliotecário estivesse vinculada diretamente ao nome da profissão nem ao nome do campo de conhecimento que a sustentava teoricamente. Para o autor, o problema de entendimento quanto ao campo de atuação do bibliotecário teria a ver com as próprias condições socioeconômicas do País, sendo que isso somente seria superado com a maior participação do bibliotecário nos diversos espaços que a sociedade pudesse dispor:

[...] o reconhecimento do bibliotecário e do cientista da informação, de suas profissões e das ciências que as sustentam não depende da percepção “iluminada” de que os nomes Biblioteconomia e Bibliotecário deixaram de ser adequados para designar o que os profissionais sabem e fazem. O que, possivelmente, precisa continuar a ser realizado, cada vez mais, com maior ação e envolvimento, é a requalificação da ação política, a ampliação do número de estudantes nos cursos que preparam para a atuação nas profissões de bibliotecário e cientista da informação e a ampliação do número de profissionais qualificados que as praticam (SOUZA, 2006, p. 32).

Retomando a discussão sobre o mercado de trabalho do bibliotecário, a respeito dos mercados dito tradicionais, Baptista e Mueller (2005) descreveram que, em relação ao peculiar mercado de trabalho de Brasília, por exemplo, sempre predominaram oportunidades em bibliotecas especializadas, especialmente nas áreas jurídica, legislativa e de assessoria de governo. Já as bibliotecas públicas e escolares sempre ofereceram poucos empregos nessa localidade, diferentemente das bibliotecas universitárias, que naquele período eram impulsionadas pela expansão do ensino superior privado.<sup>19</sup> De todo modo, a referência ao menor número de oportunidades nas bibliotecas escolares vai ao encontro do que foi também afirmado por Valentim (2000). Nesse sentido, ainda que as faculdades privadas estivessem

---

<sup>19</sup> Entre 1995 e 2010, as matrículas (presenciais e a distância) no ensino superior brasileiro passaram de 1.759.703, em 1995, para 6.379.299, em 2010, isto é, crescimento da ordem de 262,52%, sendo que as matrículas nas instituições privadas aumentaram em 347,15%, enquanto que na rede pública o aumento foi de 134,58%. Em 1995, a oferta de matrículas na educação superior em instituições públicas correspondia a 39,8% e nas privadas 60,2%. Em 2002, havia ocorrido redução das matrículas em instituições públicas (30,8%) e aumento nas privadas (69,2%) (MANCEBO; VALE; MARTINS, 2015).

com possibilidade de expansão de oportunidades aos bibliotecários, ainda assim percebia-se que o emprego público era o maior empregador (BAPTISTA; MUELLER, 2005).

Baptista e Mueller (2005) reforçam que, tanto no nicho de informação para negócios quanto nas oportunidades derivadas da Internet, no período em questão os profissionais autônomos estavam se apresentando como uma tendência, ainda que de forma bem discreta. Citaram como exemplo os Estados Unidos, onde a literatura registrava o “teletrabalho” e o “*home office*” como novas formas de trabalho que já eram praticadas há mais tempo pelos profissionais da informação (BAPTISTA, 1995<sup>20</sup> apud BAPTISTA; MUELLER, 2005).

Não se deve deixar de mencionar a interessante observação a respeito do mercado de trabalho dos profissionais da informação no que tange a educação e pesquisa. Segundo Silva e Fujino (2018), embora tenham reconhecimento na sociedade ainda associado aos lugares tradicionais de acervos físicos, esses profissionais encontraram uma valorização diferenciada nas áreas de ensino, pesquisa e inovação. Para elas, esses profissionais “[...] deixaram de atuar na função ‘meio’, como se costuma usar no jargão da área, para se tornarem ‘profissões fim’, como apontado na literatura” (SILVA; FUJINO, 2018, p. 3993).

É interessante comentar que, como Souza (2003b), que defendeu que no início do século XXI os cursos de Biblioteconomia estudados por ele não atendiam às demandas do mercado de trabalho recentes e futuras, Baptista e Mueller (2005, p. 45) também afirmaram que, “apesar da preocupação constante com o mercado de trabalho, sabe-se que a velocidade das inovações tecnológicas e os outros fatores sociais impõem um ritmo de mudanças que a escola tem tido dificuldade para acompanhar”, o que, decerto, se apresentou como um obstáculo a ser superado por meio da educação continuada.

#### *2.2.4 Educação continuada do bibliotecário*

Em face da necessidade de oferecer ao bibliotecário uma educação continuada e da celeridade como o conhecimento é produzido e disseminado na sociedade, pode-se tentar explicar essa questão pela via da tendência de mudanças rápidas gerada pelos “tempos líquidos.”<sup>21</sup> Bauman (2015), que cunhou essa expressão, declara que, diante de um cenário

---

<sup>20</sup> BAPTISTA, Sofia Galvão. Empresário da informação: uma carreira alternativa para o bibliotecário. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Vol. 19, no.2, 127-299, 1995.

<sup>21</sup>Zigmunt Bauman (2001) afirmava que houve nos tempos atuais a fragmentação do indivíduo, a



líquido, rápido e de mudanças imprevisíveis, a educação deve ser pensada durante a vida inteira. Logo, a educação continuada, ou permanente, também destacada por Chaui (2003), torna-se vital em decorrência da globalização e do conseqüente processo de transformação contínuo. Este tipo de educação converte-se em uma estratégia pedagógica indispensável para a permanência do indivíduo no mercado de trabalho. A autora alerta para o fato de o capital confundir educação e reciclagem, exigida pelas condições do mercado de trabalho, com o processo de educação, que ocorre em cada indivíduo, como uma transformação interna, pois "a educação é inseparável da formação e é por isso que ela só pode ser permanente" (CHAUI, 2003, p. 11). Se reciclagem ou educação, o fato é que essa necessidade se tornou um importante artifício para suprir as lacunas deixadas pela formação no curso superior ou, mesmo, para continuar a manter a empregabilidade<sup>22</sup> do profissional no mercado de trabalho em um cenário mutável.

Sobre educação continuada, Souza (2007, p. 5) destaca:

A educação na perspectiva da formação continuada ajuda o profissional a recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que os sustentam, levando este profissional a romper com a dimensão da prática dissociada da dimensão teórico-crítica. Sob esse aspecto, pode-se dizer que a formação continuada confere acesso a novos conhecimentos, habilidades e atitudes profissionais sintonizadas com os novos paradigmas da sociedade contemporânea, provocando uma reflexão sobre os processos de trabalhos, que deve ser feita não de forma ingênua, mas com autocrítica.

Souza (2007) reafirma que as rápidas mudanças tecnológicas impactam os currículos acadêmicos, em que os novos conhecimentos, geralmente, não são assimilados concomitantemente com essas mudanças. Diante desse contexto, a autora reconhece que há muitas aprendizagens que são mais bem apreendidas em ambiente externo às instituições de

---

heterogeneização das identidades e o enfraquecimento das instituições representativas e das propostas utópicas no longo prazo. Nessa sociedade, o Estado deixa de interferir no âmbito social (desregulamentação) e a relação espaço-tempo é ressignificada por conta da velocidade da comunicação, do transporte e das relações sociais, surgindo, assim, um novo patamar de relações. O conjunto amplo dessas modificações gera grande sensação de incertezas, como em relação ao trabalho, principalmente pelo fato de não se ter certeza se o Estado conseguirá garantir a vida no amanhã.

<sup>22</sup> "Nessa perspectiva, a empregabilidade se refere à condição de o profissional ser empregável, ou seja, ter competência e habilidades necessárias para atuar no mercado de trabalho mais livremente e de modo completo. Para que essa completude seja alcançada, tanto a educação formal quanto a aprendizagem adquirem importante papel no mercado de trabalho" (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 9).

ensino, como as atividades de qualificação profissional. Contudo, ainda segundo Souza (2007, p. 6),

[...] o fato de serem realizadas fora das escolas (nas empresas, nos sindicatos, nas associações) não significa dissociação da relação dinâmica entre teoria e prática, mas pelo contrário: a proximidade imediata com as experiências do cotidiano acirra essa dinâmica. Portanto está implícito o princípio de que a ideia de “educação continuada” deve se dar na complementaridade entre os diversos universos educativos.

Essa questão da educação continuada toca em especial o fazer dos professores que, com o advento das NTIC e da Cibercultura<sup>23</sup> –, proporcionada pelo desenvolvimento do espaço virtual de computadores interligados, propiciando a interatividade com usuários que utilizam esse espaço para consultar, extrair e inserir dados e informações (LÉVY, 1999) –, são impelidos a assumir o desafio de se qualificarem continuamente, para se manterem atualizados em seus métodos de ensino e aprendizagem, sendo preparados para articular e conduzir as exigências dessa sociedade contemporânea (TRIVINHO, 2007).

Em se tratando do objeto de trabalho do bibliotecário, isto é, a informação, é incontestável que, em virtude dessa especificidade, sua prática profissional foi imensamente modificada ao longo das duas primeiras décadas deste século. Portanto, o surgimento das bases e dos bancos de dados virtuais, ainda que forçosamente, vem provocando nos bibliotecários a busca por uma atualização permanente; ou seja, uma formação continuada capaz de mantê-los sincronizados com as mudanças nos processos de tratamento e disseminação da informação (SOUZA, 2007).

A respeito dessa busca por educação continuada do bibliotecário, Souza (2007) adverte sobre a necessidade de ele procurar uma qualificação que ressaltasse também seu papel intelectual e crítico que, por muito tempo, foi focado no viés tecnicista. Para exemplificar isso, a autora relatou a experiência ocorrida entre 2004 e 2007, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em que profissionais da área se organizaram em oficinas para tratar da reformulação da política de informação do Sistema de Bibliotecas e Arquivo da UFF. Durante os trabalhos, a equipe organizadora dos eventos observou que “a base teórica e técnica dos bibliotecários estava frágil, necessitando que o debate sobre a práxis biblioteconômica fosse retomado”. Observou-se, por exemplo, “o pouco domínio das ferramentas da área, em

---

<sup>23</sup> “Configuração material e a atmosfera simbólica e imaginária internacionais da era pós-industrial avançada, correspondente à informatização e virtualização generalizada da vida social, seja no âmbito do trabalho, seja no do tempo livre” (TRIVINHO, 2007, p. 101).

especial do AACR2 (Código de Catalogação Anglo Americano), fazendo com que esse recurso fosse utilizado de forma acrítica, sem reflexão intelectual” (SOUZA, 2007, p. 3).

Torna-se um bibliotecário destacado aquele que saiba utilizar ferramentas mais elaboradas, do ponto de vista tecnológico, em um ambiente cada vez mais virtualizado. Por conseguinte, o conhecimento em conteúdos tecnológicos pode agregar valor ao profissional da área que consiga aliar os conhecimentos técnicos tradicionais da Biblioteconomia com as necessidades surgidas na contemporaneidade. Nesse cenário, a base tecnológica necessária ao profissional bibliotecário consiste

[...] na aquisição de habilidades que envolvam conhecimento de informática, de formação de redes, de estruturação de bases de dados, na familiarização com implementação de periódicos eletrônicos, bibliotecas virtuais, com os mecanismos de busca para recuperação de dados na Internet, e até mesmo adquirir habilidades de webmaster (auxiliando no desenvolvimento estético e de programação dos sistemas de automação em centros de informação) (ANDRADE; FONSECA, 2016, p. 137).

A temática “Educação continuada” para os profissionais contemporâneos, sejam bibliotecários ou não, é recorrente nas publicações da área. Inclusive, parece ser preocupação de entidades de classe, como o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CFB/CRB). A edição 75 do Boletim da Biblioteconomia, publicação vinculada a esses órgãos, mostrou 11 casos de bibliotecários que não trabalhavam em seu locus tradicional, isto é, em bibliotecas. A professora Valéria Valls (2019), autora do artigo, chama a atenção para o fato de que o mercado não tradicional demanda competências para além da formação básica em Biblioteconomia. Ressalta que nenhum curso de graduação no Brasil consegue contemplar todas essas competências requeridas pelo mercado, até mesmo pelo grande número de possibilidades existentes. A graduação, segundo Valls (2019), consegue suprir alguns conceitos básicos e mostrar algumas conexões. Logo, os cursos de bacharelado em Biblioteconomia são

[...] a base, a “estrutura da casa” e o profissional, ao longo da sua carreira, deve investir em aprimoramento profissional constante, buscando desde algo mais formal (como uma segunda graduação ou uma pós-graduação), ou capacitações específicas que aumentem a sua própria empregabilidade e inserção em novos campos (VALLS, 2019, online).

Outro ponto relevante que tangencia a questão da educação continuada do bibliotecário é o fato de ela contribuir para a melhora da imagem social desse profissional,

que se percebe pouco valorizado pela sociedade. Segundo Almeida e Baptista (2009, p. 11), parafraseando o que Walter (2008)<sup>24</sup> verificou,

[...] os bibliotecários não se sentem valorizados pela sociedade. Partindo do princípio que quanto mais capacitado e proativo o profissional for, melhores serão seus serviços prestados à comunidade, o bibliotecário terá a chance de se promover perante o seu público nos ambientes em que há muita informação, avanços tecnológicos, inúmeros usuários com diferentes necessidades e um problema em comum: muita informação e necessidade de precisão na recuperação da informação.

A questão da divulgação à sociedade das competências e habilidades inerentes ao bibliotecário parte muito da vontade própria do profissional em se manter atualizado e atento às novas tendências, independentemente da formação que ele venha a receber no curso de graduação. Castro (2000<sup>25</sup>, p. 9 apud ALMEIDA; BAPTISTA, 2009, p. 11) afirma que:

O profissional é responsável pela imagem que reflete para a sociedade e observando a relevância de mudar esta imagem e se tornar um Moderno Profissional da Informação é necessário que o bibliotecário busque “um intenso processo de educação continuada”.

Rubi, Euclides e Santos (2006) destacaram o marketing profissional e pessoal como uma ferramenta aliada do bibliotecário para o delineamento e divulgação do novo perfil de profissional que se afigurava no início dos anos 2000. Segundo as autoras, que se basearam na literatura,

[...] tão importante quanto à formação, são as ações que divulguem esse profissional para o mercado de trabalho. O marketing também pode ser um instrumento de valorização do profissional e da organização, mostrando com persistência e competência o diferencial de sua contribuição para a disseminação da informação na sociedade (RUBI; EUCLIDES; SANTOS, 2006, p. 87).

Assim como Valls (2019), Walter e Baptista (2008) também defendem que a mudança de paradigma decorrente dos avanços tecnológicos na contemporaneidade exige mais do que as competências básicas no tratamento e recuperação da informação, e por isso os cursos de mestrado e doutorado em Ciência da Informação do País ainda hoje atraem profissionais formados em outras áreas. Estes, ao completarem sua formação com esses cursos, estariam

---

<sup>24</sup> WALTER, Maria Tereza Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) -Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>25</sup> CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000.

aptos para competir com os bibliotecários em se tratando da atuação em sistemas de informação. Daí, segundo as autoras, a necessidade premente de assegurar aos profissionais bibliotecários a continuidade de seus estudos no percurso da educação formal, o que, provavelmente lhes proporcionaria melhores condições para atuar no mercado da informação.

É consenso entre os autores que os futuros profissionais da informação devem se conscientizar, desde o início da graduação, de que é preciso continuar a estudar, aprender a aprender, para “buscar novos meios de melhoria contínua para os serviços prestados, independente de qual seja o ambiente de trabalho” (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 9).

### *2.2.5 Visibilidade das práticas profissionais dos bibliotecários com o advento da tecnologia*

Para os profissionais da informação, mais especificamente os bibliotecários, é patente que os avanços tecnológicos eram aguardados como o grande agente transformador de seu campo de atuação e de suas atividades – isto é, de suas relações de trabalho. Era esperado grande impacto social<sup>26</sup> com o advento das então NTIC, em especial no que tange à cultura:

Assiste-se a um processo de hibridismo cultural entre as distintas sociedades. Isso em parte se deve ao avanço e a ação das TICs que caracterizam o mundo globalizado. As comunidades virtuais são cada vez mais comuns. As trocas de informações entre pessoas de culturas diversas, os “bate-papos”, a compreensão de outros idiomas em função do contínuo esforço de comunicação entre as pessoas conectadas à Rede, desenham uma nova cultura: a cibercultura (MORIGI; SILVA, 2005, p. 128).

Em relação à atuação profissional dos bibliotecários, previa-se que esse impacto seria maior que em outras profissões. De fato, muitas mudanças ocorreram nos processos de trabalho em seu espaço símbolo, isto é, na biblioteca. Adaptar-se às mudanças seria essencial para sua sobrevivência, até então ambientado em outro tempo, em outra realidade. O século XXI trouxe consigo um ambiente que passou a se movimentar com mais rapidez, no qual essas mudanças ocorriam de modo cada vez mais efêmero.

---

<sup>26</sup> Impacto social significa as mudanças no bem-estar social, na educação, no mundo do trabalho e no próprio indivíduo, em virtude do uso cada vez mais intensivo das tecnologias de informação e comunicação (MORIGI; SILVA, 2005).

Morigi e Silva (2005) estudaram as mudanças e o redimensionamento nas rotinas de trabalho originados pelo uso da mediação tecnológica dos bibliotecários universitários de Porto Alegre/RS. Utilizando-se das representações sociais, teoria que ainda será conceituada mais à frente neste trabalho, analisaram as percepções dos bibliotecários estudados quanto às mudanças em suas atividades dentro das bibliotecas universitárias. Eles identificaram que, de modo geral, a percepção dos bibliotecários foi positiva em se tratando dos impactos sociais das tecnologias em suas rotinas de trabalho. O computador foi reconhecido como um dos símbolos da “modernidade”, a Internet como o principal recurso de acesso que essa máquina possibilitou e a adaptação dos profissionais foi entendida como parte do processo de aprendizagem contínua, que garantiria o acompanhamento da evolução dessas tecnologias (MORIGI; SILVA, 2005).

A necessidade de informatizar os serviços das bibliotecas era vista pelos bibliotecários como imprescindível naquele período, meados dos anos 2000. Para eles, esse procedimento tanto melhoraria o serviço prestado ao usuário quanto ampliaria as possibilidades de atuação do profissional (MORIGI; SILVA, 2005).

Outro fator observado pelos bibliotecários da pesquisa prende-se à questão da autonomia dos usuários possibilitada pela tecnologia. A mediação da relação bibliotecário/usuário feita pelo computador possibilitou a virtualização desse processo de interação entre ambos. Sinalizaram os autores:

Em relação ao processo interativo bibliotecário/usuário, o uso das tecnologias trouxe, segundo os profissionais pesquisados, profundas modificações. Os bibliotecários percebem que os usuários tornaram-se mais independentes e autônomos. Nesse processo, o bibliotecário passou a assumir o papel de “orientador”. A comunicação mediada pelas tecnologias, a orientação à distância, sem o contato face a face entre os sujeitos envolvidos, redimensionou as relações interativas (MORIGI; SILVA, 2005, p. 135).

A educação continuada é lembrada pelos bibliotecários como essencial para a continuidade do aprendizado, que passou a não ser mais centralizado no acervo, e sim na informação e sua manipulação. As habilidades requeridas dos bibliotecários, como “capacidade de adaptação e atualização” para o domínio pleno das tecnologias também foram mencionadas como fundamentais para a consolidação do novo perfil de profissional da informação (MORIGI; SILVA, 2005).

As NTIC eram percebidas pelos bibliotecários participantes da pesquisa como o mecanismo que viabilizaria a mudança de olhar sobre esses profissionais. Logo, a mudança

de perfil dos bibliotecários em decorrência dos avanços tecnológicos também impactaria a imagem deles perante a sociedade. Afirmaram Morigi e Silva (2005, p.136):

As narrativas dos profissionais em relação ao modo como se configura a sociedade da informação está centrada no uso das tecnologias e nas rotinas de seu trabalho que, por sua vez, influenciam na constituição de um novo perfil do bibliotecário. Elas proporcionaram uma nova representação do seu papel. O bibliotecário passou a ter outros atributos e a ser visto com “mais respeito” diante de outras categorias profissionais. As tecnologias deram mais “agilidade” ao seu trabalho. Ele se sente mais “seguro”, “valorizado” e com necessidade de se “atualizar constantemente”. Sente-se um profissional “moderno”, manuseando as tecnologias com “desenvoltura”, oferecendo serviços de “ótima” qualidade em um tempo reduzido. Todos esses atributos positivos fazem com que aumente a autoestima em relação a sua profissão.

Silva e Gomes (2010), em pesquisa realizada com bibliotecários da cidade de Salvador/BA, concluíram que as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea em razão do advento das novas tecnologias, embora tenham se apresentado como elemento determinante da autoimagem do profissional bibliotecário em virtude do redimensionamento do trabalho com a informação na era digital, não têm ocorrido na proporção imaginada a princípio. Mesmo reconhecendo que as tecnologias contribuem consideravelmente para a execução de seu trabalho – por exemplo, ao racionalizarem o tempo de tratamento e organização da informação e ao facilitarem sua disseminação e seu acesso –, esses profissionais consideram que os recursos tecnológicos “precisam ser mais bem explorados no fazer bibliotecário, o que talvez esteja interferindo na visibilidade social do próprio potencial da profissão” (SILVA; GOMES, 2010, p. 17). As autoras apontaram a dualidade vivida por esses profissionais: de um lado, são cobrados pelas demandas sociais cada vez mais expandidas em virtude das transformações provocadas pela tecnologia; de outro, sentem as dificuldades oriundas do estado de escassez de recursos e de infraestrutura para a execução das atividades nas bibliotecas. Essa situação contraditória acaba por favorecer a construção de uma “consciência dual” do bibliotecário. Isto é: “por um lado o bibliotecário tem consciência do potencial social do seu fazer profissional, mas por outro enfrenta cotidianamente os limites e as frustrações impostos pelas barreiras que inibem a realização de suas atividades em um plano ideal” (SILVA; GOMES, 2010, p. 18).

Tendo em vista essas questões suscitadas pelas pesquisas referenciadas, é preciso ponderar se essa transformação que estava ocorrendo, ou que se previa que ocorreria, com o advento do avanço tecnológico, a partir da primeira década do século XXI, de fato se consolidou do modo esperado. Efetivamente, essas mudanças alteraram as práticas profissionais dos bibliotecários? Os cursos de graduação em Biblioteconomia foram realmente

afetados a ponto de acompanharem o avanço tecnológico? As relações de trabalho realmente foram alteradas? O campo de atuação profissional foi ampliado na mesma proporção do desenvolvimento da tecnologia? A imagem profissional e social do bibliotecário sofreu alterações positivas ou negativas com essa nova situação? Estes questionamentos poderão balizar uma discussão que busque esclarecer o quão transformador foi, ou não, o impacto da mediação tecnológica nos bibliotecários, inclusive no que tange a sua educação formal.

Para colaborar na busca por respostas a esses questionamentos, recupera-se o relatório produzido pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA)<sup>27</sup>, de 2013, citado por Valentim, Almeida e Silva (2015, p. 6), em que foram apontadas cinco tendências para a área da Informação:

Tendência 1: As tecnologias se expandirão, mas haverá limitação no que tange ao acesso à informação

- universo digital em constante expansão atribuirá alto valor a formação de competências e habilidades informacionais como, por exemplo, no que tange à leitura e ao manuseio de recursos eletrônicos/digitais.
- As pessoas que necessitam dessas competências e habilidades enfrentarão obstáculos para sua inclusão em distintas áreas e fazeres.
- Os novos modelos de negócios *online* influirão significativamente junto àqueles que possam acessar, apropriar e compartilhar a informação no futuro com efetividade.

Tendência 2: A educação *online* democratizará e modificará a aprendizagem global

- A rápida expansão global da informação e dos recursos educativos *online* tornarão mais abundantes as oportunidades de aprendizagem, uma vez que serão mais baratas e acessíveis.
- Terá maior valor a aprendizagem ao longo da vida, e um maior reconhecimento da educação não formal e informal.

Tendência 3: Os limites da privacidade e a proteção dos dados serão redefinidos

- Aumento de dados e informação que estão em poder dos governos e empresas sustentarão a elaboração de avançados perfis individuais.
- Sofisticados métodos de monitoramento e filtragem de dados através das telecomunicações [mais fácil e mais barato] rastrearão pessoas.
- Esse contexto poderá trazer sérias consequências para a privacidade pessoal e a confiança da sociedade no ambiente eletrônico/digital.

Tendência 4: As sociedades hiperconectadas escutarão e empoderarão novas vozes e grupos

- Existem mais oportunidades para a ação coletiva no âmbito das sociedades hiperconectadas, pois propicia o surgimento de novas vozes e promove o crescimento de movimentos com um único objetivo, em detrimento dos tradicionais partidos políticos.

---

<sup>27</sup> IFLA (2013). **Riding the waves or caught in the tide?** Navigating the evolving information environment. The Hague. 16p. (IFLA Trend Report). Recuperado em 18 novembro, 2014, de <http://trends.ifla.org/insights-document>.



- As iniciativas de governo aberto e acesso aos dados do setor público darão lugar a uma maior transparência e a serviços públicos centrados na cidadania.

Tendência 5: A economia global de informação se transformará por meio das novas tecnologias

- A proliferação de dispositivos móveis hiperconectados, sistemas de sensores, infraestrutura de rede, impressão tridimensional e tecnologias de tradução de idiomas vão transformar a economia global de informação.
- Os modelos de negócios de diversas indústrias experimentarão mudanças geradas por inovadores dispositivos que ajudarão as pessoas a continuar economicamente ativas no futuro, a partir de qualquer lugar (IFLA, 2013, tradução livre apud VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 6-7).

A primeira tendência gira em torno da mudança do enfoque físico da informação para o eletrônico/digital, o que exige, conseqüentemente, competências e habilidades próprias do profissional para lidar com a informação de modo seguro e efetivo, bem como a preparação do usuário no sentido de propiciar o desenvolvimento de sua competência informacional (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015).

A segunda tendência toca a questão do envolvimento do profissional na democratização da informação no que tange ao dilema que perpassa os direitos autorais (*copyright* x *copyleft*), isto é, o acesso aberto das publicações científicas para a formação de coleções e acervos, o desenvolvimento de softwares livres e, de outro lado, o direito do cidadão ao acesso à informação garantido por lei. Contudo, a democratização da informação por meio da educação *online* propiciaria o aprendizado ao longo da vida, ao reconhecer a educação não formal e informal (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015).

A quarta tendência ainda remete à questão da democratização da informação no sentido de que o profissional da informação deverá ser capacitado para formular políticas públicas de acesso à informação e ter condições para disseminá-la não só nos sistemas formais, como também nas novas mídias, como as redes sociais.

A quinta tendência se relaciona aos novos formatos de acesso à informação propiciados pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações, que propagaram o uso de “dispositivos informáticos portáteis, as interfaces por voz, tato e imagem e os sistemas integrados [...]”. Dessa maneira, o profissional da informação deve oferecer produtos e serviços informacionais nesses novos modelos tecnológicos” (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 7).

A terceira tendência ficou para ser explicitada por último, por talvez, resvalar em questões de caráter essencialmente ético. O avanço tecnológico propiciou a controversa

questão da vigilância eletrônica/virtual, que passou a ser uma constante na vida social. Bauman, em sua obra “Vigilância Líquida”, alertou sobre os riscos da contínua vigilância e do controle a que está submetida a sociedade atualmente, muitas vezes, inadvertidamente. Ancorado em seu coautor, David Lyon, apregoa que o *Big Data*<sup>28</sup> tornou-se uma fonte inesgotável de vigilância líquida, pois todo e qualquer rastro de uma pessoa é possível de ser identificado e capturado no momento desejado. Os autores apresentam a vigilância como um estado que parece invisível a todos, inclusive no âmbito do consumo, como uma parte importante da rede neurálgica da Modernidade. A vigilância líquida, integrada na sociedade atual como um efeito colateral do progresso tecnológico, é realizada mediante técnicas digitais e de lógica estatística (algoritmos) para a qual os próprios vigiados contribuem tendo como primeira consequência a classificação social (BAUMAN; LYON, 2013). Desse modo, questões éticas emergem nesse ambiente em que tópicos como “privacidade” e “exposição” são destacados. Logo, o profissional da informação deve estar preparado para

[...] debater sobre as questões que regulam a Internet global, participando ativamente da formulação de políticas de informação e de normas nacionais que estabeleçam de modo consistente a proteção de dados científicos relevantes para o país, mas que por outro lado propicie o acesso a memória de conhecimento à sociedade (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 7).

Para ilustrar esse embate ético, remete-se ao artigo publicado pela Revista *The Nation*<sup>29</sup> em maio de 2015 intitulado “Bibliotecários *versus* a NSA<sup>30</sup>: sua biblioteca local está na linha de frente contra a vigilância do governo” (tradução nossa).<sup>31</sup> Versa sobre a interessante resistência que alguns bibliotecários norte-americanos vêm empreendendo contra as agências do Governo dos Estados Unidos no que tange às violações de privacidade dos dados de usuários das bibliotecas. Em especial, foca a bibliotecária Alison Macrina, a qual disse que passou a se preocupar com a questão da privacidade de modo mais contundente após o caso Snowden.<sup>32</sup> Para ela, na coleta de dados por agências de inteligência e

<sup>28</sup> Utilizando a definição criada em 2001 pela *Gartner*, uma das principais empresas do mundo no ramo de pesquisas, consultorias, eventos e prospecções acerca do mercado de TI, *Big Data* são dados com maior variedade que chegam em volumes crescentes e com velocidade cada vez maior, exigindo novas formas de processamento de informações que permitam uma melhor percepção, tomada de decisões e automação de processos. Disponível em: <<https://www.gartner.com/it-glossary/big-data/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/librarians-versus-nsa/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

<sup>30</sup> Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos.

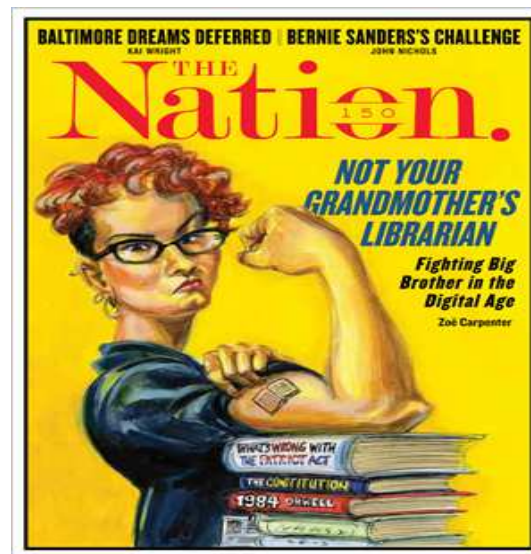
<sup>31</sup> *Librarians Versus the NSA: Your local library is on the front lines against government surveillance.*

<sup>32</sup> Em 5 de junho de 2013, o *The Guardian* publicou o primeiro de uma série de relatórios impressionantes baseados nos documentos de Snowden: A Agência de Segurança Nacional (NSA) estava coletando os registros de ligações telefônicas feitas por milhões de clientes da Verizon diariamente para uma ordem previamente desconhecida do Tribunal de Vigilância de Inteligência Estrangeira. Coletar e armazenar os metadados dessas chamadas permite que a NSA “construa uma

corporações os bibliotecários não estavam tomando as medidas suficientes para proteger seus usuários. Em muitos casos, isso ocorria porque eles não possuem as habilidades técnicas para executar tal ação. É interessante observar como o artigo retrata a imagem da bibliotecária Alison Macrina (FIGURA 2):

Macrina, 30 anos, não é bibliotecária da sua avó. Ela tem uma ilustração caleidoscópica de um livro da *Mother Goose* tatuada em seu braço, ocasionalmente posa para selfies de batom vermelho e usa um pequeno pedaço de hardware chamado de símbolo de segurança em volta do pescoço como um pingente. Macrina vem trabalhando como bibliotecária pública por quase uma década, mas ela não está arquivando livros; ela está lutando contra o Big Brother (CARPENTER, 2015, online, tradução nossa).

**Figura 2 – Capa da revista *The Nation*, com a representação da bibliotecária Alison Macrina**



Fonte: The Nation, 2015. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/librarians-versus-nsa/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

---

visão abrangente de quem qualquer indivíduo contatou, como e quando, e possivelmente de onde, retrospectivamente”, relatou o jornalista Glenn Greenwald. O programa em si era motivo de alarme, mas a história maior e mais chocante foi como o governo justificou a coleta em massa desses dados pessoais: com uma parte do Patriot Act (Ato Patriota) conhecido como Seção 215 (CARPENTER, 2015). O Ato Patriota foi o Decreto assinado pelo presidente George W. Bush logo depois do 11 de Setembro de 2001, tendo sido prorrogado até 27 de julho de 2015. Em junho de 2015, várias provisões desta lei expiraram e então o Congresso norte-americano aprovou o *USA Freedom Act*, para substituir o Ato Patriota. Essa nova Lei trouxe diversas mudanças no que tange à manipulação e salvaguarda dos dados obtidos pela NSA.

### 2.2.6 A imagem social e profissional do bibliotecário – os estereótipos

O tema “A imagem social e profissional do bibliotecário” vem suscitando grande discussão na literatura da área. Santos Neto e Almeida Júnior (2017, p. 261) sustentam que “o fazer do bibliotecário ainda não é tão valorizado quanto precisa ser”, uma vez que seu serviço ainda não dispõe de visibilidade como um fazer social – isto é, uma atividade que, de fato, seja transformadora e produtora de mudanças. É mais percebido como um serviço meio, de apoio, de cunho técnico e sem a capacidade de promover impacto social. Segundo os autores, “a profissão não é reconhecida pela falta de posicionamento social, político e cultural da própria classe bibliotecária, que insiste em cobrar da sociedade o seu reconhecimento” (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2017, p. 261). Para se compreender a imagem do ponto de vista tanto social quanto profissional do bibliotecário, deve-se refletir sobre questões como os estereótipos para se entender a construção dessa imagem e a percepção do próprio bibliotecário em relação a sua autoimagem.

No dicionário<sup>33</sup>, a etimologia da palavra *estereótipo* significa “impressão sólida”, criada pela união dos vocábulo “*stereos*” (sólido) e “*typos*” (impressão, molde). Por isso, estereótipo tem como alguns de seus significados “padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão”; “concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades”; ou ainda “que se adapta ao padrão de uma normalidade já fixada”. Logo, estereótipos, comumente, são pressupostos criados acerca das características de grupos para moldar padrões ou categorizar comportamentos sociais.

Categorizar alguém ou alguma coisa, para Moscovici (2007, p. 63), “significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Para Goffman (1988), é a sociedade que estabelece os meios de categorizar as pessoas e define os atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias:

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a

<sup>33</sup> Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/estereotipo/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação" (GOFFMAN, 1988, p. 5).

Nesse sentido, Walter e Baptista (2007), em importante artigo sobre a força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários, mencionam a interpretação de McGarthy, Yzerbyt e Spears (2002) sobre estereótipo:

Sem indivíduos não haveria sociedade, mas a menos que indivíduos também se percebam como pertencentes a grupos, isto é, dividindo características, circunstâncias, valores e crenças com outras pessoas, então a sociedade seria sem estrutura ou ordem. Estas percepções de grupos são chamadas de estereótipos (MCGARTHY; YZERBYT; SPEARS<sup>34</sup>, 2002, p. 1 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

McGarthy, Yzerbyt e Spears (2002, p. 7 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28) acrescentam outras acepções, que conduzem à necessidade de “compreender os estereótipos como um conjunto de crenças, de conceitos inter-relacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular em um determinado tempo”. Ainda segundo estes autores, citados por Walter e Baptista (2007), um aspecto importante dos estereótipos diz respeito ao seu compartilhamento pelo grupo, o que torna importante entender por que e como eles são compartilhados. Estes, após formados, farão parte do

[...] conjunto de visões que um determinado grupo tem de sua realidade, assim como possivelmente influenciarão comportamentos e atitudes, o que pode interferir positiva ou negativamente na visão interna e na externa, ou seja, daqueles que não integram aquela comunidade (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Para Brown e Turner (2002), a formação de estereótipos está ligada a um processo de categorização, existindo três maneiras para sua formação:

[...] estereótipos podem se formar para refletir nossa observação direta do comportamento de um grupo [...];

---

<sup>34</sup> MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-15.

[...] estereótipos podem refletir nossas expectativas e teorias mais amplas sobre como pensamos que um grupo deveria se comportar [...];

[...] os estereótipos se formam para refletir uma combinação de nossas observações (dados) e de nossas expectativas e conhecimentos (teoria) (BROWN; TURNER, 2002 p. 68<sup>35</sup> apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Hinton<sup>36</sup> (2000 apud WALTER; BAPTISTA, 2007) argumenta que essas categorias compõem um esquema capaz de organizar as informações que possuímos do mundo, de modo a facilitar a interação entre os indivíduos e os grupos na sociedade. Assim, os estereótipos não devem ser associados apenas a conceitos negativos, pois, antes de tudo, são a expressão do senso comum.

McGarty (2002)<sup>37</sup> também cita as categorias que, em tese, representam os estereótipos, dando como exemplo o estereótipo dos bibliotecários:

[...] a percepção do estereótipo dos bibliotecários é obviamente maior que a mera aplicação do rótulo bibliotecário para um conjunto de pessoas que compartilham da mesma profissão. É, claramente, também, mais que um estoque de conhecimentos sobre bibliotecas e sobre pessoas que trabalham nelas. [...] Esta percepção pode ser a de que os bibliotecários são vistos como tendo mais semelhanças uns com os outros em características como serem cultos e introvertidos do que as pessoas em geral. A resposta parece ser a de que os estereótipos devem ser mais que somente uma percepção de um determinado grupo (MCGARTY, 2002, p. 18 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 29).

Walter e Baptista (2007) entendem que televisão, filmes, livros e outros veículos de comunicação são instrumentos que contribuem para o processo de compartilhamento desse fenômeno e que podem ser caricatos dependendo da intenção de potencializar as virtudes ou os defeitos do grupo em questão. Estes canais de comunicação contribuem para a disseminação da imagem e dos estereótipos vinculados ao comportamento dos bibliotecários, conforme atestam Walter e Baptista (2007, p. 30):

---

<sup>35</sup> BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. The role of theories in the formation os stereotype content. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 67-89.

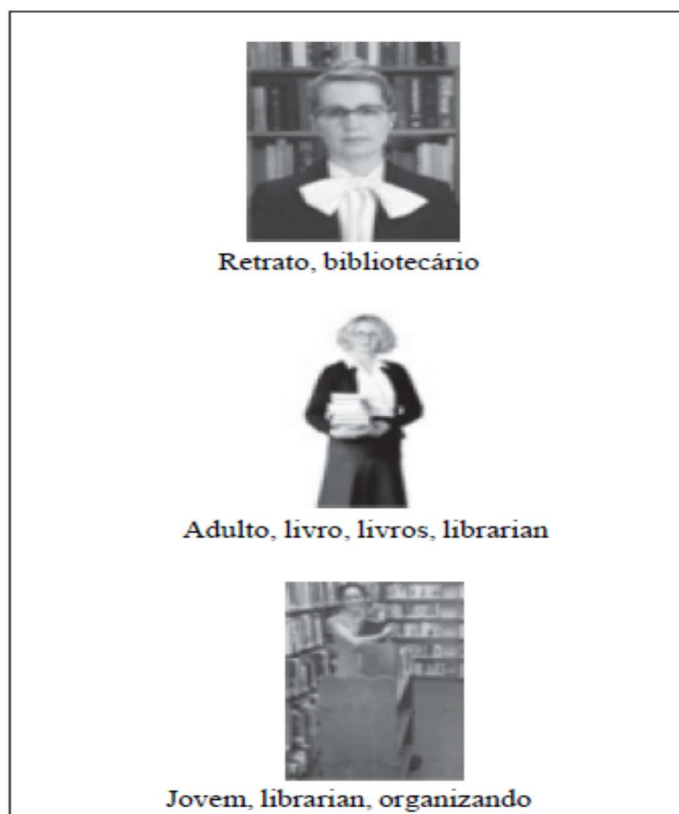
<sup>36</sup> HINTON, Perry R. Stereotypes, cognition and culture. East Sussex: Psychological Press, 2000. 208 p.

<sup>37</sup> MCGARTY, Craig. Stereotype formation as category formation. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.19.

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Em especial, quanto ao estereótipo do bibliotecário “mulher idosa de óculos e coque pedindo silêncio”, as autoras, em 2007, fizeram uma pesquisa na Internet sobre os termos “bibliotecários ou *librarian*”, a qual recuperou as seguintes imagens apresentadas na Figura 3:

**Figura 3 – Imagem recuperada em pesquisa na Internet por Walter e Baptista (2007)**



Fonte: WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 30.

As autoras comentaram que estas imagens reiteram o estereótipo ligado ao sexo feminino e que, ainda que haja a imagem de uma jovem organizando o acervo, ela se encontra em “uma função que normalmente não é executada pelos bibliotecários, mas sim pelos

auxiliares de bibliotecas, que é a de recolocação de material nas estantes” (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 31).

Barbalho (2009, p. 9), citando Obrien e Raish (1993)<sup>38</sup> a respeito das mídias que colaboram na disseminação dos estereótipos da profissão, afirma que

[...] os filmes do gênero aventura<sup>39</sup> expõem a imagem institucional da biblioteca tendo em vista que geralmente o herói se dirige a um arquivo ou uma biblioteca para buscar informações sobre algo que precisa, assumindo este espaço um papel de solucionador de demandas informacionais. Entretanto, afirmam ainda os autores que os filmes do gênero romances na maioria das vezes denigrem a imagem profissional por colocá-lo como alguém que espera fortuitamente encontrar no atendimento dos usuários um marido certo e as comédias expõem uma visão mais positiva por excluir o estereótipo que marca a profissão que é limitado a uma senhora de óculos, cabelos amarrados, trajes reservados, temida pelos usuários e sem expectativa de crescimento profissional.

Retomando o trabalho de Walter e Baptista (2007), as autoras citam o estudo de Dickinson (2002)<sup>40</sup> sobre o percurso do desenvolvimento das bibliotecas universitárias nos Estados Unidos, para tentarem compreender como se desenvolveram os estereótipos. O autor concluiu que os primeiros responsáveis pelas bibliotecas se utilizavam do cargo apenas como um trampolim para alcançarem outros postos de maior status nas universidades. Além disso, como eram as pessoas responsáveis pela manutenção do acervo – o que também significava limpeza, organização física e ventilação do local –, provavelmente, só conseguiam isso por meio de regras que dificultavam o acesso às obras por parte dos usuários. Também não era exigida nenhuma qualificação especial para se trabalhar nas bibliotecas. Desse modo, é possível que a característica de introspecção e, de certa maneira, até de hostilidade imputada aos bibliotecários, venha da constatação de que, como eles geralmente são os responsáveis pela guarda do acervo, é

[...] compreensível a associação desses profissionais com pessoas que resistem em “abrir” seus acervos, que de certa forma vigiam, mais que mediam informação, e que de algum modo estão no centro das dificuldades de acesso, que muitos usuários sentem” (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 31).

<sup>38</sup> O'BRIEN, A.; RAISH, M. The image of the librarian in commercial motion pictures: an annotated filmography. *Collection Management*, v. 17, n. 3, 1993.

<sup>39</sup> A série de TV já cancelada *The Librarians* incorpora bem a imagem do bibliotecário herói transmitida pelo gênero aventura/fantasia. Sinopse: membros de uma antiga organização secreta juraram proteger o mundo da poderosa realidade mágica existente além da percepção normal. Eles se escondem abaixo da Biblioteca Pública Metropolitana e resolvem mistérios impossíveis.

<sup>40</sup> DICKINSON, Thad E. Looking at the male librarian stereotype. ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (eds.). **The images and roles of the librarian**. New York: The Haworth Information Press, 2002. p. 97- 110.



Sobre o estereótipo feminino – isto é, de uma profissão exercida essencialmente por mulheres – as autoras identificaram alguns fatores que podem ter contribuído para essa associação ao longo do tempo:

- Historicamente<sup>41</sup>, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras.
- As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições.
- Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser “solteirona” e recalcada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32).

As autoras citam Radford e Radford (1997), que entenderam que o estereótipo da imagem das mulheres bibliotecárias pode estar vinculado a outros fatores, como poder, conhecimento e medo; ou seja:

Poder, no sentido do domínio da coleção, conhecimento porque essas profissionais dominariam o ambiente biblioteca, onde se coleciona conhecimento, e medo do indivíduo que busca informação de parecer pouco inteligente diante desses profissionais. Assim, o estereótipo negativo seria uma forma de lidar com esses elementos (Radford; Radford, 1997 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 33).

---

<sup>41</sup> “As bibliotecas historicamente foram lugares destinados ao cuidado, à organização e à guarda do conhecimento. A constituição da profissão de bibliotecário demonstra que as primeiras bibliotecas eram administradas por homens e que a profissão bibliotecária se constituiu como feminina com o passar do tempo. Sousa (2014) destaca que a mudança da composição sexual da Biblioteconomia se dá, na Europa, no início do século XIX, com a emergência do Estado Nação, a Revolução Industrial e a institucionalização e estatização dos sistemas escolares. Nesse período, há uma difusão do livro e cresce o número de bibliotecas públicas nos países mais desenvolvidos. Já nos Estados Unidos, as bibliotecas se difundem atreladas às escolas, sendo um meio de espalhar a educação de forma igual para todos” (PIRES, 2016, p. 37).

Radford e Radford (1997)<sup>42</sup> comentam as ideias de Winter (1994)<sup>43</sup> sobre a questão do embate entre o bibliotecário, guardião do acervo, e o usuário que, em certa medida, é o responsável pelo fato de o acervo ficar “incompleto” quando do empréstimo de algum documento, ainda que este somente exista para ser emprestado. Nesse sentido, explicam que cabe ao usuário, muitas vezes, confrontar-se com “o ‘deus-bibliotecário’, o guardião da racionalidade e do conhecimento, cujo domínio da ordem o usuário ousa violar, e que tem o poder de estabelecer disciplina e punição” (RADFORD; RADFORD, 1997, p. 255 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 33).

Nessa perspectiva de poder, de conflito entre bibliotecários e usuários, Radford e Radford (1997) ponderam:

O estereótipo da bibliotecária pode ser pensado como uma estratégia na qual esse temor fundamental pode ser controlado, neutralizado e disfarçado. A bibliotecária é apresentada como medonha, mas sob esse exterior severo, nada há que temer: há somente uma mulher (RADFORD; RADFORD, 1997, p. 256 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 33).

Radford e Radford (1997) ainda questionam esse estereótipo atrelado aos bibliotecários:

Quem está falando por intermédio do estereótipo da bibliotecária, e com que finalidade? A qual interesse o estereótipo serve (certamente não às mulheres)? O que pode a imagem de subserviência e da falta de poder causar para as mulheres pode ser desafiado e mudado? Não é suficiente gritar que o estereótipo é errado, inexato e injusto (RADFORD; RADFORD, 1997, p. 258 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 33).

Finalizando essa discussão, Walter e Baptista (2007) também chamam atenção para o cuidado que se deve ter ao criticar a imagem da “idosa de coque e óculos”, uma vez que, possivelmente, existem pessoas com essas características na profissão e que seria desconfortante para elas lidarem com esses questionamentos acerca dos estereótipos da profissão. Citando Bradley (2003)<sup>44</sup>, reforçam que o mais interessante seria fortalecer os valores, informar sobre as atividades dos bibliotecários e mostrar o uso que se faz das

---

<sup>42</sup> RADFORD, Marie L.; RADFORD, Gary P. Power, knowledge, and fear: feminism, Foucault, and the stereotype fo the female librarian. **Library Quarterly**, v. 67, n. 3, p. 250-266, jul. 1997.

<sup>43</sup> WINTER, Michael F. Umberto Eco on libraries: a discussion of ‘De Bibliotheca’. **Library Quarterly**, v. 64, p. 117-129, apr. 1994.

<sup>44</sup> BRADLEY, Fiona. **The anti-stereotype stereotype**. 2003. Disponível em: <<http://www.blisspix.net/library/image.html>>. Acesso em: 9 abr. 2006.

tecnologias de informação e de comunicação e as diferentes possibilidades de atuação, a fim de promover a integração entre a geração mais nova e a mais antiga de bibliotecários.

Para fazer um cotejamento entre as imagens pesquisadas por Walter e Baptista em 2007 (Figura 3) e as imagens atuais representativas da profissão, uma pesquisa por imagens vinculadas aos bibliotecários foi realizada nas redes sociais, *Pinterest*, de compartilhamento de imagens, e no Facebook, em julho de 2019. Neste último, a pesquisa focalizou uma comunidade gerida por um bibliotecário, chamada “Bibliotecária mal humorada.”<sup>45</sup> Ao se verificar a seção sobre a página da comunidade, encontrou-se a seguinte explicação bem-humorada: “desabafos de uma bibliotecária mal humorada. Aprendi a usar as ferramentas da WEB e decidi me comunicar. Sou a Srta. Doroteia Roz, tenho 84 anos, CRB00/0001 e quero compartilhar minha experiência”. Vale ressaltar que Roz é a personagem representada por uma criatura monstruosa, de aspecto semelhante a uma lesma no filme *Monstros S.A.* da *Pixar*. Ela é uma tesoureira/secretária muito rabugenta e burocrática. Curiosamente, foi escolhida para ser a personagem símbolo da página “Bibliotecária mal humorada”. Destaca-se, ainda, que sobre imagens representativas das bibliotecárias brasileiras na rede social Facebook, merece consulta o trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia de Julia Rosauo Ventura<sup>46</sup>, apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2018. As Figuras de 4 a 9 mostram os resultados da pesquisa realizada na *Pinterest* e no Facebook.

---

<sup>45</sup> Na comunidade em questão, o adjetivo “mal-humorada” está escrito sem o hífen.

<sup>46</sup> Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189762>>.

**Figura 4 – Srta. Doroteia Roz, a bibliotecária mal-humorada**



Fonte: Página da Comunidade Bibliotecária Mal Humorada no Facebook.  
Disponível em: Disponível em: < <https://www.facebook.com/BibliotecariaMalHumorada/>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

**Figura 5 – Bibliotecária idosa de óculos e coque**



Fonte: *Pinterest*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/525584218994511935/>  
Acesso em: 1 jul. 2019.

Figura 6 – Desenho de bibliotecária pedindo silêncio



Fonte: *Pinterest*. Disponível em: <https://mimuller.tumblr.com/post/337901253/eu-amei-mesmo-sendo-um-estere%C3%B3tipo>. Acesso em: 1 jul. 2019.

Figura 7 – Bibliotecária com Enciclopédia sendo comparada ao “googlar pré-histórico”



Fonte: *Pinterest*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/289989663480773704/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

Nota-se que as Figuras 4 a 7 são imagens de representações do estereótipo da idosa de óculos e coque, embora na Figura 6 a bibliotecária não seja idosa e na Figura 7 ela não demonstre a falta de receptividade com o usuário.

**Figura 8 – Imagem da bibliotecária abençoada**

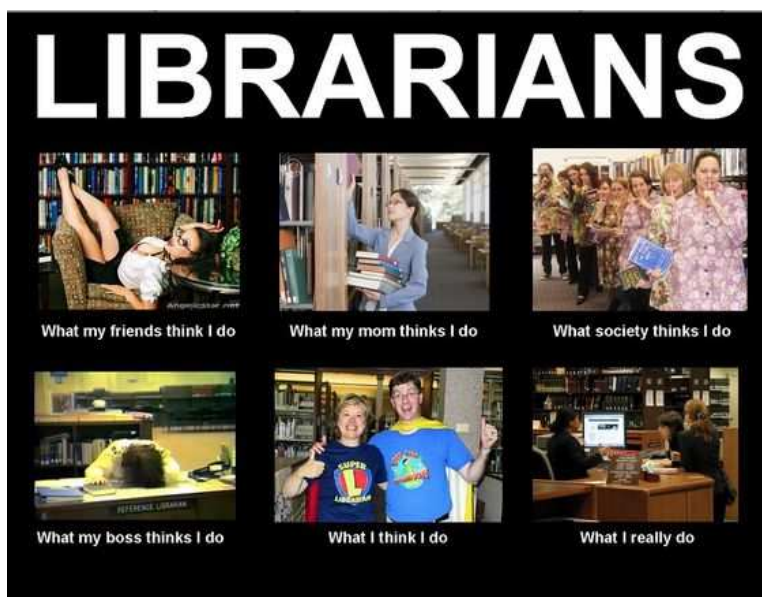


Fonte: Página da Comunidade Bibliotecária Mal Humorada no Facebook.  
Disponível em: Disponível em: < <https://www.facebook.com/BibliotecariaMalHumorada/>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

Nota: Tradução: "Abençoados sejam os bibliotecários, pois eles seguram os livros em confiança sagrada e respondem a todas suas questões estranhas." – Via Southern Adirondack Library System.

A Figura 8 representa a bibliotecária intelectual, detentora do conhecimento e guardiã “sagrada” do acervo.

**Figura 9 – Imagem social e autoimagem dos bibliotecários**



Fonte: Pinterest™. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/289989663480773704/>  
Acesso em: 1 jul. 2019.

Nota: Tradução: 1) O que meus amigos pensam que eu faço. 2) O que minha mãe pensa que eu faço. 3) O que a sociedade pensa que eu faço. 4) O que meu chefe pensa que eu faço. 5) O que eu penso que eu faço. 6) O que eu realmente faço.



Interessante observar na Figura 9 que, geralmente, essas imagens estereotipadas representam uma dicotomia entre o real e o imaginário; isto é, entre aquilo que se imagina que o bibliotecário deveria fazer e aquilo que ele realmente faz. Essa discrepância, frequentemente, ocorre pela falta de conhecimento da sociedade em relação ao exercício profissional do bibliotecário, conforme atesta Barbalho (2009, p. 9):

Esta dicotomia entre a representação no imaginário social e a realidade de sua atuação em muito está relacionada ao fato das pessoas não terem a dimensão do seu saber fazer, implicando no entendimento de que para a prestação de serviços de informação é necessário apenas interagir com as solicitações entregando a obra solicitada, no momento certo e, de preferência, aberta na página onde está exposto o assunto demandado.

Ressalta-se que o objeto de trabalho do bibliotecário é a informação, elemento imprescindível para o desenvolvimento da sociedade em todos os sentidos na contemporaneidade. Sua atuação é muito mais sofisticada, ou deveria ser, do que é representada por sua imagem social e profissional. Tanto o cidadão comum quanto os empregadores, em geral, desconhecem que o bibliotecário teria competência para

[...] pesquisar, desenvolver e utilizar os mais eficazes métodos para tratá-la (a informação), visando a sua recuperação e disseminação em diferentes formas, como livros, periódicos, slides, fotografias, mapas, partituras e discos ópticos. Entretanto sua imagem, na maioria das vezes, reflete ações que o molduram como alguém preso a uma submissão, subserviência que articula valores negativos sobre seu fazer (BARBALHO, 2009, p. 9).

Posto isso, afinal, hodiernamente, pode-se dizer que as imagens, as representações sociais e as autorrepresentações dos bibliotecários foram sendo transformadas tendo em vista o incremento da tecnologia? Ou a força dos estereótipos se mantém ainda forte no imaginário social e, conseqüentemente, profissional acerca dos bibliotecários? Essas são perspectivas importantes em que este trabalho se ancorou para tentar buscar a comprovação, ou não, da perpetuação desses estereótipos atribuídos à profissão dos bibliotecários na percepção dos egressos quanto à imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG. Ao mesmo tempo, a compreensão das opiniões desses egressos acerca tanto do curso quanto de sua trajetória profissional também foi necessária para uma análise holística da imagem do curso. Para tanto, as representações sociais, teoria que será discutida na seção **2.4**, poderão contribuir como suporte teórico para esse entendimento.

### 2.3 Alguns trabalhos sobre o perfil e a trajetória profissional do bibliotecário

Nos últimos vinte anos, principalmente após a virada do século, vem se percebendo um aumento do número de pesquisas realizadas na área da Ciência da Informação sobre o perfil demográfico e acadêmico dos bibliotecários, bem como sobre sua trajetória laboral após a formação.

Com a finalidade de fixar um ponto de comparação entre a investigação realizada neste trabalho e outras pesquisas que foram feitas sobre o perfil de bibliotecários, empreenderam-se buscas em algumas bases de dados, como, Portal de Periódicos da Capes, Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Deve-se ressaltar, contudo, que a pesquisa ora apresentada não teve por objetivo buscar exaustivamente todos os trabalhos já realizados sobre o perfil e a trajetória profissional dos bibliotecários do Brasil.

No Apêndice A, elencam-se alguns artigos encontrados nas buscas realizadas nos portais supramencionados. Todavia, apenas três serão comentados nesta seção, a saber: as pesquisas de doutoramento de Baptista (1998)<sup>47</sup> e de Walter (2008)<sup>48</sup>, relatadas no artigo de Almeida e Baptista (2009); o artigo de Santos *et al.* (2016); e a pesquisa de mestrado desta autora, Queiroz (2014)<sup>49</sup>, que efetuou um *survey* eletrônico com egressos dos diversos cursos da UFMG. Em razão do número significativo de respostas de egressos do curso de Biblioteconomia, decidiu-se comentar algumas questões de interesse, para se fazer um paralelo com a investigação realizada neste trabalho atual. Então, em termos temporais, serão comentadas a seguir pesquisas realizadas nas décadas de 1990, 2000 e 2010.

O artigo de Almeida e Baptista (2009) analisa comparativamente algumas variáveis comuns às duas investigações, isto é, a de Baptista (1998) e a de Walter (2008). O Quadro 2 oferece, sucintamente, uma ideia do escopo e dos achados de ambas as pesquisas.

---

<sup>47</sup> BAPTISTA, Sofia Galvão. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado**: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional. 1998. 234f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

<sup>48</sup> WALTER, Maria Tereza Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>49</sup> Esse trabalho de mestrado não está elencado no Apêndice A por não se tratar de pesquisa exclusiva com egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG.



**Quadro 2 – Paralelo entre a pesquisa de Batista (1998) e a de Walter (2008) sobre o perfil de bibliotecários**

(continua)

<b>AUTORAS</b>	<b>BAPTISTA (1998)</b>	<b>WALTER (2008)</b>
<b>Ano</b>	1998	2008
<b>Regiões do País contempladas</b>	Sul e Sudeste	Sul, Sudeste, Nordeste e Centro Oeste
<b>Número de questionários enviados</b>	10.376	3.973
<b>Número de questionários recebidos</b>	1.477 (14,56%)	488 (12,29%)
<b>Comunicação</b>	Correio	Correio; E-mail; Internet
<b>Tipo de dados</b>	Qualitativos e quantitativos	Qualitativos e quantitativos
<b>Objetivos</b>	Determinar os motivos do surgimento de um mercado de trabalho alternativo para o bibliotecário; identificar as características da atuação do bibliotecário autônomo em comparação com a atuação do bibliotecário institucionalizado; identificar o mercado para os bibliotecários autônomos.	Focalizar a percepção do bibliotecário sobre sua própria imagem e mercado de trabalho; definir a forma como os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, definem o que é o bibliotecário e qual é o seu mercado de trabalho; quais as competências necessárias para o profissional, as condutas morais e éticas apontadas como essenciais, as práticas mais utilizadas e os valores e crenças transmitidos pela prática pedagógica dos professores durante o curso.
<b>Sexo</b>	Dos seus respondentes, 95% eram mulheres e 5% eram homens.	Dos respondentes, 88% eram mulheres e 12% eram homens. Nota-se o aumento da presença masculina na Biblioteconomia de 1998 para 2008.
<b>Faixa etária</b>	A maioria dos bibliotecários entrevistados estava na faixa etária de 30 a 49 anos e a maioria tinha uma média de 15 anos de formados.	A maioria dos respondentes estava na faixa etária de 40 a 59 anos. Grande número de profissionais com menos de 10 anos de formação acadêmica.
<b>Avaliação do curso</b>	Ambos os estudos identificaram que os entrevistados que não gostaram da qualidade do curso de graduação encontraram mais dificuldades no mercado de trabalho do que os que gostaram do curso. Ambos também verificaram que as pessoas formadas na década de 1990 eram mais pessimistas em relação ao mercado de trabalho do que os formados na década de 1980 ou após 2000.	
<b>Unidade de informação</b>	Ambos os trabalhos constataram que a maior parte dos bibliotecários trabalhava em bibliotecas universitárias e bibliotecas especializadas. Também observaram que bibliotecas escolares e bibliotecas públicas pagavam salários menores. Na pesquisa de Walter (2008), foi ainda apontado que os bibliotecários que atuavam nesses tipos de instituições tinham uma visão negativa em relação à Biblioteconomia.	

(conclusão)

<b>AUTORAS</b>	<b>BAPTISTA (1998)</b>	<b>WALTER (2008)</b>
<b>Salários</b>	Mais de 60% dos bibliotecários recebiam mais de sete salários mínimos, isto é, R\$910,00 (salário mínimo à época: R\$130,00).	Com o salário mínimo a R\$415,00, apenas 36,9% dos bibliotecários recebiam mais de sete salários, ou seja, R\$2.905,00.
<b>Oportunidades de desenvolvimento no trabalho</b>	Para 66,7% havia oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem no trabalho executado.	Para 49,7% havia oportunidades de crescimento na carreira e progresso profissional onde trabalhavam. Notou-se diminuição de oportunidades de desenvolvimento em 10 anos.
<b>Educação continuada</b>	Dos bibliotecários, 59,6% tinham apenas a graduação, 26,8% fizeram algum tipo de especialização, 7,9% tinham mestrado e 2,1%, doutorado.	Dos bibliotecários, 45,1% tinham especialização, ultrapassando os profissionais com graduação apenas (43,6%). A soma de mestres e doutores em Biblioteconomia (10,8%) também aumentou com relação a 1998. Os bibliotecários doutores tinham uma visão mais positiva do mercado de trabalho e percebiam salários acima de R\$3.000,00.

Fonte: Adaptado de ALMEIDA; BAPTISTA (2009).

No artigo de Almeida e Baptista (2009), as autoras ainda chamam atenção para a pesquisa de Walter (2008), que contesta o estereótipo da “bibliotecária solteirona” vinculado à profissão, já que 69% dos respondentes informaram que eram casados, viúvos ou tinham união estável. Confirma-se, todavia, que a profissão continua sendo predominantemente feminina, ainda que tenha havido um crescimento da presença do sexo masculino na profissão. Sobre a imagem do bibliotecário, Almeida e Baptista (2009) acreditam que o fator de maior influência na imagem negativa da sociedade em relação ao bibliotecário é “a falta de conhecimento e contato da maioria dos brasileiros com a biblioteca, o que está associado igualmente à falta de investimentos na educação” (ALMEIDA; BAPTISTA, 2009, p. 12). Elas reiteram a necessidade de incentivar o aperfeiçoamento por meio da educação continuada como estratégia para minimizar a pouca visibilidade social do bibliotecário.

A pesquisa de Santos *et al.* (2016) inicia-se com a afirmação de que “a atuação do bibliotecário, profissional academicamente preparado para selecionar, tratar, recuperar e

disseminar informações, está cada vez menos limitada às bibliotecas” (BARBOSA, 1998<sup>50</sup>; SANTA ANNA; PEREIRA, 2014<sup>51</sup> apud SANTOS *et al.*, 2016, p. 15). Contudo, a própria pesquisa encontrou dados que comprovaram que os bibliotecários, em sua maioria, ainda estão inseridos no mercado tradicional da informação, isto é, bibliotecas universitárias, escolares, especializadas, arquivos ou centros culturais. Deve-se ressaltar que a amostra dessa pesquisa foi composta por bibliotecários formados no curso de Biblioteconomia da UFMG entre 2005 e 2010. Logo, é a pesquisa que mais se aproxima do escopo de investigação deste trabalho de doutoramento quanto à trajetória profissional do bibliotecário egresso da ECI/UFMG. O Quadro 3 apresenta os principais achados obtidos na coleta de dados.

**Quadro 3 – Dados da pesquisa relatada no artigo de Santos *et al.* (2016)**

(continua)

AUTORES	SANTOS <i>ET AL.</i> (2016)
<b>Ano</b>	2011 (realização da coleta de dados)
<b>Regiões do País contempladas</b>	Minas Gerais (somente bibliotecários egressos do curso de Biblioteconomia da ECI/UFMG)
<b>Número de questionários enviados</b>	668 (somente formados entre 2005 e 2010), sendo 33,1% homens e 66,9% mulheres.
<b>Número de questionários recebidos</b>	74 (11%)
<b>Comunicação</b>	E-mail
<b>Tipo de dados</b>	Qualitativos e quantitativos
<b>Objetivos</b>	Analisar a inserção profissional e a empregabilidade dos bacharéis em biblioteconomia, egressos da ECI/UFMG no interstício 2005-2010, no mercado de trabalho em Belo Horizonte.
<b>Faixa etária, estado civil e residência</b>	Tinham entre 20 e 40 anos: 96%. Eram solteiros: 68%. Residiam em Belo Horizonte: 66%.
<b>Educação continuada e situação empregatícia</b>	Possuíam pós-graduação ( <i>lato</i> ou <i>stricto sensu</i> ) e estavam trabalhando à época da pesquisa: 91%. Possuíam apenas graduação e não estavam profissionalmente ocupados: 9%.
<b>Unidades de informação</b>	Trabalhavam em bibliotecas universitárias, escolares, especializadas, arquivos ou centro cultural: 66,2%.
<b>Salários</b>	Recebiam no período de realização da pesquisa remunerações brutas mensais de até R\$4.000,00: 86,5%. Ganhavam acima de R\$4001,00: 13,5%.

<sup>50</sup> BARBOSA, R. R. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, 1998.

<sup>51</sup> SANTA ANNA, J.; PEREIRA, G. Ampliando o campo de atuação bibliotecária: o bibliotecário como consultor informacional. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 163-173, jul./dez. 2014.

(conclusão)

AUTORES	SANTOS <i>ET AL.</i> (2016)
<b>Salários <i>versus</i> sexo</b>	Apenas uma mulher (1,9%) recebia até R\$1.000,00; Recebiam entre R\$1.000,00 e R\$2.000,00: 44,2% das mulheres e 31,8% dos homens. Percebiam entre R\$ 2001,00 e R\$ 4000,00: 54,6% dos homens e 40,40% das mulheres. Ganhavam entre R\$ 4.001,00 e R\$5.000,00: 13,6% dos homens e 5,8% das mulheres. Todos os profissionais que recebiam acima de R\$5.000,00 eram do sexo feminino.
<b>Disciplinas que mais favoreceram a qualificação profissional e o ingresso no mercado de trabalho</b>	Tratamento da informação (37,93%); Administração e suas variantes que apareceram na questão aberta do questionário (11,2%); Catalogação e indexação (5,17%); Normalização bibliográfica (4,31%).
<b>Avaliação do curso de Biblioteconomia da ECI/UFMG</b>	Classificaram positivamente o curso 70,3%. Dentre estes, apenas cinco não estavam inseridos no mercado de trabalho à época da pesquisa. O profissional que recebia os menores rendimentos avaliou a formação como “regular” e os dois que tinham a melhor renda classificaram-na como “boa”.
<b>Sugestões de melhoria da formação acadêmica no curso</b>	Pediram mais enfoque no mercado de trabalho: 8,7%. Incluir prática e contextualização: 7,6%. Atualização dos professores: 6,5%. Investir mais em disciplinas de tecnologia de informação: 5,4%.
<b>Conhecimentos em língua estrangeira</b>	Dos entrevistados, 12,2% não possuíam conhecimentos em inglês. Não possuíam conhecimentos em Espanhol, 31,1%; e em Francês, 85,1%.
<b>Forma de ingresso no mercado de trabalho</b>	Ingressaram no emprego por meio de seleção por concurso público, 41,9%, e por meio de testes e entrevistas, 39,2%. Os concursos públicos foram responsáveis por oferecer a menor (até R\$1.000,00) e a maior (acima de R\$7.000,00) remuneração salarial e também a remuneração mais equilibrada, pois 18 profissionais recebiam entre R\$3.001,00 e R\$5.000,00.
<b>Tempo médio de ingresso no mercado de trabalho</b>	Tiveram o primeiro ingresso no mercado de trabalho com menos de 01 ano após a formatura, 90%, sendo que mais de 80%, com menos de 6 meses.
<b>Preparação para o mercado de trabalho quanto à segurança com a formação e qualificação</b>	Afirmaram que não se sentiam aptos para o mercado de trabalho, 51%; e acreditavam estar preparados, 49%. A concentração de profissionais que se consideraram despreparados foi maior nos níveis de remuneração mais baixos, pois 46% dos bibliotecários que recebiam menos de R\$4.001,00 alegaram sentir-se insuficientemente preparados para o mercado de trabalho. Dentre os quatro profissionais (5%) que obtinham renda superior a R\$5.000,00, apenas um considerava-se despreparado para competir no universo corporativo.

Fonte: Adaptado de SANTOS *et al.* (2016).

Na pesquisa supracitada, os autores formularam a seguinte questão:

Como ocorre, sob a percepção dos egressos da ECI/UFMG entre 2005 e 2010, a inserção e a empregabilidade destes profissionais no mercado de trabalho – informacional tradicional; informacional de tendências; informacional existente e pouco ocupado – em Belo Horizonte”? (SANTOS *et al.*, 2016, p. 16).

Considerando apenas a Capital de Minas Gerais<sup>52</sup>, 68,9% dos profissionais da informação atuavam em bibliotecas, arquivos ou centros culturais, enquanto o mercado informacional de tendências era responsável pela ocupação de 16,2% dos bibliotecários. Os profissionais que atuavam em editoras, empresas privadas, provedores de internet, bases de dados ou livrarias somavam 6,8% e os que não trabalhavam na área de formação, 8,1%.

A pesquisa de Queiroz (2014), como já mencionado, não foi dirigida apenas aos egressos do curso de Biblioteconomia, mas também aos egressos de todos os cursos da UFMG. O objetivo precípua não era acompanhar a trajetória profissional dos egressos, mas esclarecer os mecanismos do relacionamento entre a UFMG e seus ex-alunos, com a finalidade de aperfeiçoar o Sistema de Informações de Egressos da Universidade, o Sempre UFMG. Algumas informações coletadas naquele *survey* eletrônico, enviado aos egressos em 2013, também podem amparar alguns achados na investigação ora apresentada. O Quadro 4 mostra alguns dados filtrados das respostas dos egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG formados entre 1971 e 2013:

#### Quadro 4 – Dados da pesquisa relatada na dissertação de Queiroz (2014)

(continua)

AUTORA	QUEIROZ (2014)
Ano	2013 (realização da coleta de dados)
Número de questionários totais respondidos	1445
Número de questionários respondidos dos egressos de Biblioteconomia	87 (6%) <sup>53</sup>
Comunicação	E-mail
Tipo de dados	Qualitativos e quantitativos

<sup>52</sup> A pesquisa acabou considerando também respondentes que atuavam fora de Belo Horizonte.

<sup>53</sup> Na dissertação, para fins de análise dos dados, foram contabilizados 71 respondentes do curso de Biblioteconomia no período em que o questionário ficou disponível. Contudo, após a data de corte, mais egressos do curso preencheram o questionário eletrônico que compôs o banco de dados da pesquisa, totalizando 87.

(conclusão)

<b>AUTORA</b>	<b>QUEIROZ (2014)</b>
<b>Sexo</b>	Mulheres, 80%; homens, 20%.
<b>Faixa etária, estado civil e residência</b>	Tinham entre 30 e 49 anos, 62%. Eram solteiros, 48%; casados, 36%; e divorciados, separados e outros, 16%; Residiam em Belo Horizonte, 72%; na região metropolitana, 16%; no interior e em outros estados, 12%.
<b>Educação continuada</b>	Possuíam pós-graduação <i>stricto sensu</i> , 23%; <i>lato sensu</i> , 17%.
<b>Inserção no mercado</b>	Trabalhavam em organizações públicas, 62%; na iniciativa privada, 28%; eram autônomos, 5%. Atuavam na área de Biblioteconomia, 78%; não atuavam na área, 17%; em parte, 5%.
<b>Participação em programas acadêmicos e de assistência estudantil</b>	Não participaram de programas acadêmicos como iniciação científica, monitoria e extensão, 53%; Tiveram auxílio da Fundação Mendes Pimentel (FUMP) para se manterem no curso, 75%.
<b>Avaliação das atividades acadêmicas</b>	Avaliaram como “boas” as atividades acadêmicas ocorridas durante o curso, 68%; como “muito boas”, 29%.
<b>Preocupação da UFMG com o desenvolvimento profissional do estudante</b>	Entenderam que a UFMG se preocupou com o seu desenvolvimento profissional, 41%; em parte, 27%. Acreditavam que a UFMG não se preocupou, 22%; foram indiferentes, 10%.
<b>Estudar na UFMG</b>	Disseram que estudar na UFMG foi um diferencial na vida profissional, 97%; que acarretou prestígio social à sua formação, 82%. Fariam outro curso na UFMG, 91%; a recomendariam como instituição de ensino a algum parente ou amigo, 95%.
<b>Avaliação docente</b>	Consideraram como “boa”, 68% e “muito boa”, 17%, a dedicação e interesse do corpo docente do curso.
<b>Principal ponto negativo da UFMG no período em que era aluno</b>	Disseram que foram as greves de professores e funcionários o principal ponto negativo, 31%; os professores mal preparados, 17%; a lentidão dos serviços administrativos, 14%; as salas de aula e os equipamentos malconservados, 13%; não souberam apontar um ponto negativo, 25%.

Fonte: Adaptado de QUEIROZ (2014).

Algumas perguntas inseridas no instrumento de coleta de dados da pesquisa de Queiroz (2014) são semelhantes às da presente pesquisa. Por isso, um paralelo entre as respostas coletadas em 2013 e as que foram coletadas nesta investigação poderá ser estabelecido.

## 2.4 As representações sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é muito importante para captar a percepção das pessoas sobre determinado fenômeno. Neste trabalho, busca-se compreender

a configuração da imagem do curso de graduação em Biblioteconomia de uma IES pública – no caso, a UFMG –, na percepção de seus egressos. Logo, entender como eles representam este curso e, por conseguinte, os fatores a ele relacionados, em razão do dinamismo e da complexidade da vida social, é crucial para a consecução desta proposta de investigação.

Inicia-se esta seção situando historicamente o fenômeno das representações sociais, a partir dos estudos de Serge Moscovici nos anos 1960, no contexto de desenvolvimento da Psicologia Social na Europa. Essa teoria pode ser definida como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, como uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1976<sup>54</sup>, xiii, citado por DUVEEN, 2007, p. 21).

Moscovici (2007) afirma que o embrião das representações sociais estava no conceito de representações coletivas formuladas pelo sociólogo Émile Durkheim (1970), em fins do século XIX. O autor declara que “é obvio que o conceito de representações sociais chegou até nós vindo de Durkheim. Mas nós temos uma visão diferente dele” (MOSCOVICI, 2007, p. 45). Nesse sentido, ele estava se referindo à diferença entre o olhar da Sociologia e o prisma da Psicologia Social.

Para Durkheim (1970, p. 33), “as representações que são a trama dessa vida, originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total”. Ele entendia as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva. Portanto, esse caráter estático das representações, para Durkheim (1970), abrangia toda uma cadeia de formas intelectuais, como, ciência, religião, mito, modalidades de tempo e de espaço, regras da moral e crenças. Enfim, qualquer manifestação que ocorresse dentro da sociedade. Esse já era um ponto contestado por Moscovici (2007), que acreditava que o fato de se querer incluir demais – ou seja, toda manifestação social – acabava por se incluir muito pouco, pois “querer compreender tudo é perder tudo. A intuição, assim como a experiência, sugere que é impossível cobrir um raio de conhecimento e crenças tão amplo” (MOSCOVICI, 2007, p. 46). Moscovici (2007) não considerava as representações como algo dado, muito menos como

---

<sup>54</sup> MOSCOVICI, Serge. *Social Influence and Social Change*, Londres: Academic Press, 1976.

variáveis meramente explicativas. Ele enfatizava o caráter dinâmico das representações. Daí, sua opção por discuti-las como fenômenos, em vez de conceitos estáticos de representações coletivas, como proposto por Durkheim (DUVEEN, 2007). Moscovici (2007, p. 49) explica que

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”.

As representações sociais são para Moscovici (2007) um conjunto de valores, ideias e práticas compartilhados amplamente pelos indivíduos, tendo por objetivo familiarizar os eventos, possibilitando o compartilhamento da rede de significados que lhes for atribuída.

Moscovici (2007, p. 46) postulava que as representações deveriam ser percebidas como um modo específico de compreender e comunicar o que nós já sabemos; isto é, “abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”. Isto é, [...] “a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem”. Como exemplo, o autor cita que na sociedade

[...] um “neurótico” é uma ideia associada com a psicanálise, com Freud, com o Complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, nós vemos o neurótico como um indivíduo egocêntrico, patológico, cujos conflitos parentais não foram ainda resolvidos. De outro lado, porém, a palavra evoca uma ciência, até mesmo o nome de um herói clássico e um conceito, que, por outras, evoca um tipo definido, caracterizado por certos traços e uma biografia facilmente imaginável (MOSCOVICI, 2007, p. 46).

As representações dispõem de duas funções. De um lado, convencionalizam pessoas, objetos e acontecimentos, dando-lhes forma definitiva, localizando-as em categorias e colocando-as em determinado modelo partilhado por um grupo de pessoas. “Assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação com o decréscimo do valor do dinheiro” (Moscovici, 2007, p. 34). De outro lado, as representações prescrevem sobre os indivíduos com “força irresistível”, resultado de uma estrutura “que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado” (Moscovici, 2007, p. 36). Desse modo, enquanto as representações, partilhadas por tantos indivíduos, entranham-se e influenciam a mente de cada um, “elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (Moscovici, 2007, p. 37).



Segundo Moscovici (2007), todas as interações humanas são pressupostas por representações presentes em todo lugar. A isso o autor nomeia de “A era da representação”. Segundo ele, “quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes” (MOSCOVICI, 2007, p. 40). Desse modo, a informação torna-se dependente das representações sociais, uma vez que as informações compartilhadas pelos indivíduos em suas interações são controladas e não possuem sentido além do que é dado pelas representações sociais. Segundo o autor, “a informação que recebemos, e à qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele” (MOSCOVICI, 2007, p. 40).

Devido ao dinamismo das sociedades contemporâneas, as coletividades não funcionariam se não fossem criadas representações sociais alicerçadas nas teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas. Logo, “a característica específica dessas representações é precisamente a de que elas “corporificam ideias” em experiências coletivas e interações em comportamento” (MOSCOVICI, 2007, p. 48).

Nesse cenário, as representações sociais devem ser compreendidas como uma atmosfera em relação ao indivíduo ou ao grupo, sendo específicas de nossa sociedade. As representações têm para Moscovici (2007) por finalidade tornar familiar algo não familiar. Para o autor, a dinâmica das relações é de familiarização, “onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas” (MOSCOVICI, 2007, p. 55). O não familiar – ou seja, aquilo que “parece ser visível, sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e, no entanto, inacessível” (MOSCOVICI, 2007, p. 56) – atrai e intriga ao mesmo tempo as comunidades, obrigando-as a revelarem os pressupostos antes implícitos, comuns ao consenso. Por isso, reconhecer uma característica não familiar que motivou uma representação é importante quando se busca compreendê-la.

Moscovici (2007) aborda dois processos constituidores das representações sociais: ancoragem e objetivação. O primeiro é um mecanismo que tenta enquadrar ideias estranhas em categorias e imagens comuns, no sentido de introduzi-las em um contexto familiar. “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2007, p. 61). Logo, para Moscovici (2007, p. 62), representação é “um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”, em que:

A neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica. Quando classificamos uma pessoa

entre os neuróticos, os judeus ou os pobres, nós obviamente não estamos apenas colocando um fato, mas avaliando-a e rotulando-a (MOSCOVICI, 2007, p. 62).

O segundo processo é um mecanismo de objetivação, por meio do qual se procura tornar concreto algo abstrato; isto é, “transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2007, p. 61). Este mecanismo conecta a ideia não familiar com a realidade. Em outras palavras, transforma uma representação na realidade da representação. Portanto, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância” (MOSCOVICI, 2007, p. 71-72), [...] “transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2007, p. 71). Como um exemplo dessa transição da ideia à coisa, basta se “comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível” na mente dos indivíduos (MOSCOVICI, 2007, p. 72).

Diante do que foi observado sobre as representações sociais, Sá (1996a) afirma que a proposição de Moscovici é considerada contemporaneamente como uma “grande teoria”. Doise (1993<sup>55</sup>, p. 161 apud SÁ, 1996a, p. 50), nesse sentido, entende que

[...] grandes teorias nas ciências humanas são concepções gerais sobre o indivíduo e/ou o funcionamento societal que orientam o esforço de pesquisa. Elas devem, não obstante, ser completadas por descrições mais detalhadas de processos que sejam compatíveis com a teoria geral, mas que podem também às vezes ser compatíveis com outras teorias.

A Teoria do Núcleo Central emerge enquanto uma proposição complementar, que buscou efetivar contribuições para os avanços nos campos teórico e metodológico das representações sociais (SÁ, 1996b). Proposta por Jean-Claude Abric, em 1976, esta teoria obteve maior influência no campo das representações sociais a partir do início dos anos 1990, “quando surgiram as condições para maior reconhecimento dos esforços de elaboração teórica e metodológica complementares à grande teoria” (SÁ, 1996b, p. 20).

A ideia essencial do núcleo central aponta para o que Abric (1994a<sup>56</sup>, p. 73 apud SÁ, 1996a, p. 67) prescreveu ao dizer que “toda representação está organizada em torno de um

<sup>55</sup> DOISE, W. Debating social representations. IN: G.M. Breakwell e D.V. Canter (Orgs.) **Empirical Approaches to Social Representations**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

<sup>56</sup> ABRIC, J.C. Les représentations sociales: aspects théoriques. IN: J.C. Abric (Org.) **Pratiques Sociales et Représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.

núcleo central (...), que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna". Para Abric (1994a<sup>57</sup>, p. 73 apud SÁ, 1996a, p. 67), "o núcleo central é um subconjunto da representação, composto de um ou alguns elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente".

A Teoria do Núcleo Central foi criada com a intenção de resolver duas conhecidas características das representações sociais, as quais, embora sejam estruturais, são contraditórias. De acordo com Abric (1994b<sup>58</sup>, p. 77-78 apud SÁ, 1996b, 21-22), "as representações são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis" e "as representações são consensuais, mas também marcadas por fortes diferenças interindividuais".

Por ser tratar das próprias características estruturais das representações, Abric (1994b)<sup>59</sup> preconizou que a representação social, "conquanto constitua uma entidade unitária, é regida por um sistema interno duplo, em que cada parte tem um papel específico, mas complementar ao da outra" (SÁ, 1996b, p. 22).

Primeiramente, Abric (1994b)<sup>60</sup> pensou em um "sistema central", formado pelo núcleo central da representação, com as seguintes características:

1. É marcado pela memória coletiva, refletindo as condições sócio-históricas e os valores do grupo; 2. constitui a base comum, consensual, coletivamente partilhada das representações, definindo a homogeneidade do grupo social; 3. é estável, coerente, resistente à mudança, assegurando assim a continuidade e a permanência da representação; 4. é relativamente pouco sensível ao contexto social e material imediato no qual a representação se manifesta. Suas funções são gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos (SÁ, 1996b, p. 22).

Sequencialmente, as representações também seriam compostas por um "sistema periférico", estabelecido pelos demais elementos da representação que, ajustado à "interface entre a realidade concreta e o sistema central" (Abric, 1994b<sup>61</sup>, p. 79 apud SÁ, 1996b, p. 22),

---

<sup>57</sup> ABRIC, J.C. Ibidem. 1994a.

<sup>58</sup> ABRIC, J.C. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. IN: C. GUIMELLI (Org.) **Structures et Transformatwns des Représentations Sociales**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994b.

<sup>59</sup> ABRIC, J.C. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. IN: C. GUIMELLI (Org.) **Structures et Transformatwns des Représentations Sociales**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994b.

<sup>60</sup> ABRIC, J.C. Ibidem. 1994b.

<sup>61</sup> ABRIC, J.C. Ibidem. 1994b.

“atualiza e contextualiza as determinações normativas e consensuais deste último, daí resultando a mobilidade, a flexibilidade e a expressão individualizada das representações sociais” (SÁ, 1996b, p. 22). Logo, o sistema periférico guarda as seguintes características:

1. Permite a integração das experiências e histórias individuais; 2. suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições; 3. é evolutivo e sensível ao contexto imediato. Sintetizando, suas funções consistem, em termos atuais e cotidianos, na adaptação à realidade concreta e na diferenciação do conteúdo da representação e, em termos históricos, na proteção do sistema central (SÁ, 1996b, p. 22).

Em suma, os componentes que compõem o núcleo central das representações sociais são estáveis e resistentes à mudança, produzem significação para as imagens e são determinados pela memória coletiva e pela história do grupo. Em seu entorno, apresenta-se o sistema periférico, formado pelos atributos mais flexíveis e sensíveis ao contexto imediato, cuja principal função é propiciar a adaptação à realidade, como também a diferenciação do conteúdo e a proteção ao sistema central. Os sistemas periféricos se aproximam mais das práticas do cotidiano e estão susceptíveis às mudanças. Por isso, são mais adaptativos e relativamente heterogêneos em relação ao seu conteúdo (SÁ, 1996a).

A grande Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici, e sua teoria complementar, apresentada por Jean-Claude Abric, a Teoria do Núcleo Central, constituem a base teórica que fundamentou o método utilizado por este trabalho no que tange à identificação da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG. Estas teorias também permitem o entendimento acerca dos estereótipos e das representações dos bibliotecários já mencionadas na revisão de literatura. Na seção sobre a metodologia, detalha-se a relação entre estas teorias – representações sociais e núcleo central – e o Método de Configuração de Imagem (MCI).

## **2.5 Síntese da revisão de literatura e fundamentação teórica**

Nesta seção de revisão de literatura e de fundamentação teórica, temas foram abordados com a finalidade de embasar a pesquisa, por meio da sistematização de estudos anteriores e do suporte teórico, o qual foi utilizado para a análise dos dados do trabalho empírico. Contemplou-se, de modo breve, o histórico da formação em Biblioteconomia no Brasil e seus impactos na criação da Escola de Biblioteconomia da UFMG – atualmente,

Escola de Ciência da Informação (ECI) –, no desenvolvimento curricular da graduação e no projeto pedagógico vigente do curso.

Foram abordados também os temas “Regulamentação da profissão do bibliotecário” e “Diretrizes Curriculares Nacionais em Biblioteconomia de 2001”. A partir das DCN, foi possível percorrer outras temáticas, como: “Perfil esperado do egresso formado em Biblioteconomia”, especialmente no início dos anos 2000; “Domínios, competências e habilidades que se desejavam que fossem desenvolvidas no curso”; “Mercado de trabalho informacional tradicional e o mercado de tendências, gerado pelos avanços tecnológicos” e “Necessidade de educação continuada para o profissional, como meio de acompanhar as céleres transformações profissionais e sociais ocorridas nas duas primeiras décadas do século XXI”.

“Visibilidade do bibliotecário” e “Imagem social e profissional do bibliotecário” também foram assuntos explorados nesta seção, os quais podem ser compreendidos pelo viés teórico das representações sociais. Esta teoria, bem como a Teoria do Núcleo Central, serviu ainda como alicerce para o método utilizado na análise dos dados coletados durante a etapa empírica desta investigação, o MCI. Por intermédio desse método, foi possível configurar a imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, na percepção de seus egressos.

Alguns trabalhos sobre perfil e a trajetória profissional do bibliotecário foram apresentados com o intuito de se ter uma referência, um ponto de comparação para os dados coletados nesta pesquisa acerca do percurso profissional dos egressos do curso em questão. Tais dados também são utilizados para se analisar os atributos identificados na imagem do curso.

## **2.6 Pressupostos da investigação**

As questões norteadoras e os pressupostos são importantes para direcionarem o caminho a ser seguindo pela pesquisa.

Levando-se em conta o problema que motivou esta investigação, que pretendeu conhecer a configuração da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG pelo olhar de seus egressos, e a revisão de literatura acerca do tema já apresentada neste trabalho, especialmente as questões assinaladas pela tese de Walter (2008), alguns tópicos relativos ao campo profissional, à autoimagem e à imagem social e profissional dos bibliotecários suscitaram os seguintes pressupostos:

- a) O curso de Biblioteconomia da UFMG não exerce atração imediata, sendo, geralmente, a segunda opção de escolha.
- b) A atuação profissional na área de Biblioteconomia é restrita aos mercados de trabalho tradicionais.
- c) A autoimagem do bibliotecário tende a ser mais negativa porque ele percebe que a sociedade e o mercado de trabalho não o reconhecem e não o valorizam.
- d) O curso de Biblioteconomia da UFMG é mais teórico que prático, podendo dificultar a inserção profissional do seu egresso.
- e) A grade curricular do curso de Biblioteconomia da UFMG não acompanhou na mesma medida os avanços tecnológicos ocorridos a partir do início deste século.
- f) A gestão acadêmica do curso de Biblioteconomia da UFMG, entendida aqui como o corpo docente que integra o curso, não concorre, durante o período de formação, em prol de um maior reconhecimento e valorização do curso e, por conseguinte, da profissão no mercado de trabalho e na sociedade.

Estes pressupostos direcionam para uma compreensão mais holística da imagem do referido curso na percepção de seus egressos, que foi, em verdade, o objetivo precípua deste trabalho.

No capítulo seguinte, detalha-se o passo a passo dos procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados desta investigação.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa parte da curiosidade que se tem do desconhecido. Para empreendê-la, é preciso considerar todas as atividades a serem executadas, concomitantemente ou em distintas etapas. Selecionar um quadro teórico-metodológico e de referências conceituais, construir questões de pesquisa e elaborar hipóteses, amalgamadas com as escolhas de técnicas de produção e de tratamento, análise e interpretação dos dados, constituem o passo a passo de uma bem-sucedida investigação científica (COLBARI, 2014).

Em se tratando de pesquisa social, deve-se levar em conta que a realidade social considera a ocorrência e o ambiente do movimento da vida individual e coletiva em que se evidenciam toda a riqueza de significados e a complexidade inerente aos fenômenos humanos. Minayo (2013) reconhece que o objeto das Ciências Sociais é, fundamentalmente, qualitativo. Dessa forma, existem instrumentos e teorias aptas a se aproximarem da multiplicidade da vida em sociedade. Por isso, as Ciências Sociais “abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e significados” (MINAYO, 2013, p. 14).

Um exame mais específico das metodologias e das técnicas de pesquisa qualitativa revela que grande parte dos obstáculos nas abordagens de análise ocorre devido à sua “grande fluidez, imprecisão e maleabilidade no que diz respeito tanto aos suportes teóricos e epistemológicos quanto às diversas formas de sua aplicação” (COLBARI, 2014, p. 241), uma vez que variados processos de levantamento, registro e tratamento de material empírico são contemplados em seu repertório. A metodologia enquanto um conjunto de técnicas necessita da disponibilidade de um “instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática” (MINAYO, 2013, p. 15).

Remetendo-se ao caráter interdisciplinar da Ciência da Informação (CI), posição defendida por grandes pesquisadores da área, Saracevic (1996) afirma que a interdisciplinaridade acabou por ser introduzida na CI pela diversidade de profissionais – logo, de formações distintas – que se interessaram pelos problemas apresentados:

Entre os pioneiros havia engenheiros, bibliotecários, químicos, linguistas, filósofos, psicólogos, matemáticos, cientistas da computação, homens de negócios e outros vindos de diferentes profissões ou ciências. Certamente, nem todas as disciplinas presentes na formação dessas pessoas tiveram uma contribuição igualmente relevante, mas essa multiplicidade foi responsável pela introdução e permanência do objetivo interdisciplinar na CI (SARACEVIC, 1996, p. 48).

Compactuando com esse mesmo entendimento de que a CI é uma ciência interdisciplinar, Araújo (2003) postula que a aceitação dessa natureza na CI é sua característica mais importante, que marca sua posição como uma ciência pós-moderna em sua essência. Ademais, é essa aproximação com a ciência pós-moderna, buscando superar teorias, métodos, técnicas e interpretações do modelo até o momento dominante, para alcançar um entendimento baseado na complexidade dos fenômenos, que transporta a CI para sua permanente inserção nas Ciências Sociais (ARAÚJO, 2003).

Dentre alguns tipos de abordagens interdisciplinares, três tipos de graus de interdisciplinaridade podem ser mencionados:

- a) um grau de aplicação quando, por exemplo, os métodos da física nuclear são transferidos para a medicina, conduzindo à criação de novos métodos para o tratamento do câncer;
- b) um grau epistemológico quando, por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o direito gera análises interessantes na epistemologia do direito;
- c) um grau de articulação de novas disciplinas quando, por exemplo, a transferência de métodos da física de partículas para a astrofísica gera a cosmologia quântica (SCHULER; DE TONI, 2015, p. 19).

De acordo com González de Gomez (2000), a CI se apresentava, desde suas primeiras manifestações, “como conjunto de saberes agregados por questões antes que por teorias” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000, p. 2). Nesse sentido, não poderia haver uma definição metodológica do núcleo de uma investigação no campo da CI totalmente ocupada ou alicerçada em uma “escola, uma teoria, uma técnica, uma temática”, posto que o objeto da pesquisa integra-se em um horizonte de demandas que ocorrem em confluência e constantemente fora do campo da CI, determinado por “macroprocessos econômicos e políticos, tal como a globalização” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000, p. 6).

Nesta pesquisa, utilizou-se uma metodologia desenvolvida no âmbito da Psicologia Social e da Administração – mais precisamente, do Marketing – para uso em variados campos disciplinares. A aplicação do Método de Configuração de Imagem (MCI) em uma pesquisa no campo da CI, além de ser um fator de inovação na área, dá prosseguimento aos vários estudos acerca do método, que foi desenvolvido para verificar como determinado público configura a imagem de uma organização, uma marca, um produto, um serviço ou, mesmo, uma ideia. Trata-se, pois, de um esforço que se agrega a pesquisas anteriores, como as de



SAMPAIO, 1999; CAIERON JÚNIOR, 1999; CHALA, 2000; SCHULER, 2000; DE TONI e SCHULER, 2002 e 2004; MILAN, DE TONI e BARAZETTI, 2005; DE TONI, 2005; e MILAN e DE TONI, 2008, que, ao longo dos anos, aperfeiçoaram o método, ampliaram sua aplicação e averiguaram sua validade e confiabilidade (SCHULER; DE TONI, 2015).

### 3.1 Sobre o Método de Configuração de Imagem

O Método de Configuração de Imagem (MCI) foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores, com destaque para Schuler (2000) e De Toni (2005), com base em alguns conceitos sobre imagem. Embora não seja objetivo deste trabalho abordar todo o arcabouço teórico que fundamentou o MCI, como os conceitos de imagem e suas acepções, torna-se importante apresentar as perspectivas de imagem consideradas para o desenvolvimento desse método.

Em sua tese de doutorado, Deonir de Toni (2005), um dos autores do método, afirma que a imagem pode ser dividida em dois domínios: a imagem, enquanto representação visual, isto é, pinturas, imagens televisivas e desenhos, entre outros; e o mental, melhor dizendo, a estância do subjetivo das imagens na mente das pessoas. Nesse sentido, “as imagens aparecem como visões, imaginações, esquemas, modelos e, em geral, como representações mentais” (DE TONI, 2005, p. 25).

Quando se trata a imagem no âmbito subjetivo, três diferentes abordagens são trabalhadas: representações mentais, representações sociais e representações segundo a perspectiva do Marketing (DE TONI, 2005).

De Toni (2005) declara em sua tese que a perspectiva da imagem enquanto representações mentais pode se referir às representações internas ou aos modelos mentais usados no processamento de informações (STILLINGS *et al.*, 1995<sup>62</sup>; KOSSLYN, 1996<sup>63</sup>; VILLAFANE, 1996<sup>64</sup>). Afirma, ainda, que a imagem pode ser considerada também como uma composição subjetiva de conhecimentos, decorrente de toda a experiência passada do sujeito, em alguma forma de contato dele com o objeto da imagem (BOULDING, 1968<sup>65</sup>). Ou,

---

<sup>62</sup> STILLINGS, N. A. *et al.* **Cognitive science**: an introduction. Cambridge: The MIT Press, 1995.

<sup>63</sup> KOSSLYN, M. S. M. **Image and brain**: the resolution of the imagery debate. Cambridge: The MIT Press, 1996.

<sup>64</sup> VILLAFANE, J. **Introducción a la teoría de la imagen**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1996.

<sup>65</sup> BOULDING, K. E. **The image**: knowledge in life and society. 6. printing. Ann Harbor: University of

ainda, imagens expressam o modo como as pessoas percebem – isto é, como representam – um objeto, correspondendo a uma visão do objeto, em que estão envolvidos vários processos mentais (JOHNSON-LAIRD, 1988<sup>66</sup>). Para o autor, esse entendimento de imagem determina “um padrão mental que comunica aspectos das características físicas do objeto, e que pode ser traduzida como pensamento” (DAMÁSIO, 2001<sup>67</sup> apud DE TONI, 2005, p. 25-26). Ou seja, é aquilo que se imagina quando se pensa em determinado objeto, a impressão que se tem dele (EYSENCK; KEANE, 1994<sup>68</sup>).

A abordagem da imagem enquanto representações sociais analisa como construções ideológicas, “determinadas pela Ontologia, ou seja, pela História, pela Sociedade, pela moral e pelas religiões” (DE TONI, 2005, p. 26). Logo, são criações mentais, isto é, impressões que os objetos e as pessoas deixam no cérebro, preservando os vestígios do passado, da memória, além de intensificar o sentimento de continuidade com o ambiente e com as experiências do indivíduo e da coletividade (DE ROSA; SMITH, 1997<sup>69</sup>; MOSCOVICI, 1978<sup>70</sup>).

De Toni (2005) também abordou em seu estudo a perspectiva da imagem sob o olhar do Marketing, relacionando-a com a percepção do comportamento do consumidor. A imagem é percebida como “a soma de convicções, atitudes e impressões que uma pessoa ou grupo tem sobre um objeto (produto/marca, corporação e loja)” (BARICH; KOTLER, 1991<sup>71</sup>; STERN; ZINKHAN; JAJU, 2001<sup>72</sup> apud DE TONI, 2005, p. 26).

Retomando o que já foi mencionado sobre a definição geral da imagem como um conjunto de representações, impressões, convicções e redes de significados de um objeto, seja ela uma organização, um produto, uma marca, um serviço ou uma ideia, De Toni (2005) sustenta que essas representações são armazenadas na memória de forma holística, o que significa que o homem processa as imagens de modo interativo e que suas diferentes partes constituintes se agrupam em uma unidade maior, tornando a imagem um todo indivisível, “que

---

Michigan, 1968.

<sup>66</sup> JOHNSON-LAIRD, P. N. **The computer and the mind: an introduction to cognitive science.** Cambridge: Harvard University Press, 1988.

<sup>67</sup> DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência.** São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

<sup>68</sup> EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Psicologia cognitiva: um manual introdutório.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

<sup>69</sup> DE ROSA, A. S. SMITH, A. H. Strategie comunicative da "minoranza attiva" nello scenario dei pubblicitari: il caso Benetton-Toscana. **Micro e Macro Marketing.** Milano, anno 6, n. 1, p. 99-126, apr. 1997.

<sup>70</sup> MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>71</sup> BARICH, H.; KOTLER, P. A framework for marketing image management. **Sloan Management Review.** Cambridge, v. 32, n. 2, p. 94-104, Winter 1991.

<sup>72</sup> STERN, B.; ZINKHAN, G. M.; JAJU, A. Marketing images: construct definition, measurement issue, and theory development. **Marketing Theory.** London, v. 1, n. 2, p. 201- 224, Dec. 2001.

reúne diferentes elementos sensoriais, emocionais, cognitivos e simbólicos, e que seu entendimento se dá pelo entendimento dos distintos componentes que a formam (atributos da imagem)” (DE TONI *et al.*, 2006, p.2).

Diante do que foi exposto sobre as diferentes perspectivas de como as imagens estão organizadas na mente dos sujeitos, De Toni (2005) utilizou a abordagem teórica das Representações Sociais e do Núcleo Central para identificar e compreender uma imagem desejada.

Para De Toni *et al.* (2006, p. 4), “as imagens estão organizadas como uma rede de significados ou esquemas associados e organizadas em torno de alguns elementos centrais que são socialmente aceitos e compartilhados”. Portanto, o uso das imagens que os estudantes ou egressos têm de seu curso de graduação é muito favorável para esclarecer a configuração da realidade educacional de determinada IES e para nortear de modo mais eficiente as estratégias e as práticas organizacionais, com o intuito de promover o aperfeiçoamento dos currículos dos cursos e, por conseguinte, de aumentar a satisfação de seus alunos e egressos (DE TONI *et al.*, 2006).

### **3.2 Aplicação do Método de Configuração de Imagem**

O MCI entende a imagem como o conjunto de representações, crenças, impressões e convicções que advêm das informações, observações e experiências adquiridas no contato e na interação com as pessoas. O MCI, ainda, compreende holisticamente a realidade que, sendo complexa, precisa ser assimilada por meio de uma abordagem que suporte tal complexidade; isto é, uma abordagem transdisciplinar.

Ponderou-se que a utilização do MCI, método já testado em termos de confiabilidade e validade em vários trabalhos acadêmicos, responderia de modo mais abrangente à questão desta pesquisa, que buscou configurar a imagem do curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG na percepção de seus egressos. O tratamento qualitativo e quantitativo desse método, como será visto à frente, permitiu identificar os atributos que formam a imagem desse curso e averiguar os níveis de satisfação desses atributos na concepção dos egressos.

Segundo De Toni (2005), a técnica de pesquisa (em sua tese, o autor nomeava o MCI de “Técnica de Configuração de Imagem”) que ele apresentou em seu trabalho baseava-

se em variados métodos já desenvolvidos e validados, tais como, Janela do Cliente (*Customer Window*) (APDG, 1994<sup>73</sup>) e Modelo de Gerenciamento de Imagem Mercadológica (*A Framework for Marketing Image Management*) (BARICH; KOTLER, 1991<sup>74</sup>), além dos também já desenvolvidos e validados procedimentos para acessar a configuração das Representações Sociais (ABRIC, 1984<sup>75</sup>; MINAYO, 1997<sup>76</sup>; MOSCOVICI, 1978<sup>77</sup>, 1997<sup>78</sup>; VERGÈS, 1992<sup>79</sup>; SÁ, 1998<sup>80</sup>) e do Método de Configuração da Imagem Organizacional (SCHULER, 2000), cuja elaboração iniciou-se em trabalho anterior a sua tese. Considerada, então, como uma continuidade da pesquisa de Schuler (2000), que desenvolveu o método de configuração da imagem de organizações, a proposta de De Toni (2005) analisou a imagem de produtos, com o intuito de “trazer para uma forma observável e analisável esta figura subjetiva e impalpável que consiste a imagem de um produto, junto a determinado público, compreendendo como sua estrutura está organizada na mente dos indivíduos” (DE TONI, 2005, p. 140).

Enquanto uma combinação desses métodos mencionados, o MCI carrega em seu repertório características da Janela do Cliente, formada pelo cruzamento das variáveis *importância* (valor que o cliente, ou o público, confere a determinados atributos de um objeto) e *satisfação* (que diz respeito à percepção dos clientes em relação aos mesmos atributos). O MCI agrega também fundamentos do modelo de Barich e Kotler (1991)<sup>81</sup>, que operacionalizaram um sistema gerencial de identificação das imagens de produtos concorrentes e sua posição competitiva (DE TONI, 2005).

O trabalho de De Toni (2005) representou um avanço no desenvolvimento desse método de pesquisa, na medida em que inseriu algumas contribuições ao trabalho de Schuler (2000), que, por sua vez, apoiou-se em três experiências anteriores de Sampaio (1999),

---

<sup>73</sup> ASSESSORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO GERENCIAL. **Customer window: catálogo de informações**. São Paulo: Rhodia S/A. 1994.

<sup>74</sup> BARICH, H.; KOTLER, P. A framework for marketing image management. **Sloan Management Review**. Cambridge, v. 32, n. 2, p. 94-104, Winter 1991.

<sup>75</sup> ABRIC, J. C. A theoretical and experimental approach to the study of social representations in a situation of interaction. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Eds.) **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 169-183.

<sup>76</sup> MINAYO, M. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Orgs) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 89-111.

<sup>77</sup> MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>78</sup> MOSCOVICI, S. Prefácio. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 07-16.

<sup>79</sup> VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, p. 203-209, 1992.

<sup>80</sup> SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

<sup>81</sup> BARICH, H.; KOTLER, P. A framework for marketing image management. **Sloan Management Review**. Cambridge, v. 32, n. 2, p. 94-104, Winter 1991.

Caieron Júnior (1999) e Chala (2000). Este último trabalho agrega o pressuposto do Núcleo Central das Representações Sociais, o qual é constituído pelos atributos mais estáveis desta representação e funcionalmente identificado com os atributos mais frequentemente citados (valor de frequência) e com os mais imediatamente citados (valor de ordem) da amostra investigada (DE TONI, 2005).

Dando prosseguimento a essa linha de desenvolvimento do MCI, o trabalho ora apresentado insere-se na seara de aplicação desse método no setor de serviços. Milan, De Toni e Barazetti (2005) fizeram isso quando estudaram a configuração da imagem de um serviço de fisioterapia de um plano de saúde. Os serviços apresentam natureza diversa em relação à dos produtos. Em especial, o serviço em questão – educação superior – apresenta uma diferenciação ainda maior quando comparado à prestação de um serviço na área da saúde (Cf. MILAN; DE TONI; BARAZETTI, 2005).

Utilizando-se do desenho de pesquisa do MCI (SCHULER; DE TONI, 2015), aplicaram-se os seguintes procedimentos, após a seleção da amostra investigada:

- 1) **Primeira etapa: Configuração de Conteúdo:** abordagem quantiquantitativa, cuja coleta de dados foi realizada por meio de entrevista estruturada. Empreenderam-se as seguintes atividades de análise:
  - Identificação dos atributos salientes do curso de Biblioteconomia da UFMG, na percepção dos egressos participantes da investigação;
  - Classificação dos atributos identificados em categorias de atributos emocionais, racionais, afetivos, simbólicos e visionários;
  - Atribuição de valores de ordem (VO) e de valores de frequência (VF) aos atributos identificados nas entrevistas, objetivando definir suas distâncias em relação ao “termo indutor” – no caso, o curso de Biblioteconomia da UFMG –, empregado para incitar os respondentes a se manifestarem sobre o objeto pesquisado.
- 2) **Segunda etapa: Configuração de Agrupamentos:** abordagem quantitativa, mediante a aplicação de questionários eletrônicos elaborados com base nos atributos identificados na etapa anterior. Foram realizadas as seguintes análises:

- Aferição do grau de **satisfação** dos atributos levantados na primeira etapa, identificando a satisfação dos respondentes com o curso de Biblioteconomia da UFMG.
  - Averiguação do agrupamento dos atributos em fatores de **satisfação**, evidenciando os atributos que estão inter-relacionados, na percepção dos egressos, em função da satisfação com esses elementos.
- 3) **Terceira etapa: Relatório de resultados:** com base nas etapas anteriores, elaborou-se um relatório em que se constam:
- Disposição gráfica dos resultados das duas etapas anteriores da pesquisa, por meio do Gráfico de Configuração da Imagem (GCI), o que propicia um entendimento mais explícito da disposição e das características dos atributos da imagem pesquisada;
  - Quadro de Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem (SAEGIs), cuja análise é fundamentada nas posições, valores e relações dos principais atributos da imagem, podendo se constituir em possibilidades de ações para a gestão da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG. No caso desta pesquisa, não foram feitas sugestões, mas sim apontamentos que, eventualmente, poderão servir de reflexão para a gestão acadêmica e administrativa do curso em questão.

### 3.3 Seleção da amostra para a etapa de Configuração de Conteúdo

A abordagem aqui adotada foi a quantiquantitativa, pois as respostas às entrevistas foram tratadas qualitativamente. Contudo, com base na quantificação dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo, o que será explicado mais à frente.

Para Schuler e De Toni (2015), o número de entrevistas a serem realizadas nesta etapa precisa assegurar uma quantidade suficiente de casos para o tratamento qualitativo dos dados. A princípio, pensou-se em 30 entrevistas individuais, o que supera o número considerado plausível para uma análise qualitativa, que para Gaskell (2013) seria entre 15 e 25. Contudo, como o MCI propõe a realização de entrevistas estruturadas, em que os respondentes não se estenderiam muito nas respostas, seria pertinente que a amostra

alcançasse o maior número possível, desde que isso não inviabilizasse o trabalho de análise dos dados.

Posto isso, em primeiro lugar, buscou-se na UFMG – mais especificamente, no Programa Sempre UFMG<sup>82</sup> – uma listagem dos contatos eletrônicos dos egressos do curso de Biblioteconomia. Como se pretendia configurar a imagem deste curso, reduzir temporalmente a amostra da investigação se fez necessária, para assegurar a recência<sup>83</sup> das experiências dos egressos com o curso. Assim, foram solicitados e repassados os contatos eletrônicos das turmas concluintes de 2013 a 2017 (1º e 2º semestres) cujos egressos haviam feito o percurso na graduação já com a grade curricular do projeto pedagógico de 2009 implantada. Procedeu-se, então, em 1.11.2018, à operação de sorteio, por meio do Excel, para apontar 30 egressos do curso de Biblioteconomia<sup>84</sup> e ao envio de mensagem via o endereço eletrônico. Após esse primeiro contato, apenas uma ex-aluna respondeu à mensagem eletrônica. Depois de sete dias foram sorteados mais 90 egressos. Ao final de uma semana, de um montante de 120 mensagens enviadas, ocorreram apenas três retornos positivos. Decidiu-se, então, mudar de estratégia, passando a divulgar a pesquisa via a rede social Facebook.

Em 8 de novembro de 2018, o orientador deste trabalho realizou uma postagem em seu Facebook na qual convidava os egressos do curso a participarem da primeira etapa da pesquisa. Como professor do curso de Biblioteconomia da UFMG, tinha em sua rede vários egressos do curso. As marcações que fez geraram muitos compartilhamentos, o que facilitou a divulgação entre o público-alvo da pesquisa. Vários egressos se prontificaram a participar da primeira etapa da pesquisa, isto é, da entrevista estruturada, totalizando 40 egressos formados entre 2013 e 2017 no curso de Biblioteconomia da UFMG.

### **3.4 Instrumento de coleta de dados – entrevista**

Schuler e De Toni (2015) preconizam a utilização de entrevistas – aplicadas oralmente ou por escrito, realizadas face a face, por telefone ou Internet – para a coleta dos dados da etapa de Configuração de Conteúdo, na qual se busca identificar os atributos mais salientes que formam a imagem do objeto estudado. As perguntas foram formuladas com a intenção de provocar o surgimento desses atributos. Para tanto, os respondentes foram instigados a

---

<sup>82</sup> Programa de egressos da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <[www.sempre.ufmg.br](http://www.sempre.ufmg.br)>.

<sup>83</sup> Diz respeito a quando os dados foram recentemente percebidos na mente do indivíduo.

<sup>84</sup> De acordo com o Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA) da UFMG, em consulta realizada em outubro de 2018, constavam 486 ex-alunos formados no curso de graduação em Biblioteconomia no período de 2013 a 2017.

expressar a primeira ideia que surge em mente sobre o objeto em questão, utilizando para isso a livre associação de ideias.

Reforçam Schuler e De Toni (2015, p. 158):

A livre associação, ou evocação livre, é uma das formas mais utilizadas para identificar as imagens que as pessoas formam sobre os objetos (GUIMELLI, 1994<sup>85</sup>). Consiste em apresentar aos entrevistados um estímulo, ou Termo Indutor (ex.: nome da organização, produto, marca etc.) e, a partir daí, pedir que digam as palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança (POIESZ, 1989<sup>86</sup>; SÁ, 1996<sup>87</sup>; MALHOTRA, 2001<sup>88</sup>). A vantagem dessa técnica é permitir identificar os elementos latentes na mente das pessoas em torno do Termo Indutor, sem muito controle da racionalidade (ZIMER e GOLDEN, 1988<sup>89</sup>). Baseado nisso, o MCI conta, na formulação de sua entrevista estruturada, com duas questões iniciais, que permitem essa livre associação de significados por parte do respondente. As demais questões propõem estímulos semiconduzidos, levando o respondente a evocar a imagem do objeto pesquisado a partir de outros pontos de vista (dimensões de realidade e percepção).

A associação livre é muito utilizada em entrevistas com grupos focais para descobrir como os indivíduos imaginam um assunto, sob qual perspectiva o compreendem e como o relacionam com outras ideias e conceitos (GASKELL, 2013). Esta técnica, proposta por Schuler e De Toni (2015) para o MCI, possibilita um mapeamento exploratório acerca do tema investigado.

Inseriram-se no instrumento da entrevista questões que estimulassem respostas livres e espontâneas. Em sua tese, De Toni (2005) optou por fazer as entrevistas por escrito, priorizando a economia de tempo para o tratamento das respostas e para contemplar um maior número de respondentes, uma vez que nas entrevistas orais isso se tornaria praticamente impossível. Contudo, ele mesmo alerta que a forma escrita pode “cercear a

---

<sup>85</sup> GUIMELLI, C. Transformation des représentations sociales, pratiques nouvelles et schèmes cognitifs de base. In: GUIMELLI, C. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 171-198.

<sup>86</sup> POIESZ, B. C. The image concept: its place in consumer psychology. **Journal of Economic Psychology**, v. 10, p. 457-472, 1989.

<sup>87</sup> SÁ, C.P. **Sobre o núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>88</sup> MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

<sup>89</sup> ZIMER, M. R.; GOLDEN, L. L. Impressions of retail stores: a content analysis of consumer images. **Journal of Retailing**. v. 64, n. 3, p. 265-293, 1988.



espontaneidade dos respondentes e privilegiar o aparecimento dos aspectos racionais da imagem, em detrimento dos emocionais e dos simbólicos” (DE TONI, 2005, p. 146).

Pelo fato de o número de respondentes ter ultrapassado a amostra inicial idealizada, isto é, 40 egressos, e de o período não ter sido muito propício para o encontro presencial, pois era final de ano (novembro de 2018), a aplicação da entrevista foi executada de dois modos: a) por escrito, mas com a presença desta pesquisadora, em que compareceram 12 egressos; e b) por escrito, a distância, via Internet, com a participação de 28 egressos.

Na primeira modalidade, os egressos preencheram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) da pesquisa e responderam às questões, as quais foram imediatamente transcritas no instrumento pela autora da investigação. Na segunda modalidade foi agendada uma data para o retorno do instrumento respondido pelo egresso. Nestes casos, primeiramente, fez-se um contato por telefone ou pelo aplicativo *WhatsApp*, em que a pesquisadora fornecia algumas instruções e se colocava totalmente à disposição para sanar quaisquer dúvidas. Embora se tenha conhecimento de que a aplicação da entrevista na forma oral possibilita maior envolvimento entre entrevistador e entrevistado, acarretando maior extração de informações, não se pode descartar a facilidade que a modalidade escrita traz para o posterior tratamento dos dados. A escolha dessas opções de aplicação foi confirmada como positiva por meio da realização do pré-teste do instrumento.

O pré-teste desta etapa de aplicação das entrevistas ocorreu em outubro de 2018, considerando três egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG, tendo um concluído em 2013 e dois em 2017. Vale ressaltar que esses egressos foram selecionados por meio do critério da acessibilidade, sendo que dois eram acadêmicos da pós-graduação e uma egressa que atuava no mercado. Foram testadas três modalidades de aplicação: a oral e presencial, em que a pesquisadora gravava toda a entrevista, para ser transcrita posteriormente; a escrita e presencial, em que a pesquisadora transcrevia as respostas imediatamente após a resposta do egresso; e a distância, em que o instrumento foi enviado ao participante para que este respondesse às questões por escrito.

Após a verificação de todos procedimentos, incluindo o tratamento e a análise dos dados dessas três entrevistas, apurou-se que as modalidades escritas (presencial e a distância) conseguiram atender às expectativas acerca do conteúdo apreendido nas respostas e, mais especificamente, não prejudicaram a identificação dos atributos da imagem do curso. Isso sem mencionar que certa objetividade nas respostas, que ocorre na modalidade

escrita, não compromete no caso do MCI o entendimento da complexidade do conteúdo das entrevistas, muito menos o tratamento e análise dos dados extraídos.

Considerando essas ponderações, elaborou-se o roteiro estruturado de entrevista, que foi aplicado por escrito, de modo presencial ou a distância. Nesse ponto do trabalho, deve-se destacar que, além das questões orientadas para identificar os atributos da imagem do curso pertinentes ao MCI, foram formuladas questões demográficas, além das questões de opinião sobre o curso e daquelas relacionadas ao percurso profissional do egresso. Tais perguntas foram importantes para o cotejamento entre a imagem percebida do curso e a trajetória profissional do egresso – isto é, a percepção da relação de influência entre essas duas dimensões. Ainda que a inserção de questões referentes ao percurso profissional e à opinião dos egressos sobre o curso não fizesse parte do MCI, acreditou-se ser coerente a introdução delas, uma vez que permitiam agregar componente novo ao método e atender uma parte da problematização desta pesquisa.

A título de exemplo, a Figura 10 mostra parte do roteiro da entrevista relativa ao MCI. No Apêndice B, encontra-se o instrumento completo, com a inserção das questões demográficas e das questões sobre o percurso profissional do egresso.

**Figura 10 – Entrevista estruturada para a etapa de Configuração de Conteúdo da imagem**

DIMENSÕES DA IMAGEM	QUESTÕES
<b>Geral</b>	1. Quando eu digo <b>curso de Biblioteconomia (Termo Indutor)</b> , qual a primeira coisa que lhe vem à mente?
<b>Afetiva</b>	2. Que outras ideias lhe vêm à mente sobre o <b>curso de Biblioteconomia</b> ?
<b>Emocional</b>	3. Quais os sentimentos que lhe vêm à mente sobre o <b>curso de Biblioteconomia</b> ?
<b>Racional</b>	4. Do que você gostou no <b>curso de Biblioteconomia</b> ? 5. Do que você não gostou no <b>curso de Biblioteconomia</b> ?
<b>Simbólica</b>	6. Qual a utilidade do <b>curso de Biblioteconomia</b> para você?
<b>Visionária</b>	7. O que o <b>curso de Biblioteconomia</b> representou para você, na sua vida?
<b>Projeção</b>	8. O que você espera do <b>curso de Biblioteconomia</b> no futuro?
<b>Projeção</b>	9. Se você pudesse descrever em poucas palavras a imagem mais representativa do <b>curso de Biblioteconomia</b> perante a sociedade, qual seria essa imagem?

**Fonte:** Adaptada de Schuler; De Toni (2015, p. 160).

Diante do fato que as imagens são teoricamente compostas de informações de diversas naturezas, esse tipo de questão do roteiro de entrevista procurou incentivar o surgimento de atributos variados, representando essas naturezas distintas. Logo, as perguntas da Figura 10 se referem ao tipo de provocação que se procurou suscitar, levando-se em consideração as categorias dos atributos identificados na entrevista que se pretendeu agrupar no tratamento dos dados (SCHULER; DE TONI, 2015). Sendo assim:

As questões 1 e 2 da entrevista auxiliam na identificação indiscriminada dos atributos que fazem parte da memória do sujeito, mais proximamente ligados à menção do nome da organização, marca ou produto. Essas duas questões buscam entender genericamente o tipo de representação mental que o sujeito tem sobre o objeto (DICKSON e ALBAUM, 1977<sup>90</sup>; REYNOLDS e GUTMAN, 1984<sup>91</sup>). [...] As demais questões buscam dar maior complexidade à abordagem, repetindo o mesmo questionamento básico a partir de outros pontos de vista (a partir das várias dimensões da imagem), formando, assim, uma escala unidimensional, que se interessa em propor ao respondente um maior número de oportunidades de revelar os atributos que fazem parte de sua imagem do objeto pesquisado. O objetivo principal das escalas unidimensionais é abordar a mesma questão de formas distintas, de maneira a que o respondente revele seus pensamentos sobre uma questão específica a partir de vários pontos de vista. No caso, as demais questões trazem estímulos que fariam o respondente posicionar-se desde os pontos de vista afetivo, emocional, racional, sensorial, simbólico, visionário e axiomático, sobre o mesmo objeto (SCHULER; DE TONI, 2015, p. 159-160).

### 3.5 Tratamento dos dados da entrevista

Schuler e De Toni (2015) indicam a Análise de Conteúdo (AC) para o tratamento dos dados, a fim de distribuir os atributos identificados em categorias, a saber: afetiva, emocional, racional, sensorial, simbólica, visionária e axiomática. Nesta pesquisa, optou-se por suprimir as categorias sensorial e axiomática. A primeira diz respeito aos sentidos e, no caso, o objeto desta pesquisa não é um produto que faz apelo a esse aspecto, como por exemplo o telefone celular ou o vinho. Já a categoria axiomática remete aos princípios e valores pessoais e às conexões com a missão de vida do sujeito. Poder-se-ia até utilizar essa categoria de análise, no entanto, acredita-se que essa seria uma dimensão que, possivelmente, suscitaria dúvida aos egressos entrevistados.

Segundo Bardin (2004), entende-se por Análise de Conteúdo o conjunto de técnicas de análise das comunicações que, a partir da avaliação objetiva das mensagens, favorece o processo de inferências oriundas das informações extraídas dos conteúdos das mensagens resultantes do processo de investigação.

Krippendorff (2004), explica que a AC é reconhecida como uma das técnicas de análise mais importantes de pesquisa nas ciências humanas, a qual se defronta com intenções, representações, símbolos e referências dos indivíduos, distintivamente do que ocorre nas ciências naturais. Apresenta grande potencial para o tratamento de dados constituídos,

---

<sup>90</sup> DICKSON, J.; ALBAUM, G. A method for developing tailormade semantic differentials for specific marketing content areas. **Journal of Marketing Research**. v. 14, p. 87-91, February 1977.

<sup>91</sup> REYNOLDS, T. J.; GUTMAN, J. Advertising is image management. **Journal of Advertising**. v. 24, n. 1, p. 27-37, Feb./Mar. 1984.

apresentados na forma de textos, imagens e expressões que precisam ser vistos, lidos e compreendidos. Esta técnica pode se referir à verificação de hipóteses ou questões, com a finalidade de encontrar respostas para as perguntas formuladas ou, ainda, confirmar, ou não, os pressupostos estabelecidos no início da investigação, por meio da frequência de determinada palavra, conceito ou expressão. Também pode expor aquilo que está por detrás dos conteúdos manifestos, isto é, os aspectos qualitativos, explicitando sentidos ocultos ao que está sendo anunciado, como a presença ou ausência de conteúdo de determinado texto. Ambas as aplicações são complementares e podem ser utilizadas em pesquisa quantitativa ou qualitativa (BARDIN, 2004; GOMES, 2001).

A AC trabalha, imprescindivelmente, com procedimentos de classificação, codificação e categorização dos conceitos, cujo objetivo é inferir sobre os conhecimentos concernentes às condições de produção ou de recepção na comunicação. Diante disso, o pesquisador precisa se orientar com base em um conjunto de decisões sobre esses conceitos, definindo-os de forma clara e objetiva, para não incluir determinado significado em mais de uma categoria de modo equivocado (RODRIGUES; LEOPARDI, 1999).

A Análise de Conteúdo, enquanto modo de tratamento dos dados preconizado pelo MCI, é aplicada quando se deseja identificar e categorizar os atributos mais salientes da imagem do objeto pesquisado – no caso, o curso de Biblioteconomia da UFMG.

Quezada (1992)<sup>92</sup>, citado por De Toni (2005), identifica três métodos de análise de conteúdo: lógico-estético, análise semântica e análise lógico-semântica. Para De Toni (2005), o método que mais se encaixou na proposta do MCI foi o de análise lógico-semântica, uma vez que “não se ocupa das estruturas formais de um texto, de sua organização lógico-estética, de seu estilo e nem de seu sentido oculto, mas se atém diretamente ao conteúdo manifesto, interessando-se pelo significado diretamente acessível” (QUEZADA, 1992<sup>93</sup> apud DE TONI, 2005, p. 150).

O primeiro passo do tratamento desta etapa da pesquisa constituiu em listar todos os atributos citados pelos 40 respondentes, às vezes, de modo mais direto, por palavras ou pequenas expressões; outras vezes, de modo mais extenso, por meio de algumas frases, o que exigia mais esforço no tratamento. Os autores do MCI sugerem que, para se conceber e tratar essa lista de atributos, dever-se-ia proceder à validação de conteúdo, cujo processo

---

<sup>92</sup> QUEZADA, M. **El mensaje medio a medio**: qué encierran los diarios, la radio y la T.V. Santiago: Editorial Universitaria, 1992.

<sup>93</sup> QUEZADA, M. *Ibidem*, 1992.

seria realizado por dois ou três pesquisadores, que exerceriam o papel de juízes com experiência e conhecimento nesse tipo de trabalho e no tema pesquisado. O “Método de Juízes” possibilita que diferenças de interpretação sejam discutidas entre eles, com o intuito de minimizar erros interpretativos e, assim, chegar a uma conclusão de melhor qualidade e confiabilidade (MALHOTRA, 2001).

Neste momento da pesquisa, decidiu-se proceder a esse tratamento dos atributos de modo diferente daquele sugerido pelos autores do MCI. Isto é, em vez de se realizar o “Método de Juízes”, com a escolha de dois ou três pesquisadores que pudessem contribuir para a interpretação do conteúdo das respostas dos egressos, optou-se por utilizar o grupo de pesquisadores e de alunos que fazem parte do Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), vinculado ao PPGCI da UFMG e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).<sup>94</sup> Coordenado pelo professor orientador deste trabalho, o GEDII, fundado em janeiro de 2017, conta em sua composição docentes, técnicos e estudantes da UFMG, além de docentes da Universidade do Porto e da Universidade do Minho, ambas sediadas em Portugal, e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, sediada em Belo Horizonte. Tem como premissa a utilização do imaginário como perspectiva hermenêutica para a compreensão dos fenômenos infocomunicacionais, por conceber que a complexidade que envolve a relação do sujeito com a informação, muitas vezes, precisa ser analisada por meio de instrumentos e teorias que contemplem os aspectos inconscientes e afetivos envolvidos nessa relação. Esta vertente investigativa parte de uma característica intrínseca à Ciência da Informação, que é sua vocação multiperspectiva, oriunda do desenvolvimento progressivo do campo, relacionada aos aspectos multi e interdisciplinares que a área contempla desde sua origem.

O tipo de interesse que move os integrantes do GEDII corroborou enormemente com a ideia de interpretação proposta pela AC. Ademais, os integrantes são alunos de graduação em Biblioteconomia ou de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em CI. A sistemática utilizada pelo grupo para a análise dos atributos da imagem consistiu em realizar encontros frequentes, em que todo o grupo discutia conjuntamente as respostas dos egressos. Assim, os atributos eram concebidos de modo coletivo, após contundente debate acerca daquele conteúdo apreendido e possíveis interpretações. Torna-se necessário ressaltar o quanto esta sistemática de trabalho foi produtiva e enriquecedora tanto para a autora e o orientador desta pesquisa quanto para os outros integrantes do GEDII, especialmente os alunos de graduação

---

<sup>94</sup> Acesso em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3022296834260274>.

em Biblioteconomia que fazem parte do grupo em virtude do projeto de iniciação científica. Tal projeto busca contribuir para a formação dos alunos, propiciando uma articulação entre a graduação e a pós-graduação e possibilitar que pesquisadores envolvam discentes nas atividades científico-acadêmicas decorrentes de suas investigações. O objetivo era proporcionar a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, o que poderia contribuir para o desenvolvimento do aluno em várias perspectivas. Acredita-se que o envolvimento dos alunos nessa etapa de análise dos dados, certamente, contribuiu para a consecução deste objetivo.

Após a concepção da lista dos atributos pelo grupo GEDII, partiu-se para a segunda etapa desse processo, com o levantamento das frequências e da ordem de aparição dos atributos. Segundo De Toni (2005), esse tratamento foi inicialmente proposto por Abric (1984)<sup>95</sup> e Vergès (1992)<sup>96</sup>, com o objetivo de criar uma distinção entre os atributos mais próximos e os mais distantes do Termo Indutor – neste caso, do curso de Biblioteconomia da UFMG. Os atributos mais próximos são considerados como pertencentes à “Imagem Central” e os mais distantes são inseridos na “Periferia da Imagem” (Cf. seção 2.3).

Em termos operacionais, o que se fez foi inserir os atributos listados em uma planilha e, ao lado, informar os Valores de Ordem (VO), os Valores de Frequência (VF) e os Valores Totais (VT = VO + VF) de cada atributo. Os Valores de Ordem são mensurados da seguinte maneira: um atributo citado em primeiro lugar recebe um valor 5; em segundo, valor 4; em terceiro, valor 3; em quarto, valor 2; e em quinto lugar, valor 1. Os atributos citados do sexto lugar em diante não mais recebem Valor de Ordem (VO), somente Valor de Frequência (VF). Já o Valor de Frequência (VF) diz respeito ao número de vezes que um atributo foi citado pelos respondentes. Valor Total (VT) é o somatório simples dos valores conferidos aos atributos, sendo que “os atributos que se destacam por uma alta Frequência de Citação (VF) e por um alto Valor de Ordem (VF) apresentaram um alto Valor Total (VT), sendo considerados componentes da Imagem Central do produto (objeto) estudado” (SCHULER; DE TONI, 2015, p. 169).

Concluído esse processo de somatório dos valores dos atributos (VT), chegou o momento de dispor as zonas de proximidade dos atributos com o Termo Indutor, utilizando

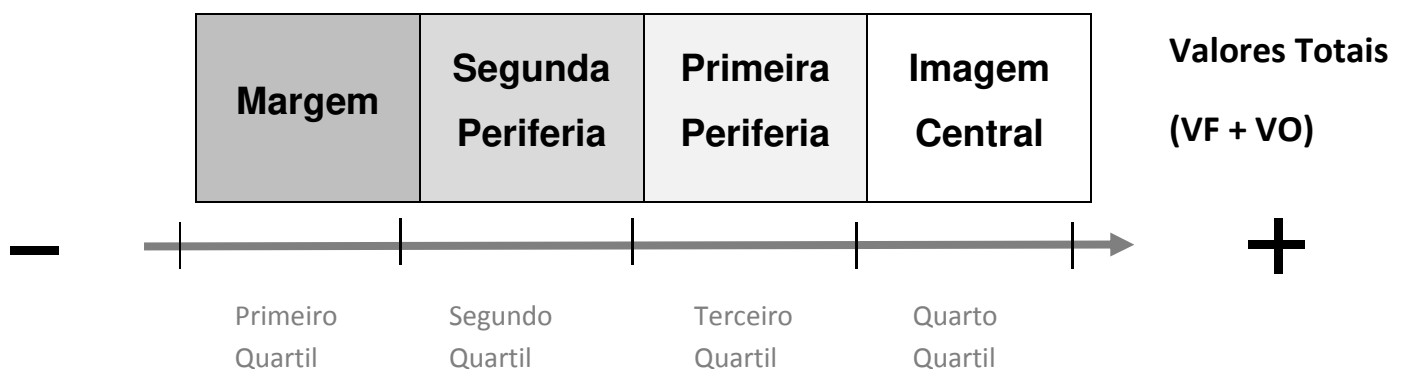
---

<sup>95</sup> ABRIC, J. C. A theoretical and experimental approach to the study of social representations in a situation of interaction. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Eds.) **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 169-183.

<sup>96</sup> VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, p. 203-209, 1992.

para isso a Divisão em Quartis, procedimento realizado pelo Excel, que possibilita a criação de intervalos. Foram gerados quatro intervalos, sendo o quarto quartil o de valores mais altos, isto é, os atributos considerados como pertencentes à Imagem Central. O terceiro quartil é considerado como Primeira Periferia da Imagem, pois tem o segundo valor mais alto. O segundo quartil, que tem o terceiro intervalo de valor mais alto, é denominado Segunda Periferia. O primeiro quartil é chamado Margem da Imagem, por deter os menores valores de intervalo (FIGURA 11).

**Figura 11 – Áreas de proximidade dos atributos com seu termo indutor**



**Fonte:** SCHULER; DE TONI, 2015, p. 170.

De acordo com De Toni (2005), a opção de utilizar a Divisão por Quartis para gerar as áreas de proximidades dos atributos com o seu Termo Indutor decorre

[...] da observação de resultados de outros procedimentos (ABRIC, 1984<sup>97</sup>; MINAYO, 1997<sup>98</sup>; VERGÈS, 1992<sup>99</sup>) e dos resultados de todos os esforços de pesquisa que precederam a formulação deste instrumento (SAMPAIO, 1998; CAIERON JÚNIOR, 1999; CHALA, 2000; SCHULER, 2000, 2004). Tanto no caso de avaliações quantitativas quanto de qualitativas, os atributos mais relevantes para a formação das imagens estudadas foram próximos de vinte e cinco por cento do total dos atributos revelados. A partir desta constatação, foi uma tentativa com a divisão em quartis, para as finalidades deste teste. E a adoção deste critério, como processo, gerou algumas indicações de sua eficiência (DE TONI, 2005, p. 154-155).

<sup>97</sup> ABRIC, J. C. A theoretical and experimental approach to the study of social representations in a situation of interaction. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Eds.) **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 169-183

<sup>98</sup> MINAYO, M. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Orgs) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 89-111.

<sup>99</sup> VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, p. 203-209, 1992.



Em suma, o MCI pressupõe que os atributos pertencentes à Imagem Central de determinado objeto “são os que apresentam a maior prontidão e frequência de aparição, quando é evocada a ideia da organização, marca ou produto” (SCHULER; DE TONI, 2015, p. 172), inserindo-se também neste contexto a ideia da prestação de serviço.

Para finalizar esta etapa de tratamento dos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, o Grupo GEDII se reuniu para categorizar os atributos, agora já devidamente identificados com seus valores de VF, VO e VT. As categorias atribuídas foram: afetiva, emocional, racional, simbólica e visionária.

Partiu-se, então, para a etapa de Configuração de Agrupamentos, em que foi aplicado o questionário eletrônico.

### **3.6 Seleção da amostra para a etapa de Configuração de Agrupamentos**

Nesta etapa, a abordagem é quantitativa e executada com uma amostra do mesmo universo da etapa Configuração de Conteúdo, porém com um número maior de respondentes. Schuler e De Toni (2015) recomendam a utilização de amostras aleatórias para a realização desta etapa.

Utilizando-se a fórmula habitual para selecionar uma amostra aleatória simples de universo de finitos elementos e considerando o universo de 486 egressos formados entre 2013 e 2017 com o erro amostral em 5%, dever-se-ia ter uma amostra de 215 respondentes em caso de nível de confiança em 95%, ou uma amostra de 175 respondentes com o nível de confiança em 90%.<sup>100</sup> Contudo, levando-se em conta a experiência anterior do trabalho de Mestrado desta autora (QUEIROZ, 2014), que utilizou como técnica de pesquisa o *survey* eletrônico, e outros trabalhos relatados na literatura sobre metodologia de pesquisa, conclui-se que o nível de retorno envolvendo questionários eletrônicos enviados por e-mail é muito inferior ao de pesquisas presenciais. Mesmo havendo estratégias de insistência, os níveis de confiança geralmente não são atingidos em se tratando de questionários enviados por e-mail. A princípio, antes mesmo da aplicação das entrevistas na primeira etapa da coleta de dados,

---

<sup>100</sup> COMENTTO – pesquisa de mercado. Apresenta calculadora amostral on-line. Disponível em: <<https://comentto.com/calculadora-amostal/>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

pensou-se em enviar o questionário eletrônico para todo o universo dos 486 egressos do curso de Biblioteconomia do período 2013-2017. Isto é, já se assumiu que a amostra seria a não probabilística, pois não haveria o sorteio dos respondentes, de modo a assegurar que a amostragem fosse aleatória.

Para justificar essa tomada de decisão, evoca-se Babbie (1999), que afirma que em amostras não probabilísticas pode ser levantada a amostragem intencional, ou por julgamento, que se baseia tanto no conhecimento da própria população, de seus elementos e das metas da pesquisa, como na confiança em sujeitos disponíveis, trabalhando com os sujeitos acessíveis no momento da aplicação do *survey*. Na mesma linha de Babbie (1999), Marconi e Lakatos (2007, p. 53) afirmam que “em determinados casos, considerações de diversas ordens impedem a escolha de uma amostra probabilística, ficando a cargo do pesquisador a tentativa de buscar, por outras vias, uma amostra representativa”. Assim, a busca por um subgrupo que seja típico em relação à população como um todo – isto é, uma amostra por tipicidade (MARCONI; LAKATOS, 2007) – pode ser uma forma de lidar com tal situação. Nesse caso, esse subgrupo, ou comunidade, deve apresentar características comuns ao objeto da pesquisa, o que no caso desta investigação foi facilitado pelo fato de os respondentes serem egressos de um único curso de graduação da UFMG, além de se encontrar também certa homogeneidade na população em questão no que tange ao gênero – a maioria dos egressos de Biblioteconomia é do sexo feminino. Embora se busque a representatividade da população, o fato de a amostra não ser aleatória não representa prejuízo para este tipo de pesquisa proposta (BABBIE, 1999).

A experiência da autora com a aplicação das entrevistas na etapa anterior da pesquisa fortaleceu a convicção de que seria igualmente difícil recrutar egressos de modo aleatório para responderem a um questionário eletrônico – nessa ocasião, com a necessidade de obter um número muito maior de respondentes. Então, para fins desta investigação, focou-se o retorno dos egressos do curso de Biblioteconomia no maior número possível, demonstrando o interesse e a reflexão sobre o curso em questão, sendo que, para se conseguir tal retorno, a divulgação na rede social Facebook foi novamente essencial. Em virtude dessa divulgação, que ocorreu primeiramente no dia 3 de abril de 2019, também pela rede social do orientador deste trabalho, repetindo-se depois mais duas vezes, foi possível atingir o número de 191 respondentes ao final de 28 dias.

Concomitantemente com a divulgação no Facebook, foi solicitado à UFMG que, por meio do seu serviço de envio de mensagens em massa, fosse também divulgado o

questionário aos egressos com contato eletrônico no minhaUFMG<sup>101</sup>, o que ocorreu no dia 4 de abril de 2019, conforme informou o Centro de Computação (Cecom) da Universidade. Ressalta-se que o minhaUFMG foi lançado em 2007, logo, os registros de contato dos egressos na UFMG começaram a ser obrigatoriamente criados após essa data. O universo, então, foi ampliado para o envio do questionário aos egressos formados entre o primeiro semestre de 2007 e o segundo semestre de 2018. Justifica também essa ampliação do universo da pesquisa o fato de a postagem no Facebook ter sido pública. Portanto, não se teria como controlar rigorosamente a observância do período de conclusão do curso. Ainda sobre os contatos eletrônicos do minhaUFMG, destaca-se que muitos estão desatualizados, pois foram criados no momento do ingresso do estudante no curso. Caso ele não tenha realizado o redirecionamento de seu e-mail institucional para uma caixa de e-mail particular, provavelmente, não está mais recebendo mensagens da UFMG. O fato é que o retorno dos egressos ocorreu mais contundentemente com as postagens realizadas no Facebook.

### **3.7 Instrumento de coleta de dados – questionário**

Nesta etapa de Configuração de Agrupamentos, o objetivo consistiu em medir a satisfação percebida nos atributos da imagem identificados na etapa Configuração de Conteúdo, bem como em agrupar os atributos em fatores de satisfação. Para tanto, foi aplicado um questionário eletrônico concebido com esses atributos definidos na etapa anterior. Tal instrumento foi acompanhado de escala de intervalo do tipo Likert de 10 pontos, sendo 1 o grau de menor satisfação e 10 o grau de satisfação extrema.

Segundo Schuler e De Toni (2015), algumas variações no MCI podem ser introduzidas em virtude das circunstâncias e dos objetivos da investigação. Diante desse contexto e seguindo o mesmo procedimento adotado no formulário da entrevista estruturada, além das questões fechadas, que visavam aferir a satisfação dos atributos da imagem percebida pelos respondentes, foram incorporadas ao questionário questões de opinião sobre o curso e a trajetória profissional dos egressos, além daquelas demográficas de costume, que estão no Apêndice C. Contudo, apenas como exemplo da estrutura do instrumento de coleta de dados desta etapa, apresenta-se o modelo de questionário (FIGURA 12).

---

<sup>101</sup> O minhaUFMG é um portal que centraliza a maioria das ferramentas eletrônicas da Universidade, disponibilizando informações de suporte acadêmico aos alunos como: correio, apoio on-line a disciplinas, sistema de matrículas, diário de classe e notícias.

### Figura 12 – Modelo de questionário para etapa Configuração de Agrupamentos

Dê uma nota de 0 a 10 para o nível de **satisfação** que têm para você as seguintes características do curso de Biblioteconomia da UFMG:

**“Quando eu penso no curso de Biblioteconomia da UFMG, o quão satisfeito eu estou...”**

1	Atributo 1	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	Atributo 2	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	Atributo 3	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4	Atributo 4	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5	Atributo 5	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6	Atributo 6	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7	Atributo 7	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8	Atributo 8	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9	Atributo 9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10	Atributo 10	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Fonte: Adaptada de SCHULER; DE TONI, 2015, p. 207.

Após a construção do questionário, tal como ocorreu na etapa anterior da coleta de dados, realizou-se um pré-teste no mês de março de 2019. Ainda que a estrutura do MCI seja parcialmente definida, alguns aspectos foram avaliados quanto a: clareza e precisão dos termos, quantidade, ordem, forma das perguntas e introdução (GIL, 2010).

Babbie (1999) afirma que a seleção de sujeitos para o pré-teste do instrumento de coleta pode ser realizada de modo flexível e variado, sem a necessidade de um controle da amostra. Por isso, foram selecionados seis ex-alunos, sendo três aleatórios – isto é, que não tiveram contato com a etapa anterior da pesquisa – e três que foram os mesmos que participaram do pré-teste da entrevista estruturada.

Produzido na ferramenta de formulários do Google, o questionário eletrônico foi considerado adequado para ser aplicado aos egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG. Contudo, alguns ajustes foram realizados para melhorar a compreensão e aumentar

a fluidez do instrumento. Por fim, com o tempo médio gasto pelos respondentes do pré-teste em torno de dez minutos, avaliou-se se o layout era agradável aos respondentes e se o tempo gasto no preenchimento do questionário não era excessivo a ponto de desanimar os participantes.

### 3.8 Tratamento dos dados do questionário

No que tange ao processo de tratamento e análise dos dados coletados por meio da aplicação do questionário eletrônico aos egressos do curso de Biblioteconomia, utilizou-se o software livre R, versão 3.3.2.

Em sua tese, De Toni (2005) sugere a adoção dos seguintes procedimentos de análise:

- a) univariados: para gerar estatísticas descritivas, tais como, frequências, médias e desvio-padrão;
- b) bivariados: para gerar análises cruzadas entre as variáveis demográficas e os indicadores das imagens;
- c) multivariados: aplicação da análise fatorial, para verificar as inter-relações mais fortes entre os atributos da imagem.

No caso da análise multivariada, em termos práticos, a análise fatorial propiciará a formação de alguns fatores de satisfação, e isso significa que esses

[...] grupos de atributos mais fortemente ligados entre si, tendo como fator de ligação a consideração de sua importância<sup>102</sup>, é que, sendo uma imagem mental uma informação holística, cuja característica é exatamente a existência de uma rede de relações entre os vários dados que a compõem, é de se supor que, quando se deseja modificar algo nessa imagem, se tenha que abordá-la também de forma holística, ou seja, dentro de toda a rede de ligações mais próximas com o atributo que se queira modificar (SCHULER; DE TONI, 2015, p. 210-211).

Em uma tabela, apresentou-se o registro de cada valor de “satisfação”<sup>103</sup> percebido para cada atributo, assim como o somatório geral desses valores e a média de “satisfação” de cada atributo, separados pelas categorias estabelecidas na etapa Configuração de Conteúdo. Em outra tabela, os agrupamentos dos atributos da imagem, divididos em fatores de “satisfação”.

---

<sup>102</sup> Neste caso, de sua “satisfação”.

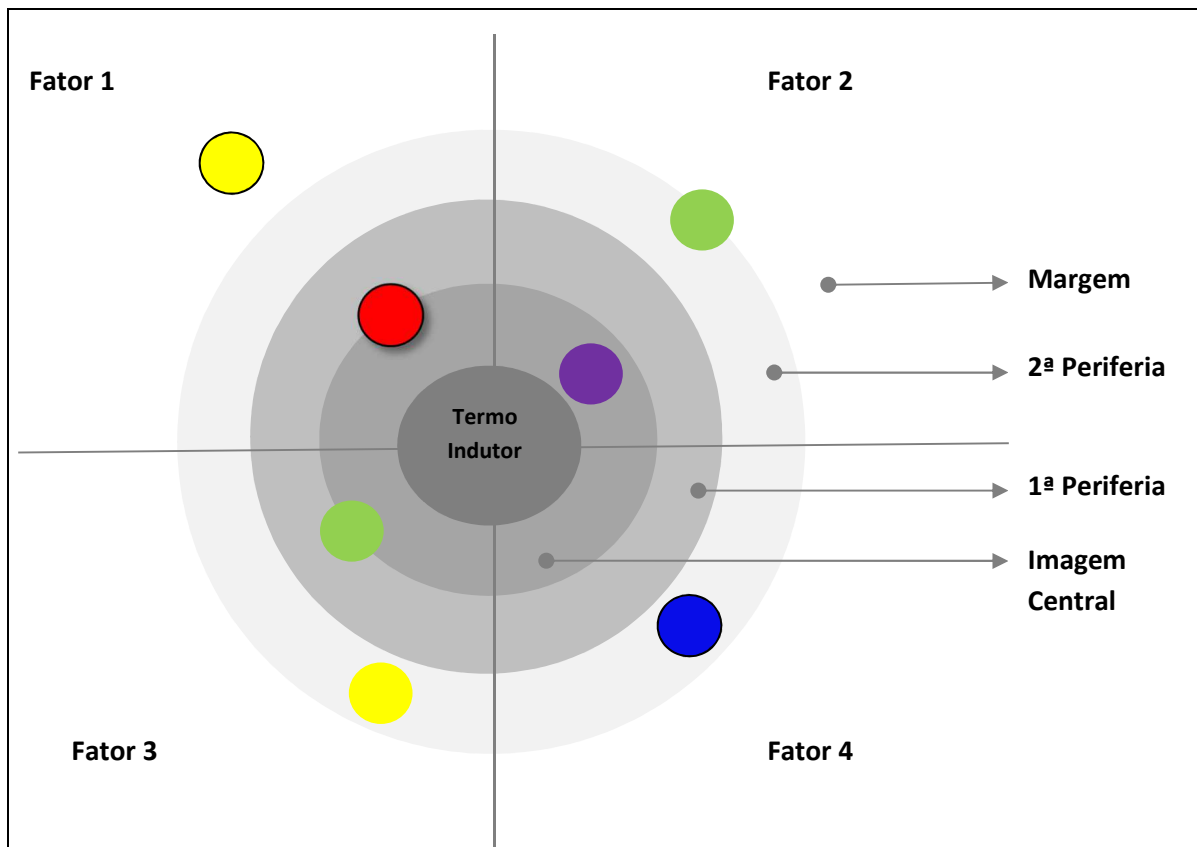
<sup>103</sup> Devido à especificidade do objeto que está sendo pesquisado, ponderou-se que seria mais relevante mensurar a “satisfação” dos egressos com relação aos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia, em vez de se mensurar a “importância” desses atributos.

Essa análise em que se tem a média de “satisfação”, bem como a separação dos atributos em fatores, é importante para a demonstração dos resultados, que são apresentados no formato de um gráfico e consolidados em um relatório.

### 3.9 Relatório de resultados

Como parte final dos procedimentos metodológicos, Schuler e De Toni (2015) recomendam a apresentação dos dados gerados em um formato de relatório composto por um Gráfico de Configuração da Imagem (GCI), que favorece uma melhor visão da imagem do objeto pesquisado, além de um quadro, onde se encontram as Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem (SAEGIs). Esse relatório contém recomendações de cunho gerencial que poderão subsidiar, se desejado, o gestor do objeto em questão com informações para uma tomada de decisão mais embasada. A Figura 13 mostra um modelo de GCI.











**Figura 13 – Modelo de Gráfico de Configuração da Imagem (GCI)**



**Fonte:** Adaptada de SCHULER; DE TONI, 2015, p. 177.

Neste modelo de GCI, é possível identificar o conjunto de atributos que compõem a imagem do objeto estudado e sua proximidade com relação ao Termo Indutor. Com base nos critérios adotados para delimitar as imagens, central e periférica, do objeto da pesquisa – a divisão em quartis –, dispõem-se os círculos concêntricos nas diferentes áreas de proximidade. Cada círculo corresponde a um atributo. Eles são dispostos de acordo com sua proximidade em relação ao Termo Indutor. Neste modelo, o gráfico está dividido em quatro fatias, que correspondem aos grupos, isto é, aos fatores de atributos mais fortemente relacionados entre si. A identificação dos fatores é realizada pela análise fatorial, ocorrida na etapa Configuração de Agrupamentos. O tamanho das fatias é determinado pelo valor de explicação de cada fator, o que significa que construtos com maior valor de explicação recebem maior espaço no gráfico. Neste, também se verifica a que tipo de categoria cada atributo pertence, assim como a indicação de satisfação percebida de cada atributo em relação aos respondentes. Os atributos considerados mais satisfatórios são aqueles que apresentaram um valor de satisfação acima da média na mensuração desse quesito. A Figura 14 mostra uma legenda explicativa para o GCI.

**Figura 14 – Modelo de legenda para o Gráfico de Configuração da Imagem**

Legenda	Atributo muito satisfatório (s/ contorno)	Atributo pouco satisfatório (c/ contorno)	Cor
Atributo visionário			Roxo
Atributo simbólico			Azul
Atributo afetivo			Verde
Atributo racional			Amarelo
Atributo emocional			Vermelho

**Fonte:** Adaptada de SCHULER; DE TONI, 2015, p. 176.

Por meio da visualização dos atributos no GCI, Schuler e De Toni (2015) apontam a possibilidade de proposição de estratégias de ação, levando-se em conta os objetivos dos gestores do objeto em questão. Essas estratégias são inseridas em um quadro e analisadas de acordo com as posições, os valores e as relações encontradas, que estão visualmente contempladas no GCI. No caso desta pesquisa, foram elaborados apenas apontamentos aos

gestores acadêmicos responsáveis pelo curso de Biblioteconomia da UFMG. A título de exemplo, a Figura 15 exibe um modelo de Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem (SAEGIs).

**Figura 15 – Modelo de Sugestões de Ações Estratégicas para a Gestão da Imagem**

Posição dos Atributos	Tipos de atributos		Ações estratégicas da gestão da imagem
Imagem Central	Positivos	Importantes	Quando um atributo positivo para a imagem do produto é importante para o consumidor se encontra na Imagem Central, essa posição deverá ser mantida, em primeiro lugar cuidando para que o produto apresente realmente aquele atributo, sempre de forma melhorada e, em segundo lugar, salientando esse atributo na comunicação, de forma a ligá-lo com a idéia da marca do produto. Ele representa um excelente argumento de vendas e pode significar um diferencial competitivo, em certos casos.
		Pouco Importantes	Quando um atributo positivo para a imagem do produto se encontra na Imagem Central, mas não é percebido como muito importante para o consumidor, ele pode requerer menor exigência do produtor, quanto à sua manutenção no produto, mas não a ponto de ser descuidado completamente. Um trabalho de comunicação pode ressaltar a importância desse atributo, colocando-o em situação de maior destaque junto ao público consumidor.
	Negativos	Importantes	Quando um atributo desfavorável para a imagem do produto é encontrado na sua Imagem Central, e isso é considerado para o consumidor como muito importante, urge o desligamento desse atributo da idéia do produto, ou do produto dessa marca específica. Esse desligamento deverá ser realizado com um trabalho intenso de comunicação, que inclui o reforço de outros atributos mais positivos e sobre os quais a organização tem domínio.
		Pouco Importantes	Buscar afastar esses atributos da Imagem Central, reforçando outros conceitos desejáveis, sendo um caso de menor gravidade do que quando o atributo é considerado importante.
Imagem Periférica	Positivos	Importantes	Uso intenso da comunicação, reforçando freqüentemente esse atributo como ligado à idéia do produto, tentando aproximá-lo da Imagem Central, dependendo do caso para realizar uma substituição, naquela posição, de um atributo negativo.
		Pouco Importantes	Sempre que possível, utilizar a comunicação como reforço desses atributos, buscando aumentar a percepção do público sobre a sua importância, além de aproximá-los cada vez mais da Imagem Central. Eles podem ser utilizados como substitutos para atributos negativos, encontrados na periferia da imagem quando, juntamente com o esforço de desligamento desses atributos negativos, se empreende a ação de reforçar a sua presença na mente do consumidor.
	Negativos	Importantes	Trabalhar, quando possível, no desligamento desses atributos da imagem do produto, tanto no seu desenvolvimento, quanto na sua comunicação. Reduzir a percepção da sua importância salientando outros aspectos considerados mais positivos.
		Pouco Importantes	Quanto menos referência se faz a esses atributos, maior a probabilidade de seu esquecimento.

Fonte: DE TONI, 2005, p. 169.

A análise do GCI e a da SAEGIs permitem revelar alguns aspectos importantes, segundo De Toni (2005):



- a) Quanto mais próximo um atributo estiver do Termo Indutor e quanto maior for sua importância relativa (quando medida) para os respondentes ou a satisfação percebida, possivelmente, maior será a força deste atributo para exercer algum tipo de influência.
- b) Os atributos que estão situados próximos ao Termo Indutor são mais estáveis e resistentes a mudanças, dependendo dessa aproximação da frequência<sup>104</sup>, recência<sup>105</sup> e vivacidade<sup>106</sup> com que determinado público percebe o atributo vinculado à imagem do objeto pesquisado. Logo, os atributos que estão no centro da imagem são aqueles que se conectam a ela de forma mais frequente, mais permanente e com maior impacto.

Presume-se que propor modificações na proximidade dos atributos que pertencem à Imagem Central exige maior investimento em tempo e recursos, visto que esses atributos são mais estáveis e resistentes a mudanças e, por consequência, mais difícil e demorado será o processo de seu afastamento. Isso significa que em determinadas situações, para desvincular um atributo negativo que esteja na Imagem Central de uma organização, uma marca, um produto ou um serviço será preciso contar com importantes operações estratégicas que salientem outros atributos mais favoráveis à construção da imagem que se deseja para o objeto em questão (DE TONI, 2005).

Finalizando a explicação sobre os procedimentos de tratamento e análise dos dados e em face das informações apresentadas, é com tranquilidade que se reitera que a escolha do MCI para esta pesquisa se mostrou pertinente por se tratar de um método que prioriza a percepção de determinado público acerca dos atributos do objeto analisado. O MCI empenha-se em evitar que se deposite na configuração da imagem de determinado objeto o viés de percepção dos gestores que podem destacar os atributos do objeto de modo diferente daqueles percebidos pelos usuários ou clientes – no caso desta pesquisa, pelos egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG.

---

<sup>104</sup> Diz respeito ao número de vezes que um dado foi vivenciado ou repetido pelo indivíduo.

<sup>105</sup> Diz respeito a quando os dados foram recentemente percebidos na mente do indivíduo.

<sup>106</sup> Diz respeito ao impacto causado no indivíduo pela experiência na qual ele percebe os dados.

### 3.10 Síntese dos procedimentos metodológicos do Método de Configuração de Imagem

Para a realização do MCI, foi necessária a promoção da fase qualitativa prévia – Configuração de Conteúdo –, por meio da análise de conteúdo de entrevistas estruturadas realizadas com 40 egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG, para identificar e categorizar os atributos da imagem do curso. Um questionário eletrônico foi aplicado a uma amostra maior. Por conseguinte, realizou-se a análise quantitativa dos dados – Configuração de Agrupamentos –, para reconhecer os atributos mais inter-relacionados. Ao fim, um relatório foi apresentado, em que informações sobre a imagem do curso foram dispostas visualmente em um gráfico e apontadas algumas reflexões aos gestores acadêmicos. O Quadro 5 sintetiza todo esse percurso metodológico alicerçado pelo MCI, contendo o cronograma de execução das atividades envolvidas no trabalho.

#### Quadro 5 – Cronograma das atividades de aplicação do Método de Configuração de Imagem (2018-2019)

(continua)

TAREFA	RESPONSÁVEL	INÍCIO	TÉRMINO	DURAÇÃO/DIAS
<b>Pré-teste</b>				
Entrevista 1 (presencial oral)	Autora e bolsistas GEDII	10/out	19/out	9
Entrevista 2 (presencial escrita)	Autora e bolsistas GEDII	10/out	19/out	9
Entrevista 3 (a distância, por e-mail)	Autora e bolsistas GEDII	10/out	19/out	9
<b>Tabulação e tratamento dos dados</b>				
Transcrição da entrevista oral	Bolsistas GEDII	16/out	26/out	10
Reunião de trabalho para análise dos dados	Grupo GEDII	30/out	01/nov	2
Avaliação para fechamento do instrumento	Autora e orientador	08/nov	08/nov	1
<b>Preparação das entrevistas</b>				
Sorteio da amostra	Autora	01/nov	05/nov	4
Contato com selecionados	Autora	01/nov	08/nov	7
Divulgação no Facebook	Autora e orientador	08/nov	08/nov	1
<b>Aplicação das entrevistas</b>				
Entrevistados 1 a 10	Autora	12/nov	05/dez	23
<b>Avaliação</b>				
Entrevistado 11 a 20	Autora	12/nov	05/dez	23

(conclusão)

<b>TAREFA</b>	<b>RESPONSÁVEL</b>	<b>INÍCIO</b>	<b>TÉRMINO</b>	<b>DURAÇÃO/DIAS</b>
<b>Avaliação</b>	Grupo GEDII	27/nov	27/nov	1
Entrevistado 21 a 30	Autora	12/nov	05/dez	23
<b>Avaliação</b>	Grupo GEDII	04/dez	04/dez	1
Entrevistado 31 a 40	Autora	12/nov	05/dez	23
<b>Avaliação</b>	Grupo GEDII	11/dez	11/dez	1
<b>Tabulação e tratamento dos dados</b>				
Entrevistas de 1 a 40	Autora	07/dez	22/jan	46
Análise dos dados da Configuração de Conteúdo	Grupo GEDII	25/jan	12/fev	18
Preparação para etapa seguinte (Configuração de Agrupamentos): construção do questionário eletrônico e pré-teste	Autora	01/mar	31/mar	30
<b>Aplicação dos questionários eletrônicos</b>				
Publicação no Facebook	Autora e orientador	03/abr	03/abr	1
Divulgação pelo email institucional da UFMG	Autora e orientador	04/abr	04/abr	1
Nova publicação no Facebook	Autora e orientador	10/abr	10/abr	1
Nova publicação no Facebook	Autora e orientador	22/abr	22/abr	1
Enceramento do período para preenchimento dos questionários	Autora	03/abr	30/abr	28

Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA**

Nesta seção, apresenta-se a fase empírica da investigação em que foi realizada a análise qualiquantitativa dos dados, conforme orientam os procedimentos do MCI. Primeiramente, apontam-se os dados demográficos dos respondentes, com o intuito de caracterizá-los para a etapa Configuração de Conteúdo, em que se buscou identificar os principais atributos percebidos pelos ex-alunos com relação ao curso de Biblioteconomia da UFMG. Na sequência, os atributos foram classificados em cinco categorias – racionais, afetivos, emocionais, simbólicos e visionários – e posicionados, considerando sua distância relativa com o Termo Indutor, a fim de vislumbrar as regiões diferenciadas dos atributos – Imagem Central, Primeira Periferia, Segunda Periferia e Margem –, conforme exposto na Figura 11, seção 3.5.

De posse das informações acerca da delimitação da imagem em áreas de proximidade dos atributos com o Termo Indutor, o passo seguinte consistiu em aplicar o questionário eletrônico na etapa Configuração de Agrupamentos, em que se procurou apontar a satisfação relativa dos respondentes com os atributos identificados da imagem do curso. Feito isso, os resultados dessas duas etapas foram apresentados em um gráfico – o GCI – e algumas reflexões foram propostas. Por fim, as informações sobre a trajetória profissional dos egressos e a opinião deles sobre certos aspectos do curso, constantes tanto na entrevista estruturada quanto no questionário eletrônico, foram também discutidas, com o propósito de se alicerçar os achados relacionados aos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG.

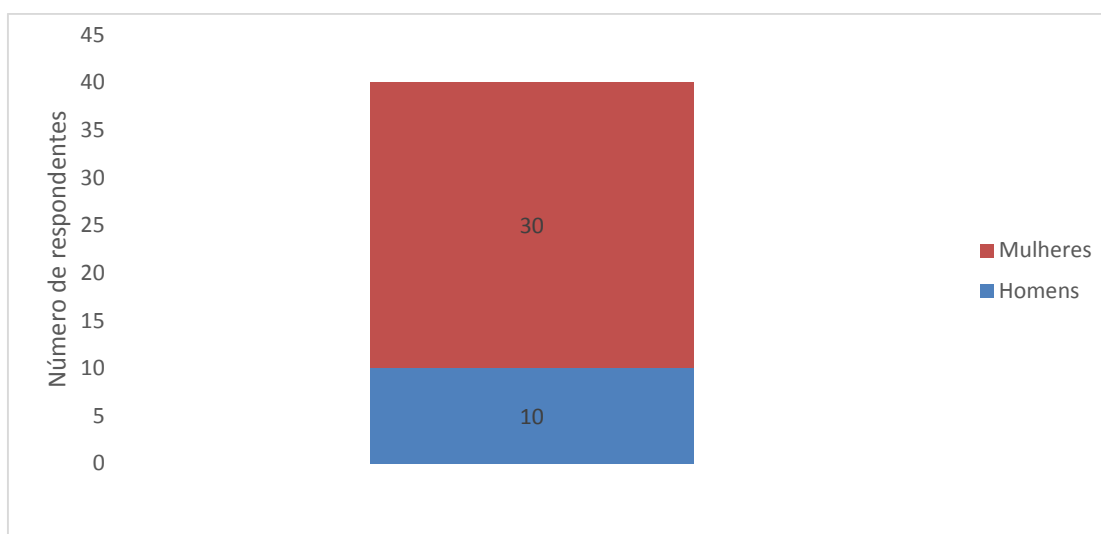
### **4.1 Caracterização da amostra de respondentes da entrevista estruturada**

Nesta etapa, conforme já citado, a amostra contou com a participação de 40 egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG que se formaram entre o primeiro semestre de 2013 e o segundo de 2017.

Quanto ao sexo<sup>107</sup>, a maioria dos respondentes compõe-se de mulheres; isto é, 30 entrevistadas, conforme demonstrado no Gráfico 1.

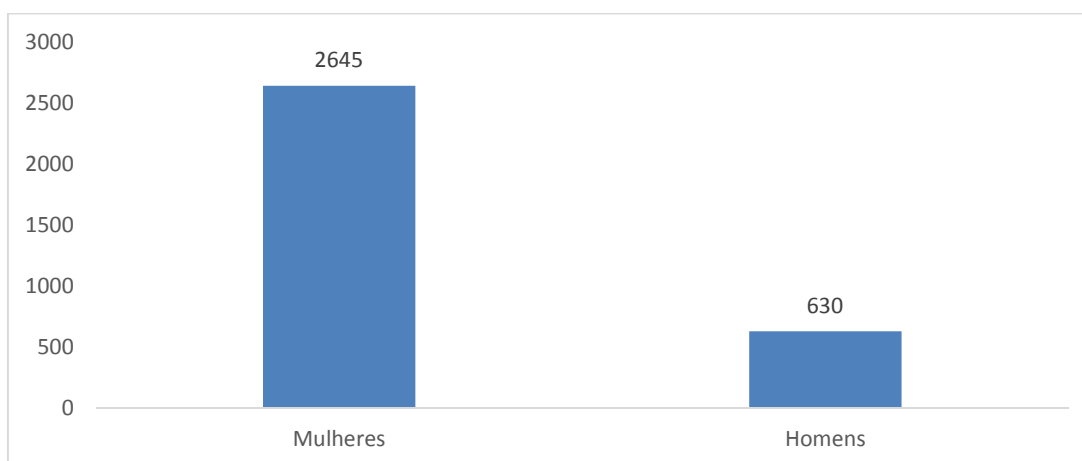
---

<sup>107</sup> Na entrevista, foi perguntado o sexo do respondente, se masculino ou se feminino, referindo-se à

**Gráfico 1 – Distribuição dos respondentes da entrevista estruturada por sexo (Q2)**

Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

A título de informação sobre a questão da notória tradição de o curso de Biblioteconomia despertar mais o interesse das mulheres, podem ser apresentados os seguintes números, com base em relatório extraído do Sistema de Informação de Egressos do Programa Sempre UFMG, nomeado “Quem é Quem UFMG” (GRÁFICO 2).

**Gráfico 2 – Distribuição de formados no curso de Biblioteconomia de 1972 a 2018 por sexo**

Fonte: Elaborado pela autora. Sistema de Informação de Egressos do Programa Sempre UFMG. Abril de 2019.

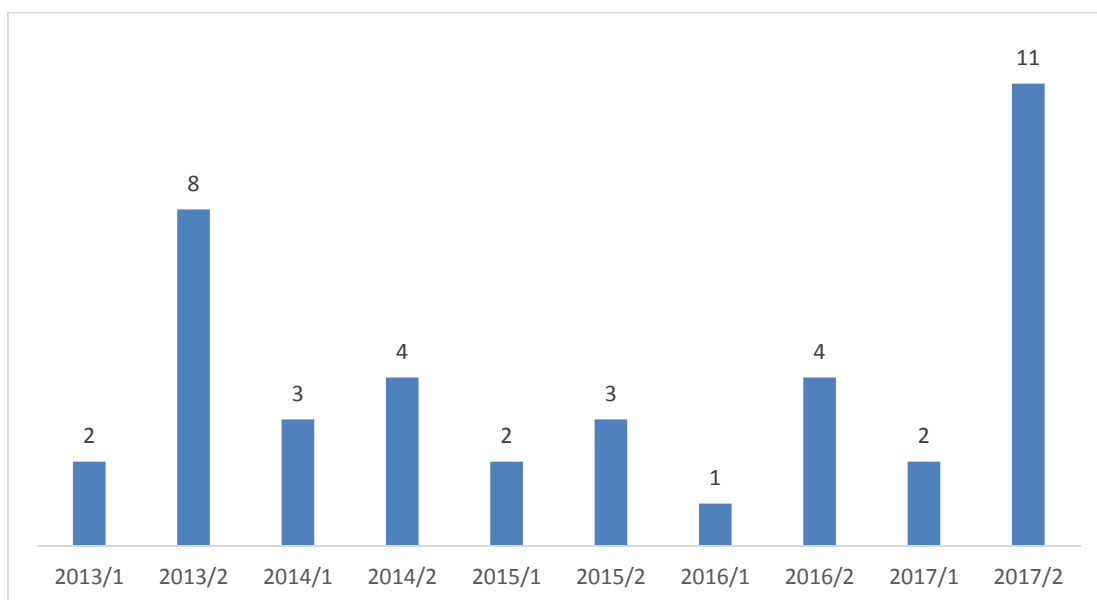
---

indicador biológico. Contudo, foi dada a liberdade de se responder livremente e, caso a pessoa não se identificasse com uma dessas opções, poderia escrever outra resposta, o que não ocorreu.

Importante destacar que o maior número de respondentes do sexo feminino na entrevista favoreceu a coerência da amostra típica, em que se tentou identificar um subgrupo típico em relação à população total de egressos de Biblioteconomia da UFMG.

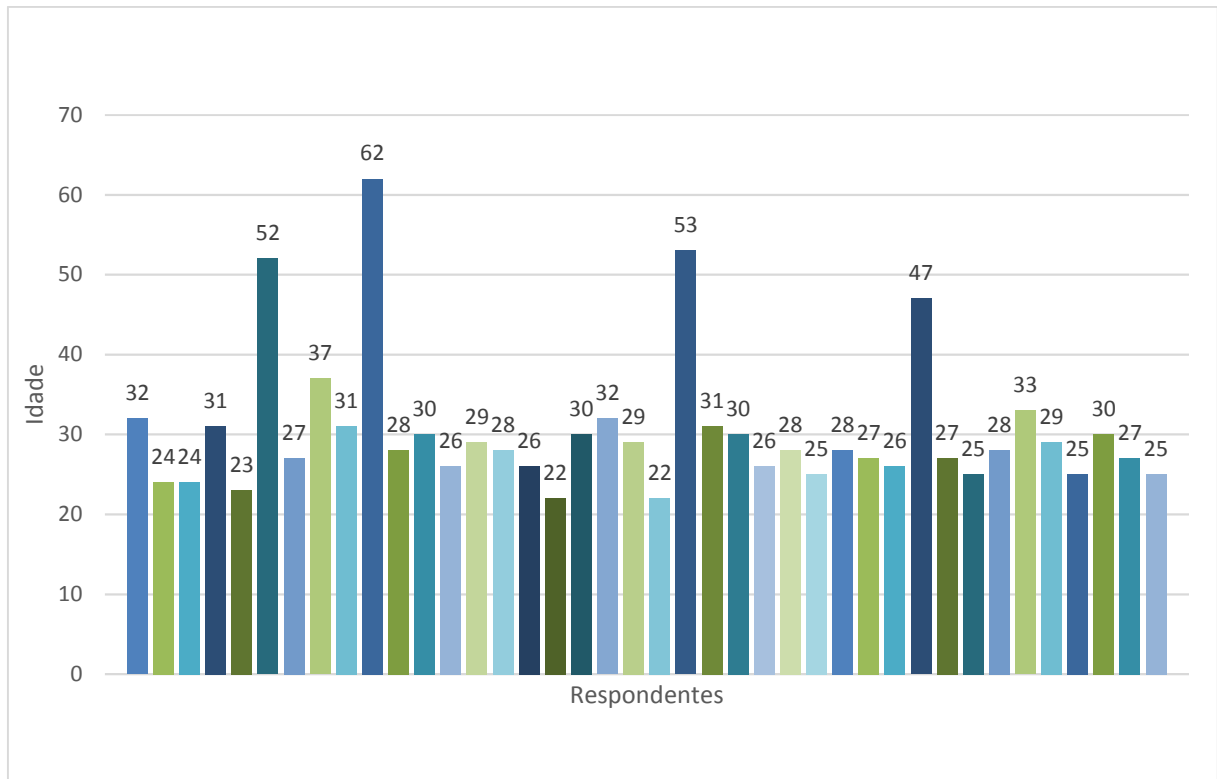
Sobre o período de conclusão do curso da amostra de respondentes da entrevista, houve frequências dentro do intervalo desejado entre 2013 e 2017, isto é, egressos já formados na grade curricular implantada em 2009 (GRÁFICO 3).

**Gráfico 3 – Distribuição dos respondentes da entrevista segundo o ano de conclusão do curso de Biblioteconomia (Q8)**



Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

A média de idade dos entrevistados ficou na faixa dos 30 anos (GRÁFICO 4), sendo que a maior concentração esteve entre 25 e 31 anos. Isso talvez tenha ocorrido devido ao período de conclusão do curso, ou seja, entre 2013 e 2017.

**Gráfico 4 – Distribuição dos respondentes da entrevista segundo a idade (Q1)**

Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

O Apêndice D apresenta a tabela com o consolidado dos dados agregados referente ao perfil demográfico e acadêmico dos entrevistados. A tabela revela: 73% dos respondentes são solteiros; a renda familiar mensal concentra-se majoritariamente (28%) na faixa de R\$ 4.000,00 até R\$ 5.000,00 e a renda individual mensal (43%) na faixa de rendimentos entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.000,00, sendo que 65% da amostra não são os principais responsáveis pelo sustento familiar; embora a maioria tenha se autodeclarada preta e parda, 28% e 35%, respectivamente, os brancos apareceram em maior número nessa amostra, representando cerca de 38%; mais de 40% são os únicos do núcleo familiar com curso superior, ainda que 55% pertencem a famílias com mais um ou dois membros também graduados; houve certo equilíbrio entre o turno diurno (matutino e vespertino) e o noturno (55% e 45%, respectivamente), o que não ocorreu com o curso de Biblioteconomia como primeira opção, uma vez que 68% alegaram que ele não seria o curso escolhido como primeira opção de graduação; o programa de cotas, ainda que não tenha sido o principal meio de ingresso no curso, pois os não cotistas representaram cerca de 53% da amostra, revelou sua importância como instrumento de ingresso no ensino superior, posto que 48% foram contemplados nas

modalidades racial, social ou em ambas; em torno de 68% dos respondentes ainda não haviam realizado ou não estavam com uma pós-graduação em andamento, sendo que para aqueles que continuaram os estudos, 23% foi em nível de Especialização.

Em complemento à Questão 10, importante comentar que entre os cursos que os entrevistados gostariam de ter feito como primeira opção destacam-se: Direito, Psicologia, Sistemas de Informação, Comunicação Social, História, Engenharias, Arquitetura, Pedagogia, Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Letras, Matemática, Enfermagem, Administração Pública e Medicina. Alguns até começaram a fazer dois desses cursos (Direito e Arquitetura), mas passaram para o curso de Biblioteconomia ao perceberem que não gostavam do curso em que estavam.

Entre as razões pela opção por Biblioteconomia (Questão 11), o fato de se ter um parente bibliotecário foi o fator mais preponderante. Seguiram-se: a indicação de amigos ou professores, gosto por leitura e livros, oportunidade em concursos públicos, menor concorrência ainda em período em que a seleção era por vestibular e identificação com a área ao se procurar informações sobre o que realmente se tratava o curso. Em menor número, alguns entrevistados citaram: já estarem trabalhando como auxiliar de biblioteca; formação complementar a uma outra formação já concluída, como Pedagogia; semelhança com o curso de Sistemas de Informação, não sendo Ciência da Computação; mais facilidade para ingressar para posteriormente pedir transferência para outro curso, como Artes Visuais; e, segundo o Entrevistado 17, “por gostar muito de livros, acreditava que seria um bom passatempo enquanto cursava ENEM novamente para tentar o curso que eu desejava”.

Caracterizado o perfil dos egressos respondentes da entrevista estruturada, na seção seguinte, apresentam-se os atributos identificados da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG.

## **4.2 Identificação dos atributos da imagem do curso**

Seguindo os procedimentos do MCI para a identificação dos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia (seção 3.5), após vários procedimentos de revisão do *corpus* para tratamento da informação, como a interpretação dos dados e a lematização dos termos para a redução das palavras (*e.g.* verbos na forma infinitiva; palavras na forma masculina singular), encontraram-se 49 atributos para o referido curso (TABELA 1).



**Tabela 1 – Atributos do curso de Biblioteconomia**

Nº	ATRIBUTO	VT	Nº	ATRIBUTO	VT
1	Biblioteca	81	26	Frustração	11
2	Informação	62	27	Normalização	11
3	Livro	62	28	Ponte para o mercado de trabalho	11
4	Leitura	43	29	Recuperação da informação	11
5	Organização	43	30	Ciência da Informação	10
6	Paixão/amor	43	31	Evolução	10
7	Conhecimento	28	32	Formação do leitor	10
8	Disseminação da informação	27	33	Maior diálogo com a área tecnológica	10
9	Usuário	26	34	Redundante	10
10	Desconhecido	25	35	Técnica	10
11	Cultura	24	36	Tecnologia	10
12	Qualidade do corpo docente	21	37	Compartilhamento	9
13	Socialização	18	38	Gestão da informação	9
14	Bibliotecário	14	39	História	9
15	Exercício profissional	14	40	Oportunidades profissionais	9
16	Valorização da profissão/curso	14	41	Satisfação	9
17	(Des)valorização do bibliotecário	13	42	Acesso	8
18	Engessado	13	43	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	8
19	Pesquisa	13	44	Comprometimento docente	8
20	Inadequação ao mercado	12	45	Desamparo	8
21	Organização da informação	12	46	Empatia	8
22	Competência informacional	11	47	(Falta de) atualização dos professores	8
23	Democratização da informação	11	48	(Falta de) didática	8
24	(Excesso de) teoria	11	49	Força da marca UFMG	8
25	(Falta de) reconhecimento no mercado	11			

Fonte: Elaborada pela autora. Abril de 2019.

Nota 1: Embora os atributos *(des)valorização do bibliotecário*, *(falta de) reconhecimento no mercado* e *valorização da profissão/curso* pareçam semelhantes, eles são semanticamente diversos. Para entender melhor essa diferença, basta consultar as questões correspondentes aos atributos que foram inquiridas no questionário eletrônico (Apêndice C).

A Tabela 1 expõe os atributos mais salientes da imagem, isto é, aqueles que apresentaram valor total (VT) mais alto. Pelo fato de o VT ser o somatório entre o valor de ordem/evocação (VO) e o valor de frequência (VF), conclui-se que esses atributos foram os mais prontamente citados e/ou citados por mais respondentes.

Em se tratando da definição dos pontos de corte para as coordenadas de frequência e de ordem de evocação, não existe critério único estabelecido em técnicas para caracterizar

a estrutura de uma representação social a partir de evocações de palavras (WACHELKE; WOLTER, 2011). A literatura indica que em alguns casos se usa a mediana; em outros, a média das evocações, levando-se em consideração apenas os termos incluídos na análise, após o descarte das palavras abaixo da frequência mínima estabelecida. Os resultados podem ser levemente diferentes quando obtidos por meio da mediana ou da média. Contudo, isso não interfere na análise final dos atributos. Neste trabalho, considerou-se a média das evocações.

### 4.3 Categorização dos atributos da imagem do curso

A categorização também foi operacionalizada com a participação do grupo GEDII, que fez o papel de juiz na interpretação dos atributos, para enquadrá-los nas categorias propostas pelo MCI. Após a identificação dos atributos da imagem do curso e a inclusão deles nas categorias racional, afetiva, visionária, emocional e simbólica, apresenta-se a Tabela 2:

**Tabela 2 – Atributos da imagem do curso divididos por categoria**

(continua)

CATEGORIA RACIONAL		
Atributo	VT	Percentual
<b>Biblioteca</b>	81	9,26
<b>Informação</b>	62	7,09
<b>Livro</b>	62	7,09
<b>Leitura</b>	43	4,91
<b>Organização</b>	43	4,91
<b>Conhecimento</b>	28	3,20
<b>Disseminação da informação</b>	27	3,09
<b>Usuário</b>	26	2,97
<b>Cultura</b>	24	2,74
<b>Bibliotecário</b>	14	1,60
<b>Exercício profissional</b>	14	1,60
<b>Engessado</b>	13	1,49
<b>Pesquisa</b>	13	1,49
<b>Organização da informação</b>	12	1,37
<b>Competência informacional</b>	11	1,26
<b>(Excesso de) teoria</b>	11	1,26
<b>Normalização</b>	11	1,26
<b>Recuperação da informação</b>	11	1,26

(continua)

<b>CATEGORIA RACIONAL</b>		
<b>Atributo</b>	<b>VT</b>	<b>Percentual</b>
Ciência da Informação	10	1,14
Formação do leitor	10	1,14
Técnica	10	1,14
Compartilhamento	9	1,03
Gestão da informação	9	1,03
História	9	1,03
Oportunidades profissionais	9	1,03
Acesso	8	0,91
(Falta de) atualização dos professores	8	0,91
(Falta de) didática	8	0,91
<b>Subtotal</b>	<b>596</b>	<b>68,10</b>
<b>CATEGORIA AFETIVA</b>		
<b>Atributo</b>	<b>VT</b>	<b>Percentual</b>
Desconhecido	25	2,86
Qualidade do corpo docente	21	2,40
Socialização	18	2,06
(Des)valorização do bibliotecário	13	1,49
Inadequação ao mercado	12	1,37
(Falta de) reconhecimento no mercado	11	1,26
Redundante	10	1,14
Comprometimento docente	8	0,91
Empatia	8	0,91
<b>Subtotal</b>	<b>126</b>	<b>14,40</b>
<b>CATEGORIA VISIONÁRIA</b>		
<b>Atributo</b>	<b>VT</b>	<b>Percentual</b>
Democratização da informação	11	1,26
Ponte para o Mercado de trabalho	11	1,26
Maior diálogo com a área tecnológica	10	1,14
Tecnologia	10	1,14
Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	8	0,91
<b>Subtotal</b>	<b>50</b>	<b>5,70</b>
<b>CATEGORIA EMOCIONAL</b>		
<b>Atributo</b>	<b>VT</b>	<b>Percentual</b>
Paixão/amor	43	4,91
Frustração	11	1,26
Satisfação	9	1,03
Desamparo	8	0,91
<b>Subtotal</b>	<b>71</b>	<b>8,10</b>

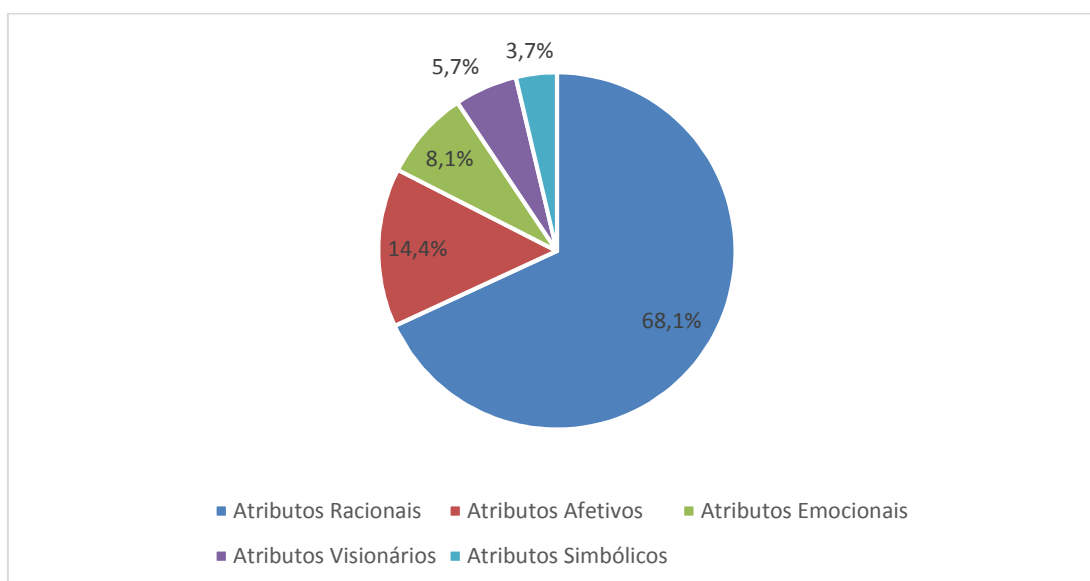
(conclusão)

CATEGORIA SIMBÓLICA		
Atributo	VT	Percentual
Valorização da profissão/curso	14	1,60
Evolução	10	1,14
Força da marca UFMG	8	0,91
<b>Subtotal</b>	<b>32</b>	<b>3,70</b>
<b>TOTAL</b>	<b>875</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pela autora. Abril de 2019.

A Tabela 2 mostra que os atributos, além de estarem agrupados por categoria, estão com os percentuais dos valores totais apresentados para, demonstrar o peso que cada categoria tem em relação à imagem do curso. O Gráfico 5 expõe visualmente essa distribuição dos atributos entre as categorias.

#### Gráfico 5 – Distribuição dos atributos entre as categorias



Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

É patente que a composição dos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia direciona-se em primeiro lugar para fatores racionais (68,1%), seguindo-se os afetivos (14,4%) e os emocionais (8,1%). Com menos impacto, estão os atributos classificados como visionários (5,7%) e simbólicos (3,7%).

Importante salientar que a categorização varia dependendo do objeto analisado. No caso deste trabalho, em virtude da especificidade do objeto – isto é, por se tratar de um serviço

de Educação, mais especificamente na área de formação profissional –, a categoria que apresentou os elementos mais ligados à representação e às características e atividades gerais do curso foi, sem dúvida, a racional. Para exemplificar, retoma-se o trabalho de MILAN; DE TONI e BARAZETTI (2005), em que se investigou a configuração de imagem no ambiente de serviços de saúde – no caso, um serviço de fisioterapia. Os três tipos de pacientes (pós-operatórios, neurológicos e crônicos) identificaram outro tipo de categoria analisada (a cognitiva), como a mais preponderante em relação àquelas categorias trabalhadas.

Outro ponto que também merece ser ressaltado prende-se à opção de aplicar a entrevista de modo escrito. Isso, conforme mencionado no item 3.4, poderia cercear a espontaneidade dos respondentes e privilegiar o aparecimento dos aspectos racionais da imagem. Contudo, acredita-se que isso não tenha interferido de modo significativo nos resultados. Adverte-se que esta questão deverá ser considerada quando da realização de trabalhos futuros sobre o assunto.

As categorias sinalizam os aspectos inerentes aos atributos identificados. Com o intuito de facilitar o entendimento da sistemática de enquadramento dos atributos nessas cinco categorias, ainda que de modo bastante sucinto, apresenta-se na Figura 17 uma síntese dos aspectos considerados.

**Figura 16 – Sinalizadores dos atributos**

<b>CATEGORIA</b>	<b>ASPECTOS</b>
Racional	Benefícios; funcionalidade; características; relações causais; estrutura e ordem
Afetiva	Reconhecimento; respeito; valorização
Emocional	Apreciação; ataque; fuga; medo; percepção de características de masculinidade e feminilidade; ritos
Visionária	Distorções criativas; ilusões; visão ideal
Simbólica	Capacidade de autorrepresentação para o mundo; capacidade de autorrepresentação para si mesmo; analogias e metáforas

Fonte: Adaptada de SCHULER; DE TONI, 2015, p. 153-156.

#### 4.4 Delimitação da imagem central do curso

Conforme já explicitado também na seção 3.5, após a apuração dos valores de frequência (VF) e de ordem/evocação (VO), da somatória dos dois, que é o valor total (VT), e da categorização de cada atributo, procedeu-se na etapa seguinte à atribuição das posições relativas dos atributos em relação a seu Termo Indutor – o curso de Biblioteconomia da UFMG. Para identificar as diferentes áreas de proximidade entre os atributos e o Termo Indutor, aplicou-se a divisão por quartis – operação do Excel –, ao conjunto de valores totais dos atributos, tendo sido encontrados os seguintes intervalos da Tabela 3:

**Tabela 3 – Zonas de proximidade dos atributos com o Termo Indutor**

QUARTIL	ZONA DE PROXIMIDADE	INTERVALO
4	Imagem Central	81 a 18
3	1ª Periferia	< 14 a 12
2	2ª Periferia	< 11 a 10
1	Margem	< 9 a 8

Fonte: Elaborada pela autora. Abril de 2019.

Após determinar os intervalos das áreas de proximidade dos atributos em relação ao curso de Biblioteconomia, o procedimento seguinte consistiu em posicioná-los (TABELA 4).

**Tabela 4 – Atributos divididos pela zona de proximidade com o Termo Indutor**

(continua)

Nº	ATRIBUTOS	VT
<b>IMAGEM CENTRAL</b>		
1	Biblioteca	81
2	Informação	62
3	Livro	62
4	Leitura	43
5	Organização	43
6	Paixão/amor	43
7	Conhecimento	28

(continua)

<b>Nº</b>	<b>ATRIBUTOS</b>	<b>VT</b>
	<b>IMAGEM CENTRAL</b>	
<b>8</b>	Disseminação da informação	27
<b>9</b>	Usuário	26
<b>10</b>	Desconhecido	25
<b>11</b>	Cultura	24
<b>12</b>	Qualidade do corpo docente	21
<b>13</b>	Socialização	18
	<b>1ª PERIFERIA</b>	
<b>14</b>	Bibliotecário	14
<b>15</b>	Exercício profissional	14
<b>16</b>	Valorização da profissão/curso	14
<b>17</b>	(Des)valorização do bibliotecário	13
<b>18</b>	Engessado	13
<b>19</b>	Pesquisa	13
<b>20</b>	Inadequação ao mercado	12
<b>21</b>	Organização da informação	12
	<b>2ª PERIFERIA</b>	
<b>22</b>	Competência informacional	11
<b>23</b>	Democratização da informação	11
<b>24</b>	(Excesso de) teoria	11
<b>25</b>	(Falta de) reconhecimento no mercado	11
<b>26</b>	Frustração	11
<b>27</b>	Normalização	11
<b>28</b>	Ponte para o mercado de trabalho	11
<b>29</b>	Recuperação da informação	11
<b>30</b>	Ciência da Informação	10
<b>31</b>	Evolução	10
<b>32</b>	Formação do leitor	10
<b>33</b>	Maior diálogo com a área tecnológica	10
<b>34</b>	Redundante	10
<b>35</b>	Técnica	10
<b>36</b>	Tecnologia	10
	<b>MARGEM</b>	
<b>37</b>	Compartilhamento	9
<b>38</b>	Gestão da informação	9
<b>39</b>	História	9
<b>40</b>	Oportunidades profissionais	9
<b>41</b>	Satisfação	9
<b>42</b>	Acesso	8
<b>43</b>	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	8

(conclusão)

Nº	ATRIBUTOS	VT
	<b>MARGEM</b>	
44	Comprometimento docente	8
45	Desamparo	8
46	Empatia	8
47	(Falta de) atualização dos professores	8
48	(Falta de) didática	8
49	Força da marca UFMG	8

Fonte: Elaborada pela autora. Abril de 2019.

Na Tabela 4, os 49 atributos mais salientes da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG estão divididos entre as quatro áreas de proximidade com Termo Indutor, sendo a Imagem Central composta por 13 atributos: *biblioteca, informação, livro, leitura, organização, paixão/amor, conhecimento, disseminação da informação, usuário, desconhecido, cultura, qualidade do corpo docente e sociabilidade*.

#### 4.5 Preparação do questionário eletrônico

A execução da etapa metodológica de identificação dos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG permite conceber o questionário eletrônico contendo as perguntas que se referiam ao nível de satisfação dos egressos respondentes com os atributos da imagem desse curso.

Nesse estágio da pesquisa, novamente, o Grupo do GEDII se reuniu para avaliar o modo mais adequado para elaborar as indagações, com o intuito de minimizar possíveis problemas de entendimento. Como foram 49 atributos identificados, foram também elaboradas 49 perguntas para se aferir a satisfação percebida dos egressos com esses atributos da imagem do curso.

Como explicitado no item 3.8, além de mensurar a satisfação percebida, procurou-se identificar os subgrupos de atributos mais fortemente inter-relacionados. Como ocorreu na entrevista estruturada, questões pertinentes à trajetória profissional e à opinião dos egressos sobre o curso e as perguntas demográficas de praxe também foram inseridas no instrumento. No Apêndice C, é possível apreciar o questionário aplicado à amostra de respondentes egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG.



#### **4.6 Caracterização da amostra de respondentes do questionário eletrônico (survey)**

Como já mencionado na seção 3.6, 191 egressos do curso de Biblioteconomia responderam ao questionário. O Apêndice E sintetiza os dados demográficos e acadêmicos dos respondentes.

Os dados revelam que a idade dos egressos que participaram desta etapa da pesquisa concentrou-se majoritariamente (81%) entre 25 e 49 anos, sendo que a maior concentração foi na faixa de 35 a 39 anos (21%). Acima dos 50 anos, houve 27 respondentes (14%) e abaixo dos 25 apenas 9, isto é, cerca de 5% da amostra. Visivelmente, a faixa de idade dos respondentes do questionário foi mais alta que a faixa dos respondentes da entrevista.

Quanto ao gênero, tal como ocorreu nas entrevistas, a maioria foi de respondentes do sexo feminino, 81% da amostra.

Em relação ao estado civil, a distribuição foi homogênea entre os respondentes solteiros e os casados, 46% e 44%, respectivamente.

Sobre a renda familiar bruta, houve certo equilíbrio entre a de mais de R\$ 1.500,00 até R\$ 2.000,00 e a de mais de R\$ 10.000,00, sendo que a maior frequência, 31 respondentes, foi a faixa de renda informada mais de R\$ 6.000,00 até R\$ 10.000,00. Nota-se que a porcentagem somada daqueles que marcaram as opções entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00 (32%) pouco se diferenciou daqueles que informaram a renda entre R\$ 1.500,00 e R\$ 4.000,00 (37%).

Com relação a etnia, tal como nas entrevistas, aqueles que se autodeclararam “brancos” foram em maior número, 44%. Contudo, os autodeclarados “pretos” (14%) e “pardos” (40%) somaram 54% da amostra.

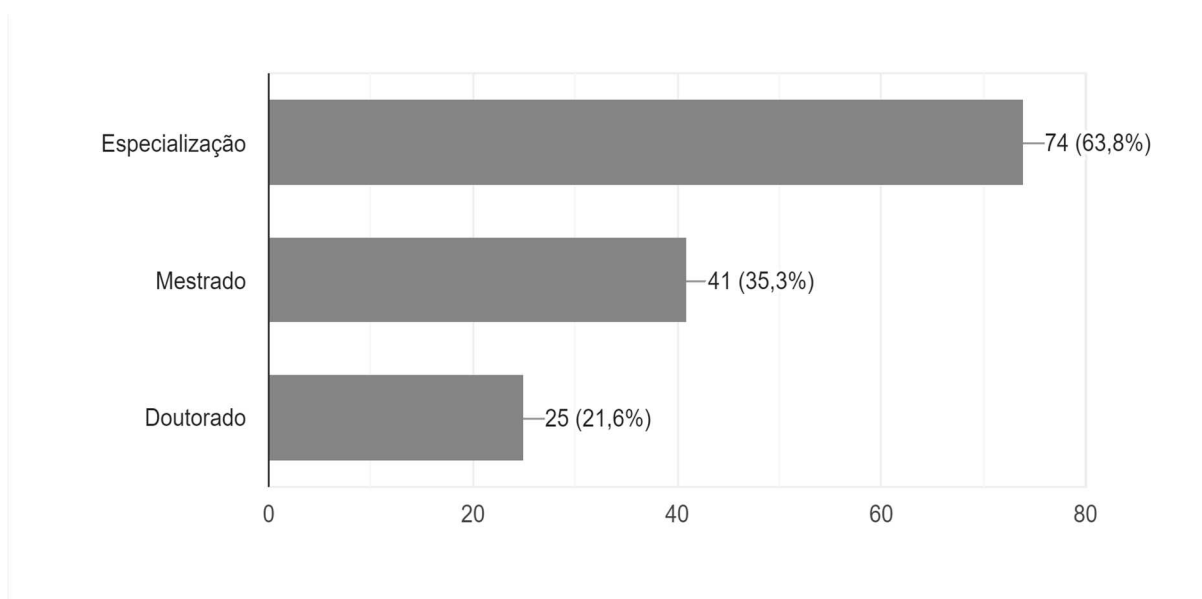
No que diz respeito ao ano de conclusão do curso de Biblioteconomia, observou-se uma variação bastante representativa, pois houve respondentes que se formaram desde o início dos anos 1980 até mais recentemente, em 2019. Deve-se ressaltar, contudo, que a concentração dos respondentes esteve entre 2012 e 2018, o que significou 55% da amostra.

Sobre o turno de ingresso no curso, a maior parte, 75%, afirmou que ingressou no matutino ou no vespertino.

Quanto ao ingresso na UFMG por meio das cotas, a maioria (78%) informou que não se utilizou deste recurso. Quanto aos que ingressaram por cotas, destaca-se a cota social, com 13% dos respondentes. Os que entraram utilizando as duas modalidades equivaleram a 8% da amostra e os que ingressaram pela cota racial foram apenas 2 egressos (1%).

Quanto à continuidade dos estudos, a realização de pós-graduação foi marcada por 116 egressos, 61% da amostra. Destes, 60 fizeram ou estão fazendo uma Especialização; 11, fizeram Especialização e Mestrado; 20, o Mestrado; 15, o Doutorado; 7, Mestrado e Doutorado; e 3, os três níveis de pós-graduação, ou seja, Especialização, Mestrado e Doutorado. Como nesta questão o respondente poderia marcar mais de uma opção, construiu-se o Gráfico 6 para apresentar a soma total dos níveis.

**Gráfico 6 – Nível de Pós-graduação realizada ou em andamento (Q.11)**



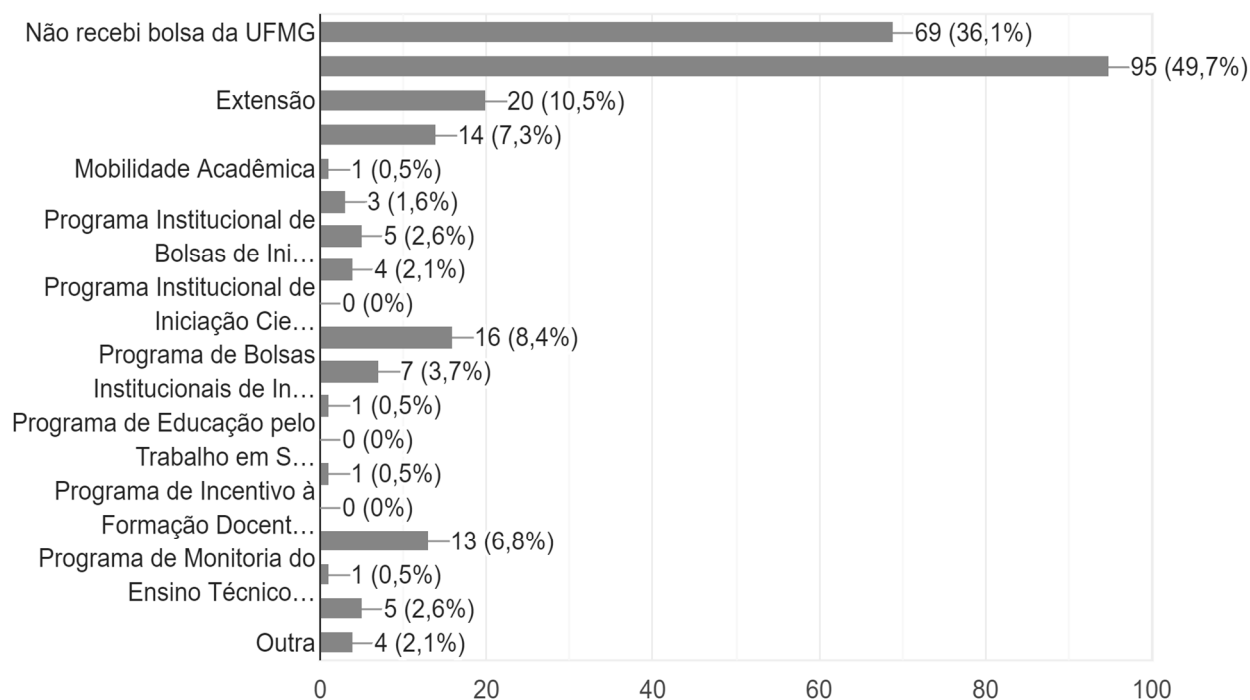
Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Para fins de comparação desta etapa de qualificação da amostra, considerando as variáveis sexo, idade, estado civil e educação continuada, retomam-se as pesquisas abordadas na seção 2.4. Inegavelmente, em todas as pesquisas nela apresentadas – Baptista (1998), Walter (2008), Santos *et al.* (2016) e Queiroz (2014) – a questão feminina foi majoritária. A pesquisa de Santos *et al.* (2016) foi a que apresentou a amostra com respondentes mais novos e a de Walter (2008) contou com respondentes em faixas etárias

mais altas. Este trabalho atual e a pesquisa de Baptista (1998) tiveram a amostragem mais semelhante em se tratando da faixa etária. Quanto ao estado civil, na amostra de Walter (2008) 69% dos respondentes informaram ser casados, viúvos ou viviam em união estável. Já na amostragem de Santos *et al.* (2016) a maioria era composta por solteiros (68%). Neste trabalho atual ocorreu uma distribuição mais uniforme entre os respondentes solteiros e os casados, 46% e 44%, respectivamente. Contudo, se forem somadas as porcentagens dos divorciados, separados, viúvos e outros com a dos casados, estes passam para 54% da amostra, tornando-se a maioria. Em se tratando da educação continuada, a tendência parece ser de elevação, uma vez que depois da pesquisa de Baptista (1998), a primeira delas, as de Walter (2008), Queiroz (2014), Santos *et al.* (2016) e esta atual apresentaram elevação no número de pós-graduados (*lato* ou *stricto sensu*), com especial destaque para a amostragem de Santos *et al.* (2016), que contou com uma amostra em que 91% tinham pós-graduação.

Retornando ao questionário desta pesquisa, apresenta-se a pergunta que inquiria sobre o recebimento de alguma bolsa vinculada à UFMG durante a graduação, para a qual também era permitida a marcação de mais de uma opção, o que levou à construção do Gráfico 7.

**Gráfico 7 – Recebimento de bolsa vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (Q.9)**



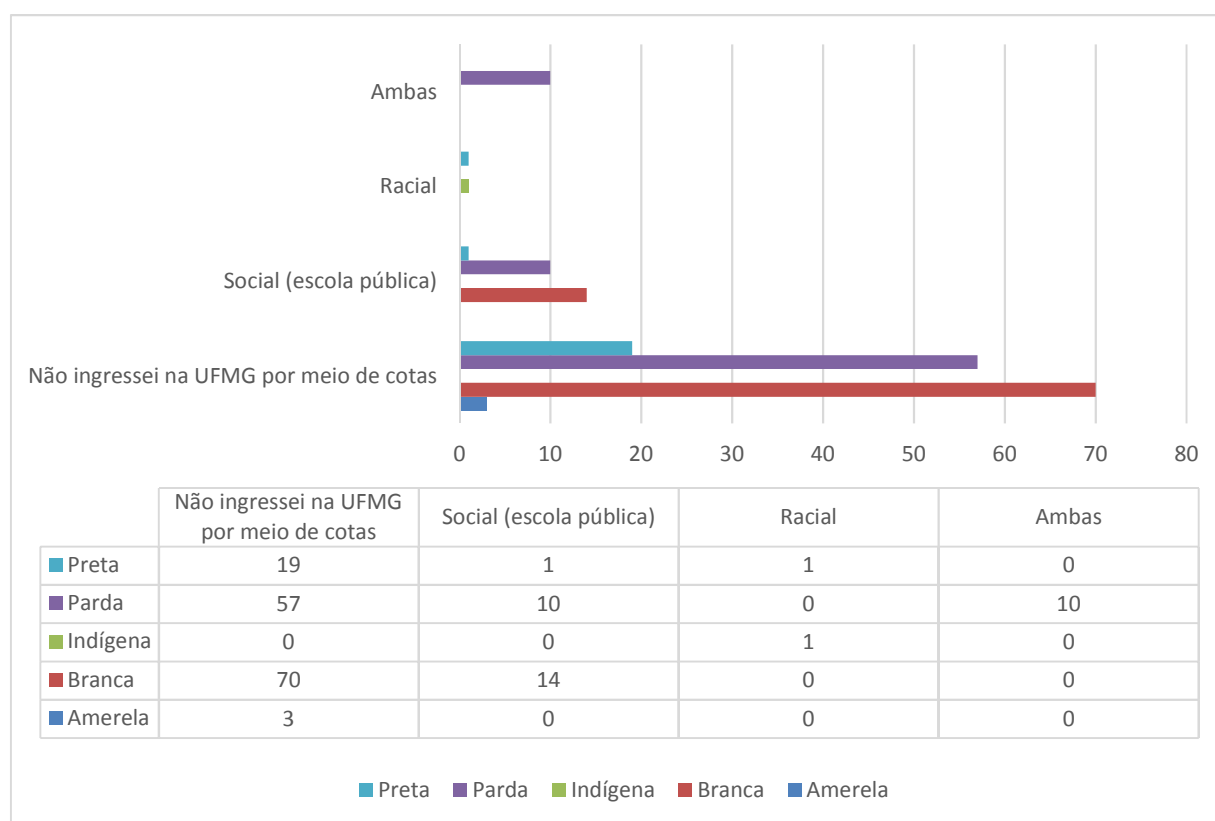
Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nota: a legenda das barras segue a ordem de cima para baixo, a saber: “Não recebi bolsa da UFMG”; “Bolsas assistenciais da FUMP (manutenção, transporte)”; “Extensão”; “Formação Profissional Complementar (BFPC/FUMP)”; “Mobilidade Acadêmica”; “Programa Especial de Graduação (PEG)”; “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)/CNPq”; “Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária”; “Programa Institucional de Iniciação Científica/PIBIC-CNPq”; “Programa de Bolsas Institucionais de Iniciação Científica e Tecnológica/PROBIC-FAPEMIG”; “Programa de Educação Tutorial (PET)”; “Programa de Imersão à Docência (PID)”; “Programa de Monitoria de Graduação (PMG)”; “Programa de Monitoria do Ensino Técnico (PMET)”; “Pronoturno”; “Outra”. Registra-se que Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af); Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFD) e Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET Saúde) não pontuaram.

A maioria dos respondentes afirmou que recebeu algum tipo de bolsa da UFMG enquanto estudantes. Dentre as bolsas que mais despontaram citam-se: as da FUMP, de manutenção/transporte e de Formação Profissional Complementar (BFPC), marcadas por 95 e 14 respondentes respectivamente; a de Extensão, por 20; a de Iniciação Científica/PIBIC-CNPq, por 16; e a de Monitoria da Graduação (PMG), por 13.

Sobre a questão das cotas e da realização de pós-graduação, foram realizados alguns cruzamentos entre variáveis, merecendo destaque aquele feito entre cota e etnia, e cota e renda familiar, bem como entre a variável pós-graduação e o gênero do respondente. A respeito das cotas, a lei federal que rege este mecanismo atualmente é de 2012. Entretanto, já em 2009 a UFMG adotava seu próprio sistema de bonificação para estudantes oriundos de escolas públicas e/ou estudantes que se autodeclaravam negros. Os gráficos 8, 9 e 10 apresentam essas análises.

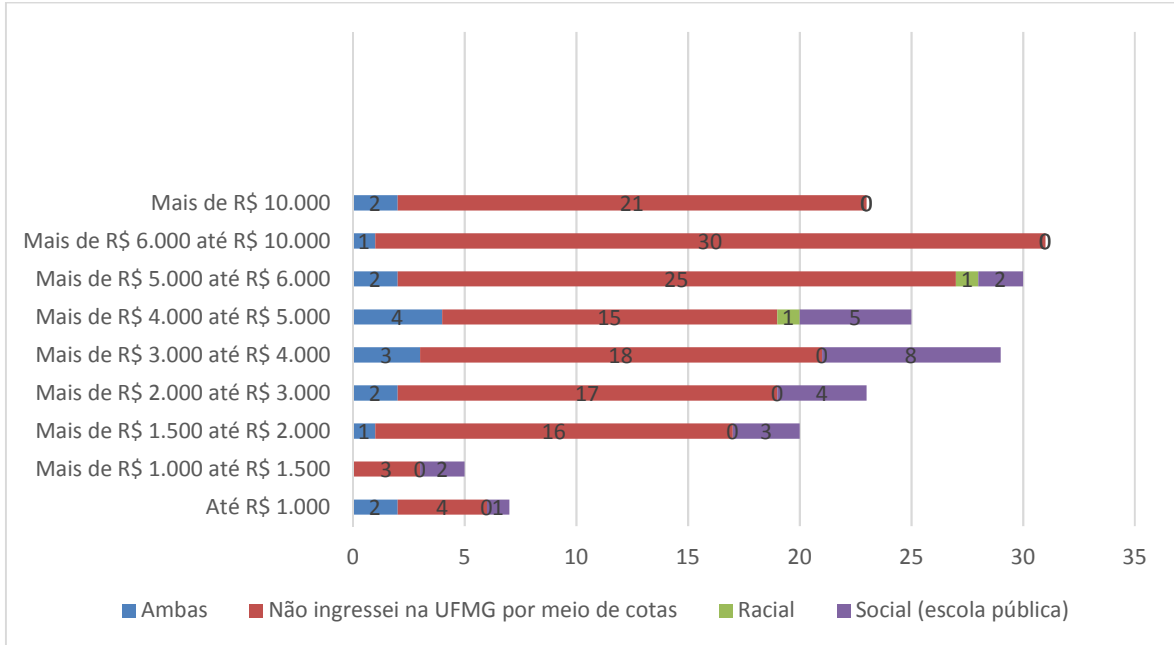
**Gráfico 8 – Cruzamento entre a variável etnia (Q.5) e a variável cota (Q.8)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nota: a apresentação é em frequência.

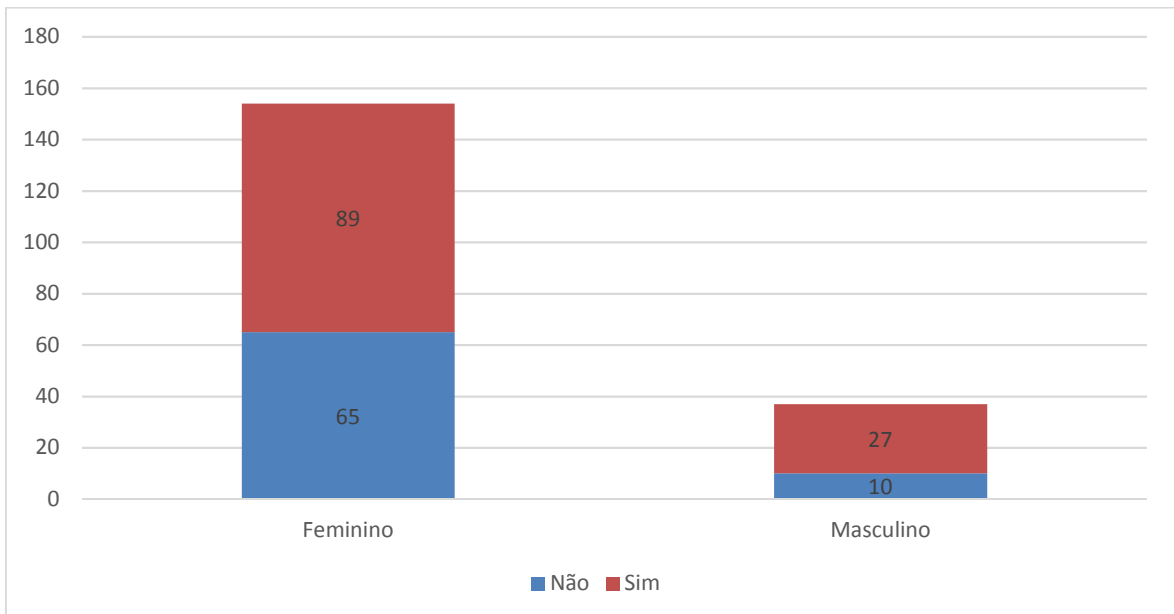
**Gráfico 9 – Cruzamento entre a variável renda familiar bruta (Q.4) e a variável cota (Q.8)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nota: a apresentação é em frequência.

**Gráfico 10 – Cruzamento entre a variável gênero (Q.2) e a variável pós-graduação (Q.8)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nota: a apresentação é em frequência.

É preciso fazer uma observação quanto ao Gráfico 9: a renda familiar diz respeito ao contexto atual do respondente, e não ao da época da entrada no curso de graduação em Biblioteconomia. Sobre o Gráfico 10, apurou-se que, proporcionalmente, os homens buscaram mais a educação continuada: 73% contra 58% das mulheres.

Em uma seção mais à frente neste trabalho, analisam-se os dados de opinião do egresso sobre o curso e os de sua trajetória profissional, extraídos do questionário eletrônico. Esses mesmos dados foram obtidos nas entrevistas estruturadas da primeira etapa da pesquisa.

#### **4.7 Revelando a satisfação dos atributos da imagem do curso percebida pelos egressos**

Nessa etapa, como já foi citado na seção **3.8**, o objetivo foi aferir a satisfação percebida quanto aos 49 atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG do ponto de vista de seus egressos. No questionário, as questões dedicadas a essa mensuração apresentavam uma escala tipo Likert, em que a nota zero significa “nada satisfeito”; e a nota dez, “muito satisfeito”. A Tabela 5 apresenta os valores das médias de satisfação e o desvio padrão de cada atributo.

**Tabela 5 – Médias de satisfação dos atributos do curso**

(continua)

<b>NÚMERO</b>	<b>ATRIBUTO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA</b>	<b>MÉDIA</b>	<b>DESVIO PADRÃO</b>
49	Força da marca UFMG	8,403	2,113
31	Evolução	8,22	2,124
41	Satisfação	7,775	2,566
1	Biblioteca	7,565	2,209
2	Informação	7,461	2,343
6	Paixão/Amor	7,366	2,656
7	Conhecimento	7,236	2,014
12	Qualidade do corpo docente	7,188	2,178
3	Livro	7,168	2,343
42	Acesso	7,079	2,234
24	(Excesso) de teoria	7,042	2,348

(conclusão)

<b>NÚMERO</b>	<b>ATRIBUTOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA</b>	<b>MÉDIA</b>	<b>DESVIO PADRÃO</b>
4	Leitura	6,974	2,27
30	Ciência da Informação	6,853	2,346
9	Usuário	6,832	2,42
27	Normalização	6,832	2,508
8	Disseminação da informação	6,806	2,317
5	Organização	6,801	2,26
29	Recuperação da informação	6,785	2,31
44	Comprometimento docente	6,754	2,314
21	Organização da informação	6,733	2,254
11	Cultura	6,539	2,399
47	(Falta de) atualização dos professores	6,461	2,436
19	Pesquisa	6,435	2,767
13	Socialização	6,351	2,529
37	Compartilhamento	6,335	2,302
38	Gestão da informação	6,304	2,48
35	Técnica	6,204	2,57
22	Competência informacional	6,194	2,464
32	Formação do leitor	6,188	2,5
23	Democratização da informação	6,131	2,49
14	Bibliotecário	6,126	2,529
48	(Falta de) didática	5,869	2,477
15	Exercício profissional	5,723	2,413
43	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	5,707	2,511
40	Oportunidades profissionais	5,634	2,974
34	Redundante	5,539	2,568
39	História	5,215	2,728
33	Maior diálogo com a área tecnológica	5,147	2,671
28	Ponte para o mercado de trabalho	4,901	2,746
45	Desamparo	4,843	2,621
46	Empatia	4,801	2,806
17	(Des)valorização do bibliotecário	4,754	2,685
16	Valorização da profissão/curso	4,749	2,766
36	Tecnologia	4,749	2,55
20	Inadequação ao mercado	4,686	2,643
26	Frustração	4,675	2,585
25	(Falta de) reconhecimento no mercado	4,539	2,772
18	Engessado	4,361	2,703
10	Desconhecido	4,178	2,63
	Média geral	6,188	

Fonte: Elaborada pela autora. Maio de 2019.



De acordo com o MCI, o ponto de corte entre os atributos com alto valor de satisfação e os com baixo deve considerar a média geral do objeto em questão. Neste caso, para os atributos do curso de Biblioteconomia com média igual ou superior a 6,188 o nível de satisfação foi alto. Já para os de médias inferiores a esse valor o nível de satisfação foi baixo. Deve-se ressaltar que os atributos (*excesso*) de teoria, (*falta de*) atualização dos professores, (*falta de*) didática, (*des*)valorização do bibliotecário e (*falta de*) reconhecimento no mercado foram aferidos utilizando-se as perguntas em modo invertido. Por exemplo, para mensurar a satisfação com o atributo (*falta de*) didática, perguntou-se o quão satisfeito o respondente estava com a “didática” empregada pelos professores durante o curso. O mesmo ocorreu com esses atributos supramencionados.

A Tabela 6 permite verificar como ficou a configuração das cinco categorias em que os atributos do curso foram classificados em relação às médias de satisfação.

**Tabela 6 – Atributos da imagem do curso em relação às categorias e às médias de satisfação**

(continua)

Categoria	Nº	Atributo	VT	Média satisfação	Desvio-padrão
Racional	1	Biblioteca	81	7,565	2,209
	2	Informação	62	7,461	2,343
	3	Livro	62	7,168	2,343
	4	Leitura	43	6,974	2,27
	5	Organização	43	6,801	2,26
	7	Conhecimento	28	7,236	2,014
	8	Disseminação da informação	27	6,806	2,317
	9	Usuário	26	6,832	2,42
	11	Cultura	24	6,539	2,399
	14	Bibliotecário	14	6,126	2,529
	15	Exercício profissional	14	5,723	2,413
	18	Engessado	13	4,361	2,703
	19	Pesquisa	13	6,435	2,767
21	Organização da informação	12	6,733	2,254	

Categoria	Nº	Atributo	VT	Média satisfação	Desvio-padrão
Racional	22	Competência informacional	11	6,194	2,464
	24	(Excesso de) teoria	11	7,042	2,348
	27	Normalização	11	6,832	2,508
	29	Recuperação da informação	11	6,785	2,31
	30	Ciência da Informação	10	6,853	2,346
	32	Formação do leitor	10	6,188	2,5
	35	Técnica	10	6,204	2,57
	37	Compartilhamento	9	6,335	2,302
	38	Gestão da informação	9	6,304	2,48
	39	História	9	5,215	2,728
	40	Oportunidades profissionais	9	5,634	2,974
	42	Acesso	8	7,079	2,234
	47	(Falta de) atualização dos professores	8	6,461	2,436
	48	(Falta de) didática	8	5,869	2,477
			Média de satisfação da categoria		6,491
Afetiva	10	Desconhecido	25	4,178	2,63
	12	Qualidade do corpo docente	21	7,188	2,178
	13	Socialização	18	6,351	2,529
	17	(Des)valorização do bibliotecário	13	4,754	2,685
	20	Inadequação ao mercado	12	4,686	2,643
	25	(Falta de) reconhecimento no mercado	11	4,539	2,772
	34	Redundante	10	5,539	2,568
	44	Comprometimento docente	8	6,754	2,314
	46	Empatia	8	4,801	2,806
			Média de satisfação da categoria		5,421
Visionária	23	Democratização da informação	11	6,131	2,49
	28	Ponte para o mercado de trabalho	11	4,901	2,746
	33	Maior diálogo com a área tecnológica	10	5,147	2,671
	36	Tecnologia	10	4,749	2,55
	43	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	8	5,707	2,511
			Média de satisfação da categoria		5,327

(conclusão)

Categoria	Nº	Atributo	VT	Média satisfação	Desvio-padrão
Emocional	6	Paixão/amor	43	<b>7,366</b>	2,656
	26	Frustração	11	<b>4,675</b>	2,585
	41	Satisfação	9	<b>7,775</b>	2,566
	45	Desamparo	8	<b>4,843</b>	2,621
		Média de satisfação da categoria			<b>6,165</b>
Simbólica	16	Valorização da profissão/curso	14	<b>4,749</b>	2,766
	31	Evolução	10	<b>8,22</b>	2,124
	49	Força da marca UFMG	8	<b>8,403</b>	2,113
		Média de satisfação da categoria			<b>7,124</b>
		<b>Média geral</b>		<b>6,188</b>	

Fonte: Elaborada pela autora. Maio de 2019.

Nota: Os números em negrito significam valor igual ou acima da média geral de satisfação. Os números em vermelho são os valores abaixo da média geral de satisfação.

O nível de satisfação dos respondentes com os atributos racionais e simbólicos da imagem é mais alto que o dos atributos das outras categorias, sendo que na categoria visionária todos os atributos apresentaram média inferior à média geral (6,188), traduzindo-se, assim, em baixa satisfação dos respondentes com esses elementos constituintes da imagem do curso.

A Tabela 7 apresenta os atributos mais salientes da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, dispostos conforme sua proximidade com a Imagem Central do Termo Indutor, incluídas as médias de satisfação e as categorias de classificação.

**Tabela 7 – Atributos da imagem do curso em relação às áreas de proximidade com a Imagem Central**

(continua)

Nº	ATRIBUTO	VT	MÉDIA SATISFAÇÃO	DESVIO-PADRÃO
<b>IMAGEM CENTRAL</b>				
1	Biblioteca	81	<b>7,565</b>	2,209
2	Informação	62	<b>7,461</b>	2,343
3	Livro	62	<b>7,168</b>	2,343

Nº	ATRIBUTOS	VT	MÉDIA SATISFAÇÃO	DESVIO-PADRÃO
<b>IMAGEM CENTRAL</b>				
4	Leitura	43	6,974	2,27
5	Organização	43	6,801	2,26
6	Paixão/amor	43	7,366	2,656
7	Conhecimento	28	7,236	2,014
8	Disseminação da informação	27	6,806	2,317
9	Usuário	26	6,832	2,42
10	Desconhecido	25	4,178	2,63
11	Cultura	24	6,539	2,399
12	Qualidade do corpo docente	21	7,188	2,178
13	Socialização	18	6,351	2,529
<b>1ª PERIFERIA</b>				
14	Bibliotecário	14	6,126	2,529
15	Exercício profissional	14	5,723	2,413
16	Valorização da profissão/curso	14	4,749	2,766
17	(Des)valorização do bibliotecário	13	4,754	2,685
18	Engessado	13	4,361	2,703
19	Pesquisa	13	6,435	2,767
20	Inadequação ao mercado	12	4,686	2,643
21	Organização da informação	12	6,733	2,254
<b>2ª PERIFERIA</b>				
22	Competência informacional	11	6,194	2,464
23	Democratização da informação	11	6,131	2,49
24	(Excesso de) teoria	11	7,042	2,348
25	(Falta de) reconhecimento no mercado	11	4,539	2,772
26	Frustração	11	4,675	2,585
27	Normalização	11	6,832	2,508
28	Ponte para o mercado de trabalho	11	4,901	2,746
29	Recuperação da informação	11	6,785	2,31
30	Ciência da Informação	10	6,853	2,346
31	Evolução	10	8,22	2,124
32	Formação do leitor	10	6,188	2,5
33	Maior diálogo com a área tecnológica	10	5,147	2,671
34	Redundante	10	5,539	2,568

(conclusão)

Nº	ATRIBUTOS	VT	MÉDIA SATISFAÇÃO	DESVIO-PADRÃO
<b>2ª PERIFERIA</b>				
35	Técnica	10	<b>6,204</b>	2,57
36	Tecnologia	10	<b>4,749</b>	2,55
<b>MARGEM</b>				
37	Compartilhamento	9	<b>6,335</b>	2,302
38	Gestão da informação	9	<b>6,304</b>	2,48
39	História	9	<b>5,215</b>	2,728
40	Oportunidades profissionais	9	<b>5,634</b>	2,974
41	Satisfação	9	<b>7,775</b>	2,566
42	Acesso	8	<b>7,079</b>	2,234
43	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	8	<b>5,707</b>	2,511
44	Comprometimento docente	8	<b>6,754</b>	2,314
45	Desamparo	8	<b>4,843</b>	2,621
46	Empatia	8	<b>4,801</b>	2,806
47	(Falta de) atualização dos professores	8	<b>6,461</b>	2,436
48	(Falta de) didática	8	<b>5,869</b>	2,477
49	Força da marca UFMG	8	<b>8,403</b>	2,113
	Atributos racionais			
	Atributos afetivos			
	Atributos visionários			
	Atributos emocionais			
	Atributos simbólicos			
	<b>Média geral</b>		<b>6,188</b>	

Fonte: Elaborada pela autora. Maio de 2019.

Nota: Os números em negrito significam valor igual ou acima da média geral de satisfação. Os números em vermelho são os valores abaixo da média geral de satisfação.

A Imagem Central, uma vez que está composta por maior número de atributos racionais, conseqüentemente, apresenta elementos com média de satisfação superiores à média geral. De outro lado, a 1ª Periferia da Imagem contém majoritariamente atributos que possuem médias inferiores à média geral. Já a 2ª Periferia e a Margem da Imagem

apresentaram equilíbrio entre o número de atributos com média acima e abaixo da média geral de satisfação.

#### 4.8 Identificação dos atributos inter-relacionados da imagem do curso

Ainda na etapa de tratamento dos dados da Configuração de Agrupamentos, procedeu-se à realização da análise fatorial exploratória, que buscou identificar a inter-relação entre os atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG.

A análise fatorial das respostas às 49 questões – os atributos – são funções de  $k$  variáveis implícitas,  $k < 49$ , chamadas de “fatores”. Procurou-se identificar quais questões estavam mais relacionadas com quais fatores, permitindo, assim, agrupar as questões em grupos similares. Por exemplo, se duas questões pertencem ao mesmo grupo, isso significa que quando uma pessoa atribui um valor alto para a primeira questão, também tenderá a atribuir um valor alto para a segunda. A Tabela 8 permite verificar a identificação de quatro grupos de fatores: representação e atividades do curso; características do curso; corpo docente; e prazer com o curso.

**Tabela 8 – Agrupamentos dos atributos do curso em fatores de satisfação**

(continua)

<b>13,364</b>	<b>Valor da explicação</b>		
<b>27,30%</b>	<b>Variância explicada</b>		
<b>0,9556</b>	<b>Alfa</b>		
	<b>Grupo: representação e atividades do curso</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
1	1	0,428	Biblioteca
2	1	0,609	Informação
3	1	0,524	Livro
4	1	0,480	Leitura
5	1	0,610	Conhecimento
6	1	0,621	Cultura
8	1	0,712	Usuário
9	1	0,715	Pesquisa
10	1	0,516	Ciência da Informação

(continua)

<b>13,364</b>		<b>Valor da explicação</b>	
<b>27,30%</b>		<b>Variância explicada</b>	
<b>0,9556</b>		<b>Alfa</b>	
<b>Questão</b>	<b>Grupo: representação e atividades do curso</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
11	1	0,662	Técnica
12	1	0,522	História
13	1	0,717	Acesso
14	1	0,786	Organização
15	1	0,792	Organização da informação
16	1	0,801	Disseminação da informação
17	1	0,656	Exercício profissional
18	1	0,727	Competência informacional
19	1	0,731	Democratização da informação
20	1	0,613	Normalização
21	1	0,685	Recuperação da informação
22	1	0,627	Formação do leitor
23	1	0,665	Compartilhamento
24	1	0,708	Gestão da informação
29	1	0,482	(Excesso de) teoria
48	1	0,449	Socialização
<b>10,806</b>		<b>Valor da explicação</b>	
<b>22,10%</b>		<b>Variância explicada</b>	
<b>0,9326</b>		<b>Alfa</b>	
<b>Questão</b>	<b>Grupo: características do curso</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
7	2	0,545	Bibliotecário
25	2	0,812	Desconhecido
26	2	0,747	Engessado
27	2	0,714	Inadequação ao mercado
30	2	0,812	(Falta de) reconhecimento no mercado
31	2	0,810	Valorização da profissão/curso
32	2	0,735	Ponte para o mercado de trabalho
33	2	0,541	Maior diálogo com a área tecnológica

(conclusão)

<b>10,806</b>	<b>Valor da explicação</b>		
<b>22,10%</b>	<b>Variância explicada</b>		
<b>0,9326</b>	<b>Alfa</b>		
<b>Questão</b>	<b>Grupo: características do curso</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
34	2	0,567	Tecnologia
35	2	0,452	Oportunidades profissionais
38	2	0,572	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas
41	2	0,667	Desamparo
42	2	0,706	Frustração
43	2	0,681	Empatia
44	2	0,797	(Des)valorização do bibliotecário
47	2	0,569	Redundante

<b>4,817</b>	<b>Valor da explicação</b>		
<b>9,80%</b>	<b>Variância explicada</b>		
<b>0,7072</b>	<b>Alfa</b>		
<b>Questão</b>	<b>Grupo: corpo docente</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
28	3	0,611	Qualidade do corpo docente
36	3	0,669	(Falta de) didática
37	3	0,642	(Falta de) atualização dos professores
49	3	0,666	Comprometimento docente

<b>4,468</b>	<b>Valor da explicação</b>		
<b>9,10%</b>	<b>Variância explicada</b>		
<b>0,8188</b>	<b>Alfa</b>		
<b>Questão</b>	<b>Grupo: prazer com o curso</b>	<b>Carga Fatorial</b>	<b>Atributo</b>
39	4	0,455	Força da marca UFMG
40	4	0,691	Paixão/Amor
45	4	0,801	Satisfação
46	4	0,755	Evolução

Fonte: Elaborada pela autora. Maio de 2019.



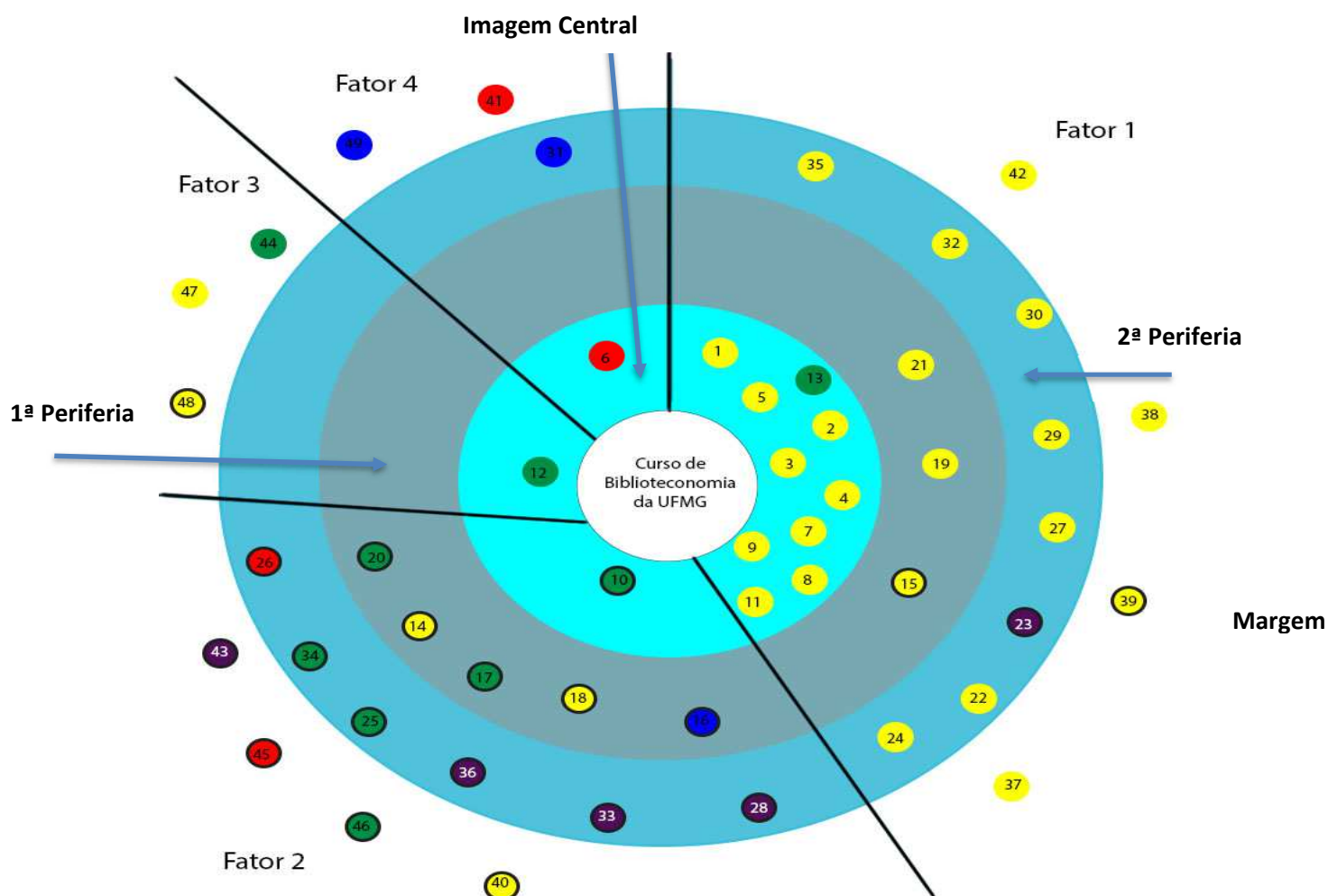
O valor da explicação de um fator fornece uma medida do quanto de variação nas respostas é provocado por aquele fator. A variância explicada oferece uma proporção do quanto de toda a variação de respostas é resultado apenas da variação daquele fator. O alfa de Cronbach é uma medida de 0 a 1 do quanto as variáveis dentro de um grupo de variáveis são relacionadas entre si. A carga fatorial informa em que medida uma questão é relacionada com um fator, novamente de 0 a 1.

Com a apresentação dos atributos em fatores, a configuração da imagem do curso de Biblioteconomia está praticamente estabelecida. A próxima etapa irá facilitar a visualização da imagem por meio do Gráfico de Configuração da Imagem (GCI).

#### **4.9 Visualização gráfica dos atributos da imagem por meio do Gráfico de Configuração da Imagem**

O Gráfico 11 apresenta todas as informações identificadas nas duas etapas de coleta de dados da investigação: atributos da imagem, proximidade destes com o Termo Indutor, categorias de classificação, nível de satisfação dos respondentes com os atributos (se acima ou abaixo da média geral) e subgrupos de atributos mais fortemente relacionados entre si (fatores).

**Gráfico 11 – Gráfico de Configuração da Imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**



Categoria	Nº	Atributos	Nº	Atributos	Nº	Atributos	Nº	Atributos	Nº	Atributos
Racional	1	Biblioteca	15	Exercício profissional	35	Técnica	13	Socialização	36	Tecnologia
	2	Informação	18	Engessado	37	Compartilhamento	17	(Des)valorização do bibliotecário	43	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas
Afetiva	3	Livro	19	Pesquisa	38	Gestão da informação	20	Inadequação ao mercado (Falta de) reconhecimento no mercado	6	Paixão/amor
	4	Leitura	21	Organização da informação	39	História	25	Redundante	26	Frustração
Visionária	5	Organização	22	Competência informacional	40	Oportunidades profissionais	34	Comprometimento docente	41	Satisfação
	7	Conhecimento	24	(Excesso de) teoria	42	Acesso	44	Empatia	45	Desamparo
Emocional	8	Disseminação da informação	27	Normalização	47	(Falta de) atualização dos professores	46	Democratização da informação	16	Valorização da profissão/curso
	9	Usuário	29	Recuperação da informação	48	(Falta de) didática	23	Ponte para o mercado de trabalho	31	Evolução
Simbólica	11	Cultura	30	Ciência da Informação	10	Desconhecido	28	Maior diálogo com a área tecnológica	49	Força da marca UFMG
	14	Bibliotecário	32	Formação do leitor	12	Qualidade do corpo docente	33			

Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Os atributos estão dispostos entre a zonas da Imagem Central, 1ª e 2ª Periferias e a Margem. Os fatores estão dividindo este gráfico em quatro fatias, sendo que o tamanho de cada uma foi determinado pelo valor de explicação de cada fator. Os atributos, por sua vez, estão separados pelas categorias, identificadas pelas cores amarela (atributos racionais), verde (atributos afetivos), roxa (atributos visionários), vermelha (atributos emocionais) e azul (atributos simbólicos). O nível de satisfação com os atributos está representado pela presença ou ausência do contorno. Isto é, atributos com valores de satisfação acima da média estão sem contorno e aqueles com contorno são os que receberam valores abaixo da média de satisfação.

Na próxima seção, apresentam-se algumas observações extraídas das informações advindas da coleta de dados sobre a posição relativa de cada atributo e o nível de satisfação percebida pelos respondentes da investigação acerca dos atributos da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG.

#### **4.10 Apontamentos para a gestão da imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**

Conforme já mencionado na seção 3.9, quanto mais próximo um atributo estiver do Termo Indutor e quanto maior for sua importância relativa para os respondentes, ou satisfação percebida, possivelmente, maior será a força deste atributo para exercer algum tipo de influência. Logo, é desejável contar com atributos positivos e que eles sejam percebidos como importantes e/ou satisfaçam os clientes/usuários do objeto em questão. De outro lado, atributos considerados negativos devem ser trabalhados para serem desvinculados da imagem de uma organização, uma marca, um produto ou um serviço, que é o caso ora investigado.

Diante das observações realizadas nas etapas anteriores e da configuração da imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, apropriam-se no Quadro 6 algumas reflexões que poderão se desdobrar em ações estratégicas para a gestão do curso.

**Quadro 6 – Reflexões sobre a imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais segundo a posição relativa de cada atributo da imagem**

Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
Imagem Central	1	Positivo	Biblioteca	Racional	Acima da média geral
			Informação		
			Livro		
			Leitura		
			Organização		
			Conhecimento		
			Disseminação da informação		
			Usuário		
			Cultura		
<p><b>Comentário:</b> todos estes atributos possuem valores totais mais altos. Logo, foram citados mais frequentemente e evocados com mais recência pelos respondentes. Compõem a Imagem Central do curso de Biblioteconomia da UFMG e estão vinculados a fatores de cunho racional, como, estrutura, característica, funcionalidade e utilidade do objeto. Todos eles podem ser considerados atributos positivos à imagem do curso e, portanto, devem ser operados de modo a se manterem nessa posição, sempre se pensando em melhorá-los.</p>					
Imagem Central	1	Positivo	Socialização	Afetivo	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo afetivo e positivo diz respeito à possibilidade de o curso promover a interação (contato social) e socialização entre os alunos. É importante para a imagem do curso, pois encontra-se na Imagem Central e é tão importante quanto os atributos racionais, pois remete ao registro da afetividade, do vínculo e da conexão com o curso e as pessoas. Também deve ser trabalhado para se manter nessa posição, sempre com a proposta de melhorar esse relacionamento.</p>					
Imagem Central	3	Positivo	Qualidade do corpo docente	Afetivo	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo, cujos valores de satisfação também foram acima da média, remete à qualidade percebida pelos respondentes com relação ao corpo docente do curso. Os egressos se mostraram satisfeitos com este atributo de cunho afetivo. É salutar que permaneça na Imagem Central do objeto.</p>					
Imagem Central	4	Positivo	Paixão/amor	Emocional	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo de cunho emocional obteve alto valor total, uma vez que foi frequentemente citado e evocado com mais recência pelos egressos. Refere-se ao sentimento de apreço com o curso e com a área de atuação profissional. Com alto valor de média de satisfação, é muito relevante que se encontre na Imagem Central do curso, sendo igualmente relevante a promoção de ações que favoreçam o fortalecimento dos laços emocionais na comunidade acadêmica.</p>					

Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
Imagem Central	2	Negativo	Desconhecido	Afetivo	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> diferentemente dos atributos citados acima, não é interessante que este elemento esteja localizado na Imagem Central do curso. De cunho afetivo relacionado ao aspecto do reconhecimento, obteve média baixa de satisfação, sendo o único elemento com essa característica nessa área da imagem do objeto em questão. É um contraponto aos outros elementos da Imagem Central, pois pode ser considerado um atributo negativo, em que a ação esperada deveria ser a de afastamento deste elemento da imagem que compõe o curso. Em geral, os egressos não estavam satisfeitos com as ações desenvolvidas pela gestão do curso para que ele deixasse de ser "desconhecido" pela sociedade.</p>					
1ª Periferia	1	Positivo	Pesquisa	Racional	Acima da média geral
			Organização da Informação		
<p><b>Comentário:</b> estes atributos, como a maioria dos atributos racionais, possuem valor de satisfação acima da média. Os respondentes, em geral, mostraram-se satisfeitos com a preparação dada no curso para a "pesquisa" e com a contribuição do curso para o desenvolvimento de habilidades na "organização da informação".</p>					
1ª Periferia	1	Negativo	Exercício profissional	Racional	Abaixo da média geral
	2		Bibliotecário		
			Engessado		
<p><b>Comentário:</b> estes três atributos, embora pertencentes à categoria racional, apresentaram valores de média de satisfação inferiores à média geral. Os egressos respondentes não ficaram satisfeitos com a preparação recebida durante o curso para o "exercício profissional" nem estavam satisfeitos com a contribuição do curso para a construção da imagem do "bibliotecário". Contudo, a segunda pior média foi a do atributo "engessado". Isso significa que a maioria dos respondentes não ficou satisfeita com as ações desenvolvidas pelo curso para que ele deixasse de ser engessado. Neste caso, engessado, remete à rigidez da estrutura curricular do curso.</p>					
1ª Periferia	2	Negativo	(Des)valorização do bibliotecário	Afetivo	Abaixo da média geral
			Inadequação ao mercado		
<p><b>Comentário:</b> a "(des)valorização", enquanto atributo identificado na etapa das entrevistas, faz alusão à desvalorização do bibliotecário na sociedade. Assim, inquiriram-se os respondentes de modo invertido, isto é, o quão satisfeitos eles estavam com os esforços feitos pelo curso para aumentar a "valorização do bibliotecário" perante a sociedade. Como esta questão apresentou média baixa de satisfação, pode-se dizer que a desvalorização social do bibliotecário é um problema importante a ser enfrentado pelo curso. O tópico da "inadequação ao mercado" também evidenciou o desagrado dos respondentes com os esforços empreendidos pelo curso para que ele não fosse inadequado ao mercado. Isso também remete ao atributo "engessado", relativo à estrutura curricular.</p>					

Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
1ª Periferia	2	Negativo	Valorização da profissão/curso	Simbólico	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> também com valor de satisfação abaixo da média, considera-se este atributo semelhante ao atributo "(des)valorização do bibliotecário". Contudo, ele se remete à valorização do curso de Biblioteconomia e da profissão no mercado, enquanto o atributo "(des)valorização" refere-se à desvalorização social do bibliotecário. Embora pareça sutil, existe diferença entre as questões, a começar pelas categorizações. A "(des)valorização do bibliotecário" diz respeito ao reconhecimento do seu valor ou desvalor, a partir da sua interação com a sociedade. Já a "valorização da profissão/curso" aponta para a capacidade de promover e gerar a sua imagem no mundo. Neste caso, no mundo do trabalho.</p>					
2ª Periferia	1	Positivo	Competência informacional (Excesso de) teoria Normalização Recuperação da informação Ciência da Informação Formação do leitor Técnica	Racional	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> estes atributos racionais, vinculados à representação do curso e suas características ou atividades, apresentaram nível de satisfação acima da média geral. Isso denota que os egressos respondentes estavam satisfeitos com elementos fundamentais do curso que realizaram, como, "normalização", "competência informacional", "formação do leitor" e "recuperação da informação", além de se mostrarem satisfeitos com a vinculação do curso com a área de estudos da "Ciência da Informação". A parte considerada "técnica" do curso também foi apontada como satisfatória pelos respondentes, bem como a quantidade de teoria ministrada ao longo do curso. Embora este tenha sido identificado nas entrevistas como um atributo de viés negativo, "(excesso de) teoria", neste caso apresentou uma carga positiva, pois os respondentes se mostraram satisfeitos com a quantidade de teoria ministrada.</p>					
2ª Periferia	4	Positivo	Evolução	Simbólico	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo simbólico diz respeito ao significado da relação do sujeito com o objeto em questão. Nesse sentido, o atributo "evolução", no sentido de desenvolvimento pessoal, obteve alto nível de satisfação percebido pelos respondentes.</p>					

Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
2ª Periferia	1	Negativo	Democratização da Informação	Visionário	Abaixo da média geral
	2		Ponte para o mercado de trabalho		
			Maior diálogo com a área tecnológica		
			Tecnologia		
<p><b>Comentário:</b> como em todos os atributos visionários identificados nesta pesquisa, a baixa média de satisfação demonstra um problema do curso com questões relativas a projeções futuras, expectativas geradas pela interação com o objeto e a idealização feita em relação ao curso. O fato de o curso não obter êxito em proporcionar uma "ponte para o mercado de trabalho" e de não estabelecer um "maior diálogo com a área tecnológica", do ponto de vista dos respondentes, subentende que o curso deveria investir em uma visão de futuro mais voltada à temática da "tecnologia" e à inserção de conteúdo tecnológico na grade curricular. Já em uma visão da missão social do curso, os respondentes também não se mostraram satisfeitos com as contribuições dele para a capacitação para promover a "democratização da informação".</p>					
2ª Periferia	2	Negativo	(Falta de) reconhecimento no mercado	Afetivo	Abaixo da média geral
			Redundante		
<p><b>Comentário:</b> a "(falta de) reconhecimento no mercado" foi aferida pela atribuição de médias de valores mais baixas pelos respondentes. Estes se mostraram não satisfeitos com os esforços empreendidos pelo curso para aumentar seu reconhecimento no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, os respondentes apontaram que o curso apresenta "disciplinas redundantes" ao marcarem valores mais baixos quando questionados sobre os esforços feitos pelo curso para evitar que os conteúdos fossem redundantes.</p>					
2ª Periferia	2	Negativo	Frustração	Emocional	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> o atributo emocional "frustração" demonstra um viés negativo para a imagem do curso, uma vez que os respondentes se mostraram insatisfeitos com as iniciativas tomadas pelo curso para que ele fosse menos frustrante para os alunos. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma contradição, uma ambivalência, pois, ao mesmo tempo em que demonstraram o sentimento de paixão pelo curso, os respondentes se mostraram frustrados com ele.</p>					

Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
Margem	1	Positivo	Compartilhamento	Racional	Acima da média geral
			Gestão da Informação		
			Acesso		
	(Falta de) atualização dos professores				
	3				
<p><b>Comentário:</b> como ocorreu com a maioria dos atributos racionais, estes também obtiveram valores acima da média geral de satisfação. Por se tratarem de características e atividades do curso, os atributos "compartilhamento", "gestão da informação" e "acesso", no geral, foram bem avaliados pelos respondentes, que consideraram que o curso os capacitou para essas tarefas. No que tange à "(falta de) atualização dos professores", embora seja, a princípio, um elemento negativo à imagem do curso, o modo como foi inquirida mostrou que os respondentes estavam satisfeitos com a atualização dos seus professores.</p>					
Margem	3	Positivo	Comprometimento docente	Afetivo	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo de cunho afetivo mostrou-se positivo, pois obteve média alta de satisfação. Também pode ter relação com o aspecto da atualização dos docentes, já que a satisfação neste atributo também foi elevada.</p>					
Margem	4	Positivo	Satisfação	Emocional	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> a "satisfação", atributo de sentido essencialmente emocional, diz respeito ao contentamento por ter realizado o curso. É, também, um contraponto ao atributo "frustração". Mais uma vez, evidencia-se o conflito de emoções como "paixão, satisfação e frustração".</p>					
Margem	4	Positivo	Força da marca UFMG	Simbólico	Acima da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo obteve a maior média de satisfação entre todos os elementos. Atributo simbólico, demonstra a força da chancela da formação em uma instituição como a UFMG. O reconhecimento de que a marca UFMG agrega valor ao curso é demonstrado pelo alto valor de média de satisfação percebido pelos respondentes.</p>					



Posição dos atributos	Fator	Tipo de atributo	Atributo	Categoria	Nível de satisfação
Margem	1	Negativo	História	Racional	Abaixo da média geral
	2		Oportunidades profissionais		
	3		(Falta de) didática		
<p><b>Comentário:</b> embora sejam atributos racionais, obtiveram valores abaixo da média de satisfação. O elemento "História", quando identificado como atributo nas entrevistas, foi no sentido de que poderia haver mais disciplinas ligadas à História, pois o curso tinha uma relação estreita com esta área do conhecimento. Então, pela pergunta inserida no questionário, que versou sobre o quão satisfeitos os respondentes estavam com a presença no curso de temáticas ligadas à História, subentende-se que os respondentes gostariam que este tema fosse mais valorizado no curso. Em se tratando das "oportunidades profissionais" surgidas em decorrência da formação no curso, os respondentes não apresentaram satisfação com este atributo, que tem relação estreita com o atributo "ponte para o mercado de trabalho", que também obteve média baixa de satisfação. O atributo "(falta de) didática" mostrou a insatisfação com a didática empregada pelos professores durante o curso. Pode também representar um contraste com a "atualização dos professores", uma vez que este atributo foi apreciado positivamente pelos respondentes. Embora os professores se mantenham atualizados, a didática empregada por eles não foi satisfatória para os egressos respondentes.</p>					
Margem	2	Negativo	Empatia	Afetivo	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> os respondentes não aferiram positivamente o curso no sentido de oferecer oportunidades para o desenvolvimento da "empatia". Pode-se também relacionar esse atributo afetivo com o atributo "democratização da informação", também avaliado negativamente, pois ambos remetem ao viés social e extensionista do curso.</p>					
Margem	2	Negativo	Desamparo	Emocional	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo de cunho emocional foi avaliado negativamente, na medida em que os respondentes não ficaram satisfeitos com as iniciativas tomadas pelo curso para que os alunos se sentissem menos "desamparados". Também pode ter relação direta com o atributo "frustração".</p>					
Margem	2	Negativo	Ampliação de perspectivas profissionais/temáticas	Visionário	Abaixo da média geral
<p><b>Comentário:</b> este atributo, referente à visão de futuro e às expectativas criadas pelo curso, não foi bem avaliado pelos respondentes, uma vez que apresentou média baixa de satisfação. Também pode remeter à "ponte para o mercado de trabalho".</p>					

Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Além dessas reflexões sobre os atributos expostas no Quadro 6, realizaram-se operações para verificar a associação entre algumas variáveis de interesse, com a finalidade de atestar a percepção de importância da variável em oposição à satisfação com ela mesma. Para tanto, utilizou-se o teste qui-quadrado de Pearson, em que as associações que mostraram p-valores inferiores a 0,05 apresentam significância estatística. Isto é, há evidências de que existe uma relação entre as duas variáveis. De outro lado, os valores superiores a 0,05 não apresentaram significância estatística. Quer dizer que existem evidências de que as duas variáveis são independentes (TABELA 9).

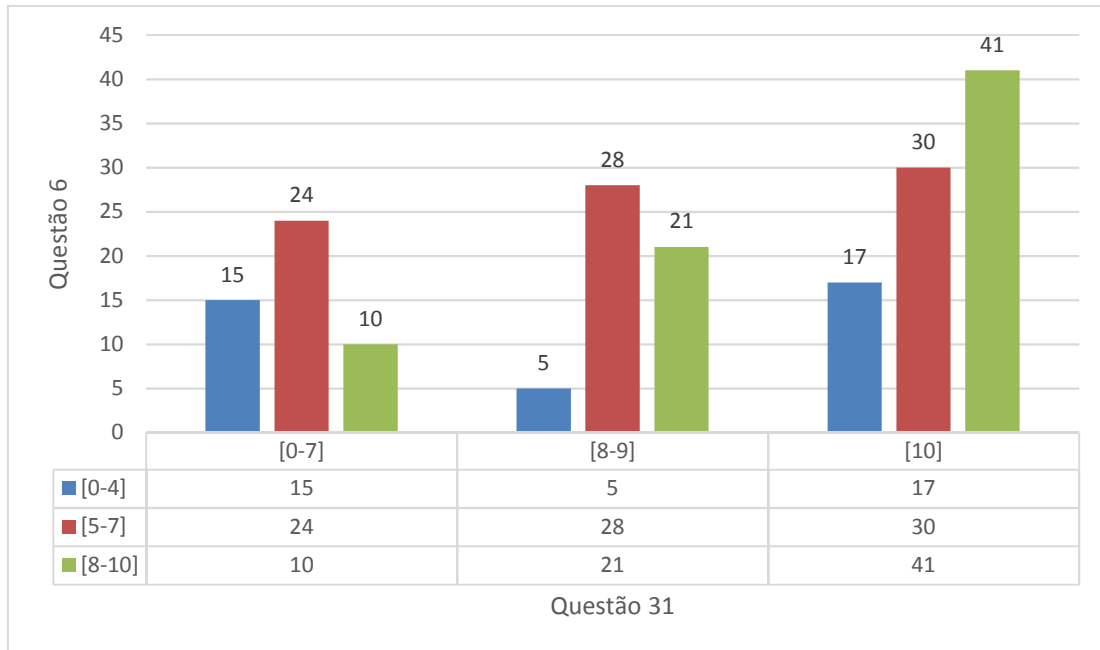
**Tabela 9 – Teste de associação entre variáveis – qui-quadrado de Pearson**

VARIÁVEL		ESTATÍSTICA QUI-QUADRADO	P-VALOR
Satisfação	Importância		
Q6	Q31	14,82	0,005
Q11	Q32	7,673	0,104
Q29	Q33	9,949	0,041
Q33	Q34	5,968	0,202
Q34	Q35	14,5	0,006

Fonte: Elaborada pela autora. Maio de 2019.

Essas variáveis selecionadas foram testadas associando duas questões trabalhadas no questionário com a mesma temática. Uma aferiu a satisfação (primeira parte do questionário) e a outra mensurou a importância (última parte do questionário), como se pode averiguar nos gráficos 12 a 16.

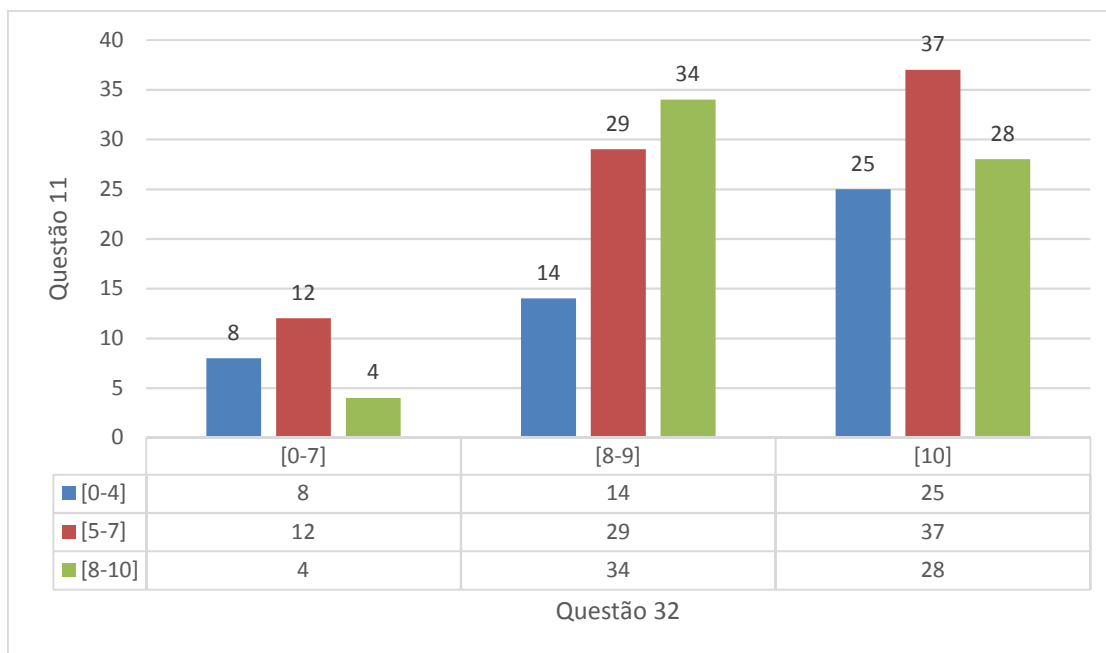
**Gráfico 12 – Satisfação com a vinculação do curso com a ideia de "cultura" (Q.6) versus importância da ideia de "cultura" vinculada ao curso (Q.31)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

A leitura deste gráfico e dos que se seguem deve ser feita do seguinte modo: no eixo horizontal, estão as perguntas sobre a aferição de importância (somando-se as barras, encontra-se o número de respondentes que marcaram a nota de 0 a 10 para este tipo de questão); as barras coloridas, o eixo vertical, correspondem ao número de respondentes que marcaram as questões sobre satisfação (e.g. das 88 pessoas que marcaram a nota 10 na Questão 31, sobre a importância da ideia de “cultura” vinculada ao curso, 17 marcaram de 0 a 4; 30 marcaram de 5 a 7; e 41 marcaram de 8 a 10 na Questão 6 sobre a satisfação da vinculação do curso com a ideia de "cultura"). Nessa associação (GRÁFICO 12), há uma relação de dependência entre as variáveis (p-valor 0,005), pois os respondentes tanto estão satisfeitos quanto acham importante a ideia de “cultura” (conteúdos culturais e humanísticos) vinculada ao curso. Essa relação de dependência pode ser verificada na frequência de egressos que marcaram os valores mais altos para as duas questões, isto é, 41 respondentes.

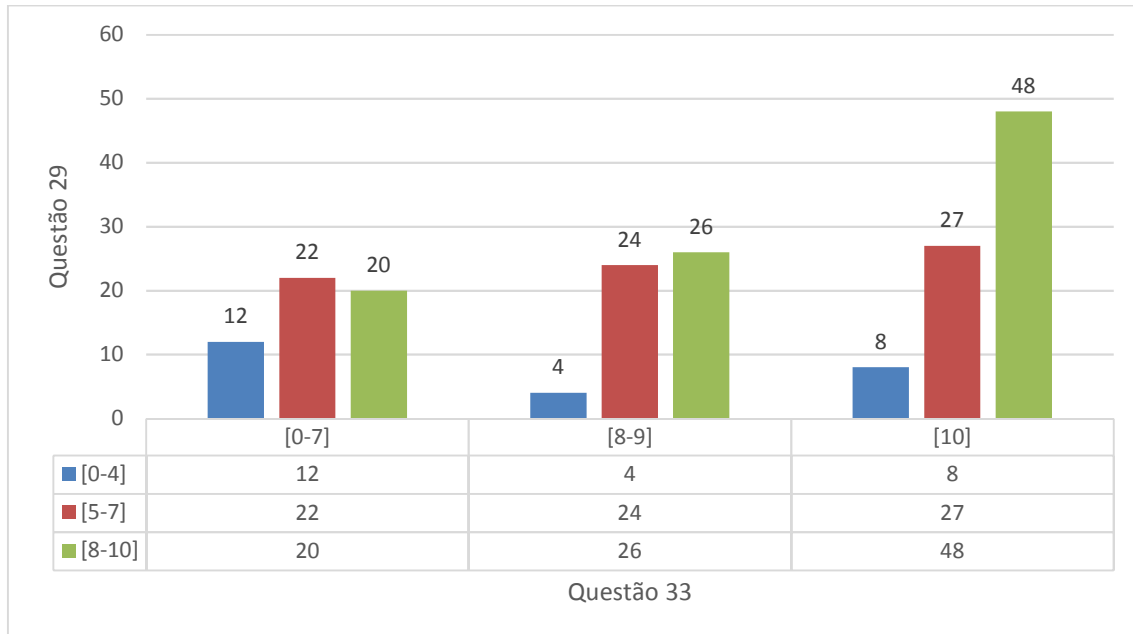
**Gráfico 13 – Satisfação com a parte "técnica" do curso (Q.11) versus importância de o curso contemplar uma parte "técnica" (Q.32)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nessa associação do Gráfico 13, as variáveis são independentes ( $p$ -valor 0,104), uma vez que a frequência dos egressos que marcaram o valor mais alto na questão de importância já não o fizeram na questão de satisfação. Então, a maioria diz considerar importante o curso contemplar uma parte "técnica" independentemente da satisfação com a parte "técnica" já contemplada pelo curso, variável que também foi apontada pela maior parte dos respondentes, considerando as notas acima de 5.

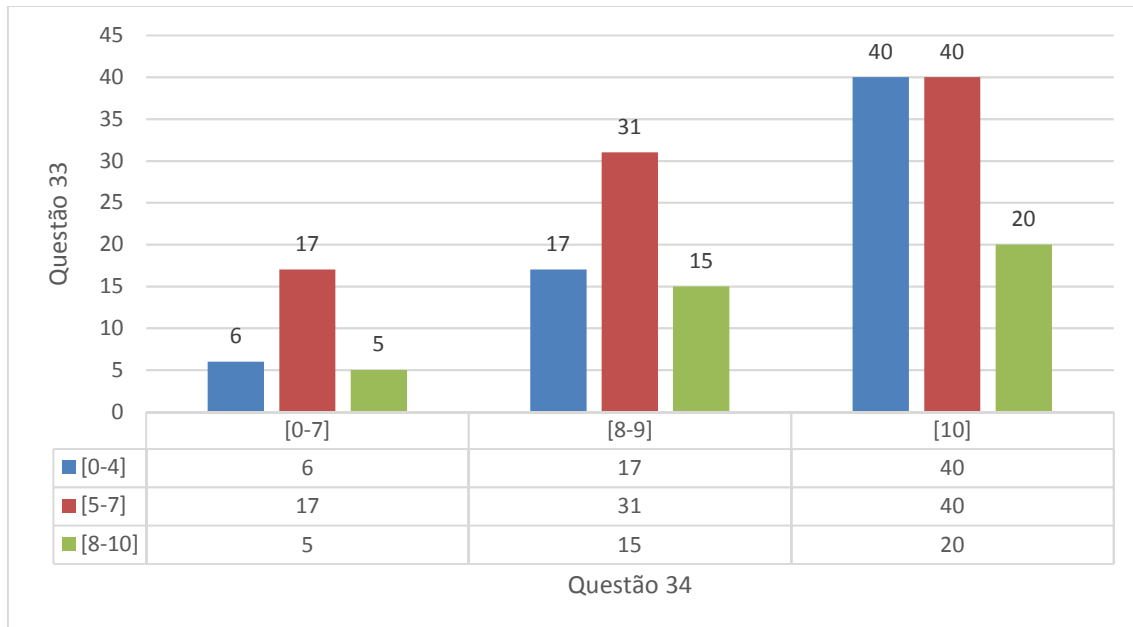
**Gráfico 14 – Satisfação com a quantidade de "teoria" oferecida durante o curso (Q.29) versus importância de o curso não ser predominantemente "teórico" (Q.33)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nessa associação do Gráfico 14, como ocorreu na associação do Gráfico 12, existe uma relação de dependência entre as variáveis ( $p$ -valor 0,041), em que os respondentes tanto se dizem satisfeitos com a quantidade de “teoria” oferecida ao longo do curso quanto consideram importante o fato de o curso não ser predominantemente “teórico”. Essa relação de dependência pode ser verificada na frequência de egressos que marcaram os valores mais altos para as duas questões, isto é, 48 respondentes.

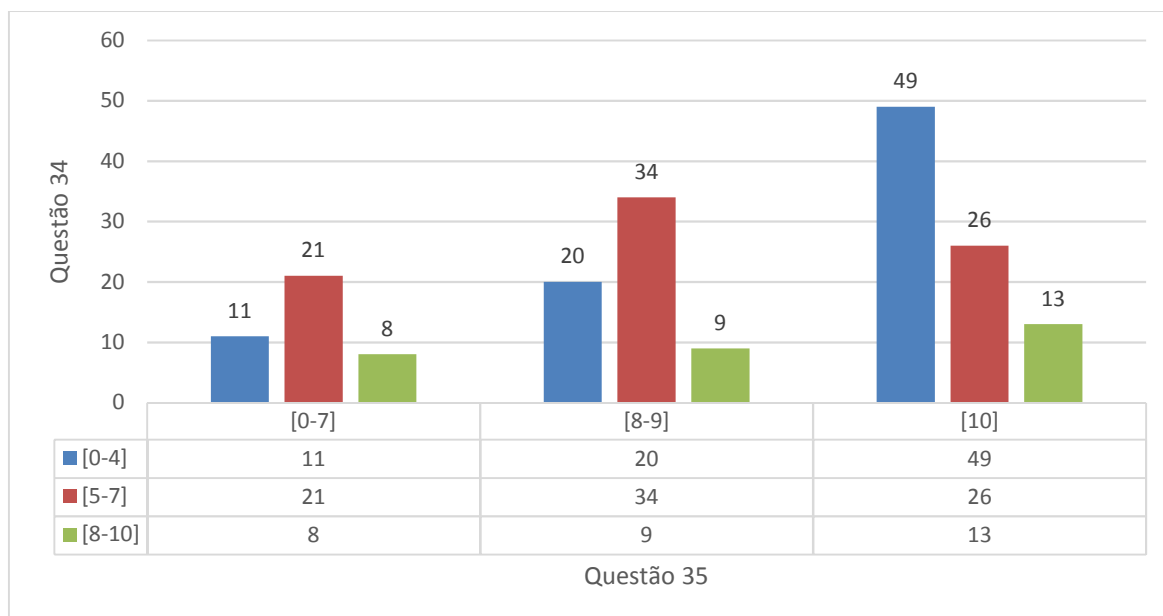
**Gráfico 15 – Satisfação com o diálogo que o curso estabelece com a "área tecnológica" (Q.33) versus a importância de o curso estabelecer maior "diálogo com a área tecnológica" (Q.34)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Na associação do Gráfico 15, as variáveis já apresentam independência (p-valor 0,202), pois, independentemente de considerarem importante o fato de o curso estabelecer um “diálogo com a área tecnológica”, os egressos não se dizem satisfeitos com o diálogo que o curso estabelece com a “área tecnológica” atualmente. Constata-se isso observando a frequência de egressos que marcaram o valor mais alto na questão de importância. Entretanto, eles não o fizeram na questão de satisfação, uma vez que apenas 20 respondentes atribuíram o valor mais alto neste caso. Isto é, de modo geral, a insatisfação com a variável ocorreu, independentemente de os respondentes a considerarem importante.

**Gráfico 16 – Satisfação com a quantidade de "conteúdo tecnológico" incluído na grade curricular (Q.34) versus importância de o curso ter mais "conteúdo tecnológico" em sua matriz curricular (Q.35)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Na associação verificada pelo Gráfico 16, houve relação de dependência entre as variáveis ( $p$ -valor 0,006). Contudo, a associação não ocorreu pela atribuição de valores mais altos para as questões de importância e de satisfação. A dependência foi inversa; isto é, a maior parte dos respondentes acredita ser importante que o curso tenha mais “conteúdo tecnológico” em sua matriz curricular. A maioria também se encontra insatisfeita com a quantidade de “conteúdo tecnológico” incluída na grade curricular do curso atualmente. Ou seja, a consideração de importância com o conteúdo tecnológico dependeu da insatisfação com a mesma variável. Em suma, as pessoas que acham o “conteúdo tecnológico” muito importante estão insatisfeitas.

#### **4.11 Considerações sobre a imagem do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**

A Imagem Central, conforme visto em Sá (1996a), está vinculada à memória coletiva e à história do grupo; é estável, coerente e resistente à mudança; reflete o consenso do grupo

e é muito pouco sensível ao contexto imediato; e cria a significação da representação, determinando sua organização.

Diante de todos os dados coletados ao longo das etapas da entrevista e do questionário eletrônico e do que foi exposto sobre a imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, pode-se dizer que a Imagem Central deste curso é composta, essencialmente, por atributos racionais basilares que concernem a questões de estrutura, característica, funcionalidade e utilidade do objeto, tais como, *biblioteca, informação, livro, leitura, organização, conhecimento, disseminação da informação, usuário e cultura*. Estes atributos são considerados positivos à imagem do curso, assim como outros dois pertencentes à categoria afetiva de elementos, isto é, *qualidade do corpo docente e socialização*, ambos considerados elementos satisfatórios relacionados ao curso e vinculados ao reconhecimento, ao respeito e à valorização do objeto. Ainda nessa perspectiva, o sentimento de *paixão/amor*, elemento de cunho emocional, foi bastante evocado pelos respondentes, tendo recebido alta média de satisfação.

Sobre o atributo *desconhecido*, único elemento negativo na Imagem Central do curso, é muito significativo que tenha sido identificado nas entrevistas. A conhecida expressão “Biblio o quê?” (FIGURA 21) foi inúmeras vezes mencionada pelos egressos nas entrevistas quando indagados sobre a imagem mais representativa do curso de Biblioteconomia perante a sociedade (Questão 9), remetendo a essa imagem de curso desconhecido, não reconhecido, não valorizado socialmente. Alguns entrevistados chegaram a emitir opiniões até mais fortes, referindo-se com tristeza que o curso era considerado inútil e desnecessário pela sociedade (ENTREVISTADOS 5, 10 e 24). Alguns disseram que a sociedade nem chega a ter uma imagem formada sobre o curso e a profissão porque não sabe nada sobre o fazer do bibliotecário. Devido a essa falta de percepção da sociedade, talvez pela carência de contato das pessoas com o livro, com a leitura e com um bibliotecário durante a educação formal, elas tendem a achar, como reclamam alguns entrevistados, que não é necessário ter um curso superior para “guardar livro na estante”. Ou, como cita uma entrevistada: “O que sempre escuto: gente que estudou para limpar livro” (ENTREVISTADA 9). Nesse sentido, o curso de Biblioteconomia serve apenas para ensinar as pessoas a guardarem livros na estante, isto é, organizar uma biblioteca. Alguns entrevistados acreditam que isso ocorre também porque as pessoas, em geral, não têm ciência das inúmeras possibilidades que se apresentam em decorrência das tecnologias de informação e comunicação e o fato de que o bibliotecário poderia estar capacitado para lidar com elas, conforme menciona a Entrevistada 23:



O curso de Biblioteconomia tem pouco reconhecimento no âmbito social, apesar de estarmos na chamada Sociedade da Informação. O campo de trabalho para os profissionais da informação tem aumentado, mas o bibliotecário ainda é visto por uma maioria como um profissional dispensável e sem expertise para trabalhar com gestão da informação.

Figura 17 – Meme do Biblio o quê?



Fonte: Página da Comunidade “Bibliotecário Bem Humorado” no Facebook<sup>108</sup>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Bibliotecariobemhumorado/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Além do sentimento de desconhecimento e despreço que os egressos entrevistados percebem por parte da sociedade em relação ao curso, existe por parte deles o de baixa estima, como afirma a Entrevistada 38:

Infelizmente para o leigo isso é curso pra quem não gosta de estudar. É curso para quem não foi capaz de fazer “coisa melhor”, o que não é verdade. Todos que estão ali são capazes e podem chegar onde quiser. A opção de escolha deve ser respeitada e não questionada.

<sup>108</sup> Comunidade no Facebook de entretenimento com conteúdo irônico sobre a profissão. Na seção sobre a comunidade, informa-se que a página é sobre a rotina de quem faz dessa profissão uma revolução silenciosa.

Cita-se, ainda, a desvalorização que ocorre no ambiente laboral, como relata a Entrevistada 31:

Curso bobo, sem necessidade. Poucas pessoas conhecem ou já ouviram falar do curso. Nas escolas públicas, por exemplo, professores atuam nas bibliotecas na maior cara de pau. Tentei designação no Estado duas vezes. Pedem o curso de Pedagogia ou antigo magistério para se candidatar. Já fiz dois concursos para empresas públicas. Fiquei indignada!

Alguns entrevistados relataram que um pouco desse desconhecimento da sociedade acerca do curso é creditado à postura do próprio bibliotecário que, por vezes, tranca-se no interior de sua biblioteca e não procura criar conexão com seu usuário para acabar com aquele estereótipo da “tia de óculos que fica atrás da mesa guardando livro e pedindo silêncio com cara fechada”, como asseverou a Entrevistada 15 (FIGURA 22). Sobre essa questão, a Entrevistada 6 opina que:

A visão do profissional do curso é péssima, porque o profissional é visto como uma pessoa antissocial que prefere os livros a lidar com as pessoas, mas acho que muito disso é culpa do bibliotecário. Os bibliotecários agem como aquela solteirona que aguarda que o marido chegue à porta. O bibliotecário fica sentado na biblioteca esperando que o usuário bata à sua porta. O bibliotecário costuma achar que é dono da biblioteca e que não precisa conhecer a instituição a quem ele deve servir e nem os seus usuários.

### Figura 18 – Meme da bibliotecária mal-humorada



Fonte: Página da Comunidade “Bibliotecária Mal Humorada” no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BibliotecariaMalHumorada/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Diante dessas observações, ainda assim, tratando-se da Imagem Central do curso de Biblioteconomia, os atributos mais salientes identificados foram majoritariamente positivos. Todavia, seria interessante que a gestão do curso atentasse para os elementos afetivos e emocionais, que tiveram médias de satisfação mais baixas quando comparadas às dos elementos racionais, excetuando-se o atributo *paixão/amor*. Em especial, para o elemento referente ao desconhecimento atrelado ao curso, dever-se-ia pensar em estratégias de divulgação do curso para a sociedade, o que provavelmente acarretaria a promoção da carreira e o aumento da autoestima do bibliotecário. Conforme atestaram Rubi, Euclides e Santos (2006, p. 87), citados na seção de revisão de literatura deste trabalho, “tão importante quanto à formação são as ações que divulguem esse profissional para o mercado de trabalho”.

Prosseguindo na análise da imagem do curso, a 1ª Periferia merece muita atenção. Para começar, relembra-se que o sistema periférico das representações sociais possui as seguintes características: caráter evolutivo e sensível ao contexto imediato; adaptação à realidade concreta e diferenciação do conteúdo da representação; é flexível e permite a integração das experiências e histórias individuais (SÁ, 1996a). Dos oito atributos que compõem a 1ª Periferia, seis estão com baixa média de satisfação. Trata-se de elementos importantes de representação e características do curso, como é o caso do atributo *bibliotecário*, aqui entendido como o papel social desse profissional, como se verifica no posicionamento da Entrevistada 16 sobre a representação do curso em sua vida: “É o meu exercício profissional e, juntamente a isso, a possibilidade de ajudar as pessoas na questão informacional e educacional”. É muito significativo que este elemento tenha recebido notas mais baixas de satisfação, o que pode simbolizar que os egressos não estão satisfeitos com a atuação do curso, no sentido de contribuir para a formação da imagem do bibliotecário na sociedade. Sem dúvida, esse elemento da imagem relaciona-se com o atributo *desconhecido* da Imagem Central. Embora sejam de categorias analíticas diferentes, o sentido de ambos se converge.

Nessa mesma perspectiva, figuram na 1ª Periferia da imagem os atributos *exercício profissional* e *engessado*, também com médias de satisfação abaixo da média geral e pertencentes à categoria racional. O primeiro diz respeito à preparação recebida durante o curso para o exercício da profissão. Já o segundo parte do pressuposto, com base nas entrevistas, de que o curso é engessado e, portanto, de que os egressos estão insatisfeitos com as ações desenvolvidas pelo curso para que ele deixasse de ser *engessado*. Alguns entrevistados mostraram-se incomodados com a rigidez de algumas disciplinas, atreladas a bibliografias mais antigas e sem uma vertente mais prática. O Entrevistado 18 chegou a

mencionar “métodos arcaicos para disseminar a informação”. De certo, esse aspecto do engessamento repercute na baixa média de satisfação dos respondentes com o atributo *exercício profissional*.

Sobre os outros elementos que integram a 1ª Periferia da imagem do curso, surgem dois atributos que, provavelmente, estão relacionados: *(des)valorização do bibliotecário* e *inadequação ao mercado*. Ambos, com média abaixo da média geral de satisfação e pertencentes à categoria afetiva da imagem, representam a falta de reconhecimento do valor do profissional nos grupos sociais com que se relacionam, incluindo o contexto profissional. A Entrevistada 35 manifestou em relação ao curso o sentimento de desvalorização, ainda que os sentimentos de afeto e de orgulho estejam presentes: “Amor à profissão, disseminação de conhecimento, incompreensão da sociedade, desvalorização social da profissão, orgulho, resistência”. Em relação ao atributo *inadequação ao mercado*, o Entrevistado 1 declarou que “o curso não prepara o aluno para o mercado de trabalho na variedade do mercado”. Há nesse aspecto uma relação próxima com os atributos *exercício profissional* e *engessado*. Apontou o Entrevistado 4: “Algumas disciplinas podiam ter maior foco em aplicação profissional. Algumas disciplinas são muito teóricas e não consegui enxergar uma aplicação profissional para elas”. O fato de o atributo *inadequação ao mercado* ter recebido uma nota de satisfação baixa no que tange aos esforços desenvolvidos pelo curso para que ele não fosse inadequado ao mercado, certamente, impactou o atributo *exercício profissional* e reiterou o caráter *engessado* atribuído ao curso, conforme se percebe na fala da Entrevistada 14:

Não gostei do foco dado durante o curso, tipo muita insistência em áreas como biblioteca e pouca preocupação com a inserção dos profissionais de Biblioteconomia num ambiente diverso daquilo que é ensinado. O mercado exige outro perfil de profissional. Até o perfil técnico formado pelo curso já é ultrapassado.

O atributo *valorização da profissão/curso*, único elemento simbólico da 1ª Periferia da imagem do curso, emergiu durante as entrevistas quando perguntado o que se esperava do curso no futuro. Para a Entrevistada 36, especialmente, esperava-se que houvesse “mais oportunidades e diálogos efetivos com outras áreas e mais valorização do profissional”. Nesse aspecto, justifica-se a baixa nota atribuída à satisfação dos respondentes com relação às contribuições do curso para *valorização da profissão/curso*.

Concluindo as considerações sobre essa região da imagem, aparecem os dois únicos atributos que tiveram média de satisfação acima da média geral: *pesquisa e organização da informação*. Como são elementos de cunho racional relativos às características e às

atividades do curso, como ocorreu com a maioria dos elementos basilares, ambos foram bem avaliados pelos egressos. Assim, pode-se afirmar que os egressos estão satisfeitos com a preparação recebida durante o curso para *pesquisa* e para o desenvolvimento de habilidades em *organização da informação*.

A 2ª Periferia da imagem do curso de Biblioteconomia é a região com mais atributos identificados. Dos 15 elementos que a compõem, sete estão com a média de satisfação abaixo da média geral. Interessante observar que é nesta região que surgem pela primeira vez os elementos categorizados como visionários, isto é, que dizem respeito a projeções de futuro, expectativas ou idealizações acerca do objeto. Nessa direção, pode-se relacionar dois atributos, *maior diálogo com a área tecnológica e tecnologia*, ambos alusivos à expectativa futura de “maior envolvimento com as tecnologias atuais e futuras” (ENTREVISTADA 25). Diversos entrevistados manifestaram-se insatisfeitos com a interação atual estabelecida entre o curso e a área tecnológica, em especial com a quantidade de conteúdo tecnológico inserida na grade curricular vigente. Comprova-se isso em diversas passagens das entrevistas:

Eu espero que o curso se envolva com mais disciplinas, como disciplinas da área tecnológica e disciplinas da área social. O curso tem de orientar mais o aluno da importância do papel social do profissional, como também o papel tecnológico do bibliotecário, como a utilização das novas tecnologias e a sinergia com profissionais de outras áreas (ENTREVISTADO 3).

Eu desejo maior atualização do currículo e inclusão de Tecnologia da Informação (ENTREVISTADO 8).

Espero que o curso se adapte às novas tecnologias da informação e que o mercado perceba a evolução da área e a importância do bibliotecário na gestão dos novos suportes e que o curso consiga mostrar essa perspectiva para o aluno (ENTREVISTADA 12).

Que o curso tenha um viés tecnológico mais forte e que tenha também um viés voltado para o mercado além do mercado de bibliotecas (ENTREVISTADO 21).

Que seja um curso mais valorizado pelo mercado de trabalho e que o curso acompanhe o crescimento das novas tecnologias de comunicação e informação, se adaptando e sendo bem dinâmico frente aos novos possíveis espaços de atuação (ENTREVISTADA 26).

O elemento visionário *ponte para o mercado de trabalho* também obteve média mais baixa de satisfação. Nessa perspectiva, os respondentes mostraram-se insatisfeitos com o curso enquanto *ponte para o mercado de trabalho*. Contudo, este atributo simboliza um desejo, uma esperança na valorização do curso, pois, ainda sim, segundo a Entrevistada 16, ele é “de referência e ponte para o mercado de trabalho”. Já o último elemento visionário da

2ª Periferia da imagem refere-se às contribuições do curso para a capacitação de seus estudantes para a promoção da *democratização da informação*, elemento com o qual os egressos não estão satisfeitos. Este atributo suscita o papel social do bibliotecário e sua importância, segundo a Entrevistada 30, em “democratizar a informação para a sociedade” e promover uma “sociedade mais justa com igual acesso à informação a todos”, segundo a Entrevistada 6.

Dois elementos afetivos também compõem a 2ª Periferia da imagem. O primeiro, (*falta de) reconhecimento no mercado*, foi inquirido aos participantes do questionário quanto à satisfação deles com os esforços empregados pelo curso para aumentar seu reconhecimento no mercado. Este atributo faz alusão a outros elementos já citados, como *inadequação ao mercado*, (*des)valorização do bibliotecário*, *desconhecido* e *ponte para o mercado de trabalho*. Todos estes atributos têm sua centralidade na questão do desconhecimento e da falta de valorização social da área e da profissão. É um curso em que se tem “muito estágio e pouco emprego” (ENTREVISTADA 10) e que sofre com a “falta de conhecimento, de um modo geral, da sociedade. É um curso discriminado e que infelizmente são poucas as pessoas que vestem a camisa e defendem ele perante a sociedade” (ENTREVISTADA 38). Já o segundo atributo afetivo, *redundante*, foi levantado por vários entrevistados que não se mostraram satisfeitos com os esforços empreendidos pelo curso para evitar que os conteúdos das disciplinas fossem redundantes. Em geral, este atributo esteve vinculado ao elemento já citado *engessado*, uma vez que “a grade curricular engessada e a repetição de conteúdo por alguns professores” (ENTREVISTADA 7) foram situações recordadas de modo negativo pelos respondentes.

Sobre o último atributo dessa região da imagem, cuja média de satisfação também foi abaixo da média geral, pode-se falar que ele diz respeito às iniciativas tomadas pelo curso para se tornar menos frustrante aos alunos. Esse sentimento de *frustração*, de decepção, vai de encontro ao sentimento de *paixão/amor*, atributo situado na Imagem Central do curso e bem avaliado pelos respondentes. Esse contraste pode ser creditado ao fato de o elemento *paixão/amor* corresponder a uma idealização do curso, enquanto *frustração* pode estar relacionada com a realidade, com o resultado, com aquilo que de fato foi entregue pelo curso. Esse sentimento esteve presente nas entrevistas em algumas situações vivenciadas no curso, como, “frustração pelo excesso de teoria” e “frustração por não conseguir trabalhar na área” (ENTREVISTADA 10) e “frustração e tristeza em relação à pouca importância dada à graduação” (ENTREVISTADA 14).

Todos os atributos racionais identificados na 2ª Periferia da imagem foram positivos e associados à representação ou atividades do curso, como, *competência informacional, normalização, recuperação da informação, ciência da informação, formação do leitor e técnica*, este último se referindo à satisfação com a parte técnica do curso. Atributo bem avaliado pelos respondentes do questionário, (*excesso de*) *teoria* foi indagado para captar a satisfação dos egressos com a quantidade de teoria oferecida durante o curso. Entretanto, diversos entrevistados afirmaram que o curso concentrava-se excessivamente na teoria, em vez de também promover a prática, conforme relata o Entrevistado 20 ao descrever sobre o que não gostou no curso: “Disciplinas muito tradicionais, pouca prática, pouca cobrança, falta de visita técnica, pouco incentivo para intercâmbio com outros cursos da universidade”. Muita teoria e pouca prática foi um aspecto bastante evocado pelos entrevistados, como declara a Entrevistada 27: “Eu tive muita teoria e pouca aplicabilidade durante o curso. Senti falta dessas disciplinas e, principalmente, nos estágios”. Esse suposto desacordo pode ter ocorrido pelo modo como a pergunta foi apresentada aos respondentes do questionário. Se a pergunta fosse feita de modo direto, isto é, o quão satisfeitos os egressos estavam com o *excesso de teoria* do curso, possivelmente, o nível de satisfação poderia ser outro. Todavia, se a pergunta fosse feita dessa forma, atribuir-se-ia à questão um viés, *a priori*.

Finalizando a 2ª Periferia da imagem com um atributo positivo e simbólico, deve-se afirmar que *evolução*, foi o segundo elemento com maior média de satisfação percebida pelos respondentes. Embora não esteja limítrofe à Imagem Central do curso, este atributo foi importante para evidenciar que, mesmo com os problemas detectados, a evolução ocorrida com a realização do curso foi satisfatória no âmbito tanto pessoal quanto profissional, como se pode constatar nas falas de alguns entrevistados:

Surpresa positiva; novas descobertas; satisfação; evolução (ENTREVISTADA 2).

Divisor de águas. Me considero uma pessoa completamente diferente hoje; evolução pessoal (ENTREVISTADO 5).

Divisor de águas, uma transformação na minha vida em todos os sentidos (ENTREVISTADA 11).

Liberdade financeira; evolução profissional; motivação para o crescimento (ENTREVISTADA 15).

Mudança de pensamento, de posicionamento; amadurecimento tanto pessoal quanto profissional (ENTREVISTADA 25).

Sinto que cresci profissionalmente, por trabalhar em locais que antes do curso não me imaginava trabalhando (ENTREVISTADA 28).

Uma mudança boa, uma evolução (ENTREVISTADA 37).

No que concerne à região mais afastada da Imagem Central do curso de Biblioteconomia da UFMG, observou-se a presença de 13 atributos, sendo seis negativos, isto é, com a média abaixo da média geral de satisfação, e sete elementos positivos. Com relação aos elementos racionais que figuram nesta região, destacam-se como positivos aqueles que, como a maioria dos atributos que constituíram a categoria racional, são estruturais e representativos, dizendo respeito a atividades do curso, como, *compartilhamento*, *gestão da informação* e *acesso*. Nessa perspectiva, os respondentes se declararam satisfeitos com a preparação oferecida pelo curso para ações de compartilhamento, o desenvolvimento de habilidades na gestão da informação e a capacitação para o acesso à biblioteca, aos livros, à informação e ao conhecimento. Contudo, deve-se salientar o atributo racional (*falta de atualização dos professores*) que, embora tenha sido considerado positivo pelos respondentes do questionário, foi identificado como um elemento de sentido negativo pelos egressos entrevistados, como relata o Entrevistado 17:

Temos excelentes professores, mas muitos professores estão ultrapassados. Podem ser considerados lendas dentro da ECI, mas possuem um conhecimento limitado para as oportunidades e abrangência do curso, exemplo disso é determinados professores serem fixados em textos da primeira fase da Biblioteconomia no Brasil, ao invés de utilizar tais conhecimentos para oferecer algo inovador. Claro que não são todos os professores, mas os que são assim prejudicam muito.

Nesta situação, pode ter ocorrido o mesmo que se verificou com o elemento (*excesso de) teoria*, uma vez que neste caso a pergunta inquirida também foi elaborada de modo inverso. Isto é, se os respondentes estavam satisfeitos com a atualização dos professores, e não com a falta de atualização. Interessante perceber na fala do Entrevistado 17 que há excelentes professores, reiterando o atributo *qualidade do corpo docente*, pertencente à Imagem Central. Entretanto, o reconhecimento da falta de atualização pode também estar atrelado ao próximo atributo, que se refere à (*falta de) didática*. Este elemento de cunho racional obteve média de satisfação abaixo da média geral, visto que muitos entrevistados se mostraram insatisfeitos com “alguns professores sem didática” (ENTREVISTADA 40) ou, ainda, com a “didática equivocada de alguns professores” (ENTREVISTADA 16). Este atributo esteve relacionado com a atualização docente nas entrevistas, como afirma a Entrevistada 23 sobre a presença no curso de “professores com métodos de ensino arcaicos”. Houve, também, a questão considerada por alguns entrevistados do não empenho por se tratar da graduação, como relata a Entrevistada 12 quando inquirida sobre o que não gostou no curso:



De várias aulas que a didática do professor não era adequada. Sentia que muitos professores tinham preguiça de dar aula para graduação. Até pode ser que muitos alunos acabam colaborando para esse desinteresse, mas acho que a metodologia do professor é o grande problema.

Ainda nesse sentido, alguns entrevistados vincularam a (*falta de*) didática ao conteúdo técnico, como se constata na fala da Entrevistada 6:

Acho que as disciplinas mais técnicas são dadas de forma mais rasa. Acredito que a didática seja um problema nesse contexto. As melhores oportunidades são os concursos e os conteúdos que caem nos concursos, em sua maioria, não são conteúdos dados como disciplinas obrigatórias do curso. Exemplo, a disciplina MARC, que cai em vários concursos, e é disciplina optativa.

Mantendo-se ainda na temática “docente”, também se situa nesta região da imagem o atributo afetivo *comprometimento docente*, considerado elemento satisfatório pelos respondentes. Corroborando também o atributo *qualidade do corpo docente*, situado na Imagem Central, o comprometimento esteve conectado nas entrevistas quando se relatava a “experiência com alguns bons professores” (ENTREVISTADA 33) e, assim, a oportunidade de se conhecer “alguns professores realmente comprometidos” (ENTREVISTADA 10). Observou-se a preocupação com o *comprometimento docente* no que tange ao direcionamento do curso, como se verifica no depoimento da Entrevistada 33:

Espero que realmente os profissionais que estão à frente do curso levem a sério o compromisso de ensinar o que é importante na vida do profissional bibliotecário. Espero ouvir de colegas de profissão que buscam estagiários e pessoas recém-formadas que foi possível encontrar profissionais capacitados.

Completando o grupo dos atributos racionais negativos desta região da imagem, *oportunidades profissionais* e *história* receberam notas abaixo da média geral de satisfação. No que tange às oportunidades profissionais, a média mais baixa pode estar relacionada à “falta de prática voltada à inserção profissional no mercado de trabalho” (ENTREVISTADO 21). Isso pode estar relacionado também com o que foi mencionado anteriormente sobre haver “muito estágio e pouco emprego” (ENTREVISTADA 10) referindo-se a (*falta de*) *reconhecimento no mercado*. Sobre o atributo *história*, é possível afirmar que os respondentes do questionário não estão satisfeitos com a presença no curso de temáticas ligadas à História. Contudo, não se pode afirmar se é no sentido de desejar mais disciplinas vinculadas à área, pois atualmente são poucas, ou de não haver disciplinas relacionadas à História no curso. No

que toca a esta pesquisa, aponta-se a primeira opção, uma vez que nas entrevistas o atributo *história* foi evocado quando se perguntou sobre o que vinha à mente do egresso quando ele pensava no curso de Biblioteconomia da UFMG. Logo, relaciona-se também este atributo a um elemento basilar do curso.

Em se tratando do atributo afetivo *empatia*, apurou-se que os respondentes não estão satisfeitos com as oportunidades oferecidas pelo curso para o desenvolvimento de *empatia*. Nessa ótica, constatou-se nas entrevistas a preocupação de alguns no sentido de o curso favorecer a formação de “bibliotecários mais humanos, valorizando o contato, o marketing pessoal, a empatia, a vontade de ajudar o leitor” (ENTREVISTADA 10). Nessa acepção, pode-se remeter a *empatia* ao “engajamento social” (atributo também identificado nas entrevistas, porém não presente na imagem do curso), conforme se percebe na fala de alguns entrevistados quando se perguntou sobre o que eles esperavam do curso de Biblioteconomia no futuro:

Espero que no futuro tenhamos a oportunidade de formar profissionais mais humanos e dedicados ao ofício do que pessoas estimuladas apenas por cargos, salários e benefícios (ENTREVISTADA 35).

Uma maior aproximação das necessidades da população, incluindo melhor formação de bibliotecários escolares (ENTREVISTADA 32).

Espero que os bibliotecários sejam mais engajados socialmente, que realmente queiram fazer o curso por vontade própria. Eu sei que a área é marginal e, se não tivermos pessoas a fim de dar uma sacudida, pois já temos uma visão tão estereotipada, precisamos de pessoas dispostas, tanto alunos quanto professores. Não precisamos de professores que nos desmotivem na profissão (ENTREVISTADA 13).

Contribuir em projetos em comunidades, possibilitar que qualquer pessoa possa ter informação (ENTREVISTADA 24).

Os atributos emocionais *satisfação* e *desamparo* estão associados a sentimentos ambivalentes atribuídos ao curso. O primeiro obteve notas acima da média de satisfação. Logo, conclui-se que os respondentes estão satisfeitos por terem realizado o curso, como relata o Entrevistado 1: “Fazer o curso foi uma das melhores épocas da minha vida”. Todavia, eles se sentiram desamparados durante a realização do curso. Por isso, este atributo pode estar relacionado à falta de apoio da estrutura do curso, a fim de minimizar as incertezas inerentes à área ou, mesmo, à “insegurança nos períodos finais do curso” (ENTREVISTADO 1).

Em relação ao atributo visionário *ampliação de perspectivas profissionais/temáticas*, embora tenha sido evidenciado nas entrevistas como um fator positivo ao curso, que possibilitou a “ampliação do horizonte e o contato com novos temas a serem trabalhados” (ENTREVISTADO 5), verificou-se que os respondentes do questionário não se mostraram satisfeitos com este tópico. Isso pode ter a ver com a questão do engessamento já mencionado, porém, ainda sim, ressalta-se que nas entrevistas este elemento foi evocado de modo positivo, como se pode atestar pela fala da Entrevistada 26 quando indagada sobre qual a utilidade do curso para ela:

O curso (que é minha única graduação) proporcionou uma abertura de visão de não enxergar o bibliotecário apenas como a pessoa que lida com livros e poder mostrar que biblioteca (no caso, minha experiência até o momento é em biblioteca escolar) é local de interação entre as pessoas, local de troca cultural.

Por fim, mas não menos importante, uma vez que foi o atributo que recebeu as maiores notas de satisfação, *força da marca UFMG* é um elemento simbólico que representa o orgulho de se pertencer a essa instituição. Nessa perspectiva, os respondentes estão satisfeitos com a influência da marca UFMG na formação deles, o que vai ao encontro da fala de alguns entrevistados que mencionaram a “ampliação de oportunidades por causa do nome da instituição” (ENTREVISTADO 1) ou, ainda, afirmaram que, no caso da Entrevistada 31, “foi válido porque estudei na UFMG, instituição de qualidade renomada”. Seria até pertinente adentrar na discussão acerca da identificação institucional, forma específica de identificação social, em que o indivíduo define a si mesmo em termos de sua participação em uma organização em particular (MAEL; ASHFORTH, 1992). Contudo, essa discussão foi procedida na dissertação da autora deste trabalho, em que se discorreu sobre o relacionamento entre a UFMG e seus egressos por meio da informação (QUEIROZ, 2014), não sendo, desse modo, o foco da investigação ora retratada.

Depois de apresentados e analisados os dados acerca dos atributos que compõem a imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG, parte-se para a etapa final desta pesquisa, que objetiva exibir os dados coletados das entrevistas e do questionário eletrônico sobre a opinião dos egressos a respeito de certos aspectos do curso, bem como a questão da trajetória profissional desses ex-alunos. Pretende-se, portanto, cotejar componentes extraídos dessa trajetória e da apreciação do curso por parte dos egressos com alguns elementos da imagem identificada do curso.

#### **4.12 A trajetória profissional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**

Nesta etapa da pesquisa, busca-se conhecer um pouco do percurso do egresso enquanto estudante do curso de Biblioteconomia da UFMG, especialmente no que tange à realização de estágio, tanto obrigatório quanto extracurricular (curricular não obrigatório), e enquanto profissional, após sua formatura.

As questões sobre a trajetória profissional do egresso foram contempladas tanto na entrevista quanto no questionário eletrônico e as referentes ao período de estudante do curso, apenas nas entrevistas. Nestas, questionava-se sobre: realização de estágios, disciplinas, grade curricular e opiniões do egresso a respeito do curso de modo geral. Assim, a entrevista englobou mais assuntos que o questionário eletrônico. Por isso, os dados nela coletados foram apresentados separadamente dos dados do questionário. A sequência de exposição e análise dos dados desta seção do trabalho ficou definida da seguinte forma:

1. Dados da entrevista:

- Caracterização profissional do egresso enquanto estudante (estágio).
- Informações acerca das disciplinas e da grade curricular e apreciações em geral sobre o curso.

2. Dados do questionário eletrônico:

- Caracterização profissional do egresso.
- Percepções em geral sobre a área da Biblioteconomia e a profissão.

Dois esclarecimentos tornam-se necessários antes de se iniciar a análise dos dados:

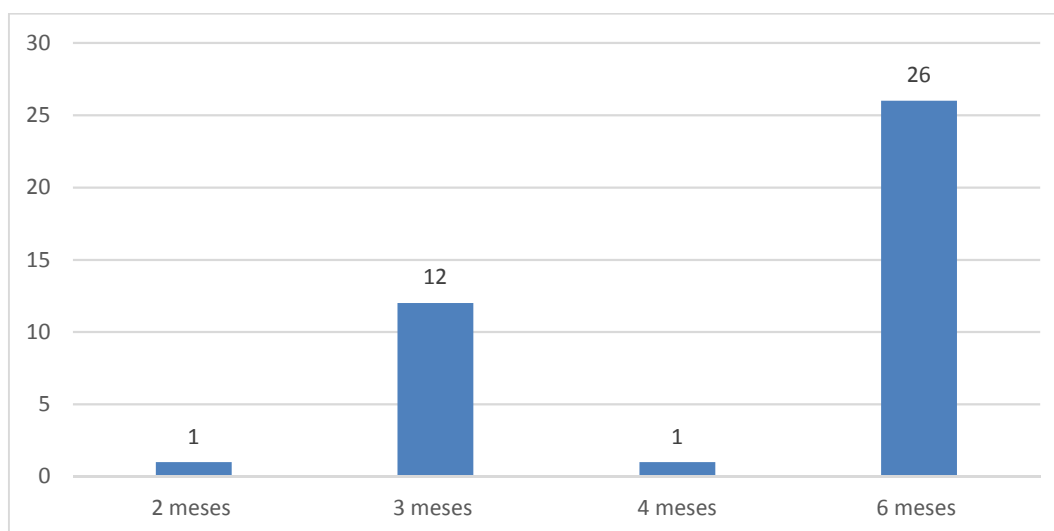
a) A caracterização demográfica da amostra, tanto das entrevistas quanto dos questionários eletrônicos, já foi apresentada nas seções **4.1** e **4.6**.

b) As questões sobre a caracterização profissional do egresso após a formação, inquiridas em ambos os instrumentos, foram apresentadas na parte dedicada ao questionário, pois se verificou que alguns dos 40 egressos entrevistados também responderam ao questionário eletrônico.

#### 4.12.1 Caracterização profissional dos egressos entrevistados enquanto estudantes do curso

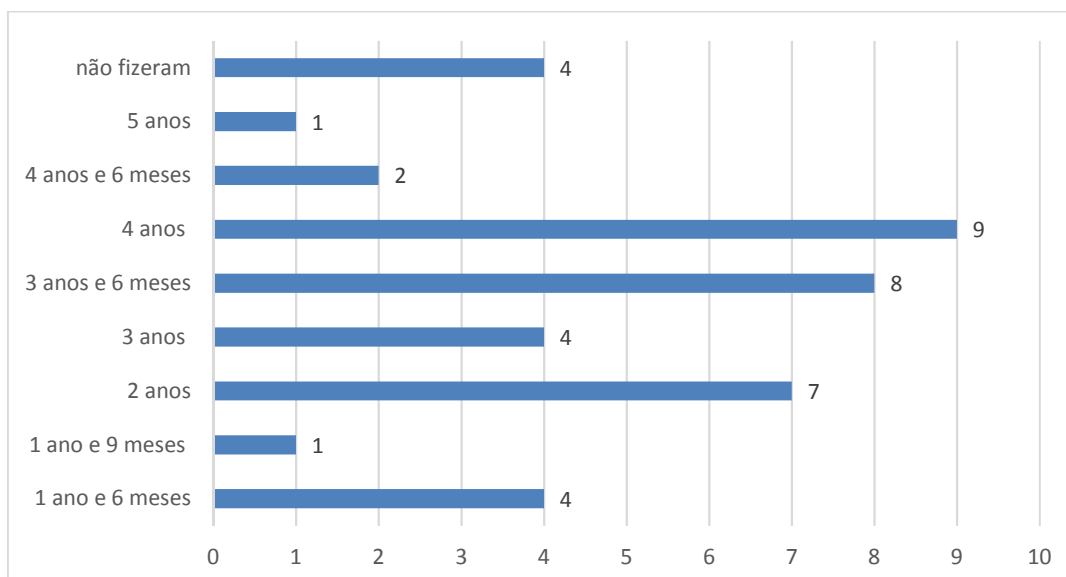
Em se tratando da realização de estágio curricular obrigatório e não obrigatório (extracurricular), apenas quatro egressos dos 40 entrevistados fizeram somente o curricular obrigatório, uma vez que três deles já trabalhavam como auxiliar de biblioteca e uma entrevistada trabalhava em escola estadual. Os outros 36 entrevistados, 90% da amostra, cumpriram o estágio curricular obrigatório – que exige 240 horas de trabalho para completar a atividade obrigatória – e realizaram estágios extracurriculares por períodos que variaram de um ano e seis meses a cinco anos. Vale ressaltar que no curso de Biblioteconomia o estudante pode realizar estágio extracurricular desde o primeiro período (ver Gráfico 17 e Gráfico 18).

**Gráfico 17 – Número de entrevistados que realizaram estágio curricular obrigatório pelo tempo de duração (Q.17 e Q.18)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

**Gráfico 18 – Número de entrevistados que realizaram estágio extracurricular pelo tempo de duração (Q.17 e Q.18)**



Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

A respeito da importância dessas duas modalidades de estágio para a formação em Biblioteconomia (Questão 19), dos 36 egressos que fizeram ambas, 42% responderam que os dois tipos de estágio exerceram igual importância na formação em Biblioteconomia e 39%, que o estágio extracurricular foi o mais relevante. Relatou a Entrevistada 9 sobre os estágios extracurriculares: “Foi possível colocar em prática tudo o que aprendi no curso e tive a sorte de estagiar com bibliotecárias que me davam funções práticas, e não apenas preenchiam a vaga de estágio para ter mão de obra barata”. A Entrevistada 36 completou: “Os extracurriculares foram por períodos mais longos. Aprendi mais sobre o trabalho, além da possibilidade de passar por diversas áreas”. Os 19% que declararam que o curricular obrigatório foi mais importante para a formação justificaram que, em geral, este tipo de estágio era realizado em uma biblioteca, o que nem sempre ocorria nos estágios extracurriculares. Confirmaram outras entrevistadas, por exemplo:

O obrigatório foi o mais importante, porque escolhi um local que me desafiou, uma Biblioteca Escolar. Os outros o foco foi o meu sustento (ENTREVISTADA 14).

O curricular obrigatório foi muito importante pra mim, porque eu ainda não tinha atuado na minha área preferida, a Biblioteca Escolar (ENTREVISTADA 2).

Os 42% que consideraram ambas as modalidades importantes mencionaram a possibilidade de se ter a experiência em outras áreas, geralmente propiciada pelos extracurriculares, e a experiência de se conhecer ao menos a rotina de uma biblioteca, o que ocorria no curricular obrigatório.

Sobre a avaliação dos egressos entrevistados quanto ao auxílio do(s) estágio(s) na inserção profissional (Questão 20), a maioria afirmou que isso foi importante, com exceção dos três que já trabalhavam como auxiliar de biblioteca e uma que trabalhava em escola estadual. A Entrevistada 2 declarou: “O estágio foi importante como um networking para conseguir um emprego”. Alguns chegaram a ser contratados pelo local onde estagiaram, como cita o Entrevistado 34: “Fui chamado para gerenciar a biblioteca que estagiava assim que me formei”. A questão do aprimoramento dos conhecimentos técnicos foi a mais mencionada pelos entrevistados:

Os estágios que realizei permitiram que eu vivenciasse de uma forma muito próxima dos gestores, a rotina, os métodos de trabalho, as dificuldades, o posicionamento e a política de cada instituição acerca do profissional, a valorização institucional com esses espaços, dentre outros (ENTREVISTADA 7).

Experiência importante, porque aprimorei conhecimentos técnicos e a questão relacional e cultura organizacional também foi um aprendizado (ENTREVISTADO 4).

O estágio extracurricular me deu segurança na questão técnica de como realmente organizar uma biblioteca. E eu também tive preparo para receber o MEC nas avaliações institucionais (ENTREVISTADA 12).

As experiências no estágio auxiliaram muito, pois aprendi a mexer no Pergamum e no MARC nos estágios. As referências dos estágios foram importantes para a inserção no mercado como bibliotecária (ENTREVISTADA 13).

Outro fator mencionado diz respeito à possibilidade de crescimento, à maturidade e ao favorecimento do senso crítico, uma vez que o estágio exigiu esforço. Declarou a Entrevistada 14: “Me tornou mais responsável, mais realista, mais resiliente. Esse estágio obrigatório me amadureceu”. A Entrevistada 19 ainda emendou que “os estágios possibilitaram uma maior visão crítica, preparando para o mercado de trabalho”. Os estágios também contribuíram para a decisão da área da Biblioteconomia em que o egresso mais se identificava, segundo a Entrevistada 15:

Os estágios serviram para me mostrar o que eu não me identificava e o que eu me identificava, para, assim, me ajudar a escolher o que eu hoje faço, que

é trabalhar com tratamento da informação numa biblioteca escolar, especialmente gerenciando o Pergamum.

Enfim, os estágios podem ter sido decisivos para a colocação formal na área da Biblioteconomia, conforme afirmaram alguns entrevistados:

Os estágios extracurriculares foram decisivos na minha inserção profissional no mercado de trabalho após a conclusão do curso. Muitos que formaram junto comigo e que não fizeram estágios extracurriculares ou tiveram poucas experiências de estágio encontram-se hoje desempregados ou em outras áreas de atuação que não estão relacionadas com a Biblioteconomia (ENTREVISTADA 25).

O estágio foi minha principal ferramenta para minha inserção no mercado, pois o mercado não quer saber se você é recém-formado, ele quer experiências. E, apesar de muitos recusarem a experiência de estágio, foi ela que me ajudou a conseguir uma vaga (ENTREVISTADA 29).

Sobre a contratação pela organização onde o egresso estagiou após ter se formado (Questão 21), nove entrevistados alegaram que isso ocorreu com eles e 31, que não foram contratados pela organização onde estagiaram. Entre estes estão os quatro que já trabalhavam na área, sendo que uma foi demitida assim que se formou no curso (ENTREVISTADA 31). A maioria relatou que estagiou em instituições públicas e que por isso não foi possível a contratação após a formatura. Contudo, houve alguns comentários interessantes sobre a questão da preferência das organizações pelo estágio, por se tratar de “uma forma de mão de obra barata, por não ter vínculo empregatício” (ENTREVISTADA 24). Afirmou a Entrevistada 28: “Não fui contratada porque eles preferiam contratar só estagiários, por terem menos gastos”.

Quando questionados se os estágios estavam alinhados com os conteúdos curriculares do curso (Questão 22), praticamente todos entrevistados responderam que totalmente ou, ao menos, em parte. Apenas um entrevistado disse que os estágios que ele realizou estavam mais alinhados com questões relacionadas a arquivo (ENTREVISTADO 5). Curiosamente, a Entrevistada 14 relatou que o curso não prepara seu aluno para a Biblioteca Escolar: “achei que os estágios não obrigatórios estavam mais alinhados, pois para Biblioteca Escolar o curso não me preparou muito”. Aqui, vale ressaltar que essa disciplina pertence à grade das optativas. A questão da mão de obra barata ainda sobressai, como revelou a Entrevistada 13, para quem os estágios estavam em parte alinhados: “Quando me colocavam como auxiliar de escritório, eu saía”. A Entrevistada 25 também comentou sobre este assunto:



Não considero que em todos os estágios que realizei os conteúdos estivessem alinhados. Houve estágios em que fui apenas mão de obra para realização de atividades básicas, como digitação. Apesar de o contrato ser para estagiar como acadêmico de Biblioteconomia, a função não estava nem um pouco alinhada de acordo com o currículo do curso. Acontece que grande parte das vezes o estágio é apenas uma forma de encontrar uma mão de obra barata para atividades básicas. Porém, tive grandes experiências em outros estágios, onde a prática estava sempre alinhada com os conteúdos curriculares do curso.

Os relatos evidenciaram que em algumas disciplinas não foi possível aprofundar nos estágios, como no caso de Planejamento em Unidades de Sistemas de Informação e Leitura e Formação do Leitor, ambas citadas pela Entrevistada 40. A Entrevistada 7 também se manifestou a respeito:

Senti muita falta do aprofundamento das disciplinas que envolviam gestão de pessoas e política de acervos. No caso, me senti rasa quanto ao conhecimento aprendido. Talvez se houvesse uma disciplina que desse continuidade a essas questões, me sentiria mais segura. Entendi a diferença entre teoria e prática dessa forma.

Sobre o questionamento de que a ECI/UFMG se preocupa com o desenvolvimento profissional de seus alunos (Questão 23), apenas 20%, ou seja, 8 egressos, não concordaram que a ECI tenha se preocupado com esse assunto. Este percentual foi até mais positivo que o apresentado na pesquisa de Queiroz (2014), relatada na seção **2.4**, quando se fez a mesma pergunta, só que considerando a UFMG em geral, e não uma unidade acadêmica específica. Na pesquisa atual, a maioria elogiou a divulgação e a oferta dos estágios pela ECI, afirmando que “sempre divulgavam as ofertas de estágio e oportunidades por e-mail e pelos quadros de aviso da escola” (ENTREVISTADA 7). Corroborando a opinião de que a área da Biblioteconomia oferece muitos estágios, o Entrevistado 3 assegurou: “A Biblioteconomia tem o luxo de ter muitas opções de estágio”. A Entrevistada 38 disse se lembrar de “receber diversos e-mails do Colegiado divulgando bolsas, estágios e alguns programas”. Todavia, os poucos que não foram assertivos quanto a essa questão teceram comentários acerca da falta de preocupação da ECI com a divulgação das oportunidades e com os conteúdos desenvolvidos nos estágios:

Não dou esse mérito à ECI em si, pois considero a forma de inserção em estágios de grupos de pesquisa completamente “peixados”. Estágios em Biblioteconomia são comuns, dentro e fora da UFMG, por isso, a Escola não tinha dificuldade em divulgação. Não considero que sejam preocupados com isso então (ENTREVISTADA 9).

A ECI em nenhum momento demonstrou preocupação com o conteúdo desenvolvido nos estágios e se o mesmo era alinhado com o conteúdo do curso. Muito menos houve alguma preocupação com o desenvolvimento no mercado de trabalho, visto que acredito que este é um ponto importante que deveria ser discutido. Não existe preocupação com o conteúdo do estágio que está sendo desenvolvido ou se o mesmo se adequa às necessidades profissionais a serem desenvolvidas pelo aluno de Biblioteconomia. O oferecimento de estágios pela instituição é deficiente. Muitas vezes, encontrávamos opções de estágio através de comunicação com outros alunos por falta de um canal de comunicação oficial eficiente pela ECI (ENTREVISTADA 25).

Quanto à declaração de que a inserção no mercado de trabalho foi facilitada pelo fato de ser graduado(a) na ECI/UFMG (Questão 24), 33 dos 40 egressos entrevistados apontaram que estudar na ECI facilitou. Melhor ainda, que “ter status de UFMG é sempre facilitador” (ENTREVISTADA 9). O “peso do nome UFMG” (ENTREVISTADA 11) faz a diferença em muitos casos, como relatou a Entrevistada 12, para quem isso ocorre principalmente “no caso dos avaliadores do MEC. Eles sempre perguntam se formamos na UFMG”. Reforçou a Entrevistada 19: “O ingresso na UFMG abre novos campos e oportunidades”. Contudo, houve alguns que não acreditam que o nome faça tanta diferença assim, particularmente porque “ser graduado pela UFMG ainda é a menina dos olhos para muitas empresas, porém, nosso mercado da área mesmo é muito fechado e a concorrência é toda da UFMG” (ENTREVISTADA 36). Quanto à questão da concorrência, o que a entrevistada quis dizer foi que no estado de Minas Gerais, além de Belo Horizonte, poucas cidades oferecem o curso de Biblioteconomia, sendo a UFMG a única instituição pública. As outras cidades que oferecem o curso são Formiga e Caratinga, ambas por meio de instituições privadas.<sup>109</sup> E, ao que tudo indica, esses cursos não estão com turmas abertas em 2019.

#### *4.12.2 As disciplinas do curso de Biblioteconomia na opinião dos egressos entrevistados*

Entrando na seara das disciplinas ofertadas ao longo do curso, em relação à importância delas para o exercício profissional dos egressos (Questão 25), 34 entrevistados citaram que parte das disciplinas foi essencial para seu exercício profissional, especialmente as de cunho técnico e prático, como, Classificação, Indexação e Análise de Assunto. O

---

<sup>109</sup> Disponível em: <<https://www.crb6.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

restante preferiu não opinar, pois não estava mais atuando na área da Biblioteconomia. Embora a maioria tenha se pronunciado favoravelmente à importância das disciplinas para o exercício profissional na área, muitos ressaltaram que “faltaram mais disciplinas técnicas. Muita teoria e pouca prática” (ENTREVISTADO 1). E as disciplinas técnicas, ainda que importantes para a atuação profissional, foram consideradas como superficiais por alguns entrevistados, como se percebe nos seguintes depoimentos:

As disciplinas foram importantes, mas muitas foram dadas de forma rasa. Por exemplo, as disciplinas de classificação foram dadas de forma rasa. As disciplinas gerenciais também foram dadas muito artificialmente. A disciplina de Banco de Dados e Introdução à Informática também foram muito rasas. Faltou uma disciplina para nos ensinar a fazer de fato projeto, planejamentos para bibliotecas, incentivo à pesquisa (ENTREVISTADA 11).

Como base e orientação, as disciplinas foram importantes, mas disciplinas como CDU, MARC, AACR, especificamente para minha atividade, foram muito superficiais. Tive que estudar por conta própria (ENTREVISTADA 15).

Em parte, algumas disciplinas que deveriam ser essenciais na prática profissional foram mal abordadas, como: CDD, CDU, Tratamento Temático da Informação, dentre outras. Saímos da graduação para o mercado de trabalho com uma visão da prática da profissão totalmente deficiente. Muitos, apesar de cursar todas as disciplinas, mal conseguem catalogar uma obra, por exemplo. Porém, quanto às disciplinas teóricas, muitas foram bem abordadas (ENTREVISTADA 25).

A respeito da superficialidade da parte técnica, alguns também ressaltaram que isso tem a ver com a didática empregada pelos docentes, como relata a Entrevistada 16: “Muitas disciplinas foram importantes, mas devido à didática de alguns professores, considero que muitas ficaram incompletas”. Isso talvez possa corroborar o atributo identificado como negativo na imagem do curso (*falta de*) *didática*, conforme visto na seção anterior deste trabalho. Ainda, houve um comentário sobre o *comprometimento docente* quanto à graduação. Embora este atributo tenha sido avaliado como positivo pelos respondentes do questionário, nas entrevistas houve observações pessimistas quanto à esta questão, como se comprova na fala da Entrevistada 27:

As disciplinas eram boas, os textos bons. O que eu e muitos colegas sempre questionávamos era o comprometimento dos professores com a graduação. Ainda mais quando era uma disciplina técnica que considerávamos fundamental para a profissão.

Enfim, nota-se que o egresso entrevistado percebe que é na prática que ele conseguirá obter os conhecimentos complementares necessários à sua atuação:

Sim. As disciplinas foram importantes, mas a parte de gestão foi insuficiente. Sinto que o curso falha na parte de preparar o profissional para o mercado nesse sentido. O que me auxilia na minha atividade profissional atualmente (em relação à gestão) é o conhecimento que adquiri durante os estágios que fiz (ENTREVISTADA 32).

Tal como ocorreu com a questão sobre a importância das disciplinas para o exercício profissional, a relação estreita entre as disciplinas cursadas e a prática profissional também foi indagada aos entrevistados (Questão 31). A resposta do Entrevistado 1 resume grande parte do que foi explicitado pelos respondentes: “50% das disciplinas tinham relação direta com o curso. Os outros 50% não tinham relação direta com a prática profissional”. Como era de se esperar, muitos entrevistados consideraram as disciplinas técnicas mais relacionadas com a prática profissional, como afirma a Entrevistada 2: “As disciplinas técnicas estavam estreitamente relacionadas, mas algumas disciplinas são muito teóricas de difícil aplicabilidade”. O mote da prática *versus* teoria foi bastante abordado, visto que muitos entrevistados consideravam que “as disciplinas eram muito teóricas e poderia ter mais conteúdo prático” (ENTREVISTADA 26). A respeito do argumento de que o curso é muito teórico, o comentário da Entrevistada 9 foi bastante interessante, uma vez que ela alegou que “o curso da ECI é muito direcionado para o profissional prático e não para o profissional social”. Ainda sobre isso, a Entrevistada 32 completou: “De forma mais visível, as disciplinas técnicas são necessárias para o exercício da profissão e as disciplinas mais sociais foram importantes para o entendimento da função que a biblioteca tem na sociedade”. Aqui, mais uma vez, a questão da *(falta de) didática* foi aludida, como se percebe do depoimento da Entrevistada 33: “Senti muitas disciplinas sem aplicação nenhuma na área, ainda mais da forma que foi conduzida pelo profissional”.

Sobre o embate da prática *versus* teoria, não se pode deixar de remeter ao que foi dito por Cunha (1998) na seção 2.2.2 ao assinalar que a prática é enxergada como uma aplicação da teoria, e não como um contexto gerador de teorias. A autora fez essa afirmação ao se referir sobre a lógica tradicional dos currículos, em que a prática é inserida no ápice dos cursos, isto é, nos estágios. Para ela, no currículo tradicional o aluno não percebe a prática como ponto de partida para a construção da dúvida epistemológica. Nesse sentido, Cunha (1998, p. 15) afirma que “os conceitos predominam sobre as experiências. Ao final, a insistência excessiva nas teorias, acaba repercutindo nas possibilidades de construir novos conhecimentos que constituam aportes reais para a melhoria das atuações docentes”. Logo, “a supervalorização do que é teórico sobre o que é prático” (CUNHA, 1998, p. 15) pode impactar, sim, a questão didática e as práticas pedagógicas dos docentes.

Prosseguindo no campo das disciplinas, muitas foram elencadas pelos entrevistados como as mais importantes para a atuação profissional na área da Biblioteconomia (Questão 29). Porém, sem dúvida alguma, as disciplinas de Sistemas de Classificação (CDD e CDU), Catalogação Descritiva, Linguagens de Indexação e Usuários da Informação, nesta ordem, foram as mais mencionadas como sendo essenciais para o exercício profissional na área. Logo, observa-se uma valorização das disciplinas de caráter técnico, uma vez que elas se enquadram nesta vertente do curso.

As disciplinas Análise de Assunto, Elaboração e Apresentação do Trabalho Científico, Leitura e Formação do Leitor, Competência Informacional, Formação e Desenvolvimento do Acervo, Introdução às Fontes de Informação, Memória e Patrimônio Cultural, Cultura e Informação e Gestão de Unidades de Informação, nesta ordem, foram também bem citadas pelos egressos entrevistados.

Entre as disciplinas obrigatórias, pois todas mencionadas até o momento são, as menos citadas foram: Teoria Geral da Administração, Fundamentos da Organização da Informação, Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, Fundamentos da Ciência da Informação, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Sistemas de Recuperação da Informação, Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais, Planejamento em Unidades de Sistemas de Informação, Bibliotecas, Arquivos e Museus Digitais e Serviços de Disseminação da Informação, todas citadas apenas uma vez pelos entrevistados.

Apenas três disciplinas da grade obrigatória não foram mencionadas pelos entrevistados: Introdução à Informática, Introdução a Banco de Dados e Organização Bibliográfica Nacional. O fato de duas disciplinas ligadas à área de Tecnologia da Informação (TI) não terem sido lembradas pelos egressos chamou a atenção, pois parecia haver uma contradição, uma vez que entre os atributos identificados na imagem do curso destacavam-se *maior diálogo com a área tecnológica e tecnologia*. Por que isso teria ocorrido? Teria essa discrepância relação com a didática ou com o conteúdo dessas disciplinas? Teria a ver com a valorização das disciplinas técnicas em detrimento das outras? Ou, ainda, teria relação com o perfil dos alunos? São respostas difíceis de serem elaboradas. Contudo, tal fato merece ser analisado com mais atenção em trabalhos futuros.

Do lado das disciplinas não obrigatórias, isto é, as optativas, Biblioteca Escolar foi a mais citada pelos egressos, seguida de: Literatura Infante-Juvenil, Empreendedorismo em Unidades de Informação, Websemântica, História do Livro, Marketing em Unidades de Informação, Administração de Bibliotecas e Tópicos em Catalogação (AACR2 e Ficha

Catalográfica). Vale ressaltar que como estas disciplinas são optativas, pode haver variação nos nomes, sendo que elas estão descritas do modo como foram citadas pelos entrevistados.

Em complemento à questão das disciplinas mais importantes para atuação profissional, foi inquirido aos entrevistados se eles sentiram falta de algum conteúdo específico no curso (Questão 30). Neste tópico, alguns assuntos foram mais abordados, como falta de Estatística e de Programação no curso:

Estatística e disciplina de catalogação, que não era focada no Pergamum (ENTREVISTADO 1).

Disciplinas de Programação e Lógica; conteúdo para orientar o usuário a ter competência informacional, ser mais crítico (ENTREVISTADO 3).

Programação e empreendedorismo, inglês, estatística, história (ENTREVISTADA 14).

Gestão de projetos, embora tenham disciplinas de gestão na grade, mas elas não cumprem com o objetivo; introdução à programação; e estatística (ENTREVISTADO 21).

Senti falta de estatística, filosofia, literatura e gestão de pessoas (ENTREVISTADO 34).

Dos cinco entrevistados que mencionaram a falta de Estatística e de Programação na grade do curso, apenas uma mulher, que era maioria na amostra, abordou esse assunto. Já a falta de disciplinas ligadas à Gestão e à Biblioteca Escolar também foi bastante lembrada pelos egressos entrevistados, sendo que, agora, somente as mulheres abordaram o tema:

Disciplinas para capacitar as competências gerenciais – lidar com chefe; liderar equipes; lidar com burocracia; responsabilizar pelo setor (ENTREVISTADA 2).

Gestão de pessoas e mais disciplinas ligadas aos usuários (ENTREVISTADA 9).

Senti muita falta de disciplinas ligadas a Biblioteca Escolar e também a gestão desse tipo de biblioteca. No aspecto humanístico, senti falta de uma preparação para lidar com crianças e adolescentes, tipo matérias de psicologia e pedagogia (ENTREVISTADA 11).

Gestão de projetos, quer dizer, planejamento de projetos em bibliotecas. Senti falta de alguma coisa ligada ao mercado editorial para preparação de seleção de material didático e marketing (ENTREVISTADA 15).

Disciplina voltada para gestão de processos no meio empresarial (ENTREVISTADA 19).

O curso de Biblioteconomia falha em nos proporcionar conteúdos de gestão. As poucas disciplinas não são de longe o suficiente para profissão. Além disso, faltam disciplinas de Biblioteca Escolar, que eu considero que é uma

das áreas que proporcionam maior oportunidade de emprego e que precisaria de profissionais com maior conhecimento sobre o assunto (ENTREVISTADA 32).

Mais disciplinas de gestão e disciplinas para cada tipo de bibliotecas (ENTREVISTADA 36).

Aprendizado em Projetos e Práticas Pedagógicas, atendimento ao MEC, ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras), de Português e Contação de Histórias, entre outros temas, também foram mencionados:

Teorias educacionais que incentivam uma prática pedagógica na Biblioteca Escolar; Formato bibliográfico MARC 21; Literatura Infanto-juvenil; Gerenciamento e Gestão da Informação nos processos empresariais e prática de Conservação e Restauro de Livros (ENTREVISTADA 23).

Elaboração de projetos pedagógicos e avaliação do MEC. Cito esses dois pois são quesitos eliminatórios em vagas da área. Acredito que o aluno deveria sair sabendo fazer as atribuições mais exigidas. Claro que o aluno, após a graduação, deve procurar se qualificar, mas todos esses cursos são pagos. Recém-formados sem emprego fica bem complicado se qualificar (ENTREVISTADA 24).

O mercado nos cobra conhecimentos de softwares muito específicos da área, tratamento da informação, atendimento dos requisitos do MEC para o ensino superior, tecnologias de banco de dados, análise estratégica de banco de dados, dentre outros (ENTREVISTADA 25).

Libras e contação de Histórias (ENTREVISTADA 29).

Português é uma disciplina que deveria ter em todos os cursos, principalmente a parte gramatical e interpretação de textos. Por incrível que pareça, tinha colegas que escreviam muito errado. Quando estagiava na TV UFMG, por exemplo, recebíamos uma letróloga todas as quintas-feiras para tirar dúvidas dos jornalistas, pra que não escrevessem algo errado nas pautas. As disciplinas de Libras e Literatura Brasileira também seria importante na Biblioteconomia, ao invés de ser restrita à faculdade de Letras. Já que falamos muito em preservação, por que não termos uma disciplina sobre preservação audiovisual? Organização de conteúdos em mídias digitais? A disciplina sobre marketing pessoal deveria ser obrigatória, ao invés de optativa (ENTREVISTADA 30).

A respeito da falta desses conteúdos que os egressos sentiram na grade curricular do curso, vale ressaltar que eles contemplam as quatro categorias citadas por Valentim (2002) na seção **2.2.2**. Em suma, os egressos sentiram falta de conteúdos relacionados às habilidades e às competências gerenciais, técnicas, comunicacionais e sociais.

Em se tratando da atual matriz curricular do curso (Questão 26), a opinião dos entrevistados foi mais ou menos no sentido de dizer que a matriz “é até boa, mas precisa ser

revista” (ENTREVISTADA 40). No geral, os entrevistados se concentraram em quatro assuntos, descritos a seguir:

a) Diálogo com a Tecnologia da Informação e Gestão:

Poderia ser formulada de novo. Falta o Ciclo Básico, com disciplinas de Estatística e ligadas à TI, dando condições de dialogar com o pessoal dessa área quando a gente atua no mercado” (ENTREVISTADO 1).

A matriz é sólida, mas ela precisa de uma inserção maior da questão das novas tecnologias. A disciplina de Websemântica foi dada como optativa e foi superimportante, mas não é oferecida regularmente (ENTREVISTADO 4).

Como já disse, a parte técnica, clássica da Biblioteconomia está muito bem representada, mas precisa de atualização em Tecnologia da Informação (ENTREVISTADO 8).

Redundante, deficiente, pois perde-se muito tempo aprofundando-se em conteúdos não muito importantes para a prática e faltam disciplinas que lidam mais com a Tecnologia. Por exemplo, um bibliotecário que não sabe fazer script para recuperar um grande volume de informações perde muito tempo (ENTREVISTADA 14).

Acho que precisa ser atualizada. Muita coisa está mudando. Tem que haver uma maior integração com as áreas da Computação (ICEX) e Gestão (FACE) (ENTREVISTADO 20).

Devia ter mais disciplinas de base tecnológica, tipo mais disciplinas enfocando programação. Tipo hoje, para construir tesouros, precisamos lidar com softwares, e não temos preparação pra isso. Existem muitas ferramentas para auxiliar o trabalho do bibliotecário, e nós não vemos isso no curso (ENTREVISTADO 21).

A matriz está muito desatualizada e totalmente fora da realidade do mercado de trabalho. Infelizmente, a ECI não forma profissionais para atuar no mercado. O foco parece ser a formação de pesquisadores. Sinto falta de disciplinas mais atuais, envolvendo temas relacionados à Tecnologia da Informação, tema amplamente discutido e o qual saímos do curso sem uma noção sólida para o mercado de trabalho. O foco continua em fontes de informação muito tradicionais. Enquanto isso, somos massacrados por profissionais no mercado com noções de programação, análise de banco de dados, dentre outros temas. A forma como a grade é distribuída só reforça a visão que o mercado tem do bibliotecário como profissional desatualizado frente às tecnologias, tornando a área mal remunerada e malvista, mesmo que o profissional tenha experiência e invista em capacitação (ENTREVISTADA 25).

b) Limitação do trabalho à Biblioteca Física:

Acho engessada e defasada, porque não acompanha as demandas do mercado. O curso não acompanha o mercado. O curso precisa fazer uma divulgação do que realmente pode fazer e se preparar para isso. O curso precisa ser mais ambicioso, mostrar que pode fazer além da Biblioteca (ENTREVISTADA 2).



Muito voltada para o exercício em uma biblioteca física (ENTREVISTADO 17).

Boa, mas poderia ser aperfeiçoada principalmente com disciplinas que abrangem o contexto digital (ENTREVISTADO 18).

- c) Foco também nas disciplinas ligadas à Biblioteca Escolar e retorno do Ciclo Básico:

A matriz é contraditória. Por exemplo, como uma escola que é referência em Biblioteca Escolar não tem disciplinas obrigatórias focadas na Biblioteca Escolar (ENTREVISTADA 11)?

Eu acho que as disciplinas introdutórias, que não têm mais, são de extrema importância. Eu considero que o Ciclo Básico foi superimportante pra mim. Um curso que é da área de Sociais Aplicadas e não se estuda os principais textos dos sociólogos é uma formação muito rasa (ENTREVISTADA 12).

Acho ela boa, porém, daria mais ênfase na Biblioteca Escolar, Educação e Cultura. Senti falta do Ciclo Básico para disciplinas como Sociologia. Eu achei o curso muito teórico e desconexo em relação à teoria com a prática profissional. Muitos professores não tiveram a prática, então falava-se muito na teoria (ENTREVISTADA 16).

- d) Inserção na grade obrigatória das disciplinas mais presentes nos concursos públicos:

Precisava colocar como disciplinas obrigatórias aquelas que são cobradas em concursos, já que essa é atualmente nossa melhor opção de colocação profissional (ENTREVISTADA 6).

Mais uma vez, nota-se uma contradição no que tange ao desejo dos egressos de terem um curso mais vinculado com os assuntos tecnológicos. O assunto mais presente nos depoimentos acerca da matriz curricular do curso foi sobre a possibilidade de diálogo com a TI. Contudo, como já apontado, nenhum dos egressos entrevistados elencou ao menos uma das duas disciplinas da grade obrigatória do curso – Introdução à Informática e Introdução a Banco de Dados – como sendo mais importantes para atuação como profissional da área de Biblioteconomia. Talvez isso aponte mais para uma questão das práticas pedagógicas relacionadas a essas duas disciplinas. Contudo, esses depoimentos reiteram a necessidade que os egressos percebem com relação à falta de conteúdos de cunho tecnológico na grade curricular. Sobre isso, Valentim (2000, p. 20), na seção **2.2.3**, afirmou que os cursos formadores “devem disponibilizar todo e qualquer tipo de tecnologias ao seu corpo docente e discente, buscando um ensino-aprendizagem que permita ao profissional atuar no mercado de trabalho de forma segura e competente”.

A opinião dos egressos sobre as disciplinas técnicas e as disciplinas humanísticas/culturais do curso (Questão 27) foi bastante heterogênea. Alguns consideraram as disciplinas técnicas melhores que as humanísticas, enquanto outros já perceberam o contrário. O fato é que, novamente, o embate teoria *versus* prática se apresentou, como se percebe no depoimento do Entrevistado 1: “As disciplinas técnicas são muitas vezes mais teóricas e pouco práticas e o conteúdo fica aquém do que poderia ser ensinado. As humanísticas parecem que, às vezes, são oferecidas para completar a grade”. Ainda sobre esse ponto, a Entrevistada 6 comenta:

Sobre as técnicas, acho que poderiam ser dadas mais atividades práticas e as humanísticas terem mais projetos de extensão associados a elas, também para que os estudantes tenham visão prática. Os alunos ficam muito “leitores de texto”, sem vivência prática.

Uma percepção interessante foi da Entrevistada 10, que abordou a questão do olhar mais humano do bibliotecário, indo ao encontro do atributo *empatia*, identificado na imagem do curso. Vale lembrar que este atributo foi mal avaliado pelos respondentes do questionário. Uma solução possível para o problema talvez seja investir nas disciplinas humanísticas, como sugerem alguns entrevistados:

Disciplinas técnicas são pertinentes e interessantes, apesar de não serem apresentadas suas utilidades na prática. Disciplinas humanísticas/culturais são poucas e deveriam ser mais voltadas para o indivíduo, para o usuário, para o bibliotecário mais humano e solidário (ENTREVISTADA 10).

As técnicas são necessárias, mas poderiam ser atualizadas. Já as humanas e culturais poderiam ser ofertadas em maior número, principalmente na área da Psicologia, para melhorar o relacionamento com os usuários (ENTREVISTADO 18).

Houve entrevistados que consideraram a carga humanística do curso mais volumosa que a técnica, como se verifica no depoimento da Entrevistada 26:

Acho que a formação é muito mais humanística do que técnica. Depois que formei, por diversas vezes, eu desejei ter cursado um curso técnico em Biblioteconomia antes de ingressar na faculdade. Acho importantíssimas as disciplinas humanísticas/culturais, entretanto, sinto o curso mais voltado para a carreira acadêmica do que para o mercado de trabalho.

Como contraponto a essa opinião, a manifestação da Entrevistada 30 diz sobre o viés tecnicista do curso:

“Cultura e informação”, “Usuários da informação”, “Memória e Patrimônio Cultural”, “Leitura e Formação do Leitor” são as únicas disciplinas humanísticas/culturais, o que não nos aproxima muito dos usuários da informação. Nossa formação é muito tecnicista.

O Ciclo Básico novamente foi citado como um elemento da matriz curricular antiga do curso que está fazendo falta, como atesta a Entrevistada 12:

Achei todas boas (técnicas e humanísticas), mas acho que o Ciclo Básico faz muita falta. O problema é a prática. Existem as disciplinas técnicas, mas a prática não era exigida da forma correta. Então ficava muito superficial a formação.

Tal como o Ciclo Básico, a Biblioteca Escolar foi lembrada como conteúdo que podia ser mais bem abordado na grade curricular do curso:

Acho que atualmente é balanceada essa questão das disciplinas técnicas e humanísticas. Mas tinha que ter uma gama maior de disciplinas obrigatórias que tivesse um foco na área de atuação profissional, ou seja, mais ênfase em certas áreas, como a Biblioteca Escolar (ENTREVISTADO 4).

As disciplinas estão bem equilibradas. Gostaria de mais sobre a Biblioteca Escolar (ENTREVISTADO 8).

Assim como o atributo *empatia*, que foi abordado nesta questão, ainda que indiretamente, o atributo (*falta de*) *didática*, mais uma vez, foi ventilado como argumento, como se verifica na fala da Entrevistada 13:

As humanísticas são necessárias, hoje eu vejo isso. E as disciplinas técnicas deveriam ser mais aprofundadas. Acho que a forma de ensinar, a metodologia de ensino, não está adequada. Os professores não têm muita dinâmica, não têm paixão. É muita apatia.

Pode-se fazer uma boa síntese das observações sobre as disciplinas técnicas e as humanísticas/culturais do curso com o depoimento da Entrevistada 15, que disse: “Para minha atuação, as disciplinas técnicas tiverem mais peso e acho que elas precisam de mais parte prática. Já as disciplinas humanísticas ampliam muito a visão e possibilidade de atuação do Bibliotecário. Então acho muito interessante”. É pertinente observar que o viés humanista é recomendado pelas DCN do curso de Biblioteconomia, conforme visto na seção **2.2.1**, em que se sugere a “adoção de uma perspectiva humanística na formulação dos conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais

imediatos sugeridos por determinados itens” (BRASIL, 2001, p. 33). A percepção por parte de alguns egressos da necessidade de disciplinas como Psicologia para melhorar o relacionamento com os usuários é bastante significativa e aponta para a tendência da área de se atentar para o aprimoramento do suporte ao usuário da informação.

Para finalizar esta seção sobre as disciplinas do curso, os entrevistados responderam sobre a quantidade de disciplinas obrigatórias e optativas oferecidas pelo curso (Questão 28). No geral, as apreciações foram mais no sentido de considerar as obrigatórias de acordo, em oposição às optativas, que foram avaliadas como poucas ou quase “optatórias<sup>110</sup>”, como se percebe na fala da Entrevistada 2: “Deficitária a oferta das optativas. Eram quase obrigatórias. Às vezes, tinha apenas uma opção”. Ou, ainda, na fala da Entrevistada 14: “Muitas obrigatórias e poucas optativas em número de ofertas e variedade”. Sobre isso, parece que houve uma percepção comum no que tange ao aumento da quantidade ofertada de optativas, ainda que não fosse o ideal: “Disciplinas obrigatórias estão adequadas e a oferta das disciplinas optativas foi aumentando, o que foi muito bom” (ENTREVISTADA 13). Novamente, a falta de disciplinas na área de Biblioteca Escolar foi sentida, como se pode verificar na fala de algumas entrevistadas:

Acho suficiente a oferta. Só acho que as optativas nem sempre eram ofertadas e algumas optativas deviam ser obrigatórias, como Biblioteca Escolar. A optativa é uma forma de direcionamento, especialização do aluno para a área que pretende atuar, mas como nem sempre são ofertadas, como fazer? Mais uma vez, cai para o aluno desenvolver isso no mercado (ENTREVISTADA 15).

Achei a oferta adequada, mas algumas optativas seriam importantes serem obrigatórias, como disciplinas relacionadas à Biblioteca Escolar (ENTREVISTADA 16).

Como já citei anteriormente, acredito que devam ter disciplinas obrigatórias com enfoque em Biblioteca Escolar (ENTREVISTADA 35).

Outro atributo da imagem do curso também foi identificado nos depoimentos. O elemento *redundante* foi assim abordado pelo Entrevistado 21: “A quantidade é suficiente, mas a diversidade é insuficiente, principalmente no caso das optativas. Já fiz disciplinas diferentes com conteúdos muito parecidos”. Vale lembrar que este atributo foi considerado insatisfatório pelos egressos respondentes do questionário. Logo, pode-se considerar que o

---

<sup>110</sup> Expressão comumente utilizada pelos alunos para se referirem às disciplinas de caráter optativo, mas que, pela falta de opções, tornavam-se quase que obrigatórias.

curso, em certa medida, tem conteúdos que podem ser entendidos como redundantes pelos egressos, conforme se observou nessa fala do Entrevistado 21.

#### 4.12.3 *Demais apreciações dos egressos entrevistados sobre o curso de Biblioteconomia*

Em se tratando da questão sobre em que medida o curso de Biblioteconomia poderia melhorar (Questão 32), propostas a respeito da parte prática do curso foram feitas por alguns entrevistados:

Nessa questão da parte prática, acredito que não ficar tanto na teoria, para aumentar o conhecimento do estudante sobre o universo que ele vai encontrar. Quando você entra na biblioteca para trabalhar, é bem diferente do que você vê em sala de aula. Acho que todos os alunos de Biblioteconomia deveriam fazer um estágio na Biblioteca Central da UFMG, para conhecerem todos os setores de uma biblioteca (ENTREVISTADA 6).

Poderia ter uma parceira maior com Bibliotecas do próprio sistema de Bibliotecas da UFMG, com o oferecimento de oficinas por essas bibliotecas. Maior distribuição da carga horária, de modo a contemplar também o conteúdo prático, e não apenas o teórico. Algumas disciplinas ficam só na teoria (ENTREVISTADO 4).

A questão da TI, mais uma vez, foi destacada, como se pode verificar nos depoimentos a seguir:

Investir na inserção de disciplinas mais técnicas ligadas à TI e fortalecimento das disciplinas técnicas que já existem. As disciplinas humanísticas eram mais que suficientes. Já as técnicas não eram suficientes para o bom exercício profissional. Investir no incentivo do pessoal da graduação à participação de eventos da área (ENTREVISTADO 1).

Incluindo mais disciplinas de Tecnologia da Informação, permitindo mais disciplinas a distância (ENTREVISTADO 8).

Conciliar mais aulas práticas com a teoria. Acho que a prática deveria ser o foco do curso. Acho que a grade deveria ter mais disciplinas de tecnologias e marketing, para tornar o bibliotecário um profissional da informação, e não só da Biblioteca (ENTREVISTADA 15).

Acho que algumas disciplinas técnicas deveriam ser aprofundadas e o curso deveria oferecer mais disciplinas de TI e de Administração, com foco especial em unidade de informação (ENTREVISTADA 23).

Sempre foco na questão de trazer para a grade curricular conteúdos mais voltados para a parte tecnológica. Só assim atingiremos uma área mais ampla da profissão (ENTREVISTADA 25).

O atributo *engessado*, identificado na imagem do curso, também salientou no depoimento de um dos entrevistados, respaldando este elemento, o qual foi mal avaliado pelos egressos respondentes do questionário:

Em relação à grade, a introdução de um viés mais tecnológico. Quanto ao corpo docente, uma atualização de conteúdos nas aulas. Muitos dos professores estão muito engessados. Muitas referências bibliográficas continuam as mesmas de anos atrás. Não há atualização (ex. Introdução às Fontes de Informação) (ENTREVISTADO 21).

Os entrevistados também observam que a falta de professores da área da Biblioteconomia compromete a questão da parte prática do curso. Por isso, fazem ressalvas quanto a essa questão:

O curso pode melhorar com aulas efetivamente úteis. Existiam muitos professores que não passavam o conteúdo da forma correta, não exigiam do aluno um retorno acadêmico real, ilustravam as aulas com muitos slides, não tinham propriedade no que ensinavam, porque nunca saíram da academia e foram a campo vivenciar a rotina da área. Há um abismo enorme desses profissionais entre teoria e prática (ENTREVISTADA 7).

As disciplinas mais técnicas poderiam ser dadas de modo mais profundo e por pessoas da área mesmo. Tínhamos muitos professores que não eram da área e davam uma disciplina sem ter aquele domínio. Devido à falta da parte prática do curso por parte dos professores, ocorre um desalinhamento entre a teoria e a prática. Na teoria é tudo lindo, na prática, bem diferente (ENTREVISTADA 11).

Sobre essa questão, o tópico da didática empregada no curso também é afetado. Souza (2002), em trabalho em que abordou a Educação Bibliotecária no Brasil, apresentou o estudo de Hillesheim (2001)<sup>111</sup>, que investigou as práticas pedagógicas no curso de Biblioteconomia da UFSC. Com o objetivo de observar a interação professor-aluno nas disciplinas profissionalizantes da grade curricular do curso, entre algumas conclusões, a autora percebeu que

[...] constituem percepções às vezes dissonantes na relação professor / aluno no que toca ao distanciamento do conteúdo trabalhado e realidade atual; transmissão de conhecimento que não corresponde ao contexto imediato; transposição didática inadequada do conhecimento produzido pela

---

<sup>111</sup> HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade. **A prática pedagógica no Curso de Biblioteconomia da UFSC**: discurso dos docentes do CIN e dos alunos do curso. Florianópolis, 2001. 253 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

comunidade científico-profissional da Biblioteconomia e Ciência da Informação (HILLESHEIM, 2001<sup>112</sup> apud SOUZA, 2002, p. 7).

Essas questões de cunho pedagógico devem ser mais bem compreendidas, levando-se em conta o contexto, as especificidades regionais, as relações cotidianas entre professores e alunos e a infraestrutura do curso. Enfim, questões que devem ser refletidas no âmbito da Educação e da Ciência da Informação, “como campos cuja aproximação é necessária ao próprio desenvolvimento do campo profissional no Brasil” (SOUZA, 2002, p. 7).

Seguindo na análise, *comprometimento docente*, atributo bem avaliado entre os respondentes do questionário, também foi abordado pelos egressos entrevistados no sentido de um componente do curso que poderia ser mais bem trabalhado:

Reformular a grade, contratar professores comprometidos e colocar estágios obrigatórios em pelo menos três áreas diferentes (ENTREVISTADA 10).

Professores mais dispostos com os alunos da graduação. Eu sentia muito a apatia dos professores, e isso acabava refletindo nos alunos (ENTREVISTADA 12).

Alguns entrevistados também lembraram que “o retorno do ciclo básico seria muito importante para a preparação de base” (ENTREVISTADA 16). “Atualização do material didático” e “maior interdisciplinaridade entre os conteúdos” foram ainda questões trazidas pelos entrevistados 17 e 19, respectivamente. O tema do ensino de uma língua estrangeira, item que será abordado na seção subsequente, também foi retratado por uma entrevistada: “Conversando com uma das minhas chefes de estágio, ela comentou que na época dela tinha Inglês na grade. Acho que poderia voltar e, também, a estatística pra matéria de estudos de usuário. Tentar fazer o curso mais prático” (ENTREVISTADA 37).

Por fim, o atributo *empatia*, mais uma vez, foi recordado:

Eu acho que tá faltando trabalhar valorização humana. A gente fica muito preocupada com questões técnicas, com questões teóricas, e a valorização humana, ela é deixada de lado, porque nós estamos lidando com o usuário que é um ser humano. A gente está lidando com pessoas que a gente não faz ideia porque que ele tá acessando aquela informação, não faz ideia porque ele tá precisando daquilo ali. Então eu acho que gentileza, empatia, generosidade, simpatia, são coisas assim mínimas que acho que todo ser humano deveria pensar que ao lidar com outro ser humano. Isso é

---

<sup>112</sup> HILLESHEIM. Ibidem, 2001.

fundamental. Então eu acho que não só no nosso curso, mas a maioria dos cursos que trabalham com Ciências Sociais Aplicadas, o social é feito pelo ser humano, pela sociedade. Então a gente tem que pensar nisso, que esses valores eles precisam ser explorados, trabalhados. É algo que talvez a gente não vê no curso e que seria interessante (ENTREVISTADA 35).

Uma questão trabalhada nas entrevistas que praticamente dividiu os egressos foi sobre o nome do curso. Isto é, se a denominação “Biblioteconomia” condizia com as expectativas e demandas sociais da atualidade (Questão 33). Nesse item, 20 egressos, ou seja, 50%, consideraram que o nome não está mais adequado para o contexto atual. Como declarou o Entrevistado 1: “Não está de acordo. Dá a impressão de algo ultrapassado. Tinha que ter a palavra ‘informação’ no nome do curso. O nome ‘Biblioteconomia’ dá a entender que o local de atuação é só a Biblioteca”. Confusões acerca do nome também foram mencionadas como razão para mudá-lo, contudo sem que se apontasse uma nomenclatura mais adequada:

Não está! Esse “Biblio o quê?” persegue a gente. É uma sombra pra gente. Mas não consigo sugerir um nome (ENTREVISTADA 2).

O nome do curso gera muitas dúvidas sim na sociedade sobre a que o curso é relacionado, mas não tenho um nome para opinar (ENTREVISTADA 33).

O nome não condiz, porque a sociedade não entende a Biblioteconomia de forma abrangente, devido aos estereótipos da área, mas não consigo dizer um nome (ENTREVISTADA 12).

Não está de acordo, porque senão a gente volta a pensar só em Biblioteca. Mas, ao mesmo tempo, o nome facilita ao remeter a Biblioteca. É uma contradição. Não sei sugerir um nome (ENTREVISTADA 15).

Outros entrevistados que também concordaram que a denominação não condizia com as demandas sociais propuseram alguns nomes:

Não condiz. Mas acho que tirar o nome “Biblioteconomia” não seria a solução. Talvez, inserir algo como “Biblioteconomia e Gestão da Informação” (ENTREVISTADO 21).

Acho que a sociedade sempre liga o nome do curso com bibliotecas, e o curso é muito mais que isso. Acho que seria legal se voltasse com a questão de “Gestão da Informação”, sei lá (ENTREVISTADA 36).

O nome da Escola seria mais adequado: “Ciência da Informação” (ENTREVISTADA 10).

Não, nem um pouco. Sugiro “Gestão da Informação” (ENTREVISTADA 14).

Acredito que não. “Biblioteconomia” acaba nos restringindo em nível de mercado de trabalho. Muitas vezes, poderíamos nos encaixar como profissionais analistas de informação em áreas mais estratégicas voltadas,



por exemplo, para Big Data, Data Science, User Experience. Porém, o nome “Biblioteconomia” cria um estigma no mercado de que estamos restritos à gestão de acervos. Uma sugestão seria ampliar o campo com nomes como: “Analista de Informação” ou “Ciência da Informação” (ENTREVISTADA 25).

Já a outra metade dos entrevistados ponderou que a simples alteração no nome não mudaria o conceito que a sociedade tem do curso. Relata a Entrevistada 6: “Não acho que o nome que vai mudar a ideia que as pessoas têm do curso ou da profissão. Quem fará isso é o profissional. O nome do curso é uma forma de conhecimento já estabelecida há muito tempo”. O Entrevistado 4 completa: “O nome condiz sim. É uma área já estabelecida. Mudar não traria ganhos significativos. Mesmo com essas mudanças vindas das novas tecnologias, não precisaria estar traduzida em nova nomenclatura”. A Entrevistada 13 ainda é mais taxativa: “Sim, está de acordo. O problema não é o nome. O problema é a forma como a gente trata a Biblioteconomia. É um país que ninguém lê, que fecham livrarias. Se eu botar um nome diferente, não vai resolver nada”.

A questão do *desconhecido*, atributo salientado na Imagem Central do curso, está completamente amparada por todas essas observações dos entrevistados. A síntese da Entrevistada 24 traduz bem essa perspectiva:

O nome condiz, mas acredito que a área é muito pouco divulgada. Inúmeras pessoas ainda me perguntam: O que é o curso? O que faz? Acredito que falta uma disseminação mais ampla de que o profissional bibliotecário tem como formação no curso de Biblioteconomia.

Mesmo com a sombra do desconhecimento pairando sobre o curso, alguns entrevistados acreditam que “o nome é histórico e não pode e nem precisa mudar” (ENTREVISTADO 8). O Entrevistado 20 reitera que a mudança de cultura seria mais importante que a alteração no nome do curso:

Acho o nome muito importante socialmente e culturalmente. É uma profissão milenar, portanto, o nome tem peso. Por outro lado, o nome acaba limitando o que as pessoas acham que o curso é. Acho que deve haver uma mudança de cultura, fortalecer o nome do curso entre os alunos, para que eles possam defendê-lo quando se tornarem profissionais.

Toda essa problemática acerca do nome parece que permeia a área da Biblioteconomia há algum tempo, como mencionado na seção da Revisão de Literatura deste trabalho a respeito do Projeto Pedagógico do Curso, implantando em 2009. O nome proposto pela ECI foi “Biblioteconomia e Gestão da Informação”. Contudo, por questões políticas, essa

alteração não se concretizou. Na literatura abordada nesta pesquisa, é perceptível essa discordância quanto à nomenclatura. Baptista e Mueller (2005) entendem que a denominação tradicional não compreendia adequadamente os limites do campo de atuação, nem mesmo o mercado de trabalho ao qual se destinava. Souza (2006) não considerava que a crise de identidade profissional do bibliotecário estivesse vinculada diretamente ao nome da profissão, mas sim às próprias condições socioeconômicas do País, aspecto que somente seria superado com a maior participação do bibliotecário nos diversos espaços de que a sociedade pudesse dispor.

Para encerrar esta parte das análises das entrevistas, foram inquiridas questões sobre a indicação do curso para outra pessoa (Questão 54) e sobre a escolha por cursar Biblioteconomia caso fosse possível o entrevistado voltar no tempo (Questão 55). Nessas questões, a resposta afirmativa foi maciça em ambas: 80% dos egressos entrevistados indicariam o curso para outra pessoa e 75% o escolheriam novamente. Isso demonstra que, apesar de todos os problemas apontados, os egressos, no geral, não se arrependem de terem optado pelo curso. Este fato também reitera os atributos *paixão/amor* e *satisfação*, ambos sentimentos identificados na imagem do curso, como declara a Entrevistada 23: “Sim eu indico. Sou apaixonada pela minha profissão”. Alguns entrevistados também disseram que indicariam o curso, por se tratar de “um curso importante” (ENTREVISTADA 24), e que fariam isso “apontando as falhas e reais vivências da profissão” (ENTREVISTADA 7). Um comentário destacou-se: “Eu indicaria sim, com essas ressalvas que eu disse: vá, faça, mas quando os professores te deixarem pra baixo, venha e converse com a gente” (ENTREVISTADA 13). Sobre escolher o curso novamente, alguns ponderaram que fariam “coisas diferentes no curso” (ENTREVISTADA 11). Ou, ainda, como disse a Entrevistada 13: “Sim, escolheria e faria melhor. Me esforçaria mais. Trocaria mais ideias com os professores”. A Entrevistada 36 afirmou que faria sim, “porém seria mais crítica com os professores”. As poucas respostas negativas sobre esse assunto chamam atenção ao reafirmarem a questão dos atributos *(des)valorização do bibliotecário, (falta de) reconhecimento no mercado, maior diálogo com a área tecnológica e ponte para o mercado de trabalho*:

Infelizmente não faria. Se a grade fosse realmente voltada para o mercado, talvez consideraria uma boa opção. Porém, com a visão de mundo que tenho hoje e as experiências que vivi, acredito que procuraria me encontrar em outra área. Acredito no potencial da profissão, porém falta muito para me identificar com a profissão no mercado de hoje no Brasil. Dói ver gente com formação recebendo 1.500,00 em média, para atuar na área, gente capacitada, e pouco reconhecida, apesar dos esforços. Um sonho pra mim seria me capacitar na área de Tecnologia da Informação e defender a inserção deste conteúdo em nossa grade. A função social do bibliotecário é o que me encanta na área. Temos um papel fundamental na formação da

educação social, na evolução da informação, porém falta a sociedade nos dar espaço para atuar e falta a instituição abrir a nossa mente para o mercado e seus desafios (ENTREVISTADA 25).

É com muita tristeza que digo que não faria. Preciso muito trabalhar. Gostaria muito de trabalhar como bibliotecária, mas sinto muita dificuldade em conseguir vaga, principalmente em minha cidade, que tem 30 mil habitantes. O mercado de trabalho, a desvalorização por parte das políticas federais, estaduais e municipais, me faz pensar que eu poderia ter seguido outro caminho (ENTREVISTADA 27).

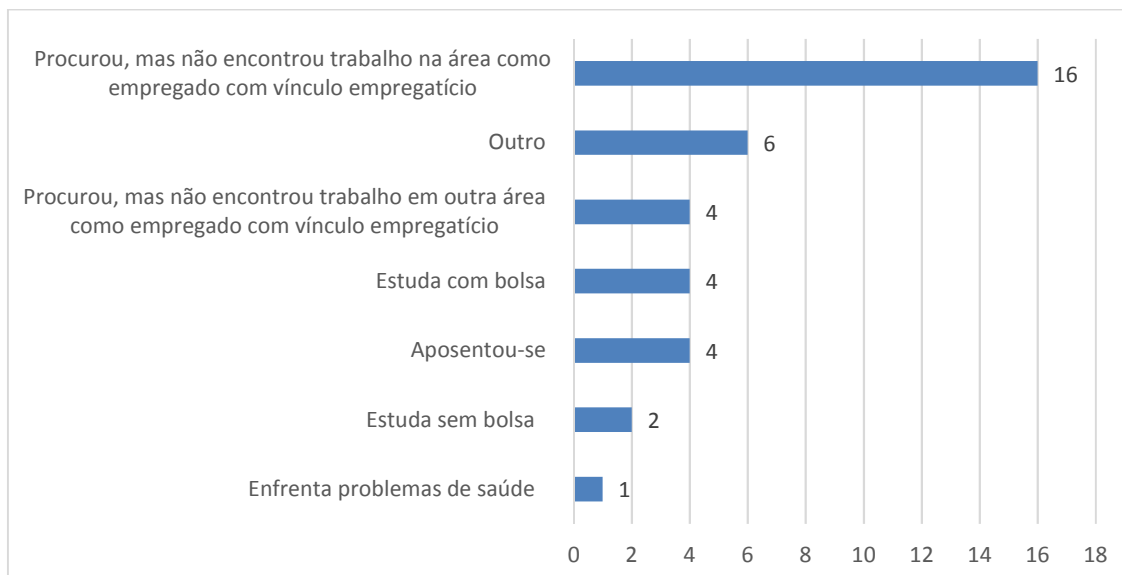
Embora seja muito relevante o fato de 80% dos entrevistados indicar o curso para outra pessoa e de 75% optar por fazer Biblioteconomia novamente, conclusão, inclusive, reforçada pela pesquisa de Queiroz (2014), em que 91% escolheriam estudar novamente na UFMG e 95% a recomendariam como instituição de ensino para algum amigo ou parente, os 25% que se declinariam em cursar Biblioteconomia novamente são muito emblemáticos. Esses testemunhos vão ao encontro de questões já levantadas na Revisão de Literatura, como a importância da dimensão social da profissão, sem, no entanto, acarretar positivamente a visibilidade social e profissional do bibliotecário e a necessidade de se adquirir as competências para manusear as tecnologias de informação. São dilemas atravessados pela área há alguns anos, os quais, ao que tudo indica, precisam de mais contundência dos integrantes para o enfrentamento dessas questões.

Finalizada esta seção, parte-se para as análises dos dados do questionário eletrônico. Ressalta-se que, como já mencionado, algumas observações sobre a caracterização profissional do egresso coletadas nas entrevistas foram cotejadas na apresentação do questionário.

#### *4.12.4 Caracterização profissional dos egressos respondentes do questionário eletrônico*

Responderam ao questionário eletrônico 191 egressos, sendo que 154, isto é, 81%, informaram que estavam trabalhando na época e 37, ou seja, 19%, não estavam. O Gráfico 19 mostra os motivos alegados por estes últimos.

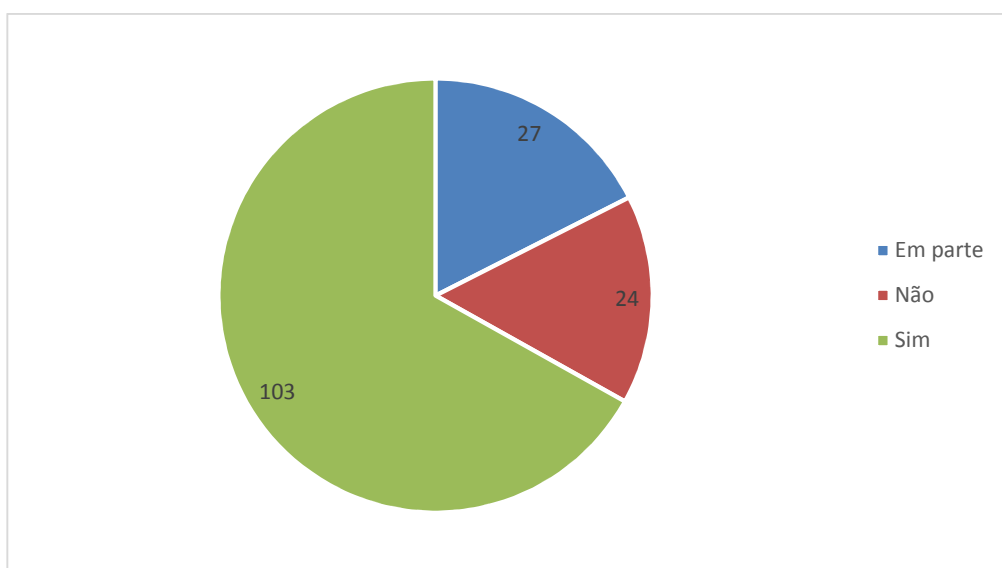
**Gráfico 19 – Motivos apresentados pelos respondentes do questionário para não exercerem atividade remunerada (Q.13)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Não se incluem nesse número de desempregados aqueles que não estão exercendo atividade remunerada em virtude de doença, estudo e aposentadoria. Desse modo, somando-se o quantitativo daqueles que não estão trabalhando pelos outros motivos citados no Gráfico 19, tem-se 26 respondentes desempregados ou 14% da amostra. Considerando a taxa de desemprego no Brasil, de 12,7% no primeiro trimestre de 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se dizer que a taxa de desocupação entre os egressos respondentes no momento da aplicação do questionário estava acima da média do País.

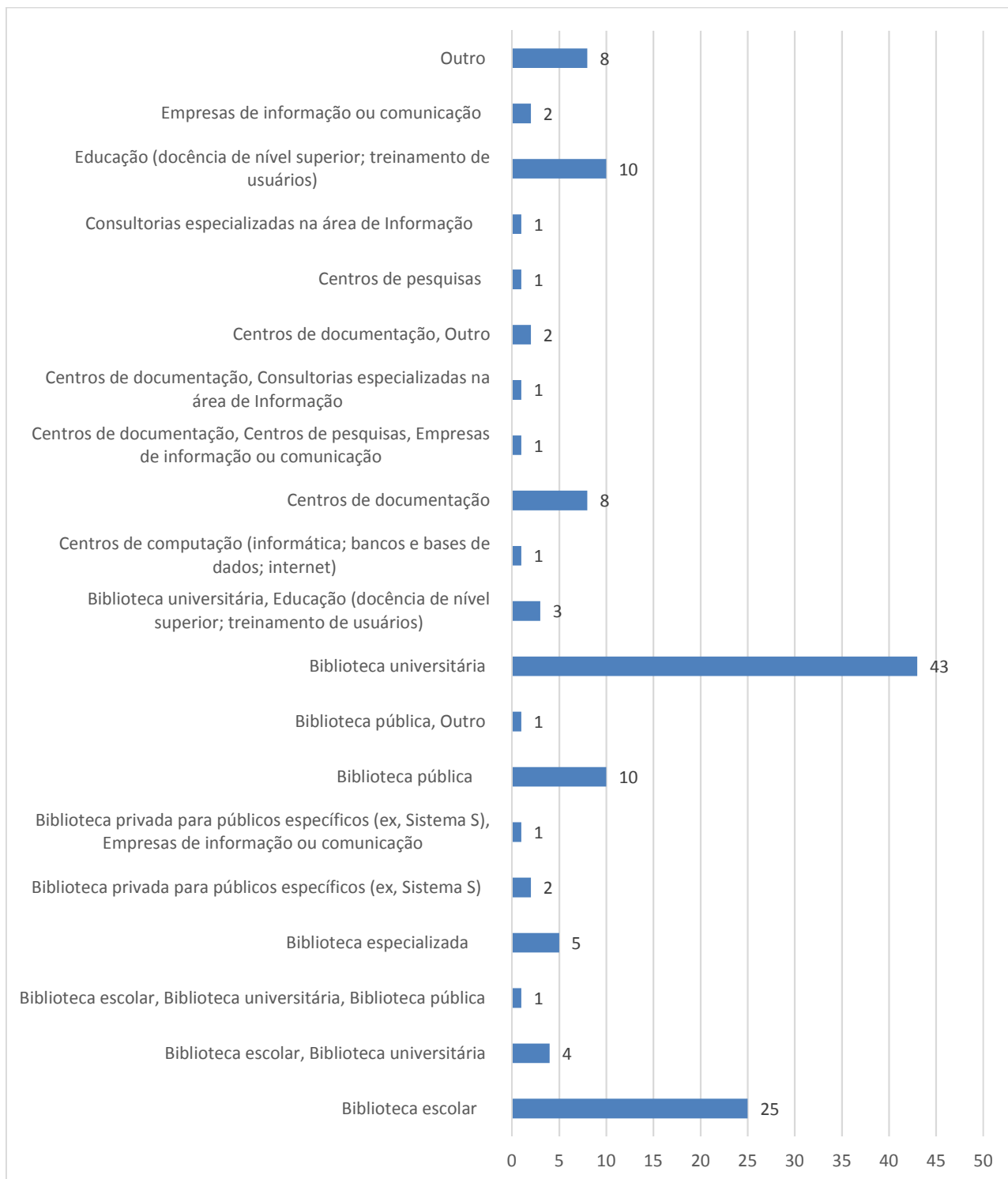
De outro lado, dos 154 egressos que estavam trabalhando à época do preenchimento do questionário, 103, ou 54% da amostra, atuavam na área de Biblioteconomia (GRÁFICO 20).

**Gráfico 20 – Número de respondentes que trabalham na área de Biblioteconomia (Q.14)**

Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

A pesquisa de Queiroz (2014) reitera esse expressivo dado sobre o fato de a maioria atuar na área da Biblioteconomia ou em parte, 83% no caso referenciado. Somando os 103 egressos que responderam que trabalham na área aos 27 que trabalham em parte, tem-se 130 respondentes (68% da amostra total) que trabalham em diversos tipos de organização, com destaque para bibliotecas universitárias e escolares. Isso ratifica as pesquisas já apresentadas de Baptista (1998), Walter (2008) e Santos *et al.* (2016), em que a maioria dos respondentes atuava em bibliotecas universitárias, escolares e/ou especializadas. O Gráfico 21 mostra os tipos de organização em que os egressos desta pesquisa trabalham.

**Gráfico 21 – Tipo de organização em que trabalham os egressos respondentes do questionário (Q.15)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Nota: Nesta questão, foi possível a marcação de mais de uma opção.

Ainda sobre o tipo de organização em que os respondentes trabalham, deve-se fazer um adendo. Comparando-se esse dado dos questionários com as entrevistas realizadas, em que também se percebeu maior porcentagem de egressos atuantes em bibliotecas escolares e universitárias, dos 40 entrevistados (Questão 36), 31 alegaram estar trabalhando à época das entrevistas, sendo que dez trabalhavam em bibliotecas escolares, seis em universitárias, dois na Biblioteca Pública e um em biblioteca privada para público específico. No total, eram 19 entrevistados que atuavam em bibliotecas e 12 que atuavam em organizações de diversos ramos. Alguns destes até trabalhavam na função de bibliotecário na área de tratamento e organização da informação das empresas. Contudo, eram contratados como assistentes administrativos por suas organizações. Conseqüentemente, 29 entrevistados, dentre aqueles que, ao serem perguntados sobre a área de atuação que acreditavam que oferecia mais oportunidades no mercado de trabalho (Questão 45), afirmaram que as bibliotecas escolares e universitárias concentravam maior número de oportunidades.

A respeito das competências<sup>113</sup> mais necessárias para a atuação profissional (Questão 42), considerando aquelas mencionadas no projeto pedagógico vigente do curso (relatadas na seção **2.1.3**), os entrevistados mencionaram em primeiro lugar as técnicas – em especial, aplicação de novas tecnologias, seguidas das competências informacionais, sociais, gerenciais e, por último, intelectuais. Perguntados se o curso de Biblioteconomia preparava o aluno para desenvolver essas competências, 80% dos entrevistados responderam que, em certa medida, sim, ressaltando que “grande parte das competências específicas da profissão foram desenvolvidas em estágios, na prática do dia a dia” (ENTREVISTADA 25). O Entrevistado 4 declarou: “Sim, o curso me ajudou a desenvolver a aptidão para aprender, mas não necessariamente o que aprendi no curso tem relação com o que trabalho hoje”. Sobre isso, a Entrevistada 13 completou:

O curso me deu uma base, mas o ambiente de uma escola, onde trabalho, é muito diferente de tudo aquilo que vi na faculdade. Acho que nada me prepararia para lidar com o tipo de problemas que se tem numa biblioteca escolar. As disciplinas técnicas não conseguem preparar para essa vivência.

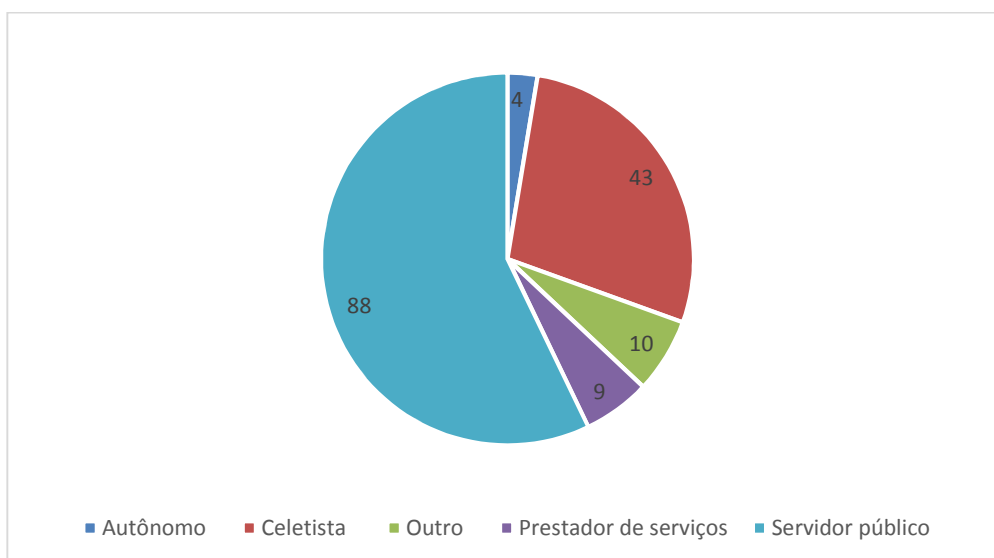
Dos 154 respondentes que estavam trabalhando na época da pesquisa, 88, ou seja, 46% da amostra total, afirmaram ser servidores públicos, o que comprova a tradição de se ter

---

<sup>113</sup> Entendida como capacidade ou aptidão para o desempenho de atividades profissionais.

mais oportunidades no serviço público, fato que não ocorreu com os autônomos, dado o inexpressivo número de respondentes que marcaram essa opção (GRÁFICO 22).

**Gráfico 22 – Vínculo empregatício atual dos respondentes do questionário eletrônico (Q.16)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

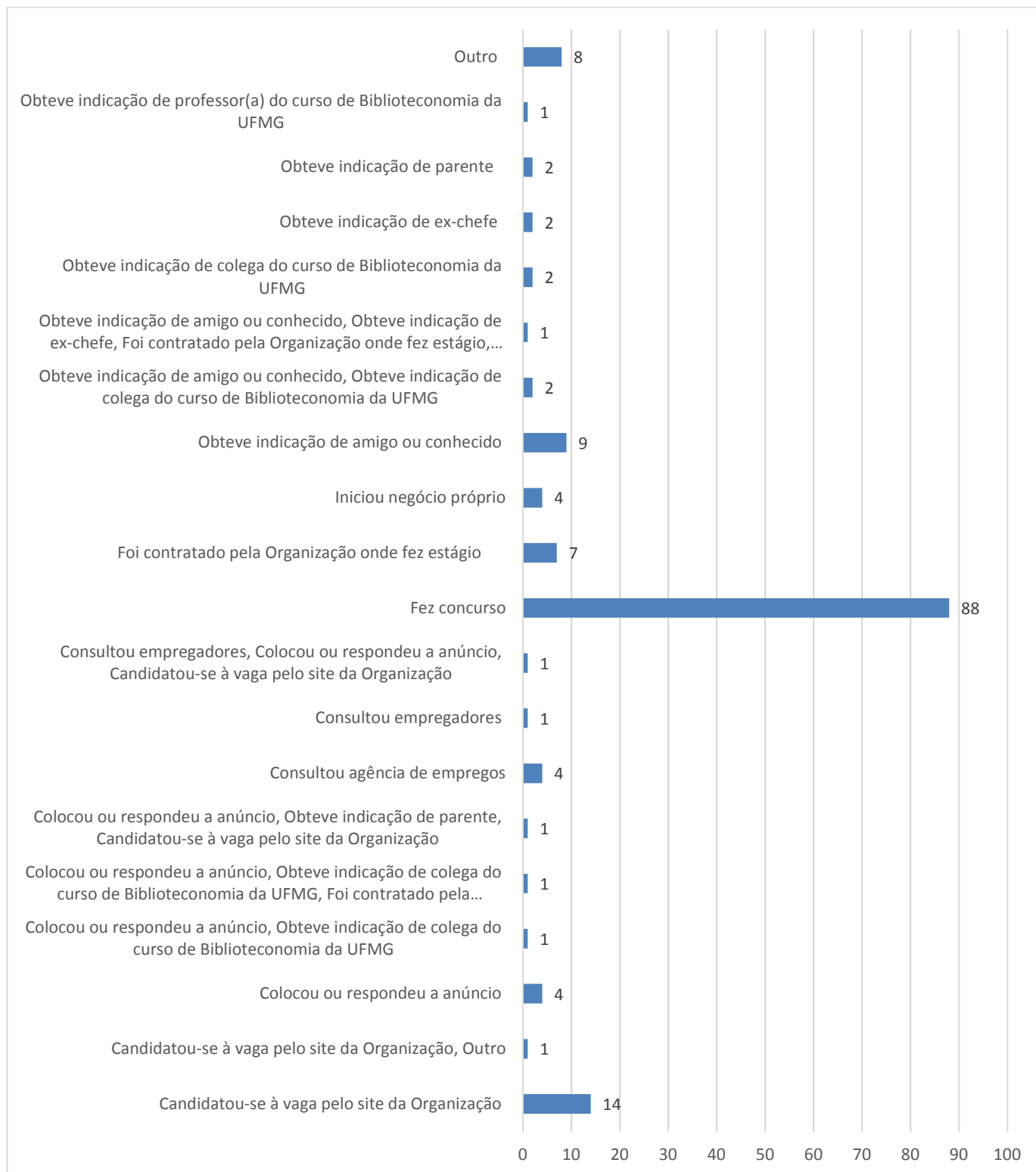
Para corroborar essa inclinação dos egressos em buscar colocação no serviço público, perguntou-se nas entrevistas se eles estudavam ou pretendiam estudar para concursos na área de Biblioteconomia (Questão 56). Dos 33 entrevistados que responderam a essa questão, 21 afirmaram que ou já estudavam ou pretendiam começar os estudos em breve. Já os outros 12 afirmaram que não pretendiam fazer concurso. Alguns chegaram a dizer que isso não era uma meta de vida. A Entrevistada 35 ainda fez um desabafo sobre os “concurseiros”:

Tenho uma crítica com relação a isso. Acho que essa perspectiva de se tornar um concursado está até fazendo pessoas ou, sei lá, formando pessoas que não têm o desejo do ofício do trabalho em si. Eles estão preocupados com outras coisas. Deixa eu tentar me explicar melhor: o objetivo deles é a remuneração, e não o trabalho em si, o desejo de servir, o desejo de se sentir útil. Ou seja, eu acho que está formando profissionais muito mecânicos. Eles podem, às vezes, ter muito conhecimento técnico, mas têm pouca paixão, sabe?

O Gráfico 23 mostra como os respondentes conseguiram a colocação profissional em que estão atualmente.



**Gráfico 23 – Como os respondentes do questionário conseguiram a ocupação profissional atual (Q.17)**

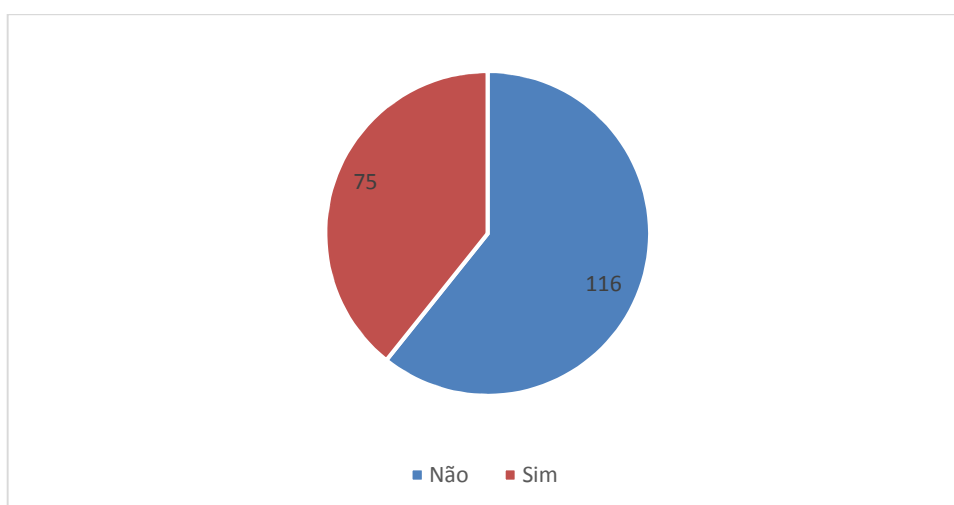


Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Nota: Nesta questão, foi possível a marcação de mais de uma opção.

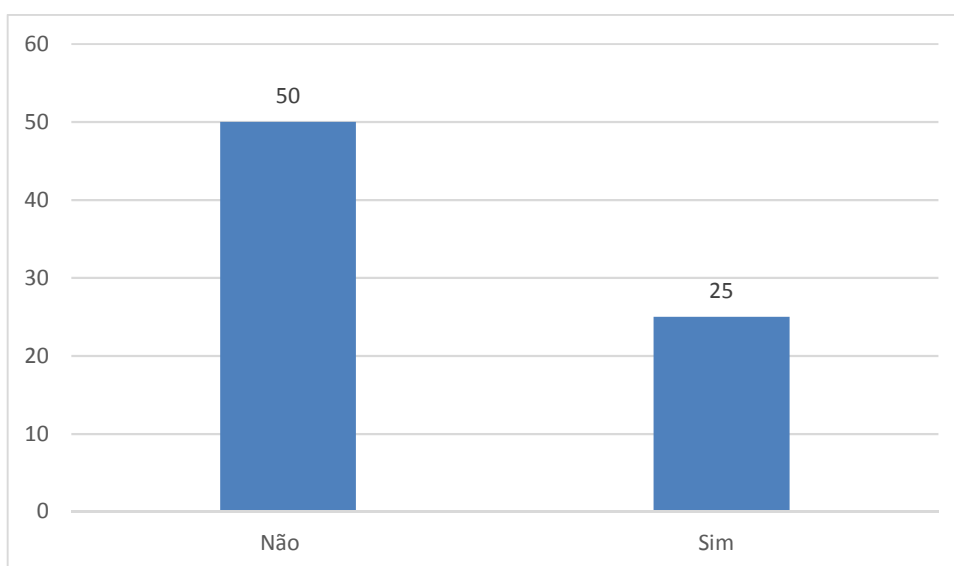
Em relação a estar empregado formalmente na época da conclusão do curso de Biblioteconomia, 116 respondentes, ou 61%, não se encontravam empregados, enquanto 75, ou 39%, estavam empregados (GRÁFICO 24). Destes, apenas 25 disseram manter, até o momento da realização desta pesquisa, o mesmo emprego da época da conclusão do curso (GRÁFICO 25).

**Gráfico 24 – Número de respondentes formalmente empregados na época da conclusão do curso de Biblioteconomia (Q.18)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

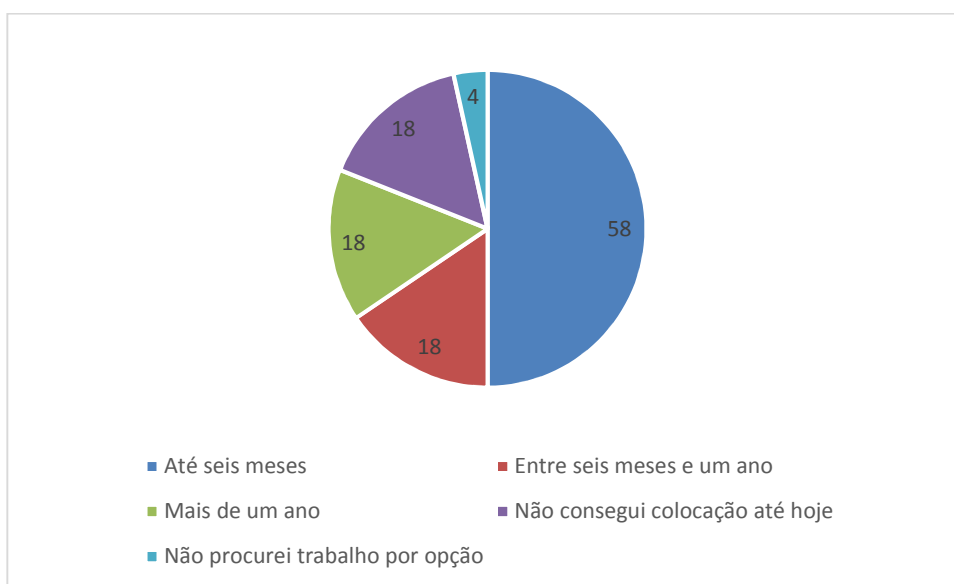
**Gráfico 25 – Número de respondentes que mantiveram o mesmo emprego desde que se graduaram em Biblioteconomia (Q.19)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Entre os 116 respondentes que estavam desempregados na época da conclusão do curso, 58 afirmaram ter conseguido uma colocação profissional em até seis meses após a conclusão da graduação, enquanto 18 alegaram não ter conseguido colocação até o período do preenchimento do questionário desta pesquisa (GRÁFICO 26). Somando os 18 que conseguiram em até um ano ao número dos que se inseriram no mercado em seis meses, 76 egressos, ou 66%, dos que estavam desempregados à época da conclusão conseguiram uma colocação. Logo, considerando os 75 egressos que estavam empregados quando se formaram e os 76 que conseguiram se colocar no mercado em até um ano, o número sobe para 151, ou 79%, em relação aos 191 respondentes. Contudo, esse número não foi tão positivo quanto os dados da pesquisa de Santos *et al.* (2016), em que 90% dos egressos respondentes conseguiram o primeiro ingresso no mercado de trabalho com menos de um ano de formados.

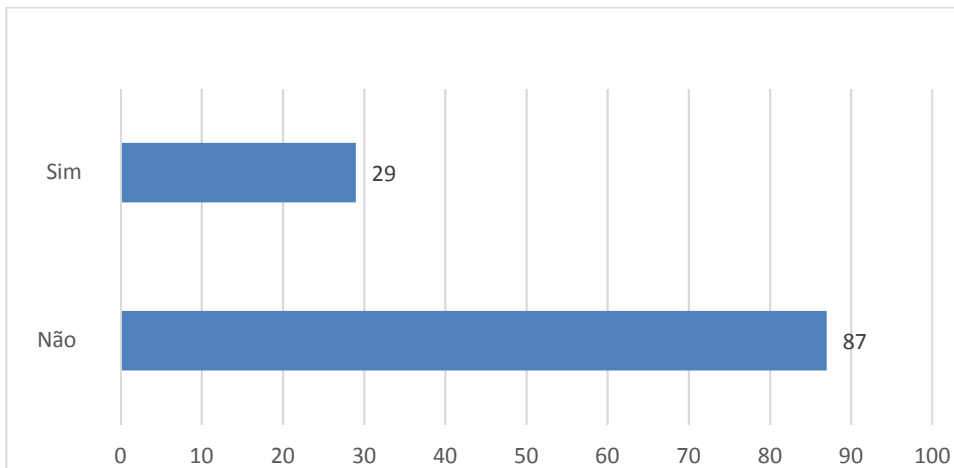
**Gráfico 26 – Tempo decorrido após a conclusão do curso para que os respondentes conseguissem colocação profissional (Q.20)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Também entre os 116 respondentes que estavam desempregados na época da conclusão, 87 informaram que não chegaram a trabalhar formalmente (excluindo-se o estágio) durante o período de realização do curso de Biblioteconomia, isto é, enquanto estudantes (GRÁFICO 27).

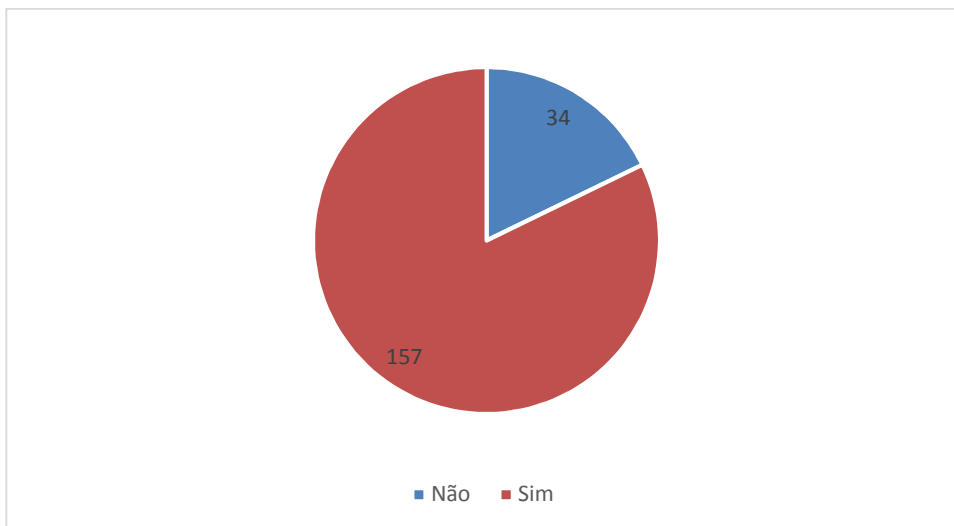
**Gráfico 27 – Número de respondentes desempregados ao concluírem o curso de Biblioteconomia que não trabalharam formalmente durante a realização do curso (Q.21)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Em se tratando da realização de estágio extracurricular, tal como ocorreu entre os egressos entrevistados, 157 respondentes do questionário, ou 82% da amostra total, realizaram esse tipo de estágio durante o curso, conforme disposto no Gráfico 28.

**Gráfico 28 – Número de respondentes que realizaram estágio extracurricular (Q.22)**

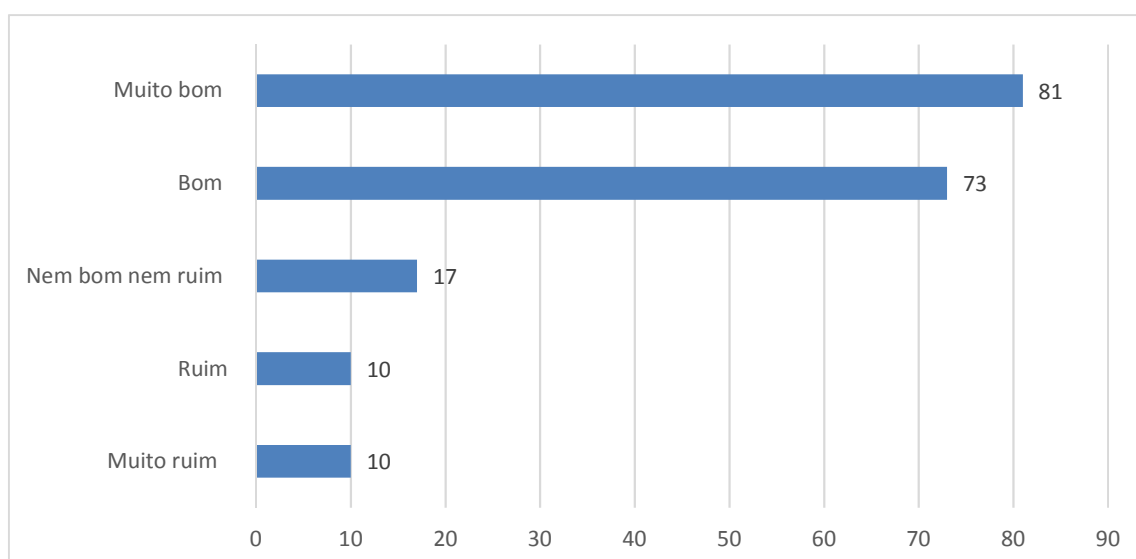


Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

#### 4.12.5 Percepções em geral sobre a área da Biblioteconomia e a profissão

Apresentam-se, na sequência, os dados do questionário eletrônico concernentes à opinião dos respondentes quanto à área e à profissão do bibliotecário. Completando a resposta à questão sobre a realização de estágios extracurriculares (GRÁFICO 28) e reiterando o que já foi percebido pelos entrevistados, a avaliação das oportunidades relativas aos estágios também foi bem considerada pelos egressos respondentes do questionário, sendo que 80% avaliaram como “Bom” ou “Muito bom” o oferecimento de estágios na área de Biblioteconomia (Gráfico 29).

**Gráfico 29 – Avaliação dos respondentes quanto ao oferecimento de estágios na área de Biblioteconomia (Q.23)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Lembrando o depoimento já citado da Entrevistada 10 quando afirmou que se tem “muito estágio e pouco emprego” na área, esse sentimento é ratificado pela percepção dos egressos respondentes do questionário no que tange ao oferecimento de estágios. Entretanto, o mesmo já não se pode dizer de *oportunidades profissionais* após a formação, haja vista que este atributo da imagem do curso foi mal avaliado pelos mesmos respondentes, ainda que 54% tenham informado que estavam trabalhando na área de Biblioteconomia na época desta pesquisa.

A Tabela 10 apresenta os dados sobre: nível de conhecimento em língua estrangeira; satisfação com a colocação profissional atual; faixa salarial e situação socioeconômica atual comparada com a família na época do ingresso no curso.

**Tabela 10 – Dados dos respondentes do questionário sobre a área e a profissão**

(continua)

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Q24. Nível de conhecimento do respondente em inglês ou em outra língua estrangeira		
Não tenho conhecimento em língua estrangeira	17	8,9
Avançado	22	11,5
Intermediário	59	30,9
Básico	93	48,7
Total	191	100
Q25. Necessidade do respondente de ter utilizado alguma vez conhecimentos de inglês ou de outra língua estrangeira no exercício da profissão		
Sim	84	44
Não	48	25
Em parte	46	24
Não se aplica	13	7
Total	191	100
Q26. Satisfação do respondente com a colocação profissional atual		
Sim	83	43
Em parte	51	27
Não	40	21
Não se aplica	17	9
Total	191	100

VARIÁVEL	(conclusão)	
	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Q27. Faixa salarial bruta do respondente na época do preenchimento do questionário		
Até R\$ 1,000	5	3
Mais de R\$ 1,000 até R\$ 1,500	17	9
Mais de R\$ 1,500 até R\$ 2,000	10	5
Mais de R\$ 2,000 até R\$ 3,000	30	16
Mais de R\$ 3,000 até R\$ 4,000	22	12
Mais de R\$ 4,000 até R\$ 5,000	18	9
Mais de R\$ 5,000 até R\$ 6,000	19	10
Mais de R\$ 6,000 até R\$ 10,000	29	15
Mais de R\$ 10,000	8	4
Não estou exercendo trabalho remunerado atualmente	33	17
Total	191	100

Q28. Situação socioeconômica atual do respondente, comparada com a do seu núcleo familiar na época do seu ingresso no curso de Biblioteconomia

Melhor	66	35
Muito melhor	62	32
Estável (não mudou)	43	23
Pior	16	8
Não sei dizer	4	2
Total	191	100

Fonte: Elaborada pela autora. Junho de 2019.

Para fins de arredondamento, as porcentagens que serão apresentadas no texto obedeceram à regra de que se o algarismo a ser eliminado for maior ou igual a 5 será acrescentada uma unidade ao primeiro algarismo situado à sua esquerda. Se o algarismo a ser eliminado for inferior a 5, será inalterado o algarismo da esquerda. As porcentagens apresentadas sem arredondamento foram mantidas para não ultrapassar o valor de 100%.

A respeito do conhecimento em língua estrangeira, quase 49% alegaram ter apenas conhecimentos de nível básico em inglês; 44% que utilizaram esse conhecimento; e 24%, que o utilizaram apenas em parte em algum momento no exercício da profissão. Já o número de egressos que declararam não ter conhecimento em inglês (8,9%) demonstrou leve avanço

quando comparado com a mesma questão na pesquisa de Santos *et al.* (2016), que encontrou 12,2% dos respondentes sem conhecimento em inglês.

Ainda sobre esta questão, quando abordada nas entrevistas (Questão 44), a resposta foi unânime no que toca à importância de uma língua estrangeira, em especial o inglês, para o exercício da profissão. Vale lembrar que a literatura da área, conforme apontado por Valentim (2002) e Souza (2003b), indicava que os bibliotecários deveriam ter domínio em pelo menos uma língua estrangeira. Nesse sentido, alguns comentários foram bastante interessantes, por exemplo, o advento das escolas bilíngues, atestado pela Entrevistada 12, que disse achar muito importante, “devido a alguns documentos que estão somente em língua estrangeira, principalmente nas escolas bilíngues”. A Entrevistada 13 chegou a afirmar que o conhecimento básico em inglês a impediu de se candidatar a oportunidades em escolas bilíngues. Além disso, a questão das ferramentas e de base de dados somente em inglês também é motivo para o bibliotecário se preocupar com essa questão, conforme relata a Entrevistada 27:

Muitos catálogos, manuais e as bibliotecas que usamos para catalogar os livros estão em inglês. E se você quer ser bibliotecário de referência, as bases de dados, os artigos são principalmente em inglês. Se você decide em seguir a carreira acadêmica, é requisito. Então não tem nem para onde correr.

No que se refere à satisfação dos respondentes do questionário com sua colocação profissional atual, 43% consideraram-se satisfeitos e 27% satisfeitos em parte. Portanto, 70% da amostra mostraram-se, em certa medida, satisfeitos com sua colocação profissional. Fazendo um contraponto com os salários recebidos, apurou-se que pouco mais de 50%<sup>114</sup> recebiam rendimentos superiores à média salarial do bibliotecário em Minas Gerais em 2019, que, segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), é R\$ 2.925,87.<sup>115</sup> Contudo, dos 96 egressos que recebiam salários acima dessa média, 74 são servidores públicos. Vale esclarecer que 33 alegaram não estar exercendo trabalho remunerado atualmente, o que parece um desacordo com os 37 respondentes que também afirmaram não trabalhar

---

<sup>114</sup> Considerando a partir da faixa de “Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000” e subsequentes.

<sup>115</sup> O salário de bibliotecário em Minas Gerais de 2019 foi calculado com base em uma amostragem de 119 salários de profissionais contratados e envolvidos em convenção coletiva, acordo coletivo ou dissídio de bibliotecário em todo o estado. A média do salário em todo o estado de Minas Gerais é R\$ 2.925,87 para uma jornada de trabalho de 39 horas semanais e o piso salarial R\$ 2.782,66. Já o salário médio na cidade de Belo Horizonte é R\$ 3.793,74 e o piso salarial, R\$ 3.610,33. Fonte: <<https://www.cfb.org.br/institucional/recomendacoes-salariais/>> Acesso em: 12 jun. 2019.



(Questão 12). Contudo, relembra-se que havia estudantes e aposentados entre estes 37 egressos.

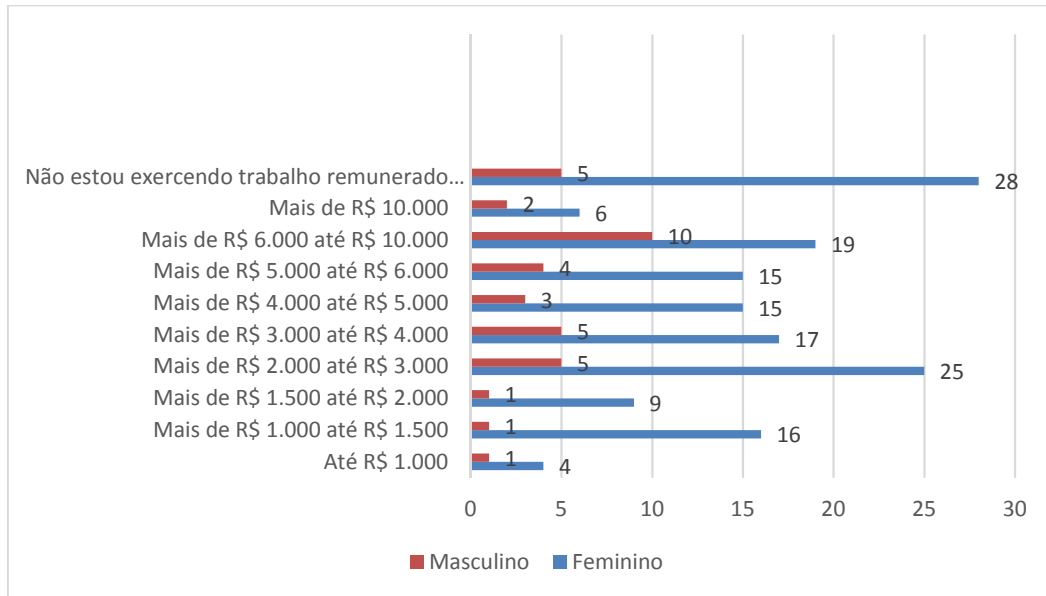
A Questão 27 sobre a faixa salarial, requer mais detalhamento, para se refletir sobre o tópico. Primeiramente, considerando o parâmetro utilizado por Baptista (1998) e Walter (2008), seção 2.4, que foi o valor do salário mínimo como referência, percebe-se nesta pesquisa atual uma sensível diminuição na porcentagem dos que recebem mais de sete salários mínimos.<sup>116</sup> Contudo, como a investigação das autoras mencionadas foi muito mais ampla que esta atual, não se torna adequado fazer essa comparação. Já em relação à pesquisa de Santos *et al.* (2016), em que a amostra também foi de egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG, o paralelo é mais viável. Os autores identificaram que 86,5% recebiam remunerações brutas<sup>117</sup> de até R\$4.000,00 e apenas 13,5% ganhavam acima de R\$ 4.001,00. Nesse sentido, a porcentagem dos que ganhavam mais de sete salários mínimos naquela época é inferior à dos que recebem mais de sete salários mínimos nesta pesquisa atual, em que mais de 19% estão na faixa salarial acima de R\$ 6.000,00. Contudo, um dado interessante da pesquisa de Santos *et al.* (2016) diz respeito à diferenciação salarial entre os sexos, tendo-se apurado que a remuneração mais equilibrada – isto é, entre R\$ 3.001,00 e R\$ 5.000,00 – foi percebida, em maior proporção, pelos homens (Cf. Quadro 3 da seção 2.4). Nesta pesquisa atual, foi realizado o cruzamento entre as variáveis sexo e faixa salarial, em que se verificou, em termos de proporção, que os homens recebem salários superiores aos das mulheres (GRÁFICO 30). Basta notar que o maior número de mulheres (25) está na faixa salarial entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.000,00, enquanto o dos homens (10) recebe entre R\$ 6.000,00 e R\$ 10.000,00.

---

<sup>116</sup> Salário mínimo de 2019: R\$998,00. Logo, sete salários mínimos correspondem a R\$6.986,00. Deve-se considerar também a evolução do salário mínimo, principalmente após 2005. Disponível em: <<https://br.advfn.com/indicadores/salario-minimo/evolucao>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

<sup>117</sup> Como os dados da pesquisa em questão foram coletados em 2011, o salário mínimo do período era de R\$ 545,00. Logo, sete salários mínimos correspondiam a R\$ 3.815,00.

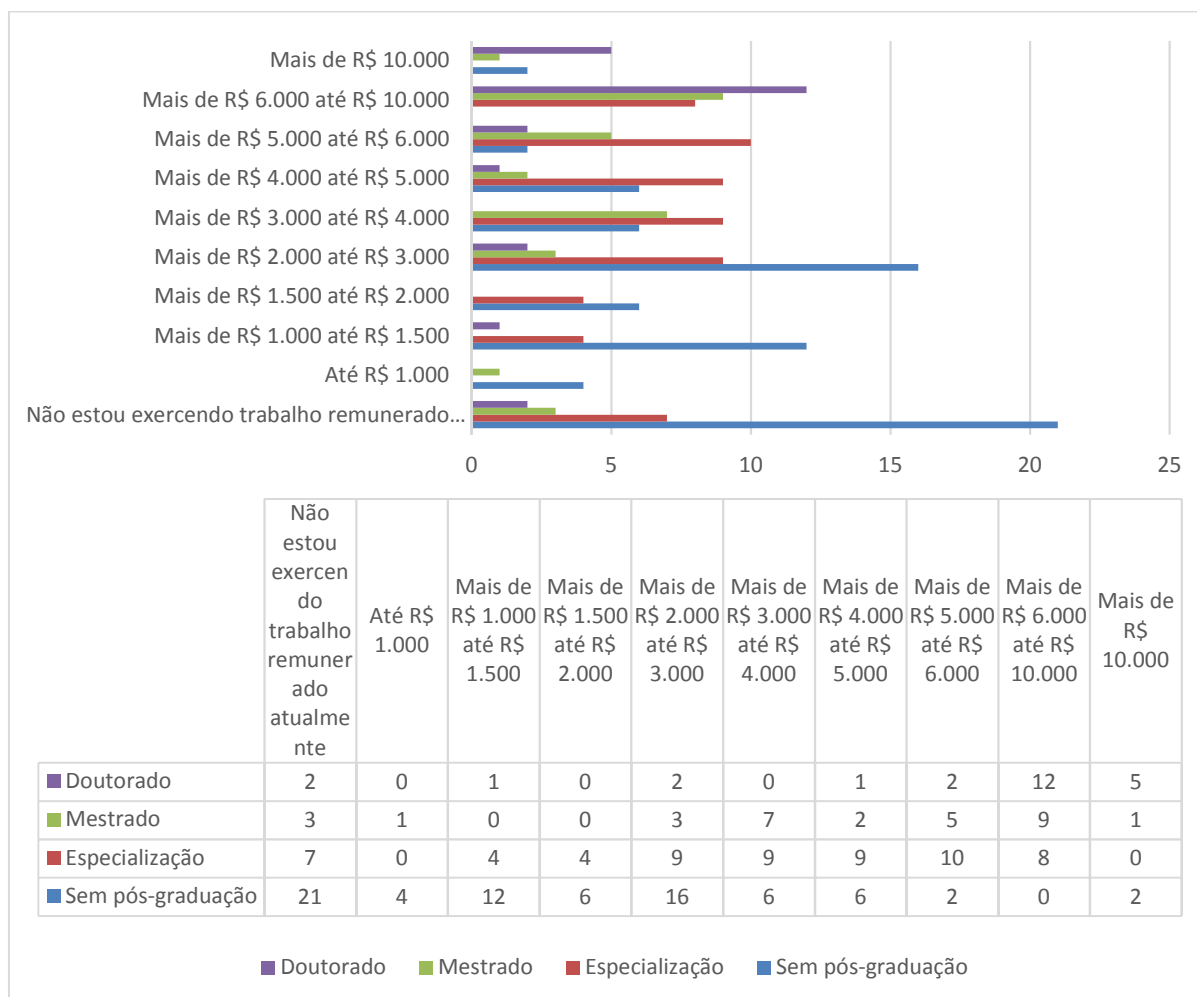
**Gráfico 30 – Cruzamento entre a variável sexo (Q.2) e a variável faixa salarial atual (Q.27)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Outro cruzamento que também foi empreendido com a variável faixa salarial foi em relação ao nível de pós-graduação, para se verificar se a educação continuada exerce influência nos salários. O Gráfico 31 mostra entre os respondentes que recebiam acima de R\$ 6.000,00 a maioria de doutores e mestres. Neste caso, atenta-se para o fato de que dois respondentes recebiam acima de R\$ 10.000,00, sem, no entanto, terem realizado uma pós-graduação. Entre esses respondentes, uma é servidora pública e o outro autônomo.

**Gráfico 31 – Cruzamento entre a variável nível de pós-graduação (Q.11) e a variável faixa salarial atual (Q.27)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Ainda sobre a faixa salarial, faz-se um complemento deste tópico com relação aos entrevistados (Questão 51), em que se notou que os maiores salários (entre R\$ 6.000,00 e R\$ 10.000,00) pertenciam aos que eram servidores públicos, por exemplo, um bibliotecário-chefe de uma instituição federal de ensino e um analista em gestão governamental em Biblioteconomia de um estado da federação que, atualmente, trabalha com Governança e Política Pública. Contudo, apenas 11 entrevistados percebiam salários acima da média salarial do bibliotecário em Minas Gerais. A título de exemplo, o Quadro 7 lista os 31 entrevistados que responderam sobre o cargo que ocupavam e a faixa salarial que recebiam na época da realização das entrevistas.

**Quadro 7 – Lista dos entrevistados por faixa salarial e cargo**

<b>Faixa salarial</b>	<b>Entrevistado(a)</b>	<b>Cargo</b>
Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000	20	Servidor Público Federal / Bibliotecário-chefe em instituição federal de ensino
	34	Servidor Público Estadual / Analista em Gestão Governamental em Biblioteconomia
Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000	1	Servidor Público Federal / Bibliotecário em instituição federal de ensino
Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000	2	Servidora Pública Federal / Bibliotecária em instituição federal de ensino
	6	Servidora Pública Municipal / Professora do ensino fundamental
Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000	4	Celetista / Supervisor administrativo em órgão público estadual
	11	Celetista / Bibliotecária em escola particular
	12	Celetista / Bibliotecária em faculdade privada
	14	Celetista / Assistente administrativo em órgão público estadual
	15	Celetista / Bibliotecária em escola particular
	21	Prestador de serviços / Consultor em normalização documentária.
Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000	13	Celetista / Bibliotecária em escola particular
	19	Celetista / Técnica administrativa em função de Bibliotecária em organização privada
	23	Celetista / Bibliotecária em escola particular
	25	Celetista / Bibliotecária em faculdade privada
	26	Celetista / Bibliotecária em escola particular
	39	Celetista / Coordenadora bibliotecas em escola particular
	40	Celetista / Analista de bibliotecas em escola particular
	7	Servidora Pública Estadual / Gestora de Cultura em Biblioteca Pública estadual
Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000	5	Celetista / Auxiliar administrativo em organização privada
	9	Celetista / Assistente de Documentação e Informações prestadora de serviços em órgão público estadual.
	22	Servidora Pública Estadual / Auxiliar administrativa em escola
	29	Estudante / Estagiário de arquivologia
	32	Celetista / Bibliotecária em organização privada
	33	Celetista / Auxiliar administrativa atuando como Bibliotecária de Referência em faculdade privada
	37	Celetista / Auxiliar administrativo em organização privada
	38	Celetista / Analista de bibliotecas em escola particular
Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500	17	Celetista / Auxiliar administrativo em organização privada
	36	Celetista / Analista de bibliotecas em escola particular
Até R\$ 1.000	3	Estudante bolsista iniciação científica
	16	Celetista / Auxiliar de Biblioteca prestadora de serviços em instituição federal de ensino

Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

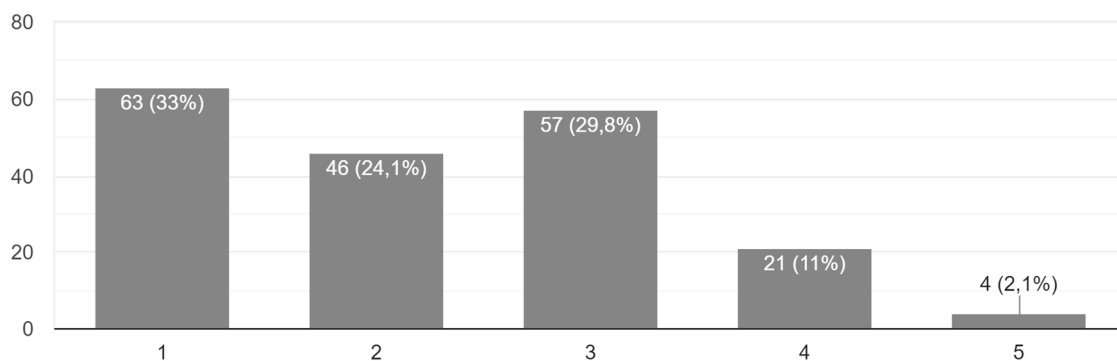
No caso da satisfação dos entrevistados com a colocação profissional atual percebida nas entrevistas (Questão 47), diferentemente do que ocorreu no questionário, houve empate entre os que se disseram satisfeitos e os que não estavam. Como era de se esperar, os 13

respondentes que estavam satisfeitos pertenciam às faixas salariais acima de R\$ 2.000,00, enquanto os 13 egressos não satisfeitos, majoritariamente, recebiam salários abaixo desse valor. Cinco respondentes disseram estar parcialmente satisfeitos com a colocação profissional na época da realização das entrevistas. Embora a satisfação com a colocação profissional atual tenha dividido os entrevistados, o mesmo não ocorreu quando eles foram inquiridos se o rendimento atual correspondia a suas expectativas (Questão 52). Neste caso, 19 entrevistados foram categóricos ao dizer que o rendimento deles não correspondia às expectativas, enquanto que sete afirmaram que sim e cinco que as expectativas eram atendidas em parte.

Retomando o questionário eletrônico, a situação socioeconômica atual dos respondentes, comparada com a do seu núcleo familiar na época de seu ingresso no curso de Biblioteconomia (Questão 28), ficou melhor para 35% e muito melhor para 32%, totalizando 67% dos respondentes, o que era de se esperar com a conclusão de um curso de graduação. Já em relação aos entrevistados (Questão 53), a percepção ficou bastante dividida: de um lado, 29% disseram que melhorou e 21% que melhorou muito, totalizando 50%; de outro, 26% consideraram que a situação se manteve estável e 24%, que piorou, totalizando 50%. O fato de alguns entrevistados não trabalharem na área ou, mesmo, de não estar inseridos no mercado, juntamente com o não atendimento das expectativas salariais, dado que a maioria dos entrevistados obtinha rendimentos abaixo da média salarial do bibliotecário em Minas Gerais, certamente, influenciou a percepção da situação socioeconômica.

Finalizando as questões do questionário, pretendeu-se aferir a percepção dos respondentes acerca do prestígio social do bibliotecário e de seu reconhecimento pelo mercado de trabalho; isto é, se os egressos concordavam que o bibliotecário tinha prestígio social (GRÁFICO 32) e se era reconhecido pelo mercado (GRÁFICO 33).

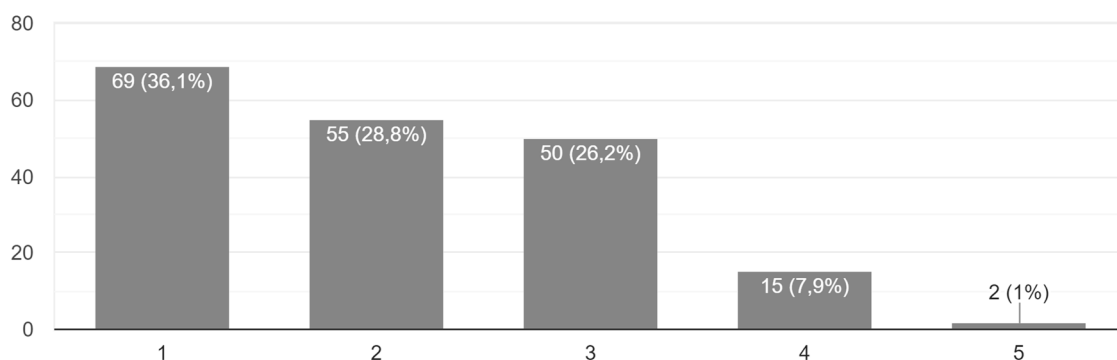
**Gráfico 32 – Concordância sobre o prestígio social do bibliotecário na opinião dos respondentes (Q.29)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Nota: O gradiente vai de 1 “Discorda totalmente” até 5 “Concorda totalmente”.

**Gráfico 33 – Concordância sobre o reconhecimento do bibliotecário pelo mercado de trabalho na opinião dos respondentes (Q.30)**



Fonte: Elaborado pela autora. Junho de 2019.

Nota: O gradiente vai de 1 “Discorda totalmente” até 5 “Concorda totalmente”.

As respostas a ambas as questões foram muito semelhantes, o que é confirmado pelos egressos entrevistados. Com relação à questão do reconhecimento pelo mercado de trabalho (Questão 46), os entrevistados, majoritariamente, mostraram-se negativos. Novamente, o atributo *desconhecido* emergiu. Para alguns, o curso não era visto em sua complexidade, como relata a Entrevistada 2: “O curso não é reconhecido. Os serviços da Biblioteconomia nem sempre são vistos pelas pessoas. Às vezes, parecem muitos simples, tipo ‘ah, é preciso

fazer uma faculdade pra guardar livro?'. Temos uma certa invisibilidade". Houve alguns que afirmaram que "há o pensamento de que qualquer pessoa pode fazer o trabalho do bibliotecário" (ENTREVISTADA 26), ou, de que "o bibliotecário pode ser substituído por um estagiário" (ENTREVISTADA 24), ou, pior, como disse a Entrevistada 15: "A gente vê diversas vagas pedindo ensino médio para gerenciar bibliotecas. A sociedade em geral não sabe o que um bibliotecário faz e a importância da atuação dele numa biblioteca". Alguns ainda comentaram que o bibliotecário não colabora muito em se colocar perante o mercado, como afirma o Entrevistado 5: "Na visão da sociedade, o bibliotecário é obsoleto, por não saber das suas possibilidades de atuação. Ao mesmo tempo, o bibliotecário não sabe se vender. Passa essa imagem de obsoleto". A Entrevistada 7, entretanto, acredita que isso esteja mudando: "O reconhecimento vem crescendo com a formação de profissionais atuantes e colaborativos para mudar 'a cara' à qual foi atribuída ao curso. Cara essa de profissionais inacessíveis, repetidores de técnicas e nada críticos. Ainda bem que o novo está crescendo". A Entrevistada 14 comenta assim a questão do nome do curso, assunto já mencionado neste trabalho: "O preconceito já começa com a nomenclatura. É difícil mostrar ao mercado a bagagem que apreendemos no curso, que estamos preparados para atuar no mercado. Eu acho que não estamos". A Entrevistada 25 adverte que a questão das mudanças tecnológicas deveria ser vista como uma oportunidade, em vez de uma ameaça: "Alguns acreditam que a prática tradicional da Biblioteconomia será inútil com o avanço da Tecnologia, o que acredito ser insanidade. Quanto mais nos afastamos das mudanças tecnológicas, mais nos afastamos do que o mercado de trabalho deseja atualmente". Por fim, a Entrevistada 13 comenta em tom de recomendação:

O CRB<sup>118</sup> ajuda muito nesse reconhecimento. Tem havido mais reconhecimento do mercado. Acho que quando não ocorre o reconhecimento é por causa da categoria. Eu gosto muito do que faço. Eu sou muito reconhecida hoje. Sou muito feliz. A gente tem que saber que a Biblioteca é o local menos privilegiado da escola, onde não tem recurso, onde a parede é a última a ser pintada. Quem faz o curso tem que saber desses detalhes, mas não podem desanimar com isso, saber que a sua atuação pode mudar a vida das pessoas.

Tal como ocorreu com a questão do reconhecimento pelo mercado, os entrevistados também não se mostraram animados com o prestígio social do bibliotecário. Como declarou a Entrevistada 2: "Biblioteconomia é uma carreira que se segue por amor. Tem que ter muita

---

<sup>118</sup> Conselho Regional de Biblioteconomia.

força de vontade”. Novamente, a questão de o bibliotecário não saber se mostrar, se promover, foi assim pontuada pelo Entrevistado 4: “A carreira é muito desconhecida, então não goza de prestígio social. A gente se vende muito mal. Falta um marketing profissional, né? Poderíamos mostrar mais campos de atuação fora da Biblioteca para as empresas verem”. O Entrevistado 5 entende que, “para mudar essa visão da sociedade, o bibliotecário tem que acabar com essa imagem de alguém atrás de um balcão, embora não seja isso que a gente faz. Nosso trabalho é muito silencioso”. O Entrevistado 20 completa: “Isso se deve à falta de fortalecimento da categoria. Muitas vezes, os bibliotecários ficam no seu cantinho na instituição e não mostram o seu potencial ou preferem ficar na zona de conforto”. Em virtude dessa postura dos bibliotecários, a Entrevistada 22 aconselha: “Deveríamos ser mais barulhentos, para sermos notados!” Talvez, assim poder-se-ia mudar a “visão estereotipada da senhorinha de óculos que fica atrás do balcão, encontrando o livro certo na prateleira certa e pedindo silêncio a todo momento” (ENTREVISTADA 23). Alguns acreditam que, para obter prestígio social, o bibliotecário precisaria se esforçar mais que outros profissionais. Afirma a Entrevistada 13: “Acho que quando merece, ele tem prestígio, mas tem que lutar muito. Nunca será como um médico ou um advogado”. O baixo status da carreira ainda é reiterado pela Entrevistada 9: “Não tem prestígio algum, a não ser que você seja concursado federal. A carreira do bibliotecário privado é muito desvalorizada e a nível municipal e estadual também”. Sobre isso, a Entrevistada 25 lamenta:

Somos malvistas. Algumas instituições consideram o bibliotecário e a biblioteca como apenas um gasto para a instituição ou como depósito de documentos. Muitos acham a profissão “fácil” demais, sem contar a desvalorização total no âmbito da educação infantil. Nossa carreira precisa urgentemente ser reconhecida. Nossos esforços têm sido em vão. Não temos salários decentes. Muitos formam e sequer conseguem atuar na área, ou optam pela mudança de curso, para tentar ser reconhecido no mercado.

A Entrevistada 30, preocupada com o fato de o mundo necessitar de profissionais preparados para tratar e organizar a massa de informações que é publicada todos os dias e, ainda, reconhecer as fontes confiáveis, para evitar as informações falsas, vaticina que: “a grade curricular do curso de Biblioteconomia não nos prepara para o mercado atual e faz com que as empresas não nos reconheça, e profissionais de outras áreas estão fazendo mestrado ou doutorado em Ciência da Informação. Resultado: iremos sumir com o tempo!” Contudo, ainda que ressaltassem os problemas da carreira do bibliotecário, houve entrevistados que se manifestaram demonstrando um sentimento de determinação e, até mesmo, de orgulho:



As pessoas não conhecem o que a gente faz. Não sabem da nossa importância. Não imaginam a gama de coisa que o bibliotecário pode fazer. Chegam até nos desmerecer, inclusive salarialmente falando. Quando eu resolvi fazer Biblioteconomia, eu juntei minha mãe e meu pai e perguntei se teriam orgulho de mim. Ambos me apoiaram totalmente. Se perguntam pra eles hoje o que a filha faz, eles respondem com orgulho: “Bibliotecária formada na UFMG!”. Minha mãe era empregada doméstica. Minha vida é como a do filme “A que horas ela volta”, sabe? As filhas da patroa não passaram na UFMG e nenhuma das duas exercem a profissão (ENTREVISTADA 11).

Bibliotecário não tem prestígio pela maioria da população que eu tenho convívio, pois as pessoas não sentem necessidade de um bibliotecário, porque a informação de qualquer forma chega às escolas. Nunca tiveram um profissional. Mas, por outro lado, quando o bibliotecário atua ele faz a diferença, seja em uma empresa, em uma biblioteca comunitária, escolar, pública. Em minha escola no ensino médio, o bibliotecário era quem os alunos procuravam pedindo ajuda, e ele era sempre solícito e, assim, conquistou o respeito e a admiração de todos. Ele fez a diferença na vida de muitos estudantes, ajudando no ingresso à faculdade. Ele não sabia de todas as matérias, mas sabia sobre o que tínhamos que estudar e em qual material que tínhamos de ir. Quero dizer, quando atuamos, somos prestigiados (ENTREVISTADA 27).

Para terminar as análises desta seção, comenta-se sobre duas questões que fizeram parte da entrevista, mas não do questionário eletrônico. Elas, em certa medida, complementam as mensagens percebidas pelos depoimentos dos entrevistados acerca do prestígio social e do reconhecimento profissional no mercado. Aos entrevistados, perguntou-se qual palavra representaria, atualmente, um aspecto positivo e um negativo da identidade profissional deles, a partir das vivências como estudante do curso de Biblioteconomia da UFMG. Muitas expressões utilizadas pelos entrevistados reiteram alguns dos atributos identificados na imagem do curso. Por exemplo: o Entrevistado 1 declarou que, ao mesmo tempo em que se sentia “privilegiado” (aspecto positivo), também se sentia “estagnado” (aspecto negativo); a Entrevistada 2; “acolhedora” – o que remete ao atributo da *empatia* –, mas também “pessimista”; o Entrevistado 3, “agradecido”, mas, ao mesmo tempo, “indeciso”; o Entrevistado 4, “competente informacionalmente”, contudo “inábil gerencialmente”; e a Entrevistada 13, “importante”, porém “estereotipada”. Se, de um lado, houve algumas qualidades, como “orgulhosa” (ENTREVISTADAS 9, 11, 16 e 22), “inovador” (ENTREVISTADOS 18 e 34), “persistente” ( ENTREVISTADAS 14, 38, e 39) e “profissional” (ENTREVISTADAS 23, 24, 32 e 37); de outro, houve adjetivos como “frustrada” (ENTREVISTADAS 10 e 12), “desmotivada” (ENTREVISTADAS 31 e 39) e “desvalorizada” (ENTREVISTADAS 16, 25, 26, 29, 36 e 38). Este último adjetivo confirma precisamente o atributo *(des)valorização do bibliotecário*, identificado na imagem do curso. Constatase

nessas questões a ambivalência de sentimentos encontrada, por exemplo, no atributo *paixão/amor*, reiterado pelo orgulho sentido por alguns entrevistados, em oposição à sensação percebida pelo atributo *frustração*, confirmada pelo sentimento relatado por algumas entrevistadas, que se disseram frustradas ou desmotivadas atualmente. Enfim, perceber-se profissionalmente “orgulhosa”, mas simultaneamente “desvalorizada”, como relata a Entrevistada 16, pode colocar em questionamento a escolha do curso e, conseqüentemente, da profissão, podendo impactar a avaliação dos egressos acerca do curso de Biblioteconomia da UFMG.

#### 4.12.6 *Síntese do perfil profissional dos respondentes do questionário eletrônico*

Para sintetizar o perfil profissional do respondente do questionário eletrônico desta pesquisa, apresentam-se aqui as principais conclusões em relação aos 191 respondentes: 61% já se pós-graduaram ou estão com o curso em andamento; 81% estavam trabalhando à época da aplicação do questionário, entre os quais 68% trabalham na área de Biblioteconomia, ou em parte, e 58% estão inseridos em bibliotecas universitárias ou escolares; o vínculo empregatício mais preponderante foi o estatutário (57%), seguido do celetista (28%); excetuando aqueles que prestaram concurso, os meios como conseguiram a colocação atual foi se candidatando no site da organização (10%) e obtendo indicação de amigos (8%); ao concluir o curso, 61% não estavam empregados formalmente, contudo 50% destes conseguiram colocação em até seis meses após formados e mais 16% em até um ano, totalizando 66% ao final do primeiro ano de formados; durante o curso, 82% fizeram estágio extracurricular; 49% e 31% possuem conhecimentos de inglês ou de outra língua estrangeira em nível básico e intermediário, respectivamente; 68% já precisaram utilizar esses conhecimentos no trabalho ao menos em parte; 70% se dizem satisfeitos com a colocação profissional em que estão, bem como a situação socioeconômica atual, comparada com a do núcleo familiar na época do ingresso no curso de Biblioteconomia é considerada como melhor ou muito melhor por 67%; e salarialmente, os respondentes que ganham até R\$ 2.000,00 representam 17% da amostra dos que responderam ter renda individual; os que recebem de R\$ 2.000,00 até R\$ 5.000,00 correspondem a 37% e os que ganham mais de R\$ 5.000,00 perfazem 29% dos respondentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *No âmbito da imagem do curso*

Em face de tudo até aqui apresentado e discutido, volta-se ao problema que motivou esta investigação, isto é: Como se configura a imagem do curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG pela via das representações sociais e da satisfação a partir das percepções de seus egressos? O que se pode afirmar, depois da análise dos dados coletados nas 40 entrevistas e no *survey* eletrônico respondido por 191 egressos do curso de Biblioteconomia desta Universidade, é que sua Imagem Central compreende atributos ligados a elementos basilares do curso e, por consequência, da formação bibliotecária, como: *biblioteca, informação, livro, leitura, organização, conhecimento, disseminação da informação, usuário e cultura*. Concomitante a esses atributos estão presentes também os elementos de cunho emocional e afetivo *paixão/amor e desconhecido*, demonstrando como sinalizadores de vinculação e afetividade são importantes para a conexão entre o curso, personificado pela instituição ofertante, e o aluno, tornando-se igualmente importantes como os elementos basilares. Por fim, os atributos *qualidade do corpo docente e sociabilidade* também comparecem na Imagem Central, demonstrando a apreciação positiva a respeito da percepção dos egressos com relação ao Núcleo Central do curso de Biblioteconomia da UFMG.

Para responder aos pressupostos desta investigação (seção 2.6), foca-se, primeiramente, o atributo *desconhecido*, único elemento negativo da Imagem Central do curso, que, talvez, possa explicar o porquê desse curso não exercer atração imediata, sendo, geralmente, a segunda opção de escolha do estudante (PRESSUPOSTO A). As entrevistas revelaram claramente que o curso não seria a primeira opção para a maioria dos entrevistados. Quando indagados sobre isso, disseram que foi por indicação de algum familiar ou amigo, indicando, inclusive, a grande oferta de oportunidade em concursos públicos na área como o principal atrativo para se ingressar no curso.

A facilidade de entrar no curso para, depois, pedir transferência para outro da UFMG também corroborou para a escolha utilitarista por parte de alguns entrevistados que relataram essa situação. Eles apenas avaliaram a questão da facilidade do ingresso no curso para essa tomada de decisão. Infere-se, portanto, que o desconhecimento sobre o curso atinge a sociedade, incluindo-se aí seus possíveis candidatos. Não se deve considerar um problema buscar uma profissão, a realização de um curso, pelo fato de ser mais fácil seu ingresso ou,

ainda, de alguém ter falado que haveria muitas oportunidades em concursos. Decerto, são muitos os fatores que interferem no contexto dessa escolha por parte dos alunos. Mas, será que se o curso de Biblioteconomia e, conseqüentemente, o fazer do bibliotecário fossem mais conhecidos e reconhecidos socialmente, a exemplo de outras profissões tradicionais e com mais status social como Engenharia, Medicina e Direito, essa procura pelo curso se daria do mesmo modo? Nesse sentido, parte-se para os seguintes Pressupostos: “a atuação profissional na área ser restrita aos mercados de trabalho tradicionais” e “a autoimagem do bibliotecário tender a ser mais negativa porque ele percebe que a sociedade e o mercado de trabalho não o reconhecem e não o valorizam”.

Quanto à percepção de que a atuação profissional na área está restrita aos mercados de trabalho tradicionais (PRESSUPOSTO B), os dados obtidos neste trabalho comprovam que o campo de atuação dos formados em Biblioteconomia da UFMG continua sendo as bibliotecas universitárias e as escolares, isto é, os mercados tradicionais da área. Isso pode ser um resultado do atributo *desconhecido*, que ronda o curso e o campo de atuação, agravado pela insuficiência de ações de divulgação do fazer do bibliotecário no mercado de trabalho. O marketing profissional e o pessoal, conforme visto na seção de Revisão de Literatura, poderiam ser importantes aliados do egresso no que tange a sua inserção no mercado de trabalho, cada vez mais dinâmico e fluido, em que as mudanças ocorrem com tamanha velocidade que exigem novas ferramentas, técnicas e metodologias de trabalho, demandando ao egresso a necessidade constante de zelar pela formação continuada. Contudo, é importante recordar que o marketing, além do viés de divulgação e de publicidade, tem um viés de compreensão do mercado e do próprio produto, ou serviço, oferecido a esse mercado. Nesse bojo, um trabalho abrangente de marketing implicaria conhecer o mercado e detectar não somente as oportunidades por ele oferecidas, como também as necessidades não reconhecidas nesse mercado. A partir disso, poder-se-ia efetuar uma avaliação mais rigorosa, realista e crítica das qualidades do produto, ou serviço ofertado, para, então, investir no alinhamento de sua oferta com as necessidades e oportunidades do mercado. Se acaso encontrar um descompasso entre esses dois campos, deve promover aperfeiçoamentos no produto, ou serviço, de forma a torná-lo mais atrativo e melhorar sua inserção nesse mercado. Nessa perspectiva, talvez fosse uma ação oportuna alinhar, por exemplo, as iniciativas de reestruturação dos cursos com uma perspectiva ampliada da noção de marketing (conduzindo-a para além da identificação superficial com a propaganda e a divulgação pessoal).

A autoimagem do bibliotecário tende a ser mais negativa porque ele percebe que a sociedade e o mercado de trabalho não o reconhecem e não o valorizam (PRESSUPOSTO C). Esta autoimagem é totalmente conectada com o desconhecimento social acerca da área e da profissão, provocando, assim, a *(des)valorização do bibliotecário*. Os fatores que impactam a imagem e a autoimagem do bibliotecário, produzindo, em última instância, os estereótipos que permeiam a área, têm relação com a própria tradição educacional do País, em que a valorização da leitura e, por conseguinte, da biblioteca é muito pouco difundida. Embora haja atualmente uma lei para a universalização das bibliotecas escolares no Brasil, sabe-se que elas são, de longe, a prioridade nos investimentos públicos. Logo, muitas pessoas passam pela Educação Básica sem ter tido o contato com uma biblioteca e um bibliotecário. Assim, como se pode valorizar aquilo que não se conhece?

Há, também, outra vertente dessa desvalorização, para a qual concorre o próprio profissional bibliotecário. Ao se cotejar a literatura e os depoimentos dos entrevistados, percebe-se que há uma discrepância entre as representações sociais do bibliotecário e o perfil esboçado na literatura sobre suas competências. Barbalho (2006) constatou que a literatura manifesta a idealização, isto é, os perfis e as competências concebidas pelos estudiosos da área, e não aquilo que é apreendido pela práxis do profissional. Contudo, os depoimentos revelam certa acomodação na postura do egresso do curso ao considerar que é fatal a desvalorização do curso e que não há nada que se possa fazer. Nessa perspectiva, pondera-se que seria salutar para a imagem social do bibliotecário que ele compreendesse a importância de uma atuação profissional qualificada, responsável e consciente, buscando sempre aumentar sua participação e melhorar seu engajamento nos espaços da sociedade.

A respeito da concepção de que a prática do profissional bibliotecário é diferente do que se preconiza na literatura da área, pode-se também relacioná-la com o fato identificado nas entrevistas de que o curso de Biblioteconomia da UFMG é reconhecido pelos entrevistados como mais voltado para a teoria que para a prática, podendo isso dificultar a inserção profissional do egresso (PRESSUPOSTO D). Nessa perspectiva, deve-se comentar ainda que alguns entrevistados mencionaram o fato de alguns docentes do curso não serem bibliotecários e, por consequência, de que a falta de vivência do docente na prática bibliotecária compromete certos aspectos da formação. A este respeito, expressou a Entrevistada 15: “muitos professores não tiveram a prática, então falava-se muito na teoria”.

Ainda sobre esse ponto de vista, infere-se que o atributo *(Falta de) didática* também pode ter exercido influência, bem como ter sido influenciado pela questão da teoria em detrimento da prática. Aliada a isso, a identificação do atributo *redundante* no curso leva a

crer que os egressos perceberam que diversos conteúdos foram pouco importantes para a prática profissional. Nesse sentido, percebe-se que houve reconhecimento tanto das disciplinas humanísticas/culturais quanto das disciplinas técnicas do curso como sendo importantes para a formação. Todavia, nota-se que a ausência do atributo *maior diálogo com a área tecnológica* talvez seja o elemento faltante para o salto qualitativo do curso, pelo olhar do seu egresso. É patente que se espera que o curso se comprometa mais com o oferecimento de conteúdos tecnológicos ao seu corpo docente e discente, disponibilizando tecnologias que possam, inclusive, colaborar na dimensão didática do ensino-aprendizagem. Embora também se reconheça que a velocidade empreendida pelas inovações tecnológicas torne difícil seu acompanhamento por parte das instituições de ensino, o que acaba sendo, ou deveria ser, contornado pela educação continuada do egresso, esse fato não deve ser motivo de essas intuições se declinarem da obrigação de atualizar seus currículos. Posto isso, entende-se que essa temática da atualização curricular ratifica o pressuposto de que a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UFMG não acompanhou na mesma medida os avanços tecnológicos ocorridos a partir do início deste século (PRESSUPOSTO E). Constatase que esse fato não é exclusivo deste curso em questão, conforme se verificou na literatura trazida neste trabalho. Entretanto, este elemento corrobora o atributo *engessado*, que foi uma característica fortemente percebida pelos egressos do curso. É notório como os atributos (*falta de*) *didática*, *redundante*, *maior diálogo com a área tecnológica* e *engessado* estão imbricados e acabam por contribuir para uma percepção negativa do egresso quanto ao atributo *valorização da profissão/curso*.

O último pressuposto que questiona o fato de a gestão acadêmica do curso de Biblioteconomia da UFMG, entendida aqui como o corpo docente que integra o curso, não concorrer, durante o período de formação, para um maior reconhecimento e valorização do curso e, por conseguinte, da profissão no mercado de trabalho e na sociedade (PRESSUPOSTO F) vincula-se a diversas questões, como (*des*)*valorização do bibliotecário*, (*falta*) *de reconhecimento no mercado* e *valorização da profissão/curso*, que impactaram fortemente a baixa autoestima dos egressos entrevistados enquanto profissionais da área. Sob esse enfoque, os sentimentos negativos de *frustração* e de *desamparo* também se relacionam com essa questão, sendo que o primeiro está, possivelmente, associado a uma idealização do curso, uma expectativa não correspondida, e o segundo, provavelmente, a um sentimento de insegurança, de falta de apoio, de incerteza. No entanto, não se deve deixar de mencionar o fato que, ainda assim, os egressos se sentiram satisfeitos em terem realizado o curso e muitos, inclusive, expressaram *paixão/amor* pelo curso.

Diante do que foi observado na imagem do curso de Biblioteconomia da UFMG é perceptível que os atributos mais positivos se concentram, em maior número, na Imagem Central, enquanto que os elementos de natureza mais negativa estão dispostos, mais contundentemente, nas periferias e na margem do curso. Considerando que quanto mais próximo os atributos estão do centro da representação, mais difícil e demorado será o processo de seu afastamento (DE TONI, 2005), esse fato pode ser um ponto positivo, pois, como a maioria dos atributos negativos não está na Imagem Central, espera-se que seja mais fácil a realização de ações que possam afastar esses elementos das representações do curso Biblioteconomia da UFMG.

- ***No âmbito da formação em Biblioteconomia***

Sobre a questão da formação bibliotecária, pode-se dizer que há certa insatisfação quanto ao conteúdo e ao modo como as disciplinas são ministradas, especialmente as técnicas. Mais uma vez, o atributo *(falta) de didática* sobressai como elemento que dificultou a transmissão do conhecimento. Outro ponto relevante sobre essa questão traduz-se pela percepção dos egressos entrevistados quanto ao não comprometimento dos docentes com a graduação, o que pode ter influenciado no sentimento de *desamparo* percebido pelos graduados do curso.

As disciplinas técnicas foram consideradas as mais importantes para a formação, reiterando o caráter profissionalizante do curso, embora muitos egressos tenham sentido a necessidade de disciplinas sociais voltadas para a compreensão do usuário da informação. Deve ser ressaltado também que as disciplinas Biblioteca Escolar, Empreendedorismo, Marketing, além das técnicas específicas, como AACR2, foram bastante lembradas como disciplinas não obrigatórias, mas com grande importância para a atuação profissional. Em se tratando das disciplinas não constantes da grade curricular de que os egressos mais sentiram falta para o exercício da profissão, destacam-se as disciplinas da área de Estatística, Lógica e Programação, as da área de Gestão, Inglês e as de Práticas Pedagógicas.

A revisão da matriz curricular é percebida como necessária pelos egressos, que focalizam três dimensões para a implementação de melhorias nesse sentido: a) maior diálogo com a Tecnologia da Informação e a Gestão; b) ampliação do foco antes dado somente à Biblioteca Física; e c) Fortalecimento das disciplinas ligadas à Biblioteca Escolar, bem como o retorno do Ciclo Básico, que fez parte da grade curricular do curso até 2009. Registra-se que, como já mencionado neste trabalho, o curso está em processo de elaboração de nova

matriz curricular. Espera-se que esta pesquisa possa colaborar com insumos para a construção coletiva desse processo de concepção de um Projeto Pedagógico de Curso.

- ***No âmbito da trajetória profissional***

Dentre os tópicos que se deve destacar sobre a trajetória profissional dos egressos do curso de Biblioteconomia da UFMG está a questão feminina. A tradição do curso continua nessa vertente, ainda que se perceba a inserção dos homens nas últimas décadas, conforme atestado pelas pesquisas de perfil e trajetória profissional referenciadas neste trabalho. Todavia, um elemento digno de nota é a perpetuação da diferenciação salarial entre homens e mulheres, que é percebida não só na área da Biblioteconomia, como também em outras, como se confirma em estudos da área da Sociologia das Profissões<sup>119</sup> (FRIEDSON, 1998; RODRIGUES, 2002; DUBAR, 2005). Nesta pesquisa, comprovou-se que os homens, proporcionalmente, percebem salários maiores.

Ainda no que tange à tradição, a tendência de atuação profissional na esfera pública é comprovada, talvez, pelo fato de se encontrarem lá também as remunerações mais equilibradas e os maiores salários. De outro lado, a presença dos profissionais autônomos no mercado ainda se mostrou muito tímida para os egressos em questão. A educação continuada se apresentou como elemento de distinção salarial, pois notou-se a elevação dos salários à medida que se elevava o grau de titulação. Sobre o fato de a maioria estar atuando na área ou em parte, reitera-se esse padrão também percebido na pesquisa de Queiroz (2014).

Não se pode deixar de registrar o cumprimento daquilo que se espera da Educação, isto é, a ascensão social do indivíduo, uma vez que a maioria dos egressos considerou sua situação socioeconômica melhor que à época de seu ingresso na graduação. É isso que se espera que o curso concorra para que aconteça. Portanto, intentou-se aqui apontar elementos que pudessem subsidiar uma discussão qualificada sobre a gestão do curso. É profícuo todo debate sobre o fazer acadêmico das universidades, principalmente quando estas direcionam o olhar para a dimensão das competências desenvolvidas durante seus cursos de graduação, contrapondo-as com aquelas requeridas para o trabalho. Logo, a retroalimentação favorecida por essa dinâmica pode proporcionar reflexões sobre como se identificar possíveis

---

<sup>119</sup> Área de estudos da Sociologia que estuda o desenvolvimento das profissões na sociedade, cujas principais abordagens são: a funcionalista, a interacionista e a neweberiana.



inconsistências, estabelecendo-se, dessa forma, mudanças necessárias nas matrizes curriculares, bem como nos processos de ensino-aprendizagem.

É desejo particular desta autora que o “Biblio o quê?” torne-se uma lembrança distante para a comunidade de alunos do curso de Biblioteconomia da UFMG e de profissionais bibliotecários formados por esta Universidade. O primeiro passo para que isso ocorra resume-se em compreender o objeto, assumir as limitações, reconhecer as diferenças, promover o debate fundamentado e, principalmente, arregaçar as mangas!

- ***Contribuições da pesquisa***

A formação de quadros profissionais requer um posicionamento estratégico. Por isso, todo curso superior precisa assumir uma identidade que se adeque às necessidades das pessoas e ouvir os egressos que fazem parte desse processo.

As observações formuladas pelos egressos poderão auxiliar no direcionamento atual do curso de Biblioteconomia da UFMG. Encontram-se aqui insumos capazes de subsidiar a gestão do curso na adequação pedagógica, considerando, inclusive, a inserção da tecnologia – tópico bastante mencionado pelos entrevistados – em um ambiente de educação a distância, por exemplo. O perfil do alunado mudou significativamente nos últimos dez anos, especialmente com o advento do REUNI. Nesse sentido, pensar no ajuste da assistência estudantil às necessidades atuais dos alunos tornou-se também uma questão de sobrevivência para o curso.

Estimular novos estudantes a se matricularem no curso de Biblioteconomia deve ser uma meta compartilhada pelos gestores acadêmicos da universidade, que é movida pela dúvida, pelo debate e pelo convívio salutar de opiniões, as quais, embora, por vezes, diametralmente opostas, precisam mirar um objetivo comum: melhorar os currículos dos cursos superiores e, por consequência, o seu fazer acadêmico.

- ***Limitações da pesquisa e sugestões para trabalhos futuros***

Em se tratando das limitações desta investigação, coloca-se, em primeiro lugar, a dificuldade em localizar o egresso, devido à desatualização dos dados de contato, como o e-mail. As redes sociais se mostraram eficazes para transpor esse obstáculo, contudo nelas a

restrição da amostra é algo difícil de se conseguir, uma vez que a postagem para se atingir o objetivo da divulgação deve ser pública.

Conforme já mencionada neste trabalho a observação de De Toni (2005), o fato de as entrevistas terem sido realizadas por escrito pode ter cerceado a espontaneidade dos respondentes e, por consequência, privilegiado o aparecimento dos aspectos racionais da imagem em detrimento dos emocionais e dos simbólicos. Contudo, isso também direciona para uma proposta de estudos futuros, que seria a realização de entrevistas apenas orais com os egressos, para a identificação da imagem do curso. Feito isso, poder-se-ia contrapor os resultados, verificando se haveria diferenças consideráveis ou não.

Ainda sobre as entrevistas, a inclusão dos alunos atuais do curso na investigação, bem como a do corpo docente, seria uma forma de ampliar compreensivamente a identificação da imagem do curso em questão. Paralelamente, incluir os empregadores da área nesse processo também atribuiria maior peso às análises acerca dos atributos da imagem do curso e da profissão.

Sobre a inclusão do corpo docente na investigação, uma perspectiva interessante seria verificar as disposições dos professores – que, no fim das contas, representam a instituição –, em agir em prol do aprendizado dos discentes. Nesse sentido, uma análise sob o ponto de vista da tradição disposicionalista<sup>120</sup>, cujos maiores expoentes são Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, seria bem-vinda, pois favoreceria entendimentos mais abrangentes, por exemplo, os motivos da evasão ou da permanência do alunado no curso. A análise pela via da tradição disposicionalista, provavelmente, atribuiria uma compreensão mais minuciosa da trajetória escolar dos estudantes.

Embora a aplicação do MCI tenha sido restrita ao curso de Biblioteconomia de uma IES pública, considera-se que a utilização desse método para identificar a imagem poderia ser replicada com êxito nos mais variados cursos de graduação ou de pós-graduação das diversas instituições do País, tornando-se um importante instrumento de diagnóstico de certos aspectos da situação educacional brasileira no que tange ao ensino superior. Também em relação ao MCI, no que toca ao tratamento das entrevistas pela análise de conteúdo, propõe-

---

<sup>120</sup> “A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. [...] A disposição é uma força interna, forjada nos processos de socialização, nos esquemas de ação do passado e do presente que sofrem influência do contexto e das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos. É um conceito que carrega muita afetividade, mas pode ter um componente forte de racionalidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

se a utilização do software livre IRAMUTEQ<sup>121</sup>, pacote estatístico vinculado ao R que permite a mineração de dados em textos, com a finalidade de obter análises quantitativas dos *corpus* linguísticos, tais como, contagem de palavras, pesquisa de especificidades de grupos, classificação hierárquica descendente, análise de similitudes e nuvem de palavras.

Sobre pesquisas de acompanhamento da trajetória profissional dos egressos, entende-se que a questão do gênero pode ser mais bem compreendida. Tendo em vista que a Biblioteconomia é uma área essencialmente feminina, poder-se-ia verificar como está a atuação das mulheres bibliotecárias em situação de cargos de direção nas organizações ou, ainda, na docência do ensino superior; como estão compostas as equipes de docentes das escolas, se realmente a proporção de mulheres é bem maior que a de homens, por exemplo; e como está a proporção de mulheres e homens, docentes dos cursos de Biblioteconomia, que são contemplados com bolsas de produtividade do CNPq, inclusive, no que tange ao recebimento de prêmios na área.

---

<sup>121</sup> Relata-se que no PPGCI/ECI há uma experiência de utilização do IRAMUTEQ no tratamento de dados em uma investigação sobre as representações sociais dos usuários de uma biblioteca pública. (FERRAZ, 2018).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino**. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2012.
- ALMEIDA, Neília Barros Ferreira; BAPTISTA, Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 2013, Florianópolis - SC. **Anais**. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação - FEBAB, 2013. v. 25. p. 3404-3416.
- ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da Informação: imagem, perfil e a necessidade da educação continuada. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 1-14, ago./dez.2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/2796/2413>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- ALMEIDA, Virgílio. **O futuro do trabalho e o trabalho do futuro nos tempos digitais**. Belo Horizonte, 2019. Palestra ministrada aos professores, alunos e funcionários da UFMG em 24 maio. 2019.
- ANDRADE, Valéria Beatriz; FONSECA, Antonio Luís. Formação continuada do bibliotecário: a importância da capacitação na área da informática para o profissional da informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 124-144, set. 2016. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p124>>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto A. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.3, p. 21-27, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 519 p. Título original: Survey research methods.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional**. 1998. 234f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura Y Sociedad**. Buenos Aires, n. 12, p. 35-50, 2005. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO\\_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf). Acesso em: 13 mar. 2018.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Regimes de visibilidade das práticas do profissional bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, p. 164-172, jul. 2006. ISSN 1518-2924. Disponível em:

<[http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/539/GT6\\_Barbalho.pdf?sequen ce=1](http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/539/GT6_Barbalho.pdf?sequen ce=1)>. Acesso em: 04 jul. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. A educação deve ser pensada durante a vida inteira: depoimento. Rio de Janeiro: **O Globo**, 23 ago. 2015. Entrevista concedida a Bruno Alfano. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/a-educacao-deve-ser-pensada-durante-vida-inteira-diz-zygmunt-bauman-17275423>>. Acesso em: 30 de jun. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 321 p. Título original: The Individualized Society.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p. Título original: Liquid Modernity.

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 159 p. Título original: Liquid Surveillance: a conversation.

BRASIL. Decreto n. 15.596, de 02 de outubro de 1922: Crêa o Museu Historico Nacional e approva o seu regulamento. **Diário Oficial da União**, 16 out. 1922. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BRASIL. Decreto n. 20.673, de 17 de novembro de 1931: Restabelece, na Biblioteca Nacional, o curso de biblioteconomia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 20 nov. 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20673-17-novembro-1931-517368-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRASIL. Lei 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4084-30-junho-1962-353848-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. Lei n.º 7.504, de 2 de julho de 1986. Dá nova redação ao art. 3º da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário, e dá outras providências. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em:<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7504-2-julho-1986-368031-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, v.134, n.248, 23 dez. 1996. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em 15 abr. 2018.

BRASIL. Lei n.º 9.674, de 26 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9674-25-junho-1998-352853-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 jul. 2001, Seção 1e, p. 50. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>> Acesso em: 25 maio 2018.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 10.861 de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 14 abr. 2004, p. 3. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm)>. Acesso em: 28 de dez. 2015.

BRASIL. Lei n.º 12.244 de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12244-24-maio-2010-606412-publicacaooriginal-127238-pl.html>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BRASIL. Projeto de Lei 9484/18. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2167716>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CAIERON JÚNIOR, A. **A identificação da imagem institucional do ponto de vista do funcionário**. 1999. 39 [12] f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

CARPENTER, Zoë. Librarians Versus the NSA: Your local library is on the front lines against government surveillance. **The Nation**. 6 mai 2015. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/librarians-versus-nsa/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CARVALHO, Luciana Moreira; BARBOSA NETO, Pedro Alves. Análise do mercado de trabalho como estratégia para a mediação da formação do bibliotecário: o caso dos egressos do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 17, 2016, Salvador, BA. **Anais (on-line)**. Enancib: Salvador, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/iti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/schedConf/presentations?searchInitial=C&track=126>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000. 287p.

CHALA, A. **A universidade pública como representação social: levantamento do Núcleo Central da Representação da UFRGS entre seus estudantes de graduação**.

2000. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

CHAUI, Marilena A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300002)>. Acesso em: 05 maio 2017.

COELHO, Maria do Socorro Costa. Opinião: Egresso e Universidade. **Beira do Rio** - Jornal da Universidade Federal do Pará. Pará, ano 24, n. 72, maio 2009. Disponível em: <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2009/3-edicao-72/27-egresso-e-universidade>>. Acesso em: 06 de ago. 2019.

COLBARI, Antonia. A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional** [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual / - Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2014. p.241-272.

CUNHA, Maria Isabel da. Aportes teóricos e reflexões da prática: a emergente reconfiguração dos currículos universitários. **Revista Educación Superior y Sociedad**, Caracas, v. 9, n.1, p. 11-20, 1998. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/22870446-Aportes-teoricos-e-reflexao-da-pratica-a-emergente-reconfigura-ao-dos-curriculos-universitarios.html>>. Acesso em: 25 jul. 019.

DE TONI, Deonir. **Administração da imagem de produtos**: desenvolvendo um instrumento para a configuração da imagem de produto. 2005. 270 f. Tese (Doutorado) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

DE TONI, Deonir *et al.* Análise da Satisfação com Instituições de Educação Superior e Imagem: Comparando Instrumentos. In: Encontro da ANPAD, 30, 2006, Salvador. **Anais**. Salvador: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2006. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-epqa-3083.pdf>>. Acesso em: 24 de ago. 2015.

DE TONI, Deonir; SCHULER, Maria. Gestão de imagens de produtos: uma mensuração das imagens do vinho. In: ASSEMBLEIA DO CLADEA, 37., 2002, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: CLADEA, 2002. 1 cd-rom.

DE TONI, Deonir; SCHULER, Maria. Gestão de imagem: desenvolvendo um instrumento para a configuração da imagem de produto. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 28., 2004, Curitiba. **Anais**. Curitiba: ANPAD, 2004. 1 cd-rom.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 2005.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: DURKHEIM, Émile. *Filosofia e sociologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1970. p.13-42.

DUVEEN, Gerard. Introdução: O poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 7-28.



ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Projeto pedagógico do Curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2008. Disponível em: <<http://colgradbiblio.eci.ufmg.br/o-curso/projeto-pedagogico-1/view>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

FERRAZ, Marina Nogueira. **Representações sociais de Biblioteca Pública: a voz dos usuários do interior e da capital de Minas Gerais**. 172f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B3UJYQ>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, v. 5 n. 9, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138986>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

FRIEDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. São Paulo: Edusp, 1998.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 64-89.

GATTI, Bernadete A. Avaliação Institucional: processo descritivo, analítico ou reflexivo? **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 7-14, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2115/2073>>. Acesso em: 15 de jun. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. cap. 4, p. 67-80.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação**, v.1, n.6, dez. 2000. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>>. Acesso em 19 jan. 2018.

HARARI, Yuval Noah. **The meaning of life in a world without work**. The Guardian, 8 maio 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2017/may/08/virtual-reality-religion-robots-sapiens-book>>. Acesso em: 20 jan. 2018.



IRAMUTEQ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Iramuteq>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction on its methodology**. 2. ed. London: Sage Publications, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Neusa Dias de. Formação integral do Bibliotecário-Documentalista brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 1963, Ceará. **Anais**. Ceará, Universidade do Ceará, 1963. Não paginado.

MAEL, Fred; ASHFORTH, Blake E. Alumni and their alma mater: A partial test of the reformulated model of organizational identification. **Journal of Organizational Behavior**, v. 13, p. 103-123, 1992. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030130202/abstract>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. Tradução Nivaldo Montingelli Júnior, Alfredo Alves de Farias. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Tradução de Marketing research : an applied orientation.

MANCEBO, Deise; VALE, Andréa Araújo do; MARTINS, Tânia Barbosa. Políticas de Expansão da Educação Superior no Brasil 1995-2010. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 31-50, Mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782015000100031&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000100031&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 jun. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 289 p.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im)possível**. 2 ed. São Paulo: Futura, 1998. 182 p.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. Avaliação de curso de graduação segundo egressos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.43, n.2, p.481-485, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a31v43n2.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2015.

MILAN, Gabriel Sperandio; DE TONI, Deonir. A configuração das imagens dos gestores sobre o conceito de estratégia. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 9, n. 6, p. 102-125, Oct. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712008000600006&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712008000600006&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MILAN, Gabriel Sperandio; DE TONI, Deonir; BARAZETTI, Lisandra. Configuração e organização de imagens de serviços: um estudo exploratório. **Prod.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 60-73, Apr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132005000100006&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132005000100006&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. cap. 1, p. 9-29.

MORIGI, Valdir José; SILVA, Magali Lippert da. Paradigma tecnológico e representações sociais dos bibliotecários sobre seu perfil e suas práticas no contexto da Sociedade da Informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa v.15, n.1, p.123-145, jan-jun. 2005. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173091>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Avaliação do estado da arte da formação em Biblioteconomia e ciência da informação. **Ci. Inf.**, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.

MÜLLER, Mary Stela. Com a palavra os egressos... Avaliação do curso de Biblioteconomia da UEL. **Inf.Inf.**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 43-64, jul./dez. 1998. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1674>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. As Teorias Disposicionalistas e o Estudo da Pluralidade do Repórter Amador. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v.28, n. 2, p. 88-113, jul/dez, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

ORTEGA, Cristina Dotta. Contexto de desenvolvimento da Organização da Informação, com enfoque para a Catalogação, na Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação** (Online), v. 18, p. 182-215, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1805/1181>>. Acesso em: 6 abr.2018.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade**: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PRUDENCIO, Dayanne da Silva; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Diretrizes Curriculares Nacionais e a construção de propostas curriculares inovadoras: um estudo de cotejamento dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC). In: XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16, 2015, João Pessoa, PB. **Anais (on-line)**. Enancib: João Pessoa, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3155/1070>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

QUEIROZ, Tatiana Pereira. **O bom filho a casa sempre torna**: análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação. 202f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9PRKWC>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. **A universidade e a vida atual**: Felinni não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 211 p.

RODRIGUES, Maria de Lurdes. **Sociologia das profissões**. Oeiras: Celta, 2002.

RODRIGUES, Maria Socorro Pereira; LEOPARDI, Maria Tereza. **O método de análise de conteúdo**: uma versão para enfermeiros. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999.

RUBI, Milena Polsinelli; EUCLIDES, Maria Luzinete; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Profissional da informação: aspectos de formação, atuação profissional e marketing para o mercado de trabalho. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.16, n.1, p.79-89, jan./jun. 2006.

Disponível em:

<[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf\\_3eae59ce17\\_0012845.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_3eae59ce17_0012845.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2019.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira**. Rio de Janeiro: INL, 1966. 357p.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996a.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 19-33, dez. 1996b. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 jul. 2019.

SAMPAIO, E. F. L. **Rastreamento de imagem organizacional na ótica do cliente interno**. 1999. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, Charlene Maria dos; PINHO, Fabio Assis; AZEVEDO, Alexander Willian. Perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (2005 a 2010). **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, v.11, n.2, p.222-236, maio/ago. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10034>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SANTOS; Priscila Reis dos *et al.* Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.2, p.14-32, abr./jun. 2016. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2563>>. Acesso em 13 mar. 2018.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O caráter implícito da mediação da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.27, n.2, p. 253-263, maio/ago. 2017. Disponível em: <

<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/29249/pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação** (Online), Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf\\_fd9fd572cc\\_0011621.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf)>. Acesso em: 30 jna. 2018.

SCHULER, M. **Administração da imagem organizacional**: um método de configuração da imagem organizacional. Porto Alegre: UFRGS/EA/PPGA, 2000.

SCHULER, Maria; DE TONI, Deonir. **Gestão da Imagem de Organizações, Marcas e Produtos: Através do MCI - Método para Configuração de Imagem**. São Paulo: Atlas, 2015. 273p.

SILVA, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da; FUJINO, Asa. Formação e trabalho do profissional da informação: trajetórias no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19., 2018, Londrina. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1028>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SILVA, Alda Lima da; GOMES, Henriette Ferreira. O fazer bibliotecário na percepção do profissional na contemporaneidade: um estudo na Cidade de Salvador - Bahia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1-21. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/1865?show=full>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das Ciências Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. 2 ed. 174 p.

SILVEIRA, João Paulo Borges da; GONÇALVES, Renata Braz. Perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (1998-2007). **Biblos**, Rio Grande, v.23, n.2, p. 127-135, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/handle/1/325>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SOUZA, Elisabete Gonçalves de. **A formação continuada do bibliotecário face às exigências das novas tecnologias**. 2007. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem02pdf/sm02ss04\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem02pdf/sm02ss04_01.pdf)> Acesso em: 28 jun. 2019.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 16, p. 32-46, 2006. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf\\_8e7623a468\\_0012839.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_8e7623a468_0012839.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2019.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação do profissional bibliotecário em Santa Catarina: potencial de atendimento às demandas recentes e futuras do mercado de trabalho apontadas na literatura de biblioteconomia e ciência da informação, publicada entre 1990 e 1999. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003b. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/viewFile/2090/1225>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas dcn (diretrizes curriculares nacionais) do curso de biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 12, n. 2, p. 230-249, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1601>>. Acesso em: 29 maio 2018.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Modernização e Biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP, 2003a. 222 p.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990. 116 p.

STEPPACHER, Damian. **Pesquisa de imagem organizacional de um órgão público federal**: a Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a ótica de seus alunos de graduação 2012 (Trabalho de conclusão de especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/83488>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

TRIVINHO, Eugênio. **A Dromocracia Cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

VALENTIM, M. L. P. Ética profissional na área de ciência da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. cap. 3, p. 55-69.

VALENTIM, Marta Lígia P. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Org.) **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 16-28, jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2000v5n9p16/5058>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim; ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de; SILVA, Elaine da. Desafios e oportunidades para a formação e atuação do profissional da informação na era digital. In: ZABALA-VÁZQUEZ, J.; SÁNCHEZ-JIMÉNEZ, R.; GARCÍA-MORENO, M. A. (Coords.). **Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital**. Madrid: UCM, 2015. Disponível em: <[http://edicic2015.org.es/ucmdocs/actas/art/267-Pomim\\_formacao-atuacao-profissional-inf.pdf](http://edicic2015.org.es/ucmdocs/actas/art/267-Pomim_formacao-atuacao-profissional-inf.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2019.

VALLS, Valéria. O bibliotecário fora da biblioteca. **Boletim da Biblioteconomia**. Brasília, ano 12, n.75, 2019. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Boletim-CFB-junho-2019.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2019

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 521-526, Dec. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5288>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.17, n.3, p.27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 13, p. 84-103, 2008. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf\\_458131f4ed\\_0011663.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_458131f4ed_0011663.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2019.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – PESQUISAS SOBRE PERFIL E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL

	AUTORES	TÍTULO	ANO	RESUMO
1	Mary Stela Müller	Com a palavra os egressos... Avaliação do curso de Biblioteconomia da UEL	1998	Tendo como premissa que o perfil profissional é, em última instância, determinado pelo conjunto de conhecimentos necessários ao desempenho da função atribuída à profissão, buscou-se levantar, por meio de pesquisa levantamento, junto aos egressos do Curso de Biblioteconomia da UEL, informações e dados que permitissem identificar/caracterizar aspectos positivos/negativos da formação recebida, bem como necessidades de educação continuada, para o exercício pleno da profissão. Os resultados e recomendações revelam a propositura de uma nova proposta político-pedagógica de curso originando a elaboração do Currículo V do Curso de Biblioteconomia. Palavras-Chave: Biblioteconomia; Formação bibliotecária; Curso de Biblioteconomia da UEL - Avaliação; Egressos.
2	Dulcinéa Sarmiento Rosemberg, Lucileide Andrade de Lima do Nascimento, Marcos Rogério Bozzi da Luz e Solange Machado de Souza	O perfil do bibliotecário em exercício no Espírito Santo	2004	Este trabalho tem como objetivo relatar os resultados obtidos a partir da realização da pesquisa que teve como objeto o perfil do bibliotecário em exercício no Estado do Espírito Santo
3	Maria Clara Fonseca, Maria do Carmo Moreira Jacon e Maria Elizabeth de Azevedo	Características sócio-demográficas e inserção do profissional da informação no mercado de trabalho	2005	A pesquisa tem como objetivo conhecer e analisar o perfil, características sócio-demográficas e a inserção do profissional da informação no mercado de trabalho, no Estado de São Paulo. O universo é composto de profissionais que preencheram o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. As bases de dados utilizadas foram o Cadastro Brasileiro de Ocupações - CBO e o Censo 2000. O mercado de trabalho exige do profissional da informação um perfil com múltiplas habilidades, fato decorrente de novos espaços conquistados e da necessidade cada vez mais evidente desse profissional, em virtude do papel que ele desempenha na sociedade e da preponderância que a informação representa para as pessoas e organizações. Um profissional que atenda às transformações no cenário da informação e às expectativas de uma clientela cada vez mais diversificada e exigente. Palavras-chave: profissional da informação; mercado de trabalho; distribuição ocupacional; grau de instrução



	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>RESUMO</b>
4	Eleonora Bastos Horta	A inserção do profissional de informação recém-formado no mercado de trabalho: desafios, surpresas e aprendizado	2005	Este artigo resultou de pesquisa dedicada a estudar o desenvolvimento profissional de alunos egressos da graduação em Ciência da Informação da PUC-Minas. Tomando como ponto de partida o acordo geral de que fazemos parte da sociedade digital, assumimos que este modelo, por ainda não estar completo, não permite que se saiba ao certo como serão as profissões ou os profissionais derivados deste novo arranjo produtivo. Considerando ser a Ciência da Informação uma área nevrálgica do modelo digital, a possibilidade de estudar este processo acompanhando a evolução das primeiras turmas formadas por curso de graduação é uma oportunidade incomum e tem apresentado resultados surpreendentes. Nesta perspectiva, este artigo procurará responder a uma pergunta básica: Como estão se saindo estes novos profissionais na disputa por posições no mercado de trabalho? Palavras-chave: egresso, desenvolvimento profissional, mercado de trabalho.
5	Miriam Vieira da Cunha, Chirley Mineiro da Silva e Christian Kill	Perfil do bibliotecário formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2007	A pesquisa tem como objetivos: a) conhecer o perfil profissional dos bibliotecários formados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 1993 a 2002; b) verificar que parte do mercado de trabalho emergente é ocupada por estes profissionais. Como se trata da segunda parte da pesquisa que analisa o perfil dos profissionais da informação da Região Sul do Brasil, estabelece comparações com a primeira parte da mesma que analisou os profissionais formados pela Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados demonstram que os bibliotecários trabalham, em sua maioria em universidades privadas e exercem atividades de análise da informação, gestão da informação e referência. Palavras-Chave: Biblioteconomia. Bibliotecário. Perfil Profissional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
6	Grazielle Noronha Campos e Sofia Galvão Baptista	Perfil dos bibliotecários das bibliotecas de instituições de ensino superior privadas do Distrito Federal e as expectativas dos empregadores	2008	Pesquisa de caráter descritivo com o objetivo de verificar as características dos bibliotecários que trabalham em instituições de ensino superior particulares no Distrito Federal e as expectativas dos empregadores em relação às características exigidas para os bibliotecários que são contratados. O universo da pesquisa foi dividido em bibliotecários e empregadores e foram aplicados instrumentos de coleta de dados específicos para cada grupo. Os resultados da pesquisa mostram que existem discordâncias entre a visão do empregador e a do bibliotecário em relação a questões como iniciativa, educação continuada e outras características. Verificou-se igualmente que as tarefas exercidas pelos bibliotecários são as tradicionais: aquisição, processamento e disseminação. Os salários são baixos e há rotatividade de profissionais. Os dados obtidos com os empregadores são interessantes para que a área possa se preparar de acordo com as principais exigências do mercado. Palavras-chave: Bibliotecário – perfil profissional. Biblioteca universitária. Bibliotecário universitário. Bibliotecário - Mercado de trabalho.



	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>RESUMO</b>
7	Ely Francina Tannuri de Oliveira, Marta Lígia Pomim Valentim, José Carlos Abbud Gracio e Cristiane Luiza Salazar Garcia	A situação ocupacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da UNESP/Marília	2008	O acompanhamento do egresso de qualquer curso de graduação é uma ação pedagógica fundamental para retroalimentar os sistemas acadêmicos de um curso, visando a melhoria contínua da formação profissional. Esta pesquisa foi realizada junto a 157 profissionais formados pelo Curso de Biblioteconomia da UNESP/Marília, de um total de 526 egressos e objetivou avaliar a situação dos bibliotecários formados pelo curso, nesses 30 anos de existência. Para tanto, elaborou-se o instrumento de coleta de dados de forma que propiciasse descrever e analisar algumas características, como: cargo/função que os profissionais ocupam, salário, tempo de obtenção do primeiro emprego, cursos de atualização profissional realizados, participação em entidades de classe, e região onde atuam. A partir da análise realizada nos dados coletados, foi possível ter uma visão geral da situação ocupacional dos egressos do curso, bem como apreciar alguns aspectos relevantes e propor ações pedagógicas com o objetivo de redirecionar e/ou aprimorar o Projeto Político-Pedagógico do Curso (PPC). Palavras-Chave: Situação Ocupacional. Formação Profissional. Projeto Político-Pedagógico de Curso (PPPC). Avaliação de Egressos.
8	João Paulo Borges da Silveira e Renata Braz Gonçalves	Perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (1998-2007)	2009	A pesquisa buscou averiguar, junto aos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande, como eles têm avaliado a sua formação acadêmica e técnica e a preparação para o mercado de trabalho, a fim de traçar um perfil dos bibliotecários graduados no período entre 1998 e 2007. A metodologia empregada foi quantitativa, utilizando-se o levantamento com a aplicação de questionários enviados para o e-mail pessoal de cada egresso. A pesquisa revelou um perfil de egressos na sua maioria de mulheres, que estão empregadas atualmente, trabalham em instituições privadas fora da cidade de Rio Grande e desempenham funções técnicas do curso. Palavras-Chave: bibliotecário; formação em Biblioteconomia; mercado de trabalho; Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
9	Neília Barros Ferreira de Almeida e Sofia Galvão Baptista	Profissional da Informação: imagem, perfil e a necessidade da educação continuada	2009	Apresenta o bibliotecário como profissional representante da família dos profissionais da informação, discute a classificação do profissional da informação da CBO, estereótipo do bibliotecário perante a sociedade brasileira bem como o seu perfil. Ressalta a importância dos estudos realizados sobre o perfil do profissional da informação. As mudanças no perfil do bibliotecário nos últimos 10 anos (1998-2008) foram comparadas com os resultados do estudo de Baptista (1998) e o de Walter (2008). Palavras-chave: Profissional da informação. Imagem do bibliotecário. Educação continuada do bibliotecário.

	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>RESUMO</b>
10	Marco Antonio de Almeida e Cláudio Marcondes Castro Filho	Perfis do profissional da informação: considerações a partir de um estudo de egressos	2010	O texto é uma análise dos processos de formação dos profissionais da informação diante dos desafios da Sociedade da Informação. Apresenta breve discussão das mudanças decorrentes da tecnologia no mundo do trabalho. A seguir, apresenta e comenta uma pesquisa sobre egressos de um curso de Ciência da Informação. Finalmente, são feitas considerações sobre a necessidade de se repensar a relação teoria-prática na formação dos profissionais da informação. Palavras-chave: Profissional da Informação. Sociedade da Informação. Tecnologia. Currículo. Mundo do Trabalho.
11	Charlene Maria dos Santos, Fabio Assis Pinho e Alexander Willian Azevedo	Perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (2005 a 2010)	2013	O estudo apresenta o perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), no período de 2005 a 2010, vislumbrando a inserção e a tendência desses profissionais formados no mercado de trabalho. Trata-se de uma pesquisa exploratória, cujos dados foram analisados de forma quali e quantitativa, utilizando-se de questionário encaminhado ao pesquisado. Os resultados revelaram que no perfil dos egressos da UFPE a maioria é do sexo feminino, atuantes na Região Metropolitana do Recife e que procuraram o curso na busca de conhecimentos específicos e melhores oportunidades no mercado de trabalho. Palavras-Chave: Redes Sociais. Fluxos de Informação. Ciência da Informação.
12	Priscila Reis dos Santos, José Marcos Carvalho de Mesquita, Jorge Tadeu de Ramos Neves e Alessandra Mesquita Bastos	Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia	2016	A atuação do bibliotecário está cada vez menos limitada às bibliotecas e esse trabalhador, atualmente conhecido como profissional da informação, enfrenta o desafio de inserir-se e manter-se atrativo no mercado de trabalho, que está cada vez mais exigente e competitivo. Para manter-se empregável, ele precisa, constantemente, aprimorar os seus conhecimentos e desenvolver suas habilidades técnicas e pessoais por meio da educação e treinamento, ambos em consonância com as necessidades do mercado. O objetivo desta pesquisa é analisar a inserção profissional e a empregabilidade dos bacharéis em Biblioteconomia, egressos da Escola de Ciência da Informação da UFMG no interstício 2005-2010, no mercado de trabalho de Belo Horizonte. Para isso, foi aplicado em 74 indivíduos, um questionário semiestruturado contendo perguntas fechadas e abertas. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, análise exploratória de dados, tabulação cruzada e análise fatorial exploratória. Os resultados indicaram que 91% dos entrevistados estão empregados e 97% conseguiram o emprego no primeiro ano após a conclusão do curso. Os fatores identificados como responsáveis pela inserção do profissional no mercado de trabalho foram: "habilidades e competências profissionais" e "valores e atitudes do bibliotecário". Palavras-chave: Bibliotecário; Mercado de trabalho; Empregabilidade.

	AUTORES	TÍTULO	ANO	RESUMO
13	Luciana Moreira Carvalho e Pedro Alves Barbosa Neto	Análise do mercado de trabalho como estratégia para a mediação da formação do bibliotecário: o caso dos egressos do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2016	Apresenta os resultados finais de uma pesquisa cujo objetivo foi mapear e analisar o mercado de trabalho dos egressos do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no período de 2000 a 2013. O projeto se insere no grupo de pesquisa Informação na Sociedade Contemporânea, do Departamento de Ciência da Informação da UFRN. O objetivo desta comunicação é abordar aspectos da mediação da informação entre mercado e universidade, mediante o monitoramento do ambiente de trabalho dos egressos. A pesquisa, de caráter descritivo, teve como público-alvo os egressos do curso de Biblioteconomia da UFRN. Os dados foram coletados através de questionário on-line enviado aos 312 egressos do período de 2000 a 2013, e cadastrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). Do total de questionários enviados, tivemos um retorno de 152 respostas, equivalente a aproximadamente 49% do total. Os principais resultados desta pesquisa apontam para o perfil de um bibliotecário jovem, com renda de até três salários mínimos, casado, atuando geograficamente na cidade de Natal e que está inserido no mercado tradicional das bibliotecas, predominantemente universitárias. Os conhecimentos utilizados no cotidiano são oriundos da área de gestão de unidades de informação. A pesquisa sinaliza para a necessidade de se incentivar os estudos de empreendedorismo e consultoria na formação acadêmica, como forma de estimular a atuação dos egressos em espaços inovadores. Como recomendação, aponta para a necessidade de investigar e analisar os egressos periodicamente, não apenas no Rio Grande do Norte, através do curso de graduação em Biblioteconomia, mas em todo o Brasil, para ser construído, de forma real e legítima, um cenário sobre a situação dos egressos no mercado de trabalho e, assim, dialogar com as instâncias de formação acadêmica. Palavras-chave: Egressos – Biblioteconomia. Mercado de trabalho – bibliotecário. Mediação da informação – Mercado de trabalho. Formação acadêmica – bibliotecário.
14	Ana Carolina Cintra Faria, Maria Tereza Machado Teles Walter e Sofia Galvão Baptista	A inserção do bibliotecário no mercado de trabalho sob a óptica dos fatores de influência	2017	O presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado, realizada entre os anos de 2013 e 2015. O recorte aqui estabelecido investigou os fatores que influenciaram a inserção dos bibliotecários, egressos das universidades públicas da Região Sudeste, que oferecem os cursos na área da Biblioteconomia, no mercado de trabalho. A abordagem de pesquisa baseou-se no pilar dos fatores de influência para inserção do bibliotecário no mercado profissional. O interesse pela temática é advindo dos estudos que verificaram, no mercado de trabalho possível para os bibliotecários, amplas possibilidades de atuação e diversidade de tarefas. A delimitação destes mercados profissionais foi baseada na abordagem mercadológica proposta por Valentim (2000, 2002). Do ponto de vista metodológico,

				a pesquisa se caracteriza como sendo de ordem descritiva e exploratória, além de se utilizar da abordagem mista, uma vez que foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos para tratamento dos dados. Ao final, foi possível constatar que na segunda década do século XXI se pode considerar pequeno o número dos bibliotecários que atuam em funções que não estão diretamente relacionadas ao ambiente das bibliotecas. Palavras-Chave: Bibliotecário; Brasil – Região Sudeste; Fatores de influência; Mercado de trabalho.
--	--	--	--	--

## APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA ETAPA DA CONFIGURAÇÃO DE CONTEÚDO – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### PESQUISA SOBRE IMAGEM DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG

**Objetivo da Pesquisa:** Identificar as imagens/representações dos egressos em relação ao curso de Biblioteconomia da UFMG.

#### Configuração da Imagem do Curso:

**Instruções ao entrevistado:** nas próximas 09 questões é importante que você responda o que lhe vem à cabeça, de forma natural e sem filtros. Não há resposta certa ou errada.

**Importante:** em relação às questões 1 e 2 a seguir, a instrução é que você escreva até 5 palavras ou expressões que lhe vêm à cabeça assim que a questão for lida por você. É importante escrever logo a primeira ideia ou as primeiras ideias que vierem a sua cabeça! Agradecemos pela participação!

1. Quando eu digo **curso de Biblioteconomia**, qual a primeira coisa que lhe vem à mente?
2. Que outras ideias lhe vêm à mente sobre o **curso de Biblioteconomia**?
3. Quais os sentimentos que lhe vêm à mente sobre o **curso de Biblioteconomia**?
4. Do que você gostou no **curso de Biblioteconomia**?
5. Do que você não gostou no **curso de Biblioteconomia**?
6. Qual a utilidade do **curso de Biblioteconomia** para você?
7. O que o **curso de Biblioteconomia** representou para você, na sua vida?
8. O que você espera do **curso de Biblioteconomia**, no futuro?
9. Se você pudesse descrever em poucas palavras a imagem mais representativa do **curso de Biblioteconomia** perante a sociedade, qual seria essa imagem?

#### Dados pessoais e acadêmicos:

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3. Estado Civil: \_\_\_ Solteiro (a) \_\_\_ Casado (a) \_\_\_ Separado (a) \_\_\_ Divorciado (a) \_\_\_  
Viúvo (a) \_\_\_ Outros

4. Renda familiar mensal

- ( ) Até R\$ 1.000
- ( ) Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500
- ( ) Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000
- ( ) Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000
- ( ) Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000
- ( ) Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000
- ( ) Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000
- ( ) Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000
- ( ) Mais de R\$ 10.000

5. Etnia

- ( ) Preta
- ( ) Parda
- ( ) Branca
- ( ) Indígena
- ( ) Amarela

6. No seu núcleo familiar (*pais, irmãos, cônjuge*), quantas pessoas possuem curso superior, incluindo você? \_\_\_\_\_.

7. Atualmente, você é o principal responsável pelo sustento do seu núcleo familiar?

8. Que ano e semestre você concluiu o curso de Biblioteconomia na ECI/UFMG?  
\_\_\_\_/\_\_\_\_.

9. Turno: \_\_\_\_\_.

10. Quando você decidiu fazer uma graduação, o curso de Biblioteconomia foi sua primeira opção? Caso negativo, qual curso você aspirava fazer?

11. Por quais razões você optou pelo curso de Biblioteconomia?

12. Você ingressou na UFMG por meio de cotas?

13. Caso afirmativo, qual tipo de cota (social, racial)?
14. Durante a graduação, você recebeu algum tipo de bolsa (*iniciação científica, pronoturno, monitoria etc*)?
15. Caso tenha recebido, qual tipo de bolsa?
16. Você cursou ou está cursando uma pós-graduação? Qual?

### **Caracterização profissional: FOCO ESTUDANTE E ESTÁGIO**

17. Você estagiou durante a graduação? Se afirmativo, qual tipo de estágio (*curricular obrigatório ou extracurricular*).
18. Caso afirmativo, por quanto tempo?
19. Se você fez os dois tipos de estágio, qual você considera que foi mais importante para a sua formação em Biblioteconomia?
20. Em que medida o(s) estágio(s) que você realizou auxiliou/auxiliaram na sua inserção profissional?
21. Depois de formado, você foi contratado pela organização em que estagiou?
22. Você considera que o(s) estágio(s) estava(m) alinhado(s) com os conteúdos curriculares do seu curso?
23. Você considera que a ECI/UFMG se preocupou com o seu desenvolvimento profissional? (*oferecimento de estágios curriculares e extracurriculares, bolsas acadêmicas, intercâmbio internacional etc.*).
24. Você considera que ser graduado na ECI/UFMG facilitou sua inserção no mercado de trabalho?
25. As disciplinas que você cursou durante a graduação foram importantes para o seu exercício profissional?
26. O que você acha da matriz curricular do curso?
27. O que você acha das disciplinas técnicas e das disciplinas humanísticas/culturais do curso?
28. O que você acha da quantidade de disciplinas ofertada pelo curso (*tanto obrigatórias quanto optativas*)?
29. Quais disciplinas que você cursou que foram mais importantes para a sua atuação como profissional da área de Biblioteconomia?

30. Para a sua atuação profissional, você sentiu falta de algum conteúdo específico que você considera que tenha faltado no curso de Biblioteconomia?
31. As disciplinas que você cursou tinham relação estreita com a prática profissional? Opine sobre isso.
32. Em que medida você acha que o curso de Biblioteconomia poderia melhorar?
33. Você acredita que o nome do curso (Biblioteconomia) condiz ou está de acordo com as expectativas e demandas sociais da atualidade? Caso não esteja, você sugeriria qual nome?

### **FOCO EMPREGO**

34. Atualmente você está empregado?
35. Se não estiver empregado, indique as razões por não estar exercendo trabalho remunerado atualmente.
36. Caso afirmativo, o emprego é na área de Biblioteconomia? Qual vínculo? Qual instituição? Qual sua função?
37. Como você conseguiu este trabalho ou ocupação?
38. Excetuando o estágio, você trabalhou formalmente (*celetista*) enquanto cursava Biblioteconomia?
39. Qual era o vínculo empregatício (*celetista, autônomo, prestador de serviço, concursado/estatutário*) e onde?
40. Quando concluiu o curso, você estava empregado? Caso afirmativo, mantém o mesmo emprego?
41. Quando concluiu o curso, você estava desempregado? Caso afirmativo, quanto tempo você demorou em conseguir uma colocação após a conclusão do curso?
42. Qual ou quais competências foram mais necessárias para sua atuação profissional? (*competências gerenciais, intelectuais, informacionais, sociais ou técnicas, em especial, aplicação de novas tecnologias*)
43. Você acredita que o curso de Biblioteconomia lhe preparou no sentido de desenvolver essas competências?
44. Qual sua proficiência em inglês ou outra língua estrangeira? Você acha importante a proficiência em língua estrangeira para o exercício da sua profissão?
45. Qual área de atuação da Biblioteconomia você acredita que tenha mais oportunidade no mercado de trabalho?



46. De modo geral, você acredita que o curso de Biblioteconomia é reconhecido pelo mercado de trabalho?
47. Você está satisfeito com a sua colocação profissional atual?
48. Você acha que o Bibliotecário tem prestígio social? Qual sua opinião sobre a carreira do Bibliotecário?
49. Se você pudesse escolher uma palavra que represente um aspecto positivo da sua identidade profissional atualmente a partir de suas vivências como estudante do curso de Biblioteconomia, que palavra seria essa? (*“eu sou ou eu me sinto...”*)
50. Se você pudesse escolher uma palavra que represente um aspecto negativo da sua identidade profissional atualmente a partir de suas vivências como estudante do curso de Biblioteconomia, que palavra seria essa? (*“eu sou ou eu me sinto...”*)
51. Você poderia dizer qual sua faixa de renda individual mensal hoje em dia? (*ver faixas de renda da questão 4*).
52. Seu rendimento atual corresponde às suas expectativas?
53. Qual é sua situação socioeconômica atual, comparada com a do seu núcleo familiar (pais, irmãos), à época do seu ingresso no curso de Biblioteconomia? *Exemplo: você pode estar em situação financeira melhor ou pior que seu núcleo familiar ou ter se mantido estável, isto é, sua situação financeira não teve alteração.*
54. Você indicaria o curso de Biblioteconomia da UFMG a outra pessoa?
55. Se fosse possível você voltar no tempo, você escolheria fazer Biblioteconomia?
56. Você estuda ou pretende estudar para concursos na área?

## **APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA ETAPA DA CONFIGURAÇÃO DE AGRUPAMENTOS – QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO**

### **PESQUISA SOBRE IMAGEM DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG**

Olá Ex-alunx do curso de Biblioteconomia da UFMG!

Sou a Tatiana Queiroz, orientanda de doutorado do Prof. Cláudio Paixão no PPGCI/UFMG! O motivo do nosso contato é porque gostaríamos muito de contar com o seu apoio para responder ao questionário eletrônico da nossa pesquisa cujo objetivo é identificar a imagem que os egressos da ECI têm em relação ao curso de Biblioteconomia.

Essa pesquisa busca também conhecer a trajetória profissional desses egressos após a conclusão do curso, com a intenção de problematizar os impactos gerais dessa trajetória profissional com a imagem que foi identificada do curso.

O questionário eletrônico que segue abaixo é composto por questões fechadas sobre os atributos da imagem do curso de Biblioteconomia que foram identificados em uma etapa anterior de entrevistas individuais realizadas no final de 2018, além de questões sobre o percurso profissional do egresso após a formação e questões demográficas de praxe.

Por se tratar de um instrumento eletrônico de pesquisa, não será feita a identificação do respondente e as respostas não serão registradas individualmente, uma vez que os resultados somente serão gerados de forma agregada.

A participação é voluntária, contudo, ao participar, você poderá contribuir para um aprimoramento da gestão e, quem sabe, do próprio currículo do curso a fim de propiciar um diálogo entre a esfera profissional e acadêmica.

O questionário tem duração aproximada de 10 minutos.

Contamos com seu apoio e nos ajude a divulgá-lo entre seus colegas do curso de Biblioteconomia!

### **Configuração da Imagem do Curso:**

**Quando penso no Curso de Biblioteconomia da UFMG, o quão SATISFEITO eu estou...**

Dê uma nota de 0 a 10 para o seu nível de SATISFAÇÃO com os seguintes termos associados à representação do curso de Biblioteconomia.

OBS: Zero significa nada satisfeito e 10 muito satisfeito.

\*Questões obrigatórias.

1	Com a associação do curso com a instituição "Biblioteca"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	Com a ênfase dada ao conceito de "Informação" no curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	Com a utilização do "Livro" enquanto um símbolo para o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4	Com a ideia da "Leitura" enquanto representação para o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5	Com o "Conhecimento" adquirido durante o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6	Com a vinculação do curso com a ideia de "Cultura" (conteúdos culturais e humanísticos)? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7	Com a contribuição do curso para a construção da imagem do "Bibliotecário"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8	Com a preparação que foi dada pelo curso para atender o "Usuário" da informação? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9	Com a preparação recebida no curso para a "Pesquisa"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10	Com a vinculação do curso com a área de estudos da "Ciência da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	Com a parte "Técnica" do curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
12	Com a presença no curso de temáticas ligadas à "História"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
13	Com o curso como forma de capacitação para o "Acesso" à Biblioteca, aos livros, à informação e ao conhecimento? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Dê uma nota de 0 a 10 para o seu nível de SATISFAÇÃO com as seguintes características ou atividades ligadas ao curso de Biblioteconomia.

14	Com a preparação do curso para atividades de "Organização"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
15	Com a contribuição do curso para o desenvolvimento de habilidades na "Organização da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

16	Com a capacitação oferecida pelo curso para o desenvolvimento de habilidades para a "Disseminação da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
17	Com a preparação recebida durante o curso para o "Exercício Profissional"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
18	Com as contribuições oferecidas pelo curso para desenvolver a "Competência Informacional" dos estudantes? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
19	Com as contribuições do curso para a capacitação dos seus estudantes para a promoção da "Democratização da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
20	Com a preparação que o curso oferece para executar atividades de "Normalização"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
21	Com a contribuição do curso para o desenvolvimento de habilidades na "Recuperação da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
22	Com a contribuição oferecida pelo curso para o desenvolvimento de habilidades na "Formação do Leitor"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
23	Com a preparação oferecida pelo curso para ações de "Compartilhamento" da informação? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
24	Com a contribuição do curso para o desenvolvimento de habilidades na "Gestão da Informação"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
25	Com as ações desenvolvidas pelo curso para que ele deixe de ser "Desconhecido" pela sociedade? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
26	Com as ações desenvolvidas pelo curso para que ele deixe de ser "Engessado"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
27	Com os esforços desenvolvidos pelo curso para que ele não seja "Inadequado ao Mercado"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
28	Com a "Qualidade do Corpo Docente" do curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
29	Com a quantidade de "Teoria" oferecida durante o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

30	Com os esforços feitos pelo curso para aumentar o seu "Reconhecimento pelo Mercado"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
31	Com as contribuições do curso para a "Valorização da Profissão/Curso"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
32	Com o curso enquanto uma "Ponte para o Mercado de Trabalho"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
33	Com o diálogo que o curso estabelece com a "Área Tecnológica"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
34	Com a quantidade de "Conteúdo Tecnológico" incluído na sua grade curricular? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
35	Com as "Oportunidades Profissionais" surgidas em decorrência da sua formação no curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
36	Com a "Didática" empregada pelos professores durante o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
37	Com a "Atualização" dos professores? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
38	Com relação à "Ampliação de Perspectivas Profissionais e Temáticas" proporcionadas pelo curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
39	Com a influência da "Marca UFMG" na minha formação? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Dê uma nota de 0 a 10 para o seu nível de SATISFAÇÃO com os seguintes sentimentos/sentidos ligados ao curso de Biblioteconomia.

40	Com os sentimentos de "Paixão/Amor" pela área de atuação em Biblioteconomia despertados em mim em razão da realização do curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
41	Com as iniciativas tomadas pelo curso para que os alunos se sintam menos "Desamparados"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
42	Com as iniciativas tomadas pelo curso para que ele seja menos "Frustrante" para os alunos? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
43	Com as oportunidades oferecidas pelo curso para o desenvolvimento de "Empatia"	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

	(capacidade de se colocar no lugar do outro)? *											
44	Com os esforços feitos pelo curso para aumentar a "Valorização do Bibliotecário" perante a sociedade? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
45	Por ter realizado o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
46	Com a contribuição do curso para a minha "Evolução" pessoal? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
47	Com os esforços empreendidos pelo curso para evitar que os conteúdos das disciplinas sejam "Redundantes"? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
48	Com as oportunidades de "Socialização e Interação (Sociabilidade)" proporcionadas pelo curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
49	Com o "Comprometimento" dos professores com o curso? *	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

## Dados pessoais e acadêmicos:

### 1. Idade:\*

- De 20 a 24 anos
- De 25 a 29 anos
- De 30 a 34 anos
- De 35 a 39 anos
- De 40 a 44 anos
- De 45 a 49 anos
- De 50 a 54 anos
- De 55 a 59 anos
- Mais De 60 anos

### 2. Sexo:\*( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

### 3. Estado Civil:\*

- Solteiro(a)

- Casado(a)
- Separado(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)
- Outro

**4. Renda familiar mensal: (*renda bruta*)\***

OBS: considere seu núcleo familiar direto, ou seja, quem mora com você ou de quem você receba ajuda.

- Até R\$ 1.000
- Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500
- Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000
- Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000
- Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000
- Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000
- Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000
- Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000
- Mais de R\$ 10.000

**5. Etnia\***

- Preta
- Parda
- Branca
- Indígena
- Amarela

**6. Que ano você concluiu o curso de Biblioteconomia na ECI/UFMG?\***

R: \_\_\_\_\_

**7. Em que turno você ingressou no curso de Biblioteconomia da ECI/UFMG?\***

- Diurno (matutino / vespertino)
- Noturno

**8. Por qual cota você ingressou na UFMG?\***

- Não ingressei na UFMG por meio de cotas
- Social (escola pública)
- Racial
- Ambas

**9. Você recebeu algum tipo de bolsa vinculada à UFMG?\***

OBS: Pode marcar mais de uma opção

- Não recebi bolsa da UFMG
- Bolsas assistenciais da FUMP (manutenção, transporte)
- Formação Profissional Complementar (BFPC/FUMP)
- Extensão
- Mobilidade Acadêmica
- Programa Especial de Graduação (PEG)
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)/CNPq
- Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária
- Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af)
- Programa Institucional de Iniciação Científica/PIBIC-CNPq
- Programa de Bolsas Institucionais de Iniciação Científica e Tecnológica/PROBIC-FAPEMIG
- Programa de Educação Tutorial (PET)
- Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET Saúde)
- Programa de Imersão à Docência – PID
- Programa de Incentivo à Formação Docente – PIFD
- Programa de Monitoria de Graduação (PMG)
- Programa de Monitoria do Ensino Técnico (PMET)
- Pronturno
- Outra: \_\_\_\_\_

**10. Você já cursou e/ou está cursando uma pós-graduação? \* (se não, ir para nº 12)**

- Sim
- Não

**11. Qual nível de pós-graduação? OBS: Pode marcar mais de uma opção**

- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

**Trajetória profissional:****12. Você trabalha atualmente? \* (se sim, ir para nº 14)**



- Sim
- Não

**13. Caso você não esteja exercendo trabalho remunerado atualmente, indique as razões: (depois de responder ir para nº 18)**

- Cuida da casa/ família
- Estuda sem bolsa
- Estuda com bolsa
- Aposentou-se
- Procurou, mas não encontrou trabalho na área como empregado com vínculo empregatício
- Procurou, mas não encontrou trabalho em outra área como empregado com vínculo empregatício
- Procurou, mas não encontrou trabalho como autônomo / conta própria (por exemplo, consultor, representante comercial) na área
- Procurou, mas não encontrou trabalho como autônomo / conta própria (por exemplo, consultor, representante comercial) em outra área.
- Enfrenta problemas de saúde
- Outro: \_\_\_\_\_

**14. Você trabalha atualmente na área de Biblioteconomia? (se não, ir para nº 16)**

- Sim
- Não
- Em parte

**15. Se você atualmente trabalha na área de Biblioteconomia, em que tipo de organização você atua?**

- Biblioteca escolar
- Biblioteca universitária
- Biblioteca pública

- Biblioteca comunitária
- Biblioteca nacional
- Biblioteca especializada
- Biblioteca privada para públicos específicos (ex. Sistema S)
- Centros de documentação
- Centros de pesquisas
- Empresas de informação ou comunicação
- Educação (docência de nível superior; treinamento de usuários)
- Centros de computação (informática; bancos e bases de dados; internet)
- Assessorias de comunicação
- Consultorias especializadas na área de Informação
- Outro

**16. Qual seu vínculo empregatício atual?**

- Celetista
- Servidor público
- Autônomo
- Prestador de serviços
- Outro

**17. Como você conseguiu este trabalho ou ocupação atual, ainda que não atue na área de Biblioteconomia?**

- Fez concurso
- Consultou empregadores
- Consultou agência de empregos
- Consultou sindicato
- Colocou ou respondeu a anúncio
- Obteve indicação de parente

- Obteve indicação de amigo ou conhecido
- Obteve indicação de colega do curso de Biblioteconomia da UFMG
- Obteve indicação de professor(a) do curso de Biblioteconomia da UFMG
- Obteve indicação de ex-chefe
- Foi contratado pela Organização onde fez estágio
- Iniciou negócio próprio
- Fez treinamento ou requalificação
- Candidatou-se à vaga pelo site da Organização
- Outro

**18. Você estava empregado formalmente quando concluiu o curso de Biblioteconomia? \* OBS: Formalmente quer dizer carteira assinada ou prestação de serviços por contrato. Não considerar estágio nesta questão, caso você ainda estivesse nele ao terminar o curso. (se não, ir para nº 20)**

- Sim
- Não

**19. Caso afirmativo, você mantém o mesmo emprego até hoje? (depois de responder ir para nº 22)**

- Sim
- Não

**20. Se você estava desempregado à época da conclusão do curso de Biblioteconomia, quanto tempo você demorou para conseguir uma colocação?**

- Até seis meses
- Entre seis meses e um ano
- Mais de um ano
- Não consegui colocação até hoje

- Não procurei trabalho por opção

**21. Se você estava desempregado ao concluir o curso de Biblioteconomia, você chegou a trabalhar formalmente em algum momento durante a realização do curso?** OBS: Formalmente quer dizer carteira assinada ou prestação de serviços por contrato. Não considerar estágio nesta questão.

- Sim
- Não

**22. Você fez estágio extracurricular (não obrigatório) durante o curso de Biblioteconomia? \***

- Sim
- Não

**23. Como você considera o oferecimento de oportunidades de estágio na área de Biblioteconomia? \***

- Muito ruim
- Ruim
- Nem bom nem ruim
- Bom
- Muito bom

**24. Como você considera seu nível de conhecimento em inglês ou em outra língua estrangeira? \***

- Avançado
- Intermediário
- Básico
- Não tenho conhecimento em língua estrangeira

**25. Você já precisou utilizar conhecimentos de inglês ou de outra língua estrangeira no seu trabalho? \***

- Sim
- Não
- Em parte
- Não se aplica

**26. Você está satisfeito com a sua colocação profissional atual? \***

- Sim
- Não
- Em parte
- Não se aplica

**27. Qual sua faixa salarial bruta atual, caso você esteja trabalhando? \***

- Até R\$ 1.000
- Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500
- Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000
- Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000
- Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000
- Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000
- Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000
- Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000
- Mais de R\$ 10.000
- Não estou exercendo trabalho remunerado atualmente

**28. A sua situação socioeconômica atual, comparada com a do seu núcleo familiar, à época do seu ingresso no curso de Biblioteconomia é: \***

- Muito melhor
- Melhor
- Estável (não mudou)
- Pior
- Não sei dizer

**29. O Bibliotecário tem prestígio social. O que você acha dessa afirmação? \***

Discordo totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Concordo totalmente

**30. O Bibliotecário tem reconhecimento no mercado de trabalho. O que você acha dessa afirmação? \***

Discordo totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Concordo totalmente

**“Quando penso no Curso de Biblioteconomia da UFMG, qual nível de importância teriam para mim as seguintes questões:”**

OBS: Zero significa sem importância e 10 muito importante.

31	O quão importante é para mim a ideia de "Cultura" (conteúdos culturais e humanísticos) vinculada ao curso? *	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
32	O quão importante é para mim o curso contemplar uma parte "Técnica"? *	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
33	O quão importante é para mim que o curso não seja predominantemente "Teórico"? *	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
34	O quão importante é para mim que o curso estabeleça um maior "Diálogo com a Área Tecnológica"? *	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
35	O quão importante é para mim que o curso tenha mais "Conteúdo Tecnológico" em sua matriz curricular? *	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

**APÊNDICE D – TABELA DOS DADOS DO PERFIL DEMOGRÁFICO E ACADÊMICO DOS ENTREVISTADOS**

(continua)

VARIÁVEL		FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Q3. Estado civil	Solteiro(a)	29	72,5
	Casado(a)	6	15
	Separado(a)	1	2,5
	Divorciado(a)	2	5
	Viúvo(a)	1	2,5
	Outro	1	2,5
Q4. Renda familiar mensal*	Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500	3	8
	Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000	4	10
	Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000	5	13
	Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000	5	13
	Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000	11	28
	Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000	1	3
	Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000	6	15
	Mais de R\$ 10.000	4	10

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
	Até R\$ 1.000	5 13,5
	Mais de R\$ 1.000 até R\$ 1.500	5 13,5
	Mais de R\$ 1.500 até R\$ 2.000	8 21,6
	Mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000	8 21,6
Q51. Renda individual mensal**	Mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000	6 16,2
	Mais de R\$ 4.000 até R\$ 5.000	2 5,4
	Mais de R\$ 5.000 até R\$ 6.000	1 2,7
	Mais de R\$ 6.000 até R\$ 10.000	2 5,4
Q5. Etnia	Preta	11 27,5
	Parda	14 35%
	Branca	15 37,5
Q6. Pessoas com curso superior no núcleo familiar, incluindo respondente	1	17 42,5
	2	9 22,5
	3	13 32,5
	4	1 2,5
Q7. Respondente principal responsável pelo sustento familiar	Sim	14 35
	Não	26 65



VARIÁVEL		FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Q9. Turno em que realizou o curso	Diurno	22	55
	Noturno	18	45
Q10. Biblioteconomia primeira opção de curso	Sim	13	32,5
	Não	27	67,5
Q12. Ingresso no curso por meio de cotas	Cota Social	11	27,5
	Cota Racial	3	7,5
	Ambas	5	12,5
	Não ingressou por meio de cotas	21	52,5
Q14. Bolsista na graduação	Sim	26	65
	Não	14	35
Q16. Continuidade dos estudos por meio de pós-graduação (concluídos ou em andamento)	Especialização	9	22,5
	Mestrado	3	7,5
	Doutorado	1	2,5
	Não continuou os estudos em nível de pós-graduação	27	67,5

Fonte: Elaborado pela autora. Abril de 2019.

Nota 1: \* Nesta questão, um entrevistado optou por não responder.

Nota 2: \*\*Nesta questão, três entrevistados optaram por não informar a renda e seis não estavam trabalhando, mas obtinham algum tipo de renda.

Nota 3: Para fins de arredondamento, as porcentagens apresentadas no texto seguem a regra de que se o algarismo a ser eliminado for maior ou igual a 5 será acrescentada uma unidade ao primeiro algarismo situado à sua esquerda. Se o algarismo a ser eliminado for inferior a 5 será inalterado o algarismo da esquerda. As porcentagens apresentadas sem arredondamento foram mantidas para não ultrapassar o valor de 100%.

**APÊNDICE E – TABELA DOS DADOS DO PERFIL DEMOGRÁFICO E ACADÊMICO DOS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO**

(continua)

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Q1. Idade		
De 20 a 24 anos	9	5
De 25 a 29 anos	33	17
De 30 a 34 anos	35	18
De 35 a 39 anos	40	21
De 40 a 44 anos	27	14
De 45 a 49 anos	20	10
De 50 a 54 anos	15	8
De 55 a 59 anos	9	5
Mais De 60 anos	3	2
Total	191	100
Q2. Gênero *		
Feminino	154	81
Masculino	37	19
Total	191	100
Q3. Estado civil		
Casado(a)	84	44
Divorciado(a)	9	4,7
Viúvo(a)	2	1
Separado(a)	3	1,6
Solteiro(a)	87	45,6
Outro	6	3,1
Total	191	100
Q4. Renda familiar bruta		
Até R\$ 1,000	7	4
Mais de R\$ 1,000 até R\$ 1,500	5	3
Mais de R\$ 1,500 até R\$ 2,000	20	10
Mais de R\$ 2,000 até R\$ 3,000	23	12
Mais de R\$ 3,000 até R\$ 4,000	29	15

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Mais de R\$ 4,000 até R\$ 5,000	25	13
Mais de R\$ 5,000 até R\$ 6,000	30	16
Mais de R\$ 6,000 até R\$ 10,000	31	16
Mais de R\$ 10,000	21	11
Total	191	100

## Q5. Etnia

Amarela	3	1,6
Branca	84	44
Indígena	1	0,5
Parda	77	40,3
Preta	26	13,6
Total	191	100

## Q6. Que ano você concluiu o curso de Biblioteconomia na ECI/UFMG?

1982	1	0,5
1985	1	0,5
1986	1	0,5
1987	1	0,5
1992	2	1
1993	2	1
1996	1	0,5
1997	3	1,6
1998	3	1,6
1999	1	0,5
2000	2	1
2001	1	0,5
2002	7	3,7
2003	3	1,6
2004	9	4,7
2005	9	4,7
2006	4	2,1
2007	6	3,1
2008	10	5,2
2009	5	2,6
2010	5	2,6
2011	6	3,1

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
2012	17	8,9
2013	15	7,9
2014	11	5,8
2015	17	8,9
2016	16	8,4
2017	18	9,4
2018	11	5,8
2019	3	1,6
Total	191	100

Q7. Em que turno você ingressou no curso de Biblioteconomia da ECI/UFMG?

Diurno (matutino/vespertino)	143	75
Noturno	48	25
Total	191	100

Q8. Por qual cota você ingressou na UFMG?

Não ingressei na UFMG por meio de cotas	149	78
Social (Escola Pública)	25	13
Ambas	15	8
Racial	2	1
Total	191	100

Q10. Você já cursou e/ou está cursando uma pós-graduação?

Não	75	39
Sim	116	61
Total	191	100

Q11. Qual nível de pós-graduação? \*\*

Especialização	60	31
Especialização e Mestrado	11	6
Especialização, Mestrado e Doutorado	3	2
Mestrado	20	10
Mestrado e Doutorado	7	4
Doutorado	15	8
Total	116	61

Fonte: Elaborado pela autora. Maio de 2019.

Nota 1:\*No questionário eletrônico, o enunciado da questão 2 citava "sexo". Contudo, foi dada a opção de se marcar como resposta "Outro".

Nota 2: \*\* Na questão 11, era permitido marcar mais de uma opção.

Nota 3: Para fins de arredondamento, as porcentagens que serão apresentadas no texto obedeceram à regra de que se o algarismo a ser eliminado for maior ou igual a 5 será acrescentada uma unidade ao primeiro algarismo situado à sua esquerda. Se o algarismo a ser eliminado for inferior a 5, será inalterado o algarismo da esquerda. As porcentagens apresentadas sem arredondamento foram mantidas para não ultrapassar o valor de 100%.

## APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a),

Eu, Tatiana Pereira Queiroz, orientada pelo Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula, estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é investigar a configuração da imagem de um curso de graduação de uma Instituição Pública de Ensino Superior, percebida pelos seus egressos de modo global e em termos de satisfação, bem como conhecer a trajetória profissional desses egressos após a conclusão do curso, com a intenção de problematizar os impactos gerais dessa trajetória profissional com a imagem que foi identificada do curso.

Esta pesquisa pertence ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de doutorado e tem cunho estritamente acadêmico, sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo (a) para participar desta pesquisa como voluntário (a), cuja coleta de dados acontecerá mediante a realização de entrevistas estruturadas. Na primeira parte da entrevista serão abordadas questões formuladas com a intenção de provocar o surgimento dos atributos mais salientes da imagem do curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG pela ótica de seus egressos e, para tanto, os respondentes serão instigados a expressar a primeira ideia que eles têm do objeto em questão, utilizando para isso a livre associação de ideias. Na segunda parte da entrevista, seguem as questões referentes à trajetória profissional dos egressos do curso, acompanhadas das questões acadêmicas e demográficas. A entrevista será gravada e transcrita por mim sendo agendada previamente, conforme sua disponibilidade, com duração aproximada de 30 minutos.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Na divulgação dos dados, caso seja necessário, será utilizado um número para quaisquer referências ao (à) Senhor (a). Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas durante a observação, não serão acessados por outras pessoas além de mim e do meu orientador. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda para eventuais trabalhos futuros, caso o (a) Senhor (a) autorize, ou por um período de cinco anos após o término do estudo, após o qual seus registros serão destruídos. Os registros que porventura forem armazenados para pesquisas futuras serão anonimizados, impedindo a sua identificação.

O (a) Senhor (a) não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá qualquer pagamento. Os riscos de participação nesta pesquisa são mínimos, como o desconforto em responder alguma questão e, caso o (a) Senhor (a) se sentir desconfortável, poderá interromper a participação em qualquer momento, ou também, se assim desejar, poderá deixar de responder qualquer questão. O (a) Senhor (a) tem o direito de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e, caso o (a) Senhor (a) decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre o mesmo, favor contatar-me pessoalmente ou através do telefone ou e-mail informados ao final deste Termo.

O benefício de sua participação nesta pesquisa, enquanto egresso do curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG, será a contribuição com um estudo que provavelmente possibilitará o conhecimento da percepção dos ex-alunos sobre o curso, sendo que isso poderá, supostamente, contribuir para um aprimoramento da sua gestão e, quem sabe, do próprio currículo do curso, a fim de propiciar, porventura, um diálogo entre a esfera profissional e acadêmica.

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada comigo, e a outra será fornecida ao (a) Senhor (a). Caso tenha dúvidas quanto à conduta ética da pesquisa poderá, também, contatar o COEP-UFMG, cujos contatos estão listados abaixo.

Certa de que as informações aqui apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a esta pesquisa e, caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que assine este Termo de Consentimento Livre Esclarecido, em duas vias de igual teor:

Eu \_\_\_\_\_, portador(a) do RG.: \_\_\_\_\_, compreendo que minha participação nessa pesquisa é inteiramente voluntária e que, desta forma, tenho toda liberdade de recusar ou retirar meu consentimento em participar desse estudo sem penalidades. Os dados obtidos por meio da minha participação nesse estudo serão documentados, sendo de meu consentimento a divulgação dos mesmos, mantendo a confidencialidade de minha identidade em contextos acadêmicos e publicações científicas.

Registro, também, que ( ) autorizo ou ( ) não autorizo

o registro dos dados para compor um banco de dados para pesquisas futuras.

Data e Local: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Telefone/e-mail: \_\_\_\_\_

Pesquisadora:

Tatiana Pereira Queiroz

\_\_\_\_\_

e-mail: [tatianag@ufmg.br](mailto:tatianag@ufmg.br) ou

[tattyqueiroz@gmail.com](mailto:tattyqueiroz@gmail.com)

Assinatura: \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_\_

Orientador:

Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula

\_\_\_\_\_

e-mail: [claudiopap@eci.ufmg.br](mailto:claudiopap@eci.ufmg.br)

Assinatura: \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP)

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)



**ANEXOS**

**ANEXO A – GRADE CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Curso - Biblioteconomia/Noturno

Código - 13002

Subdivisão de curso: Presencial – NOTURNO

Versão Curricular de Vinculação: 13002-N-20141

Dados Gerais:

-Reconhecimento – .....Lei 05066 em 27/05/1966

-Parecer da Câmara de Graduação – Num ..... 212/2008

-Número de Habilitações permitidas simultaneamente .....01

-Período de Opção para Habilitação e Ênfase: ..... 04

-Modalidade Educacional: .....Presencial

Estruturação do Curso por Percorso Curricular de Vinculação	Convenções	
<p>Percorso Curricular de Vinculação:</p> <p>-----</p> <p>01-01 : Biblioteconomia-Bacharelado</p> <p>01-02 : Biblioteconomia-Bach/F. C. Preservação Bens Cult Artes</p> <p>01-03: Biblioteconomia-Bach/Formação Compl em Psicologia</p> <p>01-04: Biblioteconomia-Bach/Formação Complementar Aberta 1</p> <p>01-05: Biblioteconomia-Bach/Formação Complementar Aberta 2</p>	<p>CR- Créditos</p> <p>CH- Carga Horária</p> <p>TOT- Carga Horária Total</p> <p>CHT- Carga Horária Teórica</p> <p>CHP- Carga Horária Prática</p> <p>DOC- Documento</p> <p>OB- Disciplina Obrigatória</p> <p>OP- Disciplina Optativa</p> <p>FL- Formação Livre</p>	<p>FCA- Formação Complementar Aberta 1</p> <p>FCE- Formação Complementar Aberta 2</p> <p>EC- Estágio Curricular</p> <p>NC- Não Contabilizada para Integralização</p> <p>MIN- Tempo Mínimo</p> <p>PAD- Tempo Padrão</p> <p>MAX- Tempo Máximo</p>



Código	Denominação	CR	TOT	CHT	CHP	Pré-Requisito		01-01	01-02	01-03	01-04	01-05
--------	-------------	----	-----	-----	-----	---------------	--	-------	-------	-------	-------	-------

**1º PERÍODO**

CAD103	Administração TGA	04	060	060	000			OB	OB	OB	OB	OB
DCC601	Introdução à Informática	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
OTI072	Fundamentos da Organização da Informação	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
OTI077	Introdução à Biblioteconomia , Arquivologia e Museologia	04	060	060	000			OB	OB	OB	OB	OB
TGI002	Cultura e Informação	04	060	060	000			OB	OB	OB	OB	OB

**2º PERÍODO**

OTI073	Análise de Assunto	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
OTI078	Elaboração e Apresentação do Trabalho Científico	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
TGI030	Fundamentos da Ciência da Informação	04	060	060	000			OB	OB	OB	OB	OB
TGI031	Gestão de Unidades de Informação	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
TGI032	Introdução a Bancos de Dados	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB

**3º PERÍODO**

OTI074	Linguagens de Indexação	04	060	030	030	OTI073		OB	OB	OB	OB	OB
OTI079	Catálogo Descritiva	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
OTI080	Introdução às Fontes de Informação	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
TGI004	Usuários da Informação	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB
TGI033	Métodos e Técnicas de Pesquisa	04	060	030	030			OB	OB	OB	OB	OB







7º PERÍODO

	Carga Optativa	20	300					OP				
	Carga Optativa	07	105						OP			
	Carga Optativa	12	180							OP	OP	
	Carga Formação Complementar Pré-Estabelecida	13	195						FCE			
	Carga Formação Complementar Pré-Estabelecida	08	120							FCE		
	Carga Formação Complementar Aberta 1	08	120								FCA	
	Carga Formação Complementar Aberta 2	16	300									FCA

8º PERÍODO

ECI155	Estágio Supervisionado em Biblioteconomia	16	240	000	240			OB	OB	OB	OB	OB
	Carga Formação Livre	04	060					FL	FL	FL	FL	FL



Disciplina Optativas / Optativas Complementares / Optativas Direcionadas / Grupos de  
 Optativas

APL058	Conservação Preventiva	05	075	045	030				FCE			
APL066	Conservação de Papel I	03	045	015	030				FCE			
APL074	Restauração de Livros e Documentos	05	075	030	045				FCE			
ECI035	Tópicos em Tecnologia da Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI036	Tópicos em Tecnologia da Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI037	Tópicos em Tecnologia da Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI038	Tópicos em Tecnologia da Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI039	Tópicos em Competência Informacional A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI040	Tópicos em Competência Informacional B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI041	Tópicos em Competência Informacional C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI042	Tópicos em Competência Informacional D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI043	Tópicos em Ontologias A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI044	Tópicos em Ontologias B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI045	Tópicos em Ontologias C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI046	Tópicos em Ontologias D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**SEÇÃO DE ENSINO**

ECI156	Iniciação à Pesquisa A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI157	Iniciação à Pesquisa B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI158	Iniciação à Pesquisa C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI159	Iniciação à Pesquisa D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI160	Iniciação à Docência A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI161	Iniciação à Docência B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI162	Iniciação à Docência C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI163	Iniciação à Docência D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI164	Iniciação à Extensão A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI165	Iniciação à Extensão B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI166	Iniciação à Extensão C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI167	Iniciação à Extensão D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI168	Participação em Eventos A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI169	Participação em Eventos B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI170	Participação em Eventos C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI171	Participação em Eventos D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI172	Oficinas A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI173	Oficinas B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI174	Oficinas C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI175	Oficinas D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI176	Estágio Curricular A	01	015	000	015			OP	OP	OP	OP	OP
ECI177	Estágio Curricular B	02	030	000	030			OP	OP	OP	OP	OP
ECI178	Estágio Curricular C	03	045	000	045			OP	OP	OP	OP	OP
ECI179	Estágio Curricular D	04	060	000	060			OP	OP	OP	OP	OP
ECI180	Vivência Profissional Complementar A	01	015	000	015			OP	OP	OP	OP	OP
ECI181	Vivência Profissional Complementar B	02	030	000	030			OP	OP	OP	OP	OP
ECI182	Vivência Profissional Complementar C	03	045	000	045			OP	OP	OP	OP	OP
ECI183	Vivência Profissional Complementar D	04	060	000	060			OP	OP	OP	OP	OP
ECI184	Publicações (Artigos, Capítulos, Livros) A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI185	Publicações (Artigos, Capítulos, Livros) B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI186	Publicações (Artigos, Capítulos, Livros) C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI187	Publicações (Artigos, Capítulos, Livros) D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**SEÇÃO DE ENSINO**

ECI188	Monografia A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI189	Monografia B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI190	Monografia C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI191	Monografia D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI192	Seminários A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI193	Seminários B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI194	Seminários C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
ECI195	Seminários D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
LET223	Fundamentos de Libras	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI089	Representação da Informação Digital	02	030	015	015			OP	OP	OP	OP	OP
OTI090	Avaliação de Sistemas de Informação	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI091	Construção de Linguagens de Indexação	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI092	Introdução à Bibliometria	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI093	Pesquisa em Ciência da Informação	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI094	Prática em Classificação CDD	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI095	Prática em Classificação CDU	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI096	Tópicos Catalog Classificação Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI097	Tópicos Catalog Classificação Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI098	Tópicos Catalog Classificação Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI099	Tópicos Catalog Classificação Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI100	Tópicos em Indexação da Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI101	Tópicos em Indexação da Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI102	Tópicos em Indexação da Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI103	Tópicos em Indexação da Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI104	Tópicos Serviços Comunidades Específicas A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI105	Tópicos Serviços Comunidades Específicas B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI106	Tópicos Serviços Comunidades Específicas C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI107	Tópicos Serviços Comunidades Específicas D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI108	Tópicos Uso da Tec Org Trat Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI109	Tópicos Uso da Tec Org Trat Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI110	Tópicos Uso da Tec Org Trat Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI111	Tópicos Uso da Tec Org Trat Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**SEÇÃO DE ENSINO**

OTI112	Uso Fontes Informação Areas Específicas	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI113	Serviços Específicos de Informação	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
OTI114	Tópicos em Fontes Informação Areas Específicas A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI115	Tópicos em Fontes Informação Areas Específicas B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI116	Tópicos em Fontes Informação Areas Específicas C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
OTI117	Tópicos em Fontes Informação Areas Específicas D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI037	Gestão da Informação e do Conhecimento	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI038	Informação e Cidadania	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI039	Informação e Democracia	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI040	Sociedade da Informação	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI041	Tópicos em Gestão da Informação e do Conhecimento	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI048	Gestão de Conteúdo na WEB	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
TGI049	Inteligência Competitiva	04	060	030	030			OP	OP	OP	OP	OP
TGI050	Tópicos em Gestão Informação Conhecimento A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI051	Tópicos em Gestão Informação Conhecimento B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI052	Tópicos em Gestão Informação Conhecimento C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI053	Tópicos em Gestão Informação Conhecimento D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI054	Tópicos em Gestão de Unidades de Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI055	Tópicos em Gestão de Unidades de Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI056	Tópicos em Gestão de Unidades de Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI057	Tópicos em Gestão de Unidades de Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI058	Tópicos em Informação e Cultura A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI059	Tópicos em Informação e Cultura B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI060	Tópicos em Informação e Cultura C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI061	Tópicos em Informação e Cultura D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI062	Tópicos em Usuários da Informação A	01	015	015	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI063	Tópicos em Usuários da Informação B	02	030	030	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI064	Tópicos em Usuários da Informação C	03	045	045	000			OP	OP	OP	OP	OP
TGI065	Tópicos em Usuários da Informação D	04	060	060	000			OP	OP	OP	OP	OP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS  
GERAIS ESCOLA DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO

## INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

CÓDIGOS		TEMPO PREVISTO POR SEMESTRE		MÍNIMO DE CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA EXIGIDA											
PERCURSO N-20131	M	P	M	POR SEMESTRE	OB		OP		FL		FCA		FCE		TOTAL	
	I	A	A		CH	CR	CH	CR	CH	CR	CH	CR	CH	CR	CH	CR
01-01	8	8	14	12	1890	126	450	30	60	4					2400	160
01-02	8	8	14	12	1890	126	255	17	60	4		195	13		2400	160
01-03	8	8	14	12	1890	126	330	22	60	4		120	8		2400	160
01-04	8	8	14	12	1890	126	330	22	60	4	120	08			2400	160
01-05	8	8	14	12	1890	126	90	6	60	4	360	24			2400	160

N-20131-01-01 – ÊNFASE PADRÃO